



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA (FEFD)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE – PROEF

WANDER DE FARIA LIMA

**ENSINO DA CAPOEIRA E ENFRENTAMENTO DOS
PROCESSOS DE BARBÁRIE NA ESCOLA:
FUNDAMENTOS DE UMA EDUCAÇÃO PARA
EMANCIPAÇÃO**

Goiânia - Goiás

2026



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES**

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

☒ [X] Dissertação ☐ [] Tese ☐ [] Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Wander de Faria Lima

3. Título do trabalho

Ensino da capoeira e enfrentamento dos processos de barbárie na escola: fundamentos de uma educação para emancipação

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento ☒ [x] SIM ☐ [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
 - b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.
- O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Lenin Tomazett Garcia, Professor do Magistério Superior**, em 10/08/2026, às 21:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Wander De Faria Lima, Discente**, em 11/08/2026, às 18:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6212503** e o código CRC **F2328469**.

Wander de Faria Lima

ENSINO DA CAPOEIRA E ENFRENTAMENTO DOS PROCESSOS DE BARBÁRIE NA ESCOLA: FUNDAMENTOS DE UMA EDUCAÇÃO PARA EMANCIPAÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional - Educação Física em Rede Nacional – PROEF, da **Faculdade de Educação Física**, da Universidade Federal de Goiás, como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Área de Concentração: Educação Física Escolar.

Linha de Pesquisa: Abordagens Metodológicas e Processos de Ensino e Aprendizagem.

Orientador/a: Prof. Dr. Lênin Tomazett Garcia.

Goiânia - Goiás

2026

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Lima, Wander de Faria

ENSINO DA CAPOEIRA E ENFRENTAMENTO DOS PROCESSOS DE BARBÁRIE NA ESCOLA: FUNDAMENTOS DE UMA EDUCAÇÃO PARA EMANCIPAÇÃO [Manuscrito] / Wander de Faria Lima. - 2026.

CCCI, 301 f.:

Orientador: Prof. Dr. Lénin Tomazett Garcia

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação Física (FEF), Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Goiânia, 2026.

Anexo.

Apêndice.

Bibliografia.

Inclui: siglas, tabelas, lista de figuras.

1. Capoeira. Barbárie. Educação Física. Metodologia Crítico-superadora. Cultura Afro-brasileira..

I. Garcia, Lénin Tomazett, orient. II. Título.

CDU 796



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA
ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 09 da sessão de Defesa de Dissertação de **Wander de Faria Lima**, que confere o título de Mestre em Educação Física, na área de concentração em Educação Física Escolar.

Aos oito dias de abril de dois mil e vinte seis, a partir da(s) 09:00, no Laboratório Práxis na FEF, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada: "**Ensino da capoeira e enfrentamento dos processos de barbárie na escola: fundamentos de uma educação para emancipação**". Os trabalhos foram instalados pelo(a) Orientador(a), **Prof. Dr. Lénin Tomazett Garcia (PROEF/UFG)** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: **Profa. Dra. Rúbia-Mar Nunes Pinto (FEFD/UFG)** e **Prof. Dr. Pitias Alves Lobo (CEPAE/UFG)**. Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação e, como resultado, o candidato foi **aprovado** pelos membros. Proclamados os resultados pelo(a) Prof. Dr. Lénin Tomazett Garcia, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, ao(s) aos oito dias de abril de dois mil e vinte seis.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Lenin Tomazett Garcia, Professor do Magistério Superior**, em 08/04/2026, às 11:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Pitias Alves Lobo, Professor do Magistério Superior**, em 08/04/2026, às 20:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rúbia Mar Nunes Pinto, Professor do Magistério Superior**, em 14/05/2026, às 17:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6050214** e o código CRC **6624E3AD**.

Referência: Processo nº 23070.012727/2026-59

SEI nº 6050214

Wander de Faria Lima

ENSINO DA CAPOEIRA E ENFRENTAMENTO DOS PROCESSOS DE BARBÁRIE NA ESCOLA: FUNDAMENTOS DE UMA EDUCAÇÃO PARA EMANCIPAÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional - Educação Física em Rede Nacional – PROEF, da **Faculdade de Educação Física**, da Universidade Federal de Goiás, como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Área de Concentração: Educação Física Escolar.

Linha de Pesquisa: Abordagens Metodológicas e Processos de Ensino e Aprendizagem.

Orientador/a: Prof. Dr. Lênin Tomazett Garcia

Data da defesa: 08/04/2026

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Lênin Tomazett Garcia
Universidade Federal de Goiás

Membro Titular: Profa. Dra. Rúbia-Mar Nunes Pinto
Universidade Federal de Goiás

Membro Titular: Prof. Dr. Pitias Alves Lobo
Universidade Federal de Goiás

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, que caminhou comigo em cada etapa dessa trajetória, oferecendo apoio, compreensão e incentivo para que eu pudesse me dedicar à construção deste estudo.

Dedico também a todos os mestres, mestras, professores e professoras da roda da vida, que fazem da educação e da capoeira espaços de resistência, diálogo e transformação, e que possam se inspirar neste trabalho para recriar práticas pedagógicas comprometidas com a formação crítica das crianças.

Por fim, dedico este trabalho às crianças da escola pública, que, com suas falas, gestos e olhares, ensinam diariamente novos sentidos para a Educação Física, para a capoeira e para a luta contra a barbárie, sendo referências permanentes para o meu desenvolvimento humano e profissional.

AGRADECIMENTO

A Deus, pela força, pela sabedoria e pela serenidade que me permitiram seguir adiante, mesmo diante dos desafios, sustentando a construção deste trabalho e a realização de um sonho que se materializa como processo de formação humana e acadêmica.

À minha mãe, pelo incentivo constante, pelo cuidado e pela presença firme que sempre marcaram minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional, sendo base e referência em todos os momentos.

À minha esposa, companheira de vida, que acreditou em mim, fortaleceu meu caminho e compartilhou saberes, afetos e resistências, contribuindo de forma decisiva para a realização desta dissertação.

Aos meus filhos, um filho e uma filha, pela compreensão nos momentos de ausência e por me lembrarem, diariamente, do verdadeiro sentido de educar, aprender e transformar.

Ao meu orientador, Professor Doutor Lênin Tomazett Garcia, pela escuta atenta, pelas provocações teóricas, pelo rigor acadêmico e pelo compromisso ético que marcaram todo o processo de orientação, contribuindo de maneira decisiva para o amadurecimento deste trabalho.

Aos professores membros da banca de qualificação e defesa, Professora Doutora Luana Zanotto e Professor Doutor Pitias, pela disponibilidade, pelo diálogo respeitoso e pelas valiosas contribuições que enriqueceram esta pesquisa.

Aos colegas do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF, pelas trocas de experiências, pelo compartilhamento de saberes e pelas amizades construídas ao longo dessa caminhada formativa.

Agradeço, de forma especial, ao Mestre Criolo, pelos ensinamentos, pela confiança e pelo compromisso com a capoeira enquanto prática de resistência, educação e formação humana. Aos Contramestres Batalha e Faísca, pelo apoio, pelas vivências compartilhadas e pela contribuição constante na construção do meu caminho na capoeira. Ao Professor Mãozinha e ao Professor Bil, pelos aprendizados, pelas trocas e pela dedicação à transmissão dos saberes da capoeira. Estendo meus agradecimentos a todos os participantes do Grupo Filhos de Adonai Capoeira, que, por meio de suas histórias, músicas, jogos e lutas,

contribuíram de maneira significativa para a compreensão da capoeira como prática educativa, cultural e política, presente de forma viva neste trabalho.

À equipe da escola pública onde a pesquisa foi realizada, pela acolhida, pela confiança e pela colaboração, tornando possível o desenvolvimento das atividades pedagógicas que fundamentam este estudo.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio institucional ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF.

Por fim, a todos os que lutam diariamente pela valorização da cultura afro-brasileira, pela educação antirracista e pela construção de uma sociedade mais justa, humana e livre da barbárie, meu respeito e minha gratidão.

RESUMO

O objeto de estudo desta dissertação é o ensino da capoeira enquanto elemento da cultura corporal, voltado ao enfrentamento da barbárie da sociedade atual. Parte-se do seguinte problema de pesquisa: como realizar o ensino da capoeira que enfrente os processos de barbárie da sociedade atual? Para responder a tal questionamento, definiu-se como objetivo geral: promover a compreensão acerca do ensino da capoeira para o enfrentamento da barbárie na sociedade atual. Para a consecução deste propósito, os objetivos específicos consistiram em compreender os significados atribuídos pelos estudantes à capoeira no contexto escolar, analisá-la enquanto expressão da cultura afro-brasileira e refletir criticamente sobre sua relação com a barbárie, por meio de uma sequência didática fundamentada na práxis pedagógica. Trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório e qualitativo, fundamentada na metodologia crítico-superadora e desenvolvida por meio do método da pesquisa-ação. O campo de estudo é a Escola Municipal Professor Trajano de Sá Guimarães, em Goiânia, contando com a participação de 20 alunos do 4º ano do Ensino Fundamental. Os dados foram produzidos por meio de formulários semiestruturados, observação participante, diário pedagógico, registros audiovisuais e grupo focal. A proposta pedagógica utilizou como mediação simbólica o Jogo da Memória Crítico, produto educacional da pesquisa, visando romper com visões estereotipadas e fortalecer a consciência antirracista. Verificou-se que os estudantes ampliaram sua percepção sobre a capoeira, transitando da visão puramente lúdica para o reconhecimento da prática como instrumento de resistência e afirmação da identidade negra. Conclui-se que o ensino da capoeira, quando articulado à sua historicidade e ao enfrentamento da barbárie à luz dos aportes de Theodor Adorno, constitui-se como um caminho eficaz para a emancipação humana e a desbarbarização do cotidiano escolar.

Palavras-chave: Capoeira. Barbárie. Educação Física. Metodologia Crítico-Superadora. Cultura Afro-brasileira.

ABSTRACT

The object of study of this dissertation is the teaching of capoeira as an element of body culture, aimed at confronting the barbarity of current society. The research problem is: how to teach capoeira in a way that confronts the barbaric processes of current society? To answer this question, the general objective was defined as: to promote understanding about the teaching of capoeira to confront barbarity in current society. To achieve this purpose, the specific objectives consisted of understanding the meanings attributed by students to capoeira in the school context, analyzing it as an expression of Afro-Brazilian culture, and critically reflecting on its relationship with barbarity, through a didactic sequence based on pedagogical praxis. This is an exploratory and qualitative research, based on the critical-overcoming methodology and developed through the action research method. The study field is the Professor Trajano de Sá Guimarães Municipal School in Goiânia, with the participation of 20 fourth-grade elementary school students. Data were collected through semi-structured questionnaires, participant observation, pedagogical diaries, audiovisual recordings, and focus groups. The pedagogical intervention used the Critical Memory Game, an educational product of the research, as a symbolic mediation, aiming to break with stereotypical views and strengthen anti-racist awareness. It was found that the students broadened their perception of capoeira, moving from a purely playful view to recognizing the practice as an instrument of resistance and affirmation of Black identity. It is concluded that the teaching of capoeira, when articulated with its historicity and the confrontation of barbarity in light of Theodor Adorno's contributions, constitutes an effective path to human emancipation and the debarbarization of daily school life.

Keywords: Capoeira. Barbarity. Physical Education. Critical-Overcoming Methodology. Afro-Brazilian culture.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CNE - Conselho Nacional de Educação

CF - Constituição Federal

CRE - Coordenadoria Regional de Educação

FEFD - Faculdade de Educação Física e Dança

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Cultural

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC - Ministério da Educação

PROEF - Programa de Mestrado Profissional em rede Nacional

PPP - Projeto Político Pedagógico

SME - Secretaria Municipal de Educação

TALE - Termo de Assentimento Livre Esclarecido

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNESP - Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho

UFG - Universidade Federal de Goiás

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Bilhete solicitando assinatura de TCLE.....	30
Figura 2 – Realização do seminário/ Escola Municipal Professor Trajano de Sá Guimarães – Coordenadora Pedagógica. 28/10/2024.....	32
Figura 3 – Realização do seminário de pesquisa com as crianças.....	33
Figura 4 – Pesquisador com Mestre Criolo numa apresentação Afro-brasileira.....	58
Figura 5 – Jogo da Memória para Reflexão Crítica sobre a Barbárie.....	95
Figura 6 – Desenho de participantes da pesquisa sobre cultura afro-brasileira e barbárie.....	100
Figura 7 – Desenho de participantes da pesquisa sobre a história do negro da África ao Brasil.....	103
Figura 8 – Participantes da pesquisa em simulação de batizado de capoeira.....	104
Figura 9 – Certificado de participação na pesquisa.....	105
Figura 10 – Participante 1: corpo, voz e imagem que traduzem a luta contra a barbárie e a força da cultura afro-brasileira.....	107
Figura 11 – Assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) pelos estudantes menores de idade.....	222
Figura 12 – Avaliação diagnóstica: alunos respondendo formulário.....	223
Figura 13 – Realização da brincadeira Pega-pegas dos Escravos.....	224
Figura 14 – Vivência da ginga utilizando bambolês como recurso pedagógico.....	225
Figura 15 – Apresentação de vídeos relacionados à cultura afro-brasileira, articulada a um momento de debate coletivo.....	226
Figura 16 – Desenvolvimento da brincadeira intitulada ‘Capoeira da Dona Aranha.....	227
Figura 17 – Formação da roda e execução dos movimentos básicos da capoeira.....	227
Figura 18 – Experiência de vivência musical no contexto da capoeira.....	228
Figura 19 – Exploração e experimentação dos instrumentos musicais da capoeira.....	229
Figura 20 – Leitura coletiva sobre Zumbi dos Palmares.....	230
Figura 21 – Discussão em roda sobre liberdade e igualdade.....	230

Figura 22 – Prática da circularidade na roda de capoeira e discussões reflexivas sobre as manifestações de barbárie.....	231
Figura 23 – Vivência lúdica por meio do jogo da memória e registro das interpretações dos alunos acerca das imagens.....	232
Figura 24 – Desenvolvimento da dinâmica “Salvando os escravos” e participação dos alunos.....	232
Figura 25 – Realização prática de movimentos giratórios na capoeira.....	233
Figura 26 – Realização de movimentos de ataque e defesa da capoeira.....	233
Figura 27 – Realização de acrobacias na capoeira.....	234
Figura 28 – Desenvolvimento da brincadeira corporal Estátua da Ginga.....	235
Figura 29 – Realização da dinâmica Arranca Rabo.....	235
Figura 30 – Produzindo ilustrações que evidenciam a compreensão dos conteúdos de capoeira.....	236
Figura 31 – Dinâmica de capoeira utilizando balões como recurso para ataque e defesa.....	237
Figura 32 – Realização de roda de capoeira.....	238
Figura 33 – Condução de roda de diálogo com contextualização histórica e cultural.....	238
Figura 34 – Realização de roda de Capoeira Angola.....	239
Figura 35 – Roda de conversa sobre a capoeira Regional.....	240
Figura 36 – Exposição Afro-brasileira conduzida pelos participantes da pesquisa.....	242
Figura 37 – Celebração do batizado de capoeira com roda e momentos de grande emoção.....	242
Figura 38 – Preenchimento do formulário para análise comparativa da aprendizagem dos estudantes.....	243

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Resultados do seminário com os estudantes (outubro de 2024)	75
Quadro 2 – Falas selecionadas da roda de conversa relacionadas ao formulário.....	82
Quadro 3 – Falas reais dos alunos sobre ludicidade e musicalidade da capoeira (aulas iniciais, 2024)	89
Quadro 4 – Falas dos alunos sobre jogos corporais e resistência na capoeira (aulas iniciais, 2024)	91
Quadro 5 – Falas dos alunos sobre a vivência da roda de capoeira (2024)	94
Quadro 6 – Falas dos alunos sobre o jogo da memória crítico (2024)	96
Quadro 7 – Temas representados nos desenhos dos estudantes (2024)	98
Quadro 8 – Elementos simbólicos do batizado de capoeira (2024)	104
Quadro 9 - Falas dos estudantes.....	173
Quadro 10 – Síntese analítica do Bloco.....	179
Quadro 11 – Síntese analítica do Bloco 2.....	181
Quadro 12 – Síntese analítica do Bloco 3.....	182
Quadro 13 – Síntese analítica do Bloco 4.....	184
Quadro 14 – Síntese analítica do Bloco 5.....	185
Quadro 15 – Planejamento das aulas de 1 a 10.....	244
Quadro 16 – Planejamento das aulas 11 a 19.....	245
Quadro 17 - Sequenciador de aulas completo.....	246
Quadro 18 - Impressões iniciais sobre o formulário.....	259
Quadro 19 - Vivências de preconceito e percepções sobre o racismo.....	260
Quadro 20 - A leitura das imagens e a representação da igualdade.....	261

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	20
CAPÍTULO 1 – DO PLANEJAMENTO À AÇÃO: CAMINHO DA PESQUISA.....	25
1.1 Contexto e Fundamentação Legal.....	25
1.2 Delineamento Metodológico, Princípios Educativos e Ética da Pesquisa.....	26
1.3 Processo de Pesquisa-Ação: Seminários, Análise e Intervenções Pedagógicas.....	21
CAPÍTULO 2 – FUNDAMENTOS HISTÓRICOS E SOCIAIS PARA O ENFRENTAMENTO DA BARBÁRIE.....	36
2.1 Barbárie: fundamentos conceituais e sociais.....	36
2.2 Barbárie, educação e esclarecimento.....	40
2.3 Educação Física, competição e reprodução da barbárie.....	44
2.3.1 Competição, rendimento e violência simbólica.....	44
2.3.2 Educação crítica, antirracismo e enfrentamento da barbárie.....	47
2.3.3 Capoeira e os riscos de reprodução da barbárie.....	48
2.4 Capoeira como prática histórica, política e de resistência.....	50
2.4.1 Escravidão, resistência negra e corporalidade.....	50
2.4.2 Capoeira como prática histórica de resistência.....	53
2.4.3 Estratégias políticas, territoriais e o cenário goiano.....	56
2.4.4 A capoeira na escola como mediação pedagógica.....	59
2.5 Personagens históricos e memória da resistência.....	61
2.5.1 Zumbi dos Palmares.....	61
2.5.2 Dandara dos Palmares: entre o mito, a história e a resistência à Barbárie.....	64
2.5.3 Mestre Bimba e Mestre Pastinha: Memória, Resistência e Construção da Capoeira na Modernidade.....	67
2.6 Considerações finais do capítulo.....	70
CAPÍTULO 3 - A CAPOEIRA NA ESCOLA COMO PRÁTICA DE RESISTÊNCIA À BARBÁRIE.....	73

3.1 Seminários formativos: alinhamento institucional e primeiros diálogos sobre capoeira e barbárie.....	73
3.2 Análise comparativa dos formulários e evolução das percepções dos estudantes.....	78
3.3 Racismo religioso, exclusão e implicações pedagógicas na pesquisa.....	83
3.4 Resultados do processo de assinatura do TCLE, TALE e escolha de nomes pelos estudantes.....	86
3.5 As práticas pedagógicas: ludicidade, musicalidade e resistência.....	88
3.5.1 Jogos corporais e resistência.....	90
3.5.2 Práticas de roda e socialização.....	93
3.5.3 O jogo da memória como prática crítica e antirracista.....	95
3.5.4 Desenhos críticos sobre escravidão e barbárie.....	97
3.5.5 O batizado simbólico de capoeira.....	103
CAPÍTULO 4 – A GINGA CONTRA A BARBÁRIE: VOZES, PRÁTICAS E REFLEXÕES.....	108
4.1 A escola como espaço contraditório: barbárie e possibilidade de resistência.....	108
4.2 A capoeira como prática de desbarbarização: do "Corpo-Objeto" ao "Corpo-Político".....	110
4.3 Vozes que rompem o silêncio: análise crítica das experiências vividas.....	112
4.4 Diálogos contemporâneos: herança africana e a luta por reconhecimento.....	114
4.5 Manifesto pela desbarbarização: a escola como espaço de resistência.....	116
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
REFERÊNCIAS.....	124
APÊNDICE A – Escolha de artigos e exclusão.....	129
APÊNDICE B – Atividade diagnóstica, formulário.....	164
APÊNDICE C – Proposta didática sobre a historicidade da capoeira.....	169
APÊNDICE D – Proposta didática: Jogo da memória Afro-brasileiro e análise das falas dos estudantes.....	171
APÊNDICE E – Diários de Campo: vivências, reflexões e aprendizagens sobre capoeira, racismo e barbárie.....	178

APÊNDICE F: Escolha de nome que serão utilizados na pesquisa pelos estudantes.....	221
APÊNDICE G – Proposta Metodológica e Vivências das Aulas de Capoeira: Um Percorso de Resistência e Formação.....	222
APÊNDICE H – Sequenciador de aulas (Capoeira e Pedagogia Crítico-Superadora).....	244
APÊNDICE I – Roda de Conversa Final: Análise crítica das percepções dos estudantes sobre capoeira, Racismo e Barbárie.....	259
APÊNDICE J – Transcrição de Grupo Focal.....	271
ANEXO A: Carta de apresentação do projeto.....	288
ANEXO B: Anuência da Escola Municipal Professor Trajano de Sá Guimarães.....	289
ANEXO C: Anuência da Secretaria Municipal de Educação.....	290
ANEXO D: Termo Circunstanciado Livre e Esclarecido (TCLE).....	291
ANEXO E: Termo de Assentimento de Menor (TALE).....	294
ANEXO F: Termo de Compromisso.....	295
ANEXO G: Parecer do Comitê de Ética.....	296
Anexo H – Recurso Educacional.....	300

INTRODUÇÃO

Esta dissertação, ora apresentada à apreciação dos pares e da comunidade científica, configura-se como uma síntese construída a partir de um extenso percurso de vivências, estudos e práticas pedagógicas, desenvolvidos e consolidados no período de 2004 a 2025. Este trabalho não é meramente um relatório técnico, mas a cristalização de um percurso investigativo voltado à compreensão da cultura afro-brasileira, com foco central na capoeira enquanto luta de resistência contra a opressão. Almejo que estas reflexões alcancem um público amplo, permitindo que educadores e comunidades escolares dialoguem com este conhecimento e o ressignifique, construindo práticas pedagógicas que contribuam para a emancipação humana.

Esta pesquisa insere-se no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF), desenvolvido em parceria com a Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Sob a orientação do Prof. Dr. Lênin Tomazett Garcia, a pesquisa situa-se na Área de Concentração: Educação Física Escolar, buscando oferecer aos docentes subsídios teóricos e práticos para refletir sobre a barbárie e o enfrentamento das desigualdades no cotidiano escolar (ADORNO, 2024). Fundamentado na metodologia crítico-superadora (SOARES et al., 1992), este trabalho evidencia a capoeira como uma prática que, ao ser integrada ao currículo de forma integral, preserva sua essência histórico-cultural e se consolida como um instrumento contra a violência estrutural da sociedade contemporânea (MARQUES, 2022).

Para compreender a gênese desta pesquisa, faz-se necessário contextualizar a trajetória profissional e pessoal que a sustenta, pois entendo, assim como os referenciais que me guiam, que o pesquisador é sujeito ativo de sua obra (GIL, 2002; GOELLNER et al., 2010; VIEIRA, 2010). Minha relação com o movimento e com a Educação Física escolar sempre foi pautada pelo compromisso com um ensino ético e transformador. Com mais de 14 anos de vivência na área, minha jornada acadêmica iniciou-se em 2004, ingressando na graduação pela Universidade Católica de Goiás, concluída em 2007. Desde a formação, atuei em diversas frentes, conciliando à docência no ambiente escolar com o trabalho em academias, o que me permitiu uma visão plural sobre as possibilidades de educação do corpo.

Busquei, ao longo desses anos, uma formação continuada que ampliasse meu olhar sobre os processos de ensino-aprendizagem. Realizei especializações em Musculação e Treinamento de Força, além de cursar Pedagogia, o que aprofundou minha compreensão sobre as estruturas educacionais. Posteriormente, especializei-me em Neuropedagogia e Psicomotricidade, áreas que me forneceram ferramentas para entender a complexidade do desenvolvimento humano. Atualmente, no mestrado profissional, reafirmo meu compromisso com o trabalho docente qualificado e inovador, voltada à formação de indivíduos autônomos e conscientes.

Minha trajetória na capoeira teve início ainda na infância, aos 11 anos de idade, em um grupo comunitário, sendo posteriormente retomada e aprofundada de forma contínua há aproximadamente uma década, constituindo-se hoje como um estilo de vida indissociável da minha prática docente. Minha formação foi consolidada na Associação de Capoeira Paraná-Ué, sob a orientação do Mestre Paraná, ocasião em que recebi o nome de batismo “Medusa”.

Atualmente, o aprofundamento técnico, ritualístico e musical — especialmente no que se refere à Capoeira Regional, Angola e à musicalidade da capoeira — ocorre no grupo Filhos de Adonai, sob a supervisão direta de Mestre Criolo (Eustáquio Dias Ferreira), fundador do grupo, com atuação voltada prioritariamente para o alcance comunitário. Em dezembro de 2025, essa trajetória de dedicação culminou na graduação de Professor (corda Amarelo e Branco), marco que simboliza não apenas um avanço técnico, mas a consolidação de um compromisso ético, pedagógico e político com a salvaguarda dessa manifestação cultural.

Minha formação como professor de capoeira insere-se em uma linhagem historicamente reconhecida, vinculada às tradições da capoeira em Goiânia, o que confere consistência pedagógica e cultural à minha prática. Integrar essa genealogia significa dar continuidade a uma trajetória de resistência, transmissão de saberes e afirmação da identidade afro-brasileira, na qual cada gesto, toque e ensinamento carrega a herança dos mestres que me antecederam, assegurando a permanência da árvore ancestral da capoeira como fundamento da formação ética, identitária e humana dos estudantes que participam da roda.

Na educação formal, atuei em instituições como o Instituto Educacional Boa Nova e, por meio de concursos públicos, integrei o quadro de professores das

prefeituras de Goiânia e Senador Canedo, onde sigo exercendo meu ofício. O interesse em pesquisar a capoeira como resistência nasce da percepção de que esta prática corporal é uma ferramenta poderosa para o cumprimento das Leis nº 10.639/03 e 11.645/08, sendo pilar fundamental para a construção de uma educação antirracista (NASCIMENTO, 2016; RIBEIRO, 2019). Frequentemente, sou convidado por colegas da Rede Municipal de Goiânia e Senador Canedo para realizar vivências de capoeira em diversas unidades, experiências que ratificam minha defesa pela capoeira que mantém sua essência, fundamentos e valores em diálogo com a realidade social (SOARES et al., 1992).

A inserção da capoeira no currículo escolar transcende a mera oferta de uma atividade física ou esportiva, consolidando-se como um compromisso com a salvaguarda de um saber universal e emancipatório (SOARES et al., 1992; COSTA; RESENDE, 2023). O reconhecimento institucional da Roda de Capoeira e do Ofício dos Mestres pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 2008, seguido de sua elevação ao título de Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em 2014, legitima o ensino dessa prática como um conhecimento histórico necessário e urgente (COSTA; RESENDE, 2023). Tal reconhecimento contribui para retirar a capoeira da marginalidade pedagógica, afirmando sua presença no espaço escolar como um direito dos estudantes ao acesso às raízes da identidade nacional e aos processos históricos de resistência que permanecem em constante forja da cultura brasileira (COSTA; RESENDE, 2023; PONSO; ARAÚJO, 2014).

Esta pesquisa dialoga com a metáfora da ginga, presente tanto na Capoeira Angola quanto na Capoeira Regional, compreendendo-a como expressão de resistência, movimento e ancestralidade. Tal perspectiva articula-se a um conjunto de toques e movimentos que operam como matriz de integridade ancestral, assegurando que as transformações contemporâneas da capoeira não apaguem sua essência histórica de luta e liberdade (COSTA; RESENDE, 2023). Desse modo, a pesquisa realizada em uma escola de Goiânia honra o legado de pioneiros como Mestre Osvaldo e Mestre Sabú, possibilitando que o corpo do estudante se constitua como território no qual tradição, memória e consciência crítica se encontram no enfrentamento da barbárie (COSTA; RESENDE, 2023).

A motivação para este estudo surge da constatação de que a barbárie permanece profundamente enraizada na sociedade atual. Inspirado pelas reflexões de Theodor Adorno, compreendo que a educação tem a tarefa urgente de impedir a repetição de atrocidades e violências (ADORNO, 2024). No Brasil, essa barbárie manifesta-se no silenciamento das culturas de matriz africana e na desumanização sistemática da população negra (NASCIMENTO, 2016). Nesse contexto, a capoeira — outrora criminalizada e perseguida — revela-se uma prática cultural de inestimável valor educacional, capaz de promover socialização, alegria e consciência crítica (PONSO; ARAÚJO, 2016).

Considerando essa trajetória e a necessidade de superar o ensino puramente técnico ou restrito a datas comemorativas, surgiu a seguinte pergunta investigativa: como o ensino da capoeira pode enfrentar os processos de barbárie na sociedade atual? Para responder ao referido problema, o objetivo geral deste trabalho é promover a compreensão acerca do ensino da capoeira para o enfrentamento da barbárie na sociedade atual.

Os objetivos específicos que norteiam a investigação incluem: (a) compreender os conhecimentos e significados atribuídos pelos estudantes à capoeira no contexto escolar; (b) analisar a capoeira enquanto expressão cultural afro-brasileira no contexto escolar; (c) dialogar sobre o movimento escravocrata, capoeira e barbárie de forma crítica; (d) analisar como os alunos percebem a capoeira e a barbárie, bem como refletir criticamente sobre este conceito, propondo ações mediadoras e transformadoras; e) vivenciar sequência didática de capoeira (práxis entre teoria e prática). A pesquisa-ação foi desenvolvida na Escola Municipal Professor Trajano de Sá Guimarães, em Goiânia, com a participação de 20 alunos.

A pesquisa assume um caráter exploratório do tipo qualitativo, utilizando a pesquisa-ação como motor de transformação da realidade escolar (GIL, 2002; THIOLENT, 1996; VIEIRA, 2010). O trabalho fundamenta-se na Pedagogia Crítico-Superadora (SOARES et al., 1992), buscando uma formação que valorize a solidariedade, a cooperação e a liberdade de expressão. O processo envolveu o uso de formulários semiestruturados, diários de campo, registros fotográficos, filmagens e a criação de um Produto Educacional em formato de Jogo da memória crítico.

A dissertação está organizada em quatro capítulos que se encadeiam de forma lógica e dialética:

O Capítulo 1, intitulado Do Planejamento à Ação: Caminho da Pesquisa, apresenta a contextualização inicial do estudo, o delineamento metodológico, os princípios educativos e os trâmites éticos que orientaram a investigação, incluindo o TCLE e o TALE, além de detalhar o processo de realização dos seminários e o engajamento estabelecido com a comunidade escolar.

O Capítulo 2, intitulado Fundamentos Históricos e Sociais para o Enfrentamento da Barbárie, discute o conceito de barbárie em Adorno, articulando-o à educação como processo de esclarecimento, ao mesmo tempo em que aborda a trajetória histórica da escravidão, a capoeira enquanto forma de resistência e a memória de personagens como Zumbi dos Palmares, Dandara, bem como dos mestres Bimba e Pastinha.

O Capítulo 3, intitulado A Capoeira na Escola como Prática de Resistência à Barbárie, analisa os resultados da pesquisa-ação, contemplando o uso de formulários, diários de campo, desenhos e o Jogo da Memória Crítico, dando voz aos estudantes e discutindo temas como o racismo religioso e as transformações observadas ao longo das intervenções.

O Capítulo 4, intitulado Texto Autoral: Por uma Pedagogia da Desbarbarização, constitui-se como um espaço de síntese e reflexão crítica do pesquisador, no qual se justifica a abordagem crítico-superadora e se apresenta o Manifesto pela Desbarbarização, reafirmando a escola como um espaço de resistência e de emancipação humana.

Ao final, as considerações finais retomam os achados da pesquisa, reafirmando que educar por meio da capoeira é, essencialmente, educar para a liberdade e para o reconhecimento mútuo, plantando sementes de desbarbarização em um mundo que ainda carece de processos efetivos de humanização.

CAPÍTULO 1 – DO PLANEJAMENTO À AÇÃO: CAMINHO DA PESQUISA

1.1 Contexto e Fundamentação Legal

Esta investigação, desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF/UNESP) em parceria com a Faculdade de Educação Física e Dança da UFG, fundamenta-se nas Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008 (BRASIL, 2003, 2008), bem como em outros dispositivos legais que asseguram o ensino das histórias e culturas africana, afro-brasileira e indígena no contexto escolar. Mais do que simples instrumentos normativos, tais legislações orientam práticas pedagógicas comprometidas com a diversidade cultural e a superação de visões eurocêtricas, reforçando o papel da escola como espaço de reconhecimento, respeito e valorização das identidades historicamente marginalizadas.

Nesta perspectiva, a pesquisa busca dar concretude às determinações legais por meio de uma proposta pedagógica crítica, que ultrapassa o cumprimento formal da lei para promover ações educativas reflexivas e emancipadoras (SOARES et al., 1992). A investigação se desenvolve no campo da Educação Física escolar, mediante a elaboração e aplicação de uma unidade didática de capoeira voltada a crianças do 4º ano do Ensino Fundamental em uma escola pública de Goiânia. O ensino da capoeira é compreendido não apenas como prática corporal, mas também como fenômeno histórico, social e político (SOARES et al., 1992), preservando seus vínculos com a ancestralidade africana e com os processos de resistência cultural, entendidos, como afirmam Costa e Voss (2018), como formas pelas quais “[...] o povo negro encontrou estratégias de conduzir a si e ao outro, expressando através do corpo as palavras que não podiam ser ditas [...]”, produzindo resistência, memória e identidade (COSTA; VOSS, 2018, p. 775).

Sob essa ótica, a capoeira é compreendida como um eixo integrador entre corpo, cultura e consciência social, configurando-se como prática educativa voltada ao desenvolvimento crítico e ao enfrentamento das formas de barbárie (ABIB; CORDEIRO, 2018; ADORNO, 2024). Nessa perspectiva, ultrapassa o caráter meramente técnico e afirma-se como uma expressão cultural e política (SOARES et al., 1992). Tal compreensão dialoga com Abib e Cordeiro (2018), para quem a “[...]”

capoeira é mais que um elemento simbólico de resistência, é factual [...]” e constitui um saber forjado “[...] para defender-se fisicamente, defender sua cultura e tradições, defender sua história [...]”, evidenciando seu papel como pedagogia da cultura popular e como espaço de formação humana comprometido com a crítica e a emancipação (ABIB; CORDEIRO, 2018, p. 229).

1.2 Delineamento Metodológico, Princípios Educativos e Ética da Pesquisa

Adotou-se uma abordagem qualitativa que, conforme a classificação das pesquisas exploratórias, apresenta um planejamento “[...] bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado [...]” (GIL, 2002, p. 41). Essa abordagem busca compreender o fenômeno educativo em sua complexidade, valorizando os significados atribuídos pelos sujeitos às suas experiências (GIL, 2002). A partir dessa análise, as vivências dos estudantes foram consideradas elementos centrais na construção do conhecimento, permitindo interpretar a realidade escolar a partir das interações, percepções e sentidos produzidos no processo formativo (GOELLNER et al., 2010; MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2011; VIEIRA, 2010).

A pesquisa estruturou-se com base na pesquisa-ação, cuja natureza colaborativa e transformadora possibilita uma ação teórica e prática crítica e emancipatória, ao mesmo tempo em que reconhece o professor-pesquisador como sujeito ativo e agente de mudança (GIL, 2002). Este delineamento exige um planejamento claro, visto que, como afirma o autor, “O projeto interessa sobretudo ao pesquisador e a sua equipe, já que apresenta o roteiro das ações a serem desenvolvidas ao longo da pesquisa [...]” (GIL, 2002, p. 19). Nessa mesma direção, Vieira (2010, p. 92) destaca que os pesquisadores “[...] participam do cotidiano dos seus objetos de estudo, como atores inseridos na mesma realidade, a fim de compreender e experimentar os mesmos problemas enfrentados pelos que se colocam como objeto de estudo [...]”.

Tal perspectiva favorece a reflexão constante sobre o trabalho docente, possibilitando ressignificar o ensino da capoeira a partir de um olhar crítico e emancipador, ao articular ação, reflexão e transformação (ENGEL, 2000; GIL, 2002; SEVERINO, 2007; VIEIRA, 2010). A presente pesquisa parte do princípio de que

compreender a realidade escolar implica também transformá-la, superando o caráter meramente descritivo para assumir um compromisso ativo com a mudança social (LÜDKE; ANDRÉ, 1996). Assim, essa perspectiva reconhece a escola como um espaço de produção e reconstrução de saberes, em que o pesquisador atua de forma reflexiva e engajada na busca por práticas pedagógicas que contribuam para a formação integral dos sujeitos.

Fundamentada nos pressupostos da metodologia crítico-superadora (SOARES et al., 1992), a investigação busca caminhos pedagógicos teóricos e práticos, promovendo uma compreensão ampliada da Educação Física como campo formativo voltado ao desenvolvimento da consciência crítica. Nessa perspectiva, os autores apontam o ensino da capoeira não apenas sob o viés técnico, mas como uma prática cultural, estética e política, que articula corpo, história e identidade, expressando resistência e ancestralidade. O trabalho pedagógico com a capoeira deve incorporar musicalidade, literatura e valores culturais, de modo a fortalecer a educação como prática de resistência e emancipação, conforme destacam Ponso e Araújo (2016), “[s]eja em forma de música, literatura ou corporeidade, trabalhar com os valores, história e fundamentos da capoeira é uma ação transformadora na educação básica” (PONSO; ARAÚJO, 2016, p. 71).

Assim, as atividades foram organizadas de forma participativa, com discussões abertas e democráticas que incentivaram a argumentação, o diálogo e o protagonismo dos estudantes. Essa dinâmica buscou valorizar a diversidade cultural e fortalecer o reconhecimento das matrizes africanas na formação da identidade brasileira (IVAZAKI, 2018; OLIVEIRA, 2014; SALVINO; AMARAL, 2021).

O estudo foi desenvolvido na Escola Municipal Professor Trajano de Sá Guimarães, localizada no Parque Amazônia, em Goiânia. Fundada em 1978, a instituição atende à Educação Infantil e ao Ensino Fundamental e se caracteriza por uma gestão democrática que valoriza a cultura afro-brasileira, orientando-se por práticas educativas comprometidas com a formação crítica dos estudantes (PREFEITURA DE GOIÂNIA, 2024). Essa perspectiva dialoga com Soares et al. (1992, p. 76), ao afirmar que “[a] Educação Física brasileira precisa [...] resgatar a capoeira enquanto manifestação cultural, ou seja, trabalhar com sua historicidade, não desencarná-la do movimento cultural e político que a gerou [...]”.

A escolha dessa escola resultou da relação consolidada do pesquisador com a comunidade e da diversidade cultural presente no ambiente, elementos que reforçam a relevância de investigar a capoeira como prática educativa de resistência e enfrentamento da barbárie social. A pesquisa-ação adotada apresentou caráter flexível e dinâmico, permitindo a interação constante entre pesquisador e participantes (GIL, 2002). O processo foi desenvolvido de modo não linear, porém organizado em fases que, embora não ordenadas temporalmente, podem ser compreendidas como etapas da pesquisa-ação (GIL, 2002). Essas etapas incluíram: fase exploratória; formulação do problema; construção de hipóteses; realização do seminário; seleção da amostra; coleta de dados; análise e interpretação dos dados; elaboração do plano de ação; e divulgação dos resultados (GIL, 2002, p. 143-147).

A observação participante constituiu-se como o procedimento central na coleta de dados, proporcionando contato direto com o fenômeno estudado. Conforme afirmam Lüdke e André (1996), “[a] observação direta permite também que o observador chegue mais perto da ‘perspectiva dos sujeitos’, um importante alvo nas abordagens qualitativas [...]” (LÜDKE; ANDRÉ, 1996, p. 26). Aliada a outros instrumentos — como formulários diagnósticos, registros das aulas, análises de vídeos e grupos focais —, essa estratégia viabilizou a triangulação de informações, assegurando maior consistência analítica e ampliando a compreensão sobre como os alunos percebem a capoeira e suas relações com as expressões contemporâneas da barbárie social.

A coleta de dados foi estruturada de forma plural e integrada, utilizando-se diferentes instrumentos: diário pedagógico, registros fotográficos e audiovisuais, rodas de conversa, grupos focais e produções ilustrativas. O registro visual, por meio de fotografias, filmagens e desenhos infantis, desempenhou papel central na pesquisa ao permitir captar a dinâmica das situações vividas e dar visibilidade às experiências das crianças. Segundo Martins Filho e Silveira Barbosa (2010), “[...] O uso da fotografia ajuda a tomar posse das coisas transitórias que têm direito a um lugar nos arquivos da memória [...]” (MARTINS FILHO; SILVEIRA BARBOSA, 2010, p. 22).

O diário de campo, elaborado pelo pesquisador, funcionou como um instrumento de reflexão e análise contínua. Segundo Lüdke e André (1996), o conteúdo das observações deve envolver “[...] uma parte descritiva e uma parte mais

reflexiva [...]”. A parte reflexiva inclui “[...] as observações pessoais do pesquisador, feitas durante a fase de coleta: suas especulações, sentimentos, problemas, ideias, impressões, pré-concepções, dúvidas, incertezas, surpresas e decepções [...]” (LÜDKE; ANDRÉ, 1996, p. 31).

A amostra foi intencional, composta por estudantes do 4º ano do Ensino Fundamental. Essa modalidade de pesquisa baseia-se na escolha de amostras não probabilísticas por critério de intencionalidade, pois “[...] pessoas ou grupos são escolhidos intencionalmente em função de sua representatividade social dentro da situação considerada” (THIOLLENT, 1986, p. 62). A seleção foi baseada na diversidade cultural e étnica dos estudantes, bem como na presença de situações de conflito e desigualdade social observadas no contexto escolar.

Para a realização deste estudo, foram seguidos de forma criteriosa os princípios éticos que orientam a pesquisa científica, conforme indicam as diretrizes metodológicas da área (GIL, 2002). Nesse sentido, foi estabelecido diálogo prévio com a equipe gestora da instituição escolar, envolvendo a direção e a coordenação pedagógica, o que possibilitou a obtenção do termo de anuência institucional, bem como a autorização formal da Secretaria Municipal de Educação de Goiânia (SME) para o desenvolvimento da pesquisa no espaço escolar.

A professora regente da turma participou ativamente do processo de planejamento das atividades, garantindo a articulação entre a proposta investigativa e a rotina pedagógica da escola. O projeto foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, sendo aprovado sob o CAAE nº 82520624.1.0000.5083, em 21 de outubro de 2024. As atividades previstas no estudo tiveram início em 28 de outubro de 2024, respeitando integralmente os procedimentos éticos estabelecidos.

As famílias dos participantes foram devidamente informadas por meio de comunicados explicativos e encontros presenciais, nos quais foram apresentados os objetivos do estudo e a relevância da participação das crianças. Nessas ocasiões, foram esclarecidos os procedimentos relativos à assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), assegurando a compreensão e a adesão consciente ao processo investigativo. Tais procedimentos garantiram a transparência da pesquisa,

o respeito aos sujeitos envolvidos e o compromisso ético que orientou todas as suas etapas, conforme os princípios da pesquisa científica (GIL, 2002).

Figura 1 – Bilhete solicitando assinatura de TCLE



Fonte: Elaborada pelo autor (2024).

O tema de uma pesquisa orienta todo o processo investigativo, servindo de base para a exploração, a análise e a comprovação das ideias (MARCONI; LAKATOS, 2003). Conforme os autores, o tema é “[...] o assunto que se deseja provar ou desenvolver [...]” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 44). Nessa perspectiva, o estudo sobre o ensino da capoeira na escola busca não apenas aprimorar o trabalho docente dos professores de Educação Física, mas também utilizá-la como instrumento de resistência e transformação social (MARQUES, 2022; SOARES et al., 1992).

O tema, intitulado *O ensino da capoeira para o enfrentamento dos processos de barbárie da sociedade atual*, foi definido pela necessidade de estimular reflexões sobre o papel da capoeira no ambiente escolar, destacando-a como forma de resistência às injustiças e desigualdades sociais. A escolha também se justifica pela dificuldade que muitos professores de Educação Física ainda encontram em incluir conteúdos relacionados à capoeira em suas práticas pedagógicas, reforçando a importância de promover essa integração de maneira estruturada, significativa e coerente com os princípios formativos da área.

1.3 Processo de Pesquisa-Ação: Seminários, Análise e Intervenções Pedagógicas

Gil (2002) relata que o seminário constitui etapa essencial da pesquisa-ação por criar um espaço de diálogo entre pesquisadores e representantes dos grupos envolvidos, possibilitando a definição das diretrizes que orientarão o trabalho. O autor afirma que o seminário “[...] recolhe as propostas dos participantes, bem como contribuições de especialistas convidados. De sua discussão e aprovação é que são elaboradas as diretrizes de pesquisa e de ação” (GIL, 2002, p. 145). Nessa perspectiva, Marconi e Lakatos (2003, p. 35) ressaltam que se trata de uma técnica de estudo que “[...] inclui pesquisa, discussão e debate; sua finalidade é pesquisar e ensinar a pesquisar [...]”.

A adequada organização do seminário é fundamental para o êxito da investigação, pois ele desempenha a função de coordenar as atividades e centralizar as informações coletadas, discutindo as interpretações (THIOLLENT, 1996). Essa estrutura garante coerência metodológica e favorece a reflexão contínua, visto que a pesquisa-ação, ao garantir a participação dos envolvidos e a coleta e análise rigorosa das informações dos dados, que consiste em “[...] organizar a investigação em torno da concepção, do desenrolar e da avaliação de uma ação planejada [...]” (THIOLLENT, 1996, p. 15), bem como na aplicação prática dos resultados.

Em 28 de outubro de 2024, realizou-se um seminário com a coordenação pedagógica da unidade escolar, cujo propósito central foi promover o alinhamento das diretrizes que orientaram o desenvolvimento do projeto de pesquisa-ação. Nesse encontro, foram apresentados o tema norteador do trabalho e seus fundamentos teórico-pedagógicos, bem como discutidas as possíveis implicações da proposta no cotidiano escolar. A análise considerou a realidade institucional, os princípios que regem o projeto político-pedagógico da escola e as demandas formativas identificadas no contexto da comunidade escolar, buscando garantir coerência entre a proposta pedagógica e as práticas educativas já em curso.

O seminário configurou-se como um espaço coletivo de escuta, diálogo e reflexão, no qual se buscou construir uma compreensão compartilhada acerca dos objetivos, da relevância social e do potencial formativo da proposta. Ao situar o projeto no interior das práticas pedagógicas existentes, foi possível problematizar

desafios, identificar possibilidades de integração curricular e fortalecer o compromisso institucional com a proposta pedagógica. Este movimento contribuiu para legitimar a pesquisa no espaço escolar, favorecendo sua inserção crítica e colaborativa, além de ampliar as condições para que suas ações se desenvolvessem de maneira contextualizada, participativa e pedagogicamente significativa.

Em continuidade ao processo, em 30 de outubro de 2024 foi aplicado o diagnóstico inicial, etapa fundamental para identificar percepções, conhecimentos prévios e expectativas dos alunos; com base nesses dados, tornou-se possível consolidar e ajustar as estratégias delineadas, o que permitiu o início das intervenções de forma planejada, contextualizada e coerente com as necessidades identificadas.

Figura 2 – Realização do seminário/ Escola Municipal Professor Trajano de Sá Guimarães: Coordenadora Pedagógica. 28/10/2024



Fonte: Acervo do autor.

No dia 29 de outubro de 2024, foi realizado com os estudantes um seminário destinado à apresentação do projeto de pesquisa-ação, no qual foram explicitadas as ações previstas para serem desenvolvidas ao longo do processo. Neste momento inicial, enfatizou-se a relevância da participação ativa dos alunos, bem como a necessidade de assiduidade e de envolvimento coletivo como condições fundamentais para o alcance dos objetivos propostos. A apresentação buscou situar os estudantes como sujeitos do processo educativo, reconhecendo seu papel central

na construção das experiências pedagógicas e no desenvolvimento das atividades planejadas.

Durante o encontro, estabeleceu-se um diálogo aberto sobre as rotinas das aulas e as etapas subsequentes do projeto, criando um espaço de escuta qualificada para acolher percepções, expectativas e sugestões dos participantes. Os estudantes também foram convidados a responder a questionamentos iniciais, cujas manifestações possibilitaram um primeiro mapeamento de sentidos, compreensões e posicionamentos em relação à proposta apresentada. Todas essas interações foram sistematicamente registradas no diário pedagógico, instrumento que se constitui como fonte relevante de análise qualitativa e que será retomado de maneira mais aprofundada no Capítulo 3, no momento da apresentação e discussão dos dados da pesquisa.

Figura 3 – Realização do seminário de pesquisa com as crianças 29/10/2024



Fonte: Acervo do autor.

O processo analítico da pesquisa adotou uma perspectiva dialética materialista, em consonância com os princípios da metodologia crítico-superadora (SOARES et al., 1992). Essa metodologia busca o conhecimento que é “[...] tratado metodologicamente de forma a favorecer a compreensão dos princípios da lógica dialética materialista: totalidade, movimento, mudança qualitativa e contradição [...]”, sendo organizado para ser “[...] compreendido como provisório, produzido historicamente [...]” (SOARES et al., 1992, p. 40-41).

Esta abordagem possibilitou analisar o fenômeno educativo da capoeira a partir das contradições, mediações e transformações presentes no contexto escolar, em um movimento que busca “[...] resgatar a capoeira enquanto manifestação cultural, ou seja, trabalhar com a sua historicidade, não desencarná-la do movimento cultural e político que a gerou [...]” (SOARES et al., 1992, p. 76), considerando os sujeitos como participantes ativos do processo formativo.

A análise integrou os registros dos seminários, observações e aulas, assegurando coerência metodológica e favorecendo a reflexão contínua, aspecto essencial, pois o trabalho científico deve investigar determinados assuntos sob diferentes ângulos e aspectos (SEVERINO, 2017). Além disso, a metodologia adotada permitiu “[...] organizar a investigação em torno da concepção, do desenrolar e da avaliação de uma ação planejada [...]” (THIOLLENT, 1996, p. 15), garantindo que a propositura pedagógica dos dados fosse consistente com o ciclo da proposta pedagógica da pesquisa-ação.

A partir dessa base teórico-metodológica, foi elaborado o plano de ação, estruturando o conjunto de intervenções pedagógicas desenvolvidas ao longo da pesquisa. Este plano definiu com clareza os objetivos de ensino, a população participante, as relações institucionais e as estratégias de acompanhamento e avaliação. O plano de ação é fundamental para definir as formas de controle do processo e de avaliação dos resultados da pesquisa (THIOLLENT, 1996).

O planejamento das ações foi desenvolvido de modo flexível e processual, ajustando-se continuamente conforme as observações realizadas durante as aulas. Segundo Thiollent (1996), “O planejamento de uma pesquisa-ação é muito flexível. Contrariamente a outros tipos de pesquisa, não se segue uma série de fases rigidamente ordenadas [...]” (THIOLLENT, 1996, p. 47). Em geral, os planejadores frequentemente precisam “[...] infringir a ordem em função dos problemas imprevistos que aparecem em seguida [...]” (THIOLLENT, 1996, p. 48).

Após a realização do seminário inicial de formação, elaborou-se o sequenciador de aulas (APÊNDICE I, p. 195), documento que organizou as primeiras intervenções e norteou o desenvolvimento da unidade didática (PALAFOX, 2004). “No Sequenciador de Aula estão contidos os objetivos gerais e específicos da Estratégia de Ensino, assim como uma descrição resumida das operações que serão realizadas aula por aula” (THIOLLENT, 1996, p. 123). O referido sequenciador

foi ajustado progressivamente a cada encontro, em diálogo constante com os participantes, refletindo as aprendizagens coletivas e as necessidades observadas no campo.

Fundamentado na capoeira como trabalho docente de enfrentamento da barbárie, o planejamento das aulas priorizou a integração entre movimento, história, musicalidade e consciência crítica, reconhecendo a capoeira como uma expressão cultural que promove identidade, resistência e emancipação (NASCIMENTO, 2016; PONSO; ARAÚJO, 2016).

O conjunto metodológico adotado — análise dialética, plano de ação participativo e sequenciamento progressivo das aulas — garantiu coerência epistemológica e consistência pedagógica à pesquisa (THIOLLENT, 1996). Essa estrutura possibilitou compreender a capoeira não apenas como conteúdo da Educação Física, mas como prática social e educativa capaz de articular corpo, cultura e consciência (SOARES et al., 1992).

Essa perspectiva pedagógica se alinha ao objetivo de promover a formação crítica dos indivíduos e contribuir para a transformação social, visto que busca desenvolver uma reflexão sobre valores essenciais, conforme o método crítico-superador: “[...] solidariedade substituindo o individualismo, cooperação confrontando a disputa [...] enfatizando a liberdade de expressão dos movimentos — emancipação —, negando a dominação e submissão do homem pelo homem” (SOARES et al., 1992, p. 40). Nessa perspectiva, o foco central é a construção de uma educação comprometida com o enfrentamento das formas contemporâneas de barbárie (ADORNO, 2024).

CAPÍTULO 2 – FUNDAMENTOS HISTÓRICOS E SOCIAIS PARA O ENFRENTAMENTO DA BARBÁRIE

2.1 Barbárie: fundamentos conceituais e sociais

O presente capítulo tem como objetivo discutir os fundamentos históricos e sociais da barbárie, problematizando suas expressões na sociedade e a necessidade de enfrentamento por meio da educação. A reflexão se ancora principalmente no pensamento de Theodor Adorno, que, ao analisar as formas de violência e regressão social no século XX, oferece subsídios ainda atuais para compreender as manifestações de barbárie na contemporaneidade (ADORNO, 2024).

Este capítulo articula a contribuição crítica de Adorno ao contexto brasileiro, historicamente ancorado em um sistema de poder hierarquizado e em uma lógica de construção nacional baseada na escravização, cujos reflexos permanecem evidentes na sociedade contemporânea, marcada pela desigualdade (CASTRO; VENÂNCIO, 2023, p. 109). Nessa perspectiva, observa-se que os “[...] saberes e fazeres das etnias que foram escravizadas continuam ocupando um espaço marginal na sociedade brasileira, especificamente a cultura negra, ainda sob a pecha da inferioridade.” (ABIB; CORDEIRO, 2018, p. 230-231). Assim, a discussão sobre barbárie não se restringe a uma questão teórica, mas revela-se como um desafio concreto para a educação e para a vida social, considerando que “[...] desbarbarizar tornou-se a questão mais urgente da educação hoje em dia [...]” (ADORNO, 2024, p. 169).

Este capítulo propõe um diálogo com as culturas afro-brasileiras, em especial com a capoeira, considerada “[...] uma expressão afro-brasileira marcada, principalmente, pela sua africanidade, corporeidade multidimensional (é ao mesmo tempo dança, jogo e luta)” (GUIMARÃES; FOSTER; CUSTÓDIO, 2022, p. 95). Diante dessa compreensão, a capoeira configura-se como uma forma de resistência historicamente construída, vinculada às experiências de luta, sobrevivência e afirmação cultural da população negra no Brasil (D’AMORIM; ATIL, 2014, p. 9).

A capoeira é apresentada, assim, como um caminho pedagógico que, ao valorizar a “[...] ancestralidade, a religiosidade, a ludicidade, a corporeidade, o comunitarismo, a oralidade, a circularidade, a memória e, por fim, a musicalidade [...]”

(PONSO; ARAÚJO, 2016, p. 64), pode contribuir para a superação da barbárie (ADORNO, 2024), sobretudo no ambiente escolar, constituindo-se como instrumento de resistência e de construção de uma cultura educativa mais justa, solidária e democrática.

Diante dessas reflexões, o capítulo organiza-se de modo a aprofundar a compreensão da barbárie em suas múltiplas dimensões, articulando fundamentos conceituais, educacionais e históricos. Inicialmente, são apresentadas as definições e bases teóricas que sustentam o conceito de barbárie, em diálogo com autores que a compreendem como fenômeno estrutural e socialmente produzido. Em seguida, discute-se sua relação com a educação, compreendida tanto como espaço de reprodução quanto de enfrentamento das formas contemporâneas de desumanização. Na sequência, a capoeira é analisada como prática histórica e cultural de resistência, capaz de articular corpo, consciência e emancipação. Por fim, o capítulo recupera a memória de personagens históricos que simbolizam a luta contra a opressão, reafirmando a centralidade da resistência negra na construção de alternativas à barbárie.

A palavra barbárie, em seu sentido mais corrente, é comumente associada à ausência de civilização, à violência e à crueldade, conforme definição apresentada por Bechara (2011). Segundo o autor, barbárie corresponde ao “estado ou condição de bárbaro; falta de civilização [...]”, sendo frequentemente relacionada a contextos de violência extrema, a ponto de afirmar que “com o terrorismo, o mundo parece voltar à barbárie [...]” (BECHARA, 2011, p. 197). Além disso, o termo também é definido como “crueldade, atrocidade, selvageria, barbaridade” (BECHARA, 2011, p. 197). Embora essas sejam relevantes para a compreensão do uso cotidiano do conceito, elas se mostram insuficientes para abarcar a complexidade que a noção de barbárie assume nos campos filosófico e educacional, especialmente quando articulada às formas históricas e estruturais de dominação presentes na sociedade contemporânea (ADORNO, 2024; NASCIMENTO, 2016).

Buscando uma leitura mais profunda, Adorno (2024, p. 174) afirma que a barbárie consiste em “[...] uma regressão à violência física primitiva sem uma ligação transparente com objetivos racionais na sociedade [...]”. Assim, a barbárie não se restringe a atos isolados de brutalidade, mas manifesta-se como um processo social contínuo, revelador do impulso destrutivo e da deformidade das relações humanas. O

autor observa, ainda, que, em muitos contextos, “[...] em nome da autoridade, em nome de poderes estabelecidos, praticaram-se precisamente atos que anunciam, conforme sua própria configuração, a deformidade, o impulso destrutivo e a essência mutilada da maioria das pessoas” (ADORNO, 2024, p. 173). Essa constatação amplia o conceito, evidenciando que a barbárie pode assumir formas institucionalizadas e socialmente legitimadas, perpetuadas sob a aparência de normalidade e progresso.

Outro aspecto fundamental é a relação entre barbárie e falência da cultura, destacada por Adorno (2024). O filósofo argumenta que “[...] existe uma razão objetiva da barbárie, que designarei [...] como a da falência da cultura. A cultura [...] não cumpriu a sua promessa. Ela dividiu os homens, sobretudo entre trabalho físico e intelectual [...]” (ADORNO, 2024, p. 178-179). Desse modo, “[...] ela subtraiu aos homens a confiança em si e na própria cultura [...]” (ADORNO, 2024, p. 178-179). A consequência dessa cisão é que “[...] a raiva se voltou contra a própria promessa ela mesma, expressando-se na forma fatal de que essa promessa não deveria existir” (ADORNO, 2024, p. 179). À luz dessa reflexão, a barbárie não é exterior à civilização, mas o seu produto — a contradição interna de uma sociedade que avança tecnicamente, mas regride moral e espiritualmente.

Essa leitura crítica de Adorno (2024) propõe que a superação da barbárie não se alcança pela mera transmissão de conteúdos, mas pela formação de sujeitos autônomos e reflexivos. Para o autor, “[...] a tentativa de superar a barbárie é decisiva para a sobrevivência da humanidade [...]” (ADORNO, 2024, p. 170), o que situa a educação como um dos instrumentos centrais desse enfrentamento. Desse modo, educar contra a barbárie implica promover a consciência crítica, romper com a adaptação cega e resgatar a capacidade de empatia e de julgamento moral, elementos essenciais do processo de emancipação.

No contexto brasileiro, as reflexões adornianas encontram eco nas análises de Nascimento (2016), que identifica na estrutura social do país um processo sistemático de extermínio, ao afirmar que “as populações negras e mulatas têm sofrido um genocídio institucionalizado, sistemático, embora silencioso [...], um extermínio moral e cultural, com sequelas econômicas e demográficas” (NASCIMENTO, 2016, p. 19–20). Para o autor, o racismo institucionalizado configura-se como uma das expressões mais profundas da barbárie moderna, pois se disfarça sob o mito da “[...] democracia racial” (NASCIMENTO, 2016, p. 54), enquanto mantém intactas as hierarquias

herdadas do período escravocrata. Essa leitura evidencia que, no Brasil, a barbárie assume uma dimensão racial e estrutural, reproduzindo exclusões históricas e silenciando identidades.

De forma complementar, Ribeiro (2019) amplia o debate ao compreender o racismo como uma estrutura social que naturaliza privilégios e desigualdades, ao afirmar que “[...] é impossível não ser racista tendo sido criado numa sociedade racista [...]” (RIBEIRO, 2019, p. 19). Para a autora, a omissão diante do racismo também se configura como uma forma de violência, uma vez que a “[...] inação contribui para perpetuar a opressão” (RIBEIRO, 2019, p. 8) e que “[...] o silêncio é cúmplice da violência” (RIBEIRO, 2019, p. 19). A partir dessa perspectiva, a educação antirracista constitui-se não apenas como um dever ético, mas como um ato político fundamental de enfrentamento às formas contemporâneas de desumanização.

Com base nessas formulações, sustenta-se nesta pesquisa que a barbárie, mais do que a violência explícita, constitui-se como um processo que se infiltra nas estruturas sociais, legitimando opressões e desigualdades. De fato, conforme destaca Adorno (2024), “a forma de que a ameaçadora barbárie se reveste atualmente é a de, em nome da autoridade e dos poderes estabelecidos, praticarem-se atos que anunciam [...] a deformidade, o impulso destrutivo e a essência mutilada da maioria das pessoas” (ADORNO, 2024, p. 173). No contexto brasileiro, a barbárie manifesta-se por meio de práticas de racismo, autoritarismo e exclusão social, que persistem sob a aparência de normalidade (RIBEIRO, 2019). Superá-la, portanto, exige uma educação crítica e emancipadora que promova a reflexão, o diálogo e o reconhecimento da diversidade como fundamentos da vida democrática.

Assim, o diálogo entre Adorno (2024), Nascimento (2016) e Ribeiro (2019) revela que combater a barbárie implica restituir à educação seu sentido ético e humanizador. Nesse horizonte, a capoeira apresenta-se como uma prática educativa que articula corpo, cultura e consciência social. Conforme defendem D’Amorim e Atil (2014), a capoeira constitui-se como “[...] a expressão de liberdade e de harmonia de um povo. É ainda ter consciência de respeitar o outro [...]” (D’AMORIM; ATIL, 2014, p. 17), oferecendo caminhos para a reconstrução do humano e para o enfrentamento das formas históricas e estruturais de desumanização.

2.2 Barbárie, educação e esclarecimento

A relação entre barbárie e educação constitui um dos eixos centrais do pensamento de Adorno (2024). Em suas reflexões, o autor afirma que a principal tarefa da educação consiste em impedir que Auschwitz se repita, expressão que sintetiza a urgência de uma formação humana capaz de resistir aos processos de desumanização e de indiferença moral. Para o filósofo, a barbárie não é um resquício de sociedades primitivas, mas um risco permanente de regressão que habita a própria modernidade. Nessa perspectiva, quando a educação abdica de seu papel formativo e se converte em instrumento de adaptação, ela contribui para a reprodução daquilo que deveria combater.

A partir desse diagnóstico, Adorno aprofunda sua crítica ao modelo de educação predominante na sociedade moderna, especialmente à racionalidade instrumental que orienta os sistemas educativos e fragiliza o desenvolvimento da autonomia e do pensamento crítico.

A racionalidade instrumental e um sistema educativo orientado exclusivamente pela eficiência e pela competição enfraquecem o pensamento autônomo e favorecem a conformidade social, conforme argumenta Adorno (2024). A educação estruturada nesses moldes tende a formar indivíduos ajustados ao status quo, porém incapazes de refletir criticamente sobre as condições sociais que os oprimem. A partir dessas reflexões, o autor afirma que “uma parte da desbarbarização [...] pode ser alcançada mediante uma transformação da situação escolar, [...] possibilitando ao aluno uma seleção mais ampla e uma melhor escolha de objetos [...]” (ADORNO, 2024, p. 178), indicando que o objetivo central do ensino deve ser o desenvolvimento da consciência moral e da capacidade de pensar contra a barbárie.

A partir dessa perspectiva, compreende-se nesta pesquisa que a educação não pode restringir-se à transmissão de conteúdos ou à reprodução de valores hegemônicos, devendo promover o pensamento crítico e a sensibilidade ética (SOARES et al., 1992). Esse entendimento aproxima-se das formulações de Saviani (2011), para quem a educação constitui um processo de humanização e de transformação social, capaz de possibilitar aos sujeitos a compreensão e a possibilidades de ações emancipatórias na realidade. Nessa perspectiva, a escola

configura-se como um espaço de formação integral, no qual o saber se articula à prática e ao compromisso com a emancipação humana.

Nessa mesma direção, Soares et al. (1992) argumentam que a Educação Física, ao adotar a metodologia crítico-superadora, pode contribuir para a formação de sujeitos conscientes de sua historicidade e de seu papel social. Os autores defendem que o corpo, entendido como expressão de cultura, linguagem e resistência, constitui-se como elemento fundamental no processo educativo. Sustenta-se nesta pesquisa, portanto, que a superação da barbárie passa também pela revalorização do corpo como espaço de memória e de consciência, dimensão na qual a capoeira se insere como prática educativa emancipadora, conforme aponta Martins (2021).

Essas reflexões ganham maior densidade quando analisadas à luz de contextos sociais concretos, nos quais a barbárie se manifesta de forma estrutural e histórica, como ocorre na realidade brasileira.

No contexto brasileiro, a reflexão sobre barbárie e educação adquire contornos específicos. Nascimento (2016) alerta que a estrutura social do país perpetua formas sutis e explícitas de violência contra o povo negro, configurando o que o autor denomina de genocídio do negro brasileiro. Essa violência, quando naturalizada, infiltra-se no sistema educacional, que historicamente negou o protagonismo das culturas afro-brasileiras. Ribeiro (2019) complementa essa análise ao defender uma educação antirracista que confronte o racismo estrutural e valorize os saberes produzidos pelas populações negras como parte constitutiva da identidade nacional.

Considera-se nesta investigação que o enfrentamento da barbárie, no âmbito educacional, demanda a construção de práticas pedagógicas que articulem o conhecimento crítico e a sensibilidade ética, à luz das reflexões de Adorno (2024). Tal processo deve promover a autorreflexão e o reconhecimento do outro como sujeito. No campo da Educação Física, a capoeira representa uma possibilidade concreta de articulação entre corpo, cultura e consciência social (COSTA; VOSS, 2018). Conforme observam os autores, “assim, os/as negros/as faziam política, quando sua prática, que era chamada de luta, foi disfarçada com cantos e palmas ritmadas, tornando-se dança [...]” (COSTA; VOSS, 2018, p. 775), permitindo vivências pedagógicas que problematizam a opressão e afirmam a resistência histórica do povo negro.

Dessa forma, defende-se nesta pesquisa que educar contra a barbárie constitui um ato político e ético que ultrapassa a dimensão técnica do ensino, exigindo a construção de uma formação humana integral, orientada pela crítica, pela empatia e pela valorização da diversidade. Ao integrar os aportes de Adorno (2024), Saviani (2011), Soares et al. (1992), Nascimento (2016) e Ribeiro (2019), reconhece-se que a educação emancipa na medida em que se opõe às práticas de dominação, promove o diálogo entre os sujeitos e transforma o espaço escolar em território de resistência à barbárie.

É nesse horizonte que Adorno desloca sua reflexão do diagnóstico da barbárie para a formulação do esclarecimento como tarefa central da educação, compreendendo-o como condição para a resistência ética e política à regressão civilizatória.

Para Adorno (2024), a educação tem como tarefa primordial impedir que a barbárie se repita. Em sua formulação mais contundente, o autor afirma que “[...] a tentativa de superar a barbárie é decisiva para a sobrevivência da humanidade [...]” (ADORNO, 2024, p. 180). Essa afirmação sintetiza o sentido ético e político do processo educativo, ao indicar a necessidade de formar indivíduos capazes de refletir criticamente sobre a realidade e agir com autonomia diante das formas de dominação e violência. A partir dessa compreensão, a educação deve promover o esclarecimento, entendido não apenas como acesso ao conhecimento, mas como capacidade de autocrítica e de resistência à heteronomia (SOARES et al., 1992).

Adorno (2024) adverte que, na sociedade moderna, a barbárie não constitui um desvio excepcional, mas uma possibilidade permanente que se manifesta quando a formação humana é substituída pelo adestramento e pela adaptação cega às normas sociais. Nessa perspectiva, o autor sustenta que a educação deve desenvolver, desde a infância, uma profunda aversão à violência física e simbólica, de modo que os indivíduos se tornem “[...] inteiramente tomadas pela aversão à violência física” (ADORNO, 2024, p. 180). Assim, a educação contra a barbárie configura-se como uma educação voltada ao despertar do sentimento de responsabilidade moral e da consciência do outro como sujeito de dignidade.

Sob essa perspectiva, o esclarecimento assume papel central, pois, conforme Adorno (2024), trata-se de “[...] deixar com que as agressões se expressem nessa idade, mas que, ao mesmo tempo, se possa iniciar a sua elaboração [...]” (ADORNO,

2024, p. 181), evitando que se convertam em comportamentos destrutivos e orientando-as, sob a mediação do educador, para a reflexão e o diálogo. Compreende-se, nesta pesquisa, que essa dimensão dialógica do esclarecimento aproxima-se da noção de formação integral, na qual o conhecimento intelectual se articula à sensibilidade ética e estética.

Saviani (2011) contribui para essa reflexão, destacando que o processo educativo é uma prática intencional e política, voltada à humanização do homem e à superação da alienação. De fato, para o autor, "[...] o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens [...]" (SAVIANI, 2011, p. 13), possibilitando que os sujeitos compreendam criticamente as contradições do mundo e atuem para transformá-lo. Assim como Adorno, Saviani rejeita a ideia de uma educação neutra ou tecnicista, reafirmando seu caráter político e emancipatório.

Na mesma direção, Soares et al. (1992) destacam que a formação humana na Educação Física deve ser orientada pela metodologia crítico-superadora, a qual busca articular o saber técnico, o cultural e o político. Nesse sentido, a superação da barbárie, nesse campo, passa pelo reconhecimento do corpo como expressão de cultura, linguagem e resistência. Sustenta-se, nesta pesquisa, que o esclarecimento, no âmbito da Educação Física, consiste em promover vivências corporais que favoreçam a consciência de si e do outro, rompendo com práticas autoritárias e competitivas que reforçam a exclusão.

Em diálogo com essas perspectivas, Ribeiro (2019) reforça que o processo educativo deve ser também um ato de consciência política e antirracista, capaz de desvelar os mecanismos de opressão que naturalizam desigualdades. De fato, a autora afirma que "[...] é impossível não ser racista tendo sido criado numa sociedade racista. É algo que está em nós e contra o que devemos lutar sempre" (RIBEIRO, 2019, p. 19). Defende-se que o esclarecimento precisa incluir o reconhecimento das estruturas raciais e de gênero que atravessam a escola e a sociedade. Essa leitura amplia o conceito adorniano ao situar o enfrentamento da barbárie dentro das realidades concretas de exclusão que marcam o contexto brasileiro.

Considera-se, nesta investigação, que o esclarecimento proposto por Adorno (2024) não se limita à razão instrumental ou à aquisição de conteúdos, mas implica a construção de uma consciência ética que se recusa a repetir a violência. Nessa

direção, Ribeiro (2019) reforça que o enfrentamento à opressão exige ação transformadora, ao afirmar que “[...] o que está em questão não é um posicionamento moral, individual, mas um problema estrutural [...] o que você está fazendo ativamente para combater o racismo? [...] a inação contribui para perpetuar a opressão” (RIBEIRO, 2019, p. 8). Educar para o esclarecimento é, portanto, educar para a empatia, para o diálogo e para a crítica, elementos fundamentais em um país ainda marcado por desigualdades históricas e pelo racismo estrutural.

Dessa forma, defende-se, nesta pesquisa, que o papel da escola e do professor consiste em promover experiências formativas que estimulem a reflexão crítica e a sensibilidade social. O processo educativo deve criar condições para que os estudantes questionem a naturalização da injustiça e da indiferença, assumindo uma postura ativa diante das contradições sociais. O esclarecimento, conforme propõe Adorno (2024), configura-se como o caminho para a desbarbarização da humanidade e, no contexto brasileiro, torna-se também o alicerce de uma educação crítica, antirracista e emancipadora, capaz de articular corpo, cultura e consciência em direção à dignidade humana.

2.3 Educação Física, competição e reprodução da barbárie

2.3.1 Competição, rendimento e violência simbólica

A reflexão de Adorno (2024) sobre a formação humana permite compreender criticamente as práticas educativas que reproduzem comportamentos autoritários e competitivos. Para o autor, a educação deve se opor à lógica da dominação e da violência, promovendo experiências formativas que desenvolvam empatia, solidariedade e autorreflexão. A partir dessa compreensão, o filósofo alerta que a competitividade “[...] poderia provocar consequências anímicas equivocadas por meio da competição [...]” (ADORNO, 2024, p. 177), chamando atenção para os efeitos subjetivos de uma educação que estimula a rivalidade em detrimento da cooperação. Assim, quando a escola privilegia o desempenho individual, o rendimento e a comparação entre os alunos, reforça formas sutis de barbárie ao transformar o outro em adversário e o aprendizado em disputa.

No campo da Educação Física, essa crítica ganha especial relevância, pois, historicamente marcada pela valorização do rendimento, da disciplina corporal e da superação de limites, a área reproduziu o espírito competitivo e produtivista da sociedade capitalista, reduzindo o corpo a um instrumento de performance e esvaziando sua dimensão cultural, simbólica e expressiva (SOARES et al., 1992). Os autores destacam ainda que, quando a Educação Física se restringe à busca pela aptidão física e pelo desempenho esportivo, contribui para a formação de sujeitos adaptados às exigências do sistema, afastando-se de seu potencial formativo crítico.

Dessa forma, compreende-se que a ênfase excessiva na competição e no rendimento, ainda presente em muitas práticas escolares, gera processos de exclusão e reforça traços de barbárie, sobretudo entre aqueles estudantes que não se enquadram nos padrões de força, habilidade ou velocidade socialmente valorizados pelo esporte (ADORNO, 2024; CASTRO; VENÂNCIO, 2023).

Adorno (2024) adverte que uma formação orientada pela adaptação e pela eficiência tende a produzir indivíduos conformistas, incapazes de desenvolver reflexão crítica. Por isso, o autor sustenta que o processo educativo deve criar condições para que o sujeito questione normas e expectativas socialmente impostas. Em diálogo com essa concepção, Saviani (2011) compreende a educação como prática social orientada pela emancipação, cujo papel consiste em possibilitar que os sujeitos apreendam criticamente a realidade e atuem para transformá-la. Nessa perspectiva, a Educação Física escolar precisa ir além da técnica e do treinamento, assumindo uma função formadora que articule o movimento corporal à consciência histórica e ética (SOARES et al., 1992).

Soares et al. (1992) reforçam essa perspectiva ao proporem a metodologia crítico-superadora, na qual o ensino da Educação Física é concebido como prática social e política. Para os autores, o corpo constitui-se como território de cultura, história e linguagem, e não apenas de desempenho físico. A competição, nesse sentido, só adquire valor formativo quando integrada a uma proposta que estimule o respeito mútuo, o trabalho coletivo e a superação solidária (SOARES et al., 1992). Sustenta-se, nesta pesquisa, que a Educação Física crítica deve transformar o espaço da quadra em lugar de diálogo, criação e reconhecimento das diferenças, combatendo práticas excludentes e aproximando-se do ideal adorniano de desbarbarização (ADORNO, 2024).

A leitura de Ribeiro (2019) acrescenta a esse debate a dimensão do enfrentamento ao racismo e à desigualdade de gênero, os quais também se reproduzem nas práticas corporais. A autora afirma que o racismo estrutural atravessa todos os espaços sociais, inclusive a escola, onde o corpo negro ainda é frequentemente estigmatizado e subvalorizado. Assim, uma Educação Física comprometida com a emancipação precisa ser também antirracista e inclusiva, reconhecendo os corpos como múltiplos e diversos (RIBEIRO, 2019; SOARES et al., 1992).

Diante dessas reflexões, torna-se necessário pensar em práticas pedagógicas que, no interior da Educação Física escolar, sejam capazes de tensionar a lógica competitiva, excludente e adaptativa ainda predominante, materializando, no cotidiano da escola, os princípios de cooperação, criticidade e emancipação discutidos no plano teórico. É nesse horizonte que se insere a busca por manifestações da cultura corporal que possibilitem outras formas de relação com o corpo, com o outro e com o conhecimento, abrindo espaço para experiências educativas comprometidas com a desbarbarização e a justiça social.

Considera-se nesta investigação que a capoeira, ao ser incorporada ao contexto escolar, representa uma alternativa concreta à lógica competitiva. Diferentemente das modalidades esportivas centradas no resultado e na vitória, “[...] a roda de capoeira se contrapõe ao conceito de individualismo presente em nossa sociedade, ressaltando a importância da participação de todos. Ela é, necessariamente, uma construção coletiva” (PONSO; ARAÚJO, 2014, p. 30). Trata-se de uma prática que valoriza o diálogo corporal e o respeito ao ritmo do outro, combinando ludicidade, resistência e ancestralidade, e promovendo uma formação que articula corpo, cultura e consciência (GUIMARÃES; FOSTER; CUSTÓDIO, 2022).

Defende-se, na presente investigação, que repensar a Educação Física à luz de Adorno (2024) implica deslocar o foco da performance para a convivência, da competição para a cooperação e da adaptação para a reflexão crítica. Nesse contexto, a formação humana deve ser compreendida como um processo de emancipação que rompe com as estruturas que perpetuam desigualdade e violência. Ao integrar os princípios do esclarecimento adorniano à prática da capoeira e à metodologia crítico-superadora (SOARES et al., 1992), a Educação Física escolar

pode transformar-se em instrumento de resistência à barbárie e de construção de uma cultura educativa mais justa, solidária e democrática.

2.3.2 Educação crítica, antirracismo e enfrentamento da barbárie

A partir das reflexões de Adorno (2024), compreende-se que um dos grandes desafios da educação contemporânea consiste em romper com práticas autoritárias e com modelos pedagógicos que, de forma explícita ou velada, reproduzem a lógica da violência e da exclusão. Diante desse quadro, o autor afirma: “Suspeito que a barbárie exista em toda parte em que há regressão à violência física primitiva [...]” (ADORNO, 2024, p. 174). A escola, muitas vezes, mantém estruturas hierárquicas rígidas que inibem a autonomia e o pensamento crítico, contribuindo para a formação de indivíduos conformados e pouco reflexivos. Tal realidade expressa a permanência da barbárie sob novas formas, agora institucionalizadas, naturalizadas e legitimadas pelas práticas escolares cotidianas (ADORNO, 2024).

No contexto brasileiro, essas expressões de barbárie manifestam-se de maneira ainda mais complexa, pois se entrelaçam com o racismo estrutural e com as desigualdades históricas que atravessam o sistema educacional (NASCIMENTO, 2016). A educação, ao reproduzir estereótipos e silenciar identidades, acaba por perpetuar a exclusão de grupos racializados e marginalizados. Sob essa perspectiva, Abib e Cordeiro (2018) destacam: “Esse silenciamento da cultura, dos saberes, da história do outro, das suas pedagogias, permanece, porque o colonialismo ainda rege fortemente as práticas sociais deste país, inclusive a educação escolar [...]” (ABIB; CORDEIRO, 2018, p. 231-232).

Desse modo, a superação da barbárie passa necessariamente pela adoção de uma educação antirracista, conforme defende Ribeiro (2019), comprometida com o reconhecimento das diferenças e com a valorização das culturas afro-brasileira e indígena, conforme previsto nas Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008 (BRASIL, 2008).

Sob essa ótica, a Educação Física, tradicionalmente associada à competição e ao rendimento, necessita ressignificar seus objetivos e métodos. Nessa direção, Castro e Venâncio (2023) refletem que:

[...] Assim, os currículos da Educação Física que consideram o movimento corporal apenas como algo biológico, mecânico ou relacionado ao desempenho são cogitados como currículos acríticos, produtores de sujeitos objetos duplicadores das lógicas da sociedade capitalista moderna e inertes ao consumo em meio à indústria cultural, diferente dos(as) estudantes submetidos(as) às propostas curriculares (crítico-superadora, crítico emancipatória) mais atuais, que buscam romper com esse paradigma de Educação Física (BRACHT, 1999 apud CASTRO; VENÂNCIO, 2023, p. 109).

Ao compreender o corpo não apenas como instrumento de desempenho, mas como território de significações históricas e culturais, destaca-se a capoeira como um trabalho docente potente. Conforme assinala Martins (2021), a capoeira possui “[...] potência pedagógica transgressora diante da hegemonia esportivista e tecnicista recorrente nas aulas de Educação Física [...]” (MARTINS, 2021, p. 16). Considerando tais aspectos, ao adotar uma abordagem crítica, a Educação Física pode constituir-se como espaço de resistência, reflexão e emancipação, favorecendo a formação de sujeitos conscientes e solidários.

Costa e Voss (2018, p. 770) defendem que a capoeira se constitui como uma “[...] potente ferramenta de aprendizagem da cultura africana e afro-brasileira [...]”, não apenas por recuperar a herança africana, mas também por possibilitar a “[...] vivência da diversidade cultural”. Os autores observam ainda que a capoeira se configura como uma “[...] atitude brasileira que reconhece uma história escrita pelo corpo, pelo ritmo e pela imensa natureza libertária [...]” (COSTA; VOSS, 2018, p. 771).

Ao romper com a lógica da competição e promover valores de cooperação, ancestralidade e pertencimento, a capoeira aproxima-se do ideal de desbarbarização defendido por Adorno (2024), transformando-se em meio de formação ética e emancipatória. Assim, a Educação Física crítica e antirracista consolida-se como caminho concreto para o enfrentamento da barbárie e para a construção de uma escola mais humana e democrática.

2.3.3 Capoeira e os riscos de reprodução da barbárie

Segundo Adorno (2024, p. 172), “[...] ninguém estará inteiramente livre de traços de barbárie [...]”. Essa afirmação conduz à compreensão de que mesmo práticas historicamente associadas à resistência e à emancipação humana não estão

imunes às contradições sociais que as atravessam. A capoeira, enquanto manifestação cultural afro-brasileira, expressa com intensidade esse paradoxo: ao mesmo tempo em que simboliza a luta contra a opressão, pode também reproduzir hierarquias, desigualdades e comportamentos autoritários enraizados na sociedade brasileira. Com base nessa análise, Ribeiro (2023) problematiza as relações de gênero na capoeira ao destacar que:

Algumas vezes, somos sujeitas a um tipo de machismo, um desrespeito ao seu talento e a sua experiência por meio de jogos agressivos e fisicamente intensos e confrontadores, ou até mesmo deboche, quando assumem o caráter de condescendência e arrogância. Desta forma, eles querem impor o seu posto, desconsiderando a performance técnica da mulher para mostrar que podem, de qualquer maneira, dominar a sua oponente. (RIBEIRO, 2023, p. 7).

A partir dessas reflexões críticas, diversos estudos têm apontado que, em determinados contextos, práticas de capoeira ainda reproduzem aspectos da barbárie contemporânea. Entre as expressões mais recorrentes, destacam-se o autoritarismo nas relações entre mestres e alunos, a rigidez hierárquica, a exclusão de mulheres e a violência física ou simbólica em rodas excessivamente competitivas (RIBEIRO, 2023; SANTOS; PEREIRA, 2017). Tais comportamentos revelam como os processos de dominação podem se infiltrar até mesmo em espaços concebidos como de resistência e liberdade, reafirmando o alerta de Adorno (2024) sobre a permanência da barbárie em diferentes dimensões da vida social.

Ao refletir sobre essa contradição, torna-se evidente que a capoeira deve ser constantemente revisitada a partir de uma perspectiva crítica e emancipatória. Conforme afirmam D'Amorim e Atil (2014), a prática corporal mantém seu potencial libertador quando é compreendida em sua historicidade e trabalhada de modo a promover consciência e transformação social. Em consonância com essa discussão, o ensino da capoeira na escola deve evitar a mera reprodução de gestos técnicos ou rituais, buscando favorecer processos de reflexão sobre poder, gênero, raça e classe, dimensões que estruturam a experiência social dos sujeitos (RIBEIRO, 2023; SANTOS; PEREIRA, 2017).

Reconhecer que a capoeira também pode reproduzir traços de barbárie não significa negar o seu valor histórico-cultural, tampouco os saberes e as contribuições que oferece à sociedade brasileira (RIBEIRO, 2023, p. 68-69). Ao contrário, tal

reconhecimento reafirma sua potência enquanto espaço educativo. Ao trazer à tona suas próprias contradições, a prática se abre à autocrítica e à reinvenção, aproximando-se do ideal adorniano de educação para o esclarecimento (ADORNO, 2024). Assim, a capoeira se consolida como uma prática viva, que não apenas resiste à opressão, mas também se interroga continuamente sobre os modos de perpetuação das desigualdades, transformando-se em um caminho de resistência ética, política e pedagógica.

2.4 Capoeira como prática histórica, política e de resistência

2.4.1 Escravidão, resistência negra e corporalidade

Abib e Cordeiro (2018) conceituam a capoeira como uma “[...] manifestação própria da cultura popular brasileira desenvolvida como modo de resistir à escravização que o colonialismo europeu impôs aos povos do continente africano [...]” (ABIB; CORDEIRO, 2018, p. 227). Os autores enfatizam que a capoeira é “[...] mais que um elemento simbólico de resistência, é factual [...]”, tendo sido desenvolvida por homens e mulheres negras como forma de defesa de sua cultura, tradições e história diante da opressão colonial (ABIB; CORDEIRO, 2018, p. 229).

À luz dessas reflexões, a capoeira cumpre o papel de promover a reflexão sobre a história da violência e das resistências, o que se alinha ao processo de desbarbarização defendido por Adorno (2024), ao transformar a experiência histórica da opressão em cultura, memória e conhecimento. No entanto, para compreender seu papel na educação contemporânea, é necessário reconhecer que sua origem está profundamente vinculada ao contexto da escravidão e à violência estrutural imposta aos povos africanos trazidos ao Brasil, condição também destacada por Costa e Voss (2018) e Martins (2021).

Historicamente, a cultura negra foi sistematicamente tratada como inferior ou desviada dos padrões hegemônicos, processo que serviu como justificativa ideológica para a escravidão e a desumanização de milhões de pessoas. Tal lógica, como destacam Abib e Cordeiro (2018), sustentou-se na negação dos saberes, das práticas culturais e das formas próprias de existência dos povos negros, de modo que:

Infelizmente, mesmo tendo se passado mais de um século do término da diáspora na América, os saberes e fazeres das etnias que foram escravizadas continuam ocupando um espaço marginal na sociedade brasileira, especificamente a cultura negra que tem grande parte de suas características religiosas, musicais, lúdicas, de suas representações e de seus imaginários ainda sob a pecha da inferioridade” (ABIB; CORDEIRO, 2018, p. 230-231).

Abib e Cordeiro (2018) destacam que o preconceito racial foi historicamente produzido pela classe dominante como estratégia de legitimação da dominação sobre os povos não brancos, caracterizando-os como de qualidade inferior. Essa lógica manifesta-se, entre outros aspectos, ao “[...] apresentar as culturas africanas como folclóricas, primitivas e inferiores quando comparadas à matriz branco-europeia” (OLIVEIRA, 2014, p. 121).

Padilha (2022) acrescenta que tal processo não apenas negou a contribuição africana para a formação da sociedade brasileira, como também instituiu uma hierarquia racial que permanece operando nas estruturas sociais e educacionais. A criminalização da capoeira no Código Penal de 1890 constitui um exemplo emblemático dessa racionalidade excludente, uma vez que o Estado brasileiro, ao classificá-la como prática subversiva, buscava reprimir a resistência, o protagonismo e a organização dos corpos negros (CASTRO; VENÂNCIO, 2023).

Nesse cenário de repressão e marginalização, a capoeira não apenas sobreviveu, como também se reinventou enquanto linguagem corporal, estética e política de resistência.

Pertussatti (2017), ao analisar a multidimensionalidade cultural da capoeira, afirma que ela se configura como:

“[...] expressão dos mais diferentes sincretismos brasileiros, herança constituída em meio aos sofrimentos dos povos da diáspora africana, arte-luta percebida em cada capoeirista que expressa sua corporeidade, com feições do sujeito diaspórico negro africano que foi escravizado, porém, que lutou e resistiu, bem como que tem valor inestimável em cada mestre, por seu ofício, um patrimônio vivo da nação brasileira, cada qual herdeiro de um legado *sui generis*.” (PERTUSSATTI, 2017, p. 6).

Assim, Pertussatti (2017) enfatiza que a capoeira é uma prática de resistência forjada na dor e na luta dos povos negros submetidos à escravização. Guimarães, Foster e Custódio (2022) ressaltam que, ao articular luta, jogo, dança e música, a capoeira se configura como uma prática educativa integral, capaz de relacionar corpo

e consciência, gesto e história. Nessa perspectiva, sua dimensão estética e política expressa a capacidade dos povos negros de ressignificar a dor e transformá-la em experiência de liberdade, pois, por meio da roda, do canto e do movimento, a capoeira constrói um espaço simbólico de comunhão e relativa igualdade, no qual o corpo se constitui como linguagem de resistência.

Com base nessas reflexões, compreende-se que a capoeira não se limita a uma herança cultural, mas constitui um meio pedagógico de transformação social. Em diálogo com essa perspectiva, Bonfim (2010) destaca que:

A prática da capoeira não se restringe a mais uma atividade física dentro da escola, somos necessariamente levados a debater o seu teor político, socializador e promotor da igualdade racial, na medida em que promove a integração dos sujeitos numa perspectiva homogênea e harmoniosa consigo e com o próximo [...] (BONFIM, 2010, p. 02).

A inserção da capoeira na escola, conforme previsto pelas Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, oferece uma oportunidade concreta para o desenvolvimento de uma educação antirracista e emancipatória. Nessa perspectiva, Freitas e Santos (2023) acrescentam que “[...] as contribuições da capoeira para a sociedade são significativas e fundamentais para a construção de uma educação antirracista e para a minimização das desigualdades raciais” (FREITAS; SANTOS, 2023, p. 9).

Guimarães, Foster e Custódio (2022) argumentam que, ao considerar a totalidade dessa prática cultural, o papel da capoeira na formação do estudante torna-se mais efetivo. Como expressam os autores, “[...] as suas múltiplas dimensões jamais deverão ser deixadas de lado no esforço de conseguir uma educação das relações étnico-raciais mais afirmativa” (GUIMARÃES; FOSTER; CUSTÓDIO, 2022, p. 111-112). Essa perspectiva reconhece que a capoeira se constitui a partir de um “[...] processo histórico, de sua origem, etimologia, corporeidade, uso político e, inclusive, de sua presença em diferentes legislações [...]”, elementos que reforçam seu potencial educativo no enfrentamento das desigualdades étnico-raciais (GUIMARÃES; FOSTER; CUSTÓDIO, 2022).

A análise adorniana sobre barbárie e esclarecimento dialoga diretamente com essa proposta. Para Adorno (2024), a superação da barbárie exige uma educação orientada pela reflexão e pela autonomia, capaz de romper com práticas de dominação e violência. Nessa perspectiva, a capoeira pode ser compreendida como

uma prática educativa de desbarbarização, pois, ao articular corpo, arte e consciência crítica, opõe-se à lógica da opressão e reafirma a humanidade historicamente negada. Desse modo, ensinar capoeira configura-se também como um ato político e ético, uma vez que, conforme relatam Rozendo e Guerra (2023), “[...] a capoeira parece possuir aspectos éticos bastante peculiares: é educar para a liberdade e para o reconhecimento mútuo [...]” (ROZENDO; GUERRA, 2023, p. 87-88).

Portanto, a capoeira, quando trabalhada pedagogicamente, transcende o âmbito da prática corporal e se constitui como meio de formação crítica e de enfrentamento das desigualdades (BONFIM, 2010; COSTA; VOSS, 2018). Sua presença no espaço escolar rompe o silêncio histórico imposto à cultura negra (NOBREGA, 2020) e inaugura caminhos de emancipação, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, plural e solidária. Sob essa perspectiva, Melo (2011) destaca a necessidade de “[...] uma sociedade mais justa e igualitária” (MELO, 2011, p. 195).

2.4.2 Capoeira como prática histórica de resistência

A história da escravidão no Brasil revela um processo sistemático de desumanização e exploração que estruturou as bases econômicas e culturais da sociedade brasileira (PADILHA, 2022). O autor argumenta que a escravidão não se constituiu apenas como um regime de trabalho forçado, mas como uma instituição responsável por produzir e consolidar uma hierarquia racial duradoura, sustentando práticas de exclusão e preconceito que persistem até os dias atuais. Nessa lógica, a ideologia colonial, ao associar a branquitude à civilização e a negritude à marginalização, legitimou o domínio sobre os corpos e as subjetividades negras, instaurando um sistema de opressão que atravessou séculos.

Nesse cenário, as práticas culturais africanas — entre elas a capoeira, os batuques e as danças rituais — foram deliberadamente marginalizadas e criminalizadas ao longo da história brasileira (D’AMORIM; ATIL, 2014). Abib e Cordeiro (2018) corroboram essa perspectiva ao afirmarem que, durante os períodos colonial e imperial, o poder público e a elite branca buscaram controlar e suprimir as manifestações culturais negras, por considerá-las ameaças à ordem vigente. Contudo, estes mesmos espaços de repressão tornaram-se também espaços de

resistência, nos quais os povos africanos e seus descendentes reconstruíram identidades, preservaram tradições e reinventaram formas de liberdade.

A capoeira surgiu nesse contexto de resistência como uma resposta simbólica e corporal à violência da escravidão. Conforme destacam Guimarães, Foster e Custódio (2022), essa prática integra luta, música e movimento, expressando simultaneamente autodefesa e celebração da vida. Sua realização nas senzalas e nos quilombos representava uma forma de subversão, na medida em que transformava o corpo — instrumento de opressão — em meio de libertação. Essa ambiguidade entre jogo e combate reflete a inteligência política dos sujeitos escravizados, que souberam ocultar sua luta sob a aparência da dança, garantindo sua sobrevivência física e cultural (GUIMARÃES; FOSTER; CUSTÓDIO, 2022).

Padilha (2022) acrescenta que a resistência negra não se restringiu aos quilombos, mas manifestou-se de forma cotidiana e difusa, por meio de gestos de insubmissão, da manutenção de crenças e da transmissão de saberes ancestrais. Sob essa ótica, a capoeira pode ser compreendida como herdeira direta dessa vivência histórica, uma vez que carrega, em seus cânticos, ritmos e gestualidades, a memória coletiva de um povo que, mesmo subjugado, não se deixou aniquilar. Sua permanência até os dias atuais constitui, portanto, um testemunho da força cultural e espiritual da população afrodescendente (GUIMARÃES; FOSTER; CUSTÓDIO, 2022).

Com base nessa trajetória, compreende-se que a história da escravidão e da resistência negra no Brasil não deve ser tratada apenas como um capítulo encerrado do passado, mas como um processo ainda presente nas estruturas sociais e educacionais (SOARES et al., 1992). O racismo estrutural, a desigualdade social e a invisibilização das culturas afro-brasileiras continuam a reproduzir formas contemporâneas de barbárie, impactando diretamente as experiências educativas e sociais (NASCIMENTO, 2016). Assim, reconhecer e valorizar manifestações culturais negras, como a capoeira, significa também afirmar a necessidade de uma educação comprometida com a justiça social, a memória histórica e a emancipação.

A capoeira constitui-se como uma das mais potentes expressões de resistência cultural e política da população negra no Brasil. Forjada nas condições extremas da escravidão, ela nasceu da necessidade de sobrevivência e de preservação da dignidade humana diante da violência e da opressão colonial (ABIB; CORDEIRO,

2018). Os autores salientam que a capoeira é um saber ancestral corporificado, que articula elementos de luta, dança e música em uma linguagem simbólica de enfrentamento e libertação. Trata-se, portanto, de uma prática que transcende o mero movimento físico, configurando-se como expressão estética e filosófica da resistência negra (D'AMORIM; ATIL, 2014).

Guimarães, Foster e Custódio (2022) reforçam essa dimensão ao afirmarem que a capoeira resulta de uma síntese entre corpo e história, permitindo que o gesto se converta em instrumento de memória e de reexistência. Os autores destacam que em suas rodas, toques e cantos, ecoam experiências de dor, fuga, solidariedade e esperança, de modo que cada movimento carrega significados políticos que reatualizam a luta dos antepassados e reafirmam a força criadora da cultura afro-brasileira. A partir dessa compreensão, a capoeira não se configura apenas como resistência à escravidão, mas como resistência contínua às formas modernas de barbárie — o racismo, a desigualdade e a negação da humanidade negra.

De acordo com Castro e Venâncio (2023), o fato de a capoeira ter sido criminalizada pelo Código Penal de 1890 revela o medo das elites diante de uma prática que simbolizava autonomia e coletividade. Os autores afirmam que, ao perseguir a capoeira, o Estado buscava reprimir não apenas um movimento corporal, mas também uma forma de pensamento e de organização social que ameaçava o modelo hierárquico e racista vigente. A resistência capoeirista constituiu-se, portanto, como uma reação ao silenciamento e à dominação cultural impostos à população negra (ABIB; CORDEIRO, 2018).

Com a abolição formal da escravidão, em 1888, a capoeira não desapareceu, mas passou por um processo de transformação. Padilha (2022) observa que a prática se ressignificou como espaço de reconstrução identitária e de afirmação de pertencimento. O autor destaca que mesmo perseguida, ela sobreviveu nas periferias urbanas, nas comunidades negras e nos terreiros, preservando a memória da luta e fortalecendo a autoestima coletiva. Essa continuidade histórica demonstra que a capoeira é, ao mesmo tempo, resistência e criação — gesto de protesto e de celebração da vida.

Compreende-se, portanto, que a capoeira expressa, em sua essência, o processo de desbarbarização proposto por Adorno (2024), ao transformar a violência imposta pela história em cultura, arte e conhecimento. Seu caráter dialético reside no

fato de nascer da opressão, mas produzir libertação; ser fruto da barbárie, mas converter-se em instrumento de esclarecimento e emancipação. Por meio do corpo, da musicalidade e da coletividade, essa prática ensina formas de resistência ética e estética à brutalidade, promovendo uma educação que valoriza a dignidade humana e a consciência crítica (PONSO; ARAÚJO, 2014).

Dessa trajetória histórica emerge a compreensão da capoeira como prática viva de resistência, cuja permanência revela não apenas sobrevivência cultural, mas reinvenção contínua frente às formas de dominação.

Nesse contexto, reconhecer a capoeira como prática de resistência implica também reivindicar seu papel pedagógico no campo educacional (COSTA; VOSS, 2018). Os autores afirmam que, ao ser trabalhada na escola, essa manifestação cultural se configura como um meio de reconstrução simbólica e política, capaz de questionar estruturas de poder e de afirmar a pluralidade cultural brasileira. Mais do que um conteúdo curricular, a capoeira constitui um modo de pensar e de viver a liberdade — herança ancestral que continua a inspirar o enfrentamento das múltiplas formas de barbárie que atravessam a sociedade contemporânea (GUIMARÃES; FOSTER; CUSTÓDIO, 2022).

2.4.3 Estratégias políticas, territoriais e o cenário goiano

A capoeira, longe de ser reduzida a uma manifestação puramente folclórica ou esportiva, consolidou-se historicamente como uma ferramenta política e tática de sobrevivência frente à barbárie imposta pelo sistema colonial (ABIB; CORDEIRO, 2018; COSTA; VOSS, 2018). Sua estrutura técnica foi forjada a partir da necessidade concreta de defesa da cultura, das tradições e da integridade física da população negra, convertendo o corpo em um instrumento de insurgência e resistência histórica (SOARES et al., 1992; GUIMARÃES; FOSTER; CUSTÓDIO, 2022).

Um dos aspectos mais sofisticados dessa resistência foi a utilização da musicalidade como estratégia tática de vigilância e proteção coletiva (COSTA; RESENDE, 2023; PONSO; ARAÚJO, 2016). Conforme a tradição oral e os registros históricos, o berimbau não apenas organizava o ritmo do jogo, mas também operava como um sistema de comunicação codificado entre os praticantes (COSTA;

RESENDE, 2023). O Toque de *Aviso*, por exemplo, era executado por tocadores posicionados em locais estratégicos, como colinas e pontos elevados, com a finalidade de alertar a comunidade sobre a aproximação do opressor (COSTA; RESENDE, 2023). Outro exemplo significativo foi o Toque de *Cavalaria*, amplamente utilizado para denunciar a presença da repressão policial e possibilitar a dispersão dos grupos diante da ameaça institucionalizada (COSTA; RESENDE, 2023; RIBEIRO, 2023).

No contexto regional goiano, a trajetória da capoeira evidencia as marcas de uma inserção tardia e de uma resistência silenciosa que se estendeu até meados da década de 1960 (COSTA; RESENDE, 2023; RIBEIRO, 2023). Diferentemente de outros centros nacionais de difusão da prática, a capoeira em território goiano permaneceu por longo período restrita a poucos grupos, enfrentando intenso estigma social e operando com reduzido reconhecimento por parte da sociedade local (COSTA; RESENDE, 2023). Os pioneiros desse processo, os Mestres Sabú — descendente da linhagem de Mestre Pastinha — e Osvaldo de Souza — discípulo de Mestre Bimba —, foram responsáveis por estabelecer as bases das tradições da Capoeira Angola e da Capoeira Regional na região, desenvolvendo suas atividades em espaços exíguos e sob condições de forte discriminação social (COSTA; RESENDE, 2023).

O cenário de marginalidade da prática da capoeira em Goiás sofreu uma transformação significativa a partir de um marco de legitimidade ocorrido em 1974: a vinda definitiva de Mestre Bimba para Goiânia (COSTA; RESENDE, 2023; D'AMORIM; ATIL, 2014). Esse acontecimento é amplamente reconhecido como um divisor de águas, ao possibilitar que a capoeira local rompesse com as barreiras da criminalização e alcançasse projeção no cenário nacional. Tal processo reafirma a capoeira como um saber histórico, cultural e político, que não pode ser dissociado do movimento social e cultural que lhe deu origem, sob pena de esvaziamento de seu sentido formativo e emancipatório (COSTA; RESENDE, 2023; SOARES *et al.*, 1992).

A fundação das tradições atuais da capoeira no estado de Goiás repousa sobre essa genealogia de excelência (COSTA; RESENDE, 2023). Mestre Sabú, ao estabelecer o Terreiro de Capoeira Angola na Vila Redenção, desempenhou papel fundamental na preservação da linhagem ancestral da capoeira angola, valorizando seus elementos ritualísticos, filosóficos e lúdicos (COSTA; RESENDE, 2023; PONSO;

ARAÚJO, 2016). Paralelamente, Mestre Osvaldo de Souza consolidou a herança da Capoeira Regional ao estruturar academias e sistematizar métodos de ensino que contribuíram para retirar a prática das margens da ilegalidade, elevando-a à condição de patrimônio cultural e reconhecimento social (COSTA; RESENDE, 2023; RIBEIRO, 2023; PERTUSSATTI, 2017).

Minha formação enquanto professor de capoeira está ancorada em uma genealogia de excelência que conecta minha prática às raízes históricas da capoeira em Goiânia. Mestre Criolo construiu sua linhagem sob a orientação de Mestre Ilustre (Rubens dos Santos Silva), do Grupo Goya Capoeira, tendo sido elevado ao estágio de mestre em 2015 por Mestre Cacique. Essa árvore de saberes remonta a Mestre Ilustre, formado em 1990 por Mestre Suíno (Elton Pereira de Brito), figura central no processo de consolidação, unificação e reconhecimento da capoeira goiana, que, por sua vez, descende de Mestre Passarinho (Juarez da Silva Guimarães). Este foi formado em 1979 por Mestre Bandoê, referência fundamental na história da capoeira regional no estado (COSTA; RESENDE, 2023).

Figura 4: Pesquisador com Mestre Criolo numa apresentação Afro-brasileira



Fonte: Acervo do Autor.

Estar vinculado a essa genealogia representa a permanência de uma tradição histórica de resistência e transmissão de saberes, cujos efeitos se expressam no fortalecimento da identidade afro-brasileira e na construção de práticas educativas comprometidas com a superação da barbárie.

Em conjunto, esses mestres estabeleceram as bases sobre as quais se sustenta a capoeira em Goiânia, reafirmando-a como um saber vivo, histórico e político que, ao gingar no solo goiano, mantém acesa a chama da liberdade e do enfrentamento a toda forma de barbárie (ADORNO, 2024; COSTA; RESENDE, 2023).

2.4.4 A capoeira na escola como mediação pedagógica

A presença da capoeira no ambiente escolar representa uma oportunidade singular de articular corpo, cultura e consciência crítica em um mesmo processo educativo (PONSO; ARAÚJO, 2016). A aprovação das Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, que tornam obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira e indígena nas escolas, consolidou um marco legal ao reconhecer a importância dessas temáticas no currículo da educação básica (BRASIL, 2003, 2008). No entanto, conforme afirmam Santos e Pereira (2017), a simples inclusão formal desses conteúdos não garante sua efetiva valorização. Torna-se necessário que o trabalho pedagógico com a capoeira ultrapasse a dimensão técnica e esportiva, alcançando sua potência simbólica, política e emancipatória.

Soares et al. (1992) já destacavam que a Educação Física, quando pautada em uma perspectiva crítico-superadora, deve ir além do condicionamento físico, incorporando os conteúdos culturais como meios de leitura e de transformação da realidade social. Nessa perspectiva, a capoeira, ao integrar luta, música, canto e história, torna-se um instrumento privilegiado para o desenvolvimento da consciência crítica dos estudantes. Sua prática possibilita compreender o corpo não como objeto de adestramento, mas como sujeito histórico, capaz de expressar resistência, solidariedade e pertencimento cultural (PONSO; ARAÚJO, 2014).

Abib e Cordeiro (2018) reforçam que a capoeira, quando inserida no contexto escolar, atua como um espaço de reconstrução identitária e de valorização das ancestralidades africanas. Os autores defendem que ao trazer para a sala de aula as tradições orais, os ritmos e as narrativas de resistência do povo negro, a escola

contribui para romper com a lógica eurocêntrica que historicamente silenciou esses saberes. A roda de capoeira, com sua circularidade e ausência de hierarquia rígida, simboliza uma pedagogia do diálogo e da coletividade, na qual cada participante aprende ao mesmo tempo em que ensina. Trata-se de um princípio que se aproxima do ideal de esclarecimento defendido por Adorno (2024).

Para Adorno (2024), a superação da barbárie passa pela construção de uma educação que desperte a reflexão, a empatia e a autonomia moral. À luz dessa reflexão, a capoeira, enquanto prática escolar, pode ser compreendida como um meio de desbarbarização, pois ensina a cooperação, o respeito e o reconhecimento da humanidade do outro. O jogo, o canto e o toque do berimbau tornam-se, assim, experiências formativas que educam a sensibilidade e fortalecem o vínculo coletivo (BOMFIM, 2010), contrapondo-se à lógica da competição e da violência que ainda perpassa parte das práticas escolares (ADORNO, 2024).

A experiência pedagógica com a capoeira possibilita o diálogo entre corpo e pensamento, emoção e razão, arte e política (SANTOS; PEREIRA, 2017). Conforme destacam os autores, quando trabalhada de forma crítica, a capoeira permite que os estudantes compreendam os processos históricos de exclusão e resistência do povo negro, reconhecendo a luta por igualdade racial como parte constitutiva da identidade brasileira. Dessa forma, a prática converte-se em um meio de educação antirracista, capaz de promover o respeito às diferenças e o enfrentamento das desigualdades estruturais (MARTINS, 2021).

Compreende-se, portanto, que ensinar capoeira na escola não é apenas introduzir um conteúdo curricular, mas instaurar um novo modo de pensar a educação — um modo que valoriza a experiência sensível, a coletividade e o diálogo intercultural (SOARES et al., 1992). A roda, enquanto metáfora pedagógica, expressa a circularidade do saber e a possibilidade de transformação mútua entre educador e educando (PONSO; ARAÚJO, 2016). Dessa forma, a capoeira torna-se um caminho para a emancipação, contribuindo para a formação de sujeitos críticos e conscientes, comprometidos com a justiça social e com o enfrentamento das múltiplas formas de barbárie presentes na sociedade contemporânea (ADORNO, 2024; MARTINS, 2021).

2.5 Personagens históricos e memória da resistência

A discussão sobre o enfrentamento à barbárie, segundo Adorno (2024), articulada ao contexto da cultura afro-brasileira conforme Nascimento (2016), exige o reconhecimento de sujeitos históricos que transformaram suas próprias vidas em expressão de resistência (COSTA; VOSS, 2018). Entre tantos nomes possíveis, este trabalho destaca Zumbi dos Palmares, Dandara, Mestre Bimba e Mestre Pastinha, cujas trajetórias constituem marcos na luta contra a opressão e na afirmação da dignidade negra. Ao concentrar-se nesses quatro personagens, busca-se fortalecer uma consciência racial e antirracista que dialogue diretamente com o processo educativo crítico e emancipatório proposto nesta pesquisa.

As histórias desses líderes não pertencem apenas ao passado. A discussão sobre o enfrentamento à barbárie, no contexto da cultura afro-brasileira, exige o reconhecimento de sujeitos históricos que transformaram suas próprias vidas em expressão de resistência. Ao recuperar essas trajetórias, compreende-se que a resistência à barbárie não se configura como um conceito abstrato, mas como uma prática viva e cotidiana, recriada nos corpos, nas rodas de capoeira, nas comunidades e nas escolas (ABIB; CORDEIRO, 2018; ADORNO, 2024; PADILHA, 2022). Assim, tratar desses personagens significa reconhecer que a educação pode e deve assumir o papel de manter viva essa herança, transformando memória em ação e cultura em formação crítica.

2.5.1 Zumbi dos Palmares

A figura de Zumbi dos Palmares ocupa um lugar central na história da resistência negra no Brasil. Conforme assinala Moura (2022, p. 425), Zumbi foi um “[...] comandante militar e líder político da última fase da República de Palmares”, sendo atualmente reconhecido como herói nacional pelos movimentos negros em razão do papel fundamental que exerceu na defesa da liberdade e na luta contra a escravidão. Durante muito tempo, sua existência foi tratada por alguns historiadores de forma distorcida ou até negada. No entanto, como aponta o autor, hoje sua biografia pode ser reconstruída de modo mais consistente, ainda que marcada por

lacunas que revelam os silenciamentos históricos perpetuados pela colonialidade (MOURA, 2022).

Zumbi nasceu em 1655 em um dos mocambos de Palmares, sendo capturado ainda criança durante uma expedição organizada pelo governador Francisco Barreto e comandada por Brás da Rocha Cardoso (MOURA, 2022). Entre os prisioneiros encontrava-se “[...] uma cria do sexo masculino com escassos dias de existência [...]” (MOURA, 2022, p. 425), posteriormente entregue ao padre português Antônio Melo, que o batizou com o nome de Francisco.

Sob os cuidados do padre, Zumbi aprendeu a ler, serviu como coroinha e não foi tratado como escravizado. O próprio religioso registrou surpresa ao afirmar que a criança possuía “[...] engenho jamais inimaginável na raça negra e que bem poucas vezes encontrei em brancos [...]” (MOURA, 2022, p. 425–426), expressão que evidencia o racismo científico presente no pensamento da época e reforça a importância de uma leitura crítica desse tipo de relato histórico.

Aos quinze anos, Francisco fugiu para Palmares, retomando seu pertencimento à comunidade negra da qual fora arrancado (MOURA, 2022). O autor afirma que aos dezessete, já era reconhecido como liderança, sendo chamado de Zumbi pelos portugueses. Demonstrando grande capacidade militar, derrotou, aos dezoito anos, a expedição comandada por Antônio Jácome Bezerra, fato que lhe garantiu a elevação à patente de cabo de guerra. Aos vinte e dois anos, tornou-se comandante-geral das milícias palmarinas, embora tenha sido ferido em combate contra Manoel Lopes Galvão, ficando coxo (MOURA, 2022, p. 426).

A intensificação das expedições contra Palmares culminou em um momento decisivo: o acordo proposto por Ganga Zumba, considerado humilhante por muitos quilombolas (MOURA, 2022). O autor relata que Zumbi, ao rejeitar a submissão implícita nesse pacto, assumiu a liderança total da República de Palmares, reorganizando-a política e militarmente.

Moura (2020) destaca que “[...] nesse particular, o general Zumbi, ao se insurgir contra a ação capitulacionista de Ganga-Zumba e de seus seguidores, estava representando os interesses e o consenso de toda a comunidade, ameaçada de voltar ao status anterior de escravos” (MOURA, 2020, p. 80). Sob sua chefia, Palmares fortaleceu suas defesas, transferiu mocambos para áreas estrategicamente mais seguras, treinou combatentes e promoveu ataques contra senhores de engenho.

Em resposta, o poder colonial mobilizou tanto a violência estatal quanto a senhorial, evidenciando a dimensão da ameaça que Palmares representava ao sistema escravista (MOURA, 2022).

A ofensiva final contra Palmares foi comandada por Domingos Jorge Velho, símbolo da violência extrema empregada pelo poder colonial para eliminar experiências de resistência negra (MOURA, 2020). O autor salienta que a destruição do quilombo não se limitou a uma ação militar pontual, mas constituiu um processo de extermínio planejado, voltado à eliminação física, política e simbólica da República de Palmares. Tal ofensiva evidencia o grau de ameaça que Palmares representava ao sistema escravista, uma vez que sua existência colocava em xeque a ordem colonial baseada na exploração, na hierarquia racial e na negação da humanidade negra. Moura (2020) afirma:

[...] a sua destruição, o massacre da serra da Barriga, quando os mercenários de Domingos Jorge Velho não perdoaram nem velhos, nem crianças, o aprisionamento e a eliminação de seus habitantes e, finalmente a tentativa de apagar-se da consciência histórica do povo esse feito heroico foram decorrência de sua grande importância social, política e cultural (MOURA, 2020, p. 92).

Após a queda de Palmares, espalhou-se o boato da morte de Zumbi; no entanto, ele resistiu por mais um ano, realizando emboscadas e combates no território que conhecia profundamente (MOURA, 2022). Sua captura ocorreu após a traição de Antônio Soares, companheiro que, sob tortura e promessa de liberdade, revelou seu paradeiro. Zumbi foi morto com extrema crueldade, tendo o corpo mutilado e a cabeça exposta em Recife como forma de intimidação à população negra (MOURA, 2022, p. 429), violência que evidencia o caráter bárbaro do sistema escravista e revela a dimensão da ameaça que Palmares representava à ordem colonial.

A memória de Zumbi, contudo, não se encerra com sua morte. Sousa e Costa (2021) destacam que a história do Quilombo dos Palmares e de seu líder tornou-se símbolo de resistência, liberdade, democracia e conscientização. A celebração do Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra, instituída pela Lei nº 12.519/2011, reafirma que Palmares representa “a liberdade conquistada e não a liberdade concedida pela Lei Áurea” (PADILHA, 2022, p. 412). Isso implica reconhecer que a luta negra pela liberdade antecede, ultrapassa e deslegitima a narrativa romantizada da abolição (PADILHA, 2022).

Assim, o dia 20 de novembro simboliza não apenas a memória de um herói, mas a continuidade da luta contra o racismo estrutural. Conforme destacam Sousa e Costa (2021), essa data reafirma a importância das contribuições culturais, políticas e sociais do povo negro para a formação do Brasil. Galvão e Alves (2025) afirmam que a inserção da história e da cultura afro-brasileira e africana na educação constitui uma medida de suma importância, uma vez que a “[...] educação das relações étnico-raciais e o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana continuam a ser medidas fundamentais para propiciar uma educação autônoma e emancipadora [...]” (GALVÃO; ALVES, 2025, p. 1–2).

Essa perspectiva visa promover a igualdade racial e constitui um instrumento para a materialização do direito à educação antirracista (RIBEIRO, 2019). O estudo de figuras históricas como Zumbi e Dandara mostra-se essencial para a efetivação desse processo educativo, uma vez que envolve a valorização de representações de resistência, como os quilombos (MOURA, 2020). Além disso, tal abordagem configura-se como um meio de emancipação e de valorização da população negra brasileira enquanto sujeito constituinte da nação (NASCIMENTO, 2016), objetivo que somente pode ser alcançado por meio da implementação de políticas públicas educacionais efetivas (GALVÃO; ALVES, 2025).

Zumbi dos Palmares permanece como uma inspiração viva no enfrentamento à barbárie. Sua resistência histórica constitui um fundamento ético para pensar e praticar uma educação comprometida com a emancipação humana. Considerando tais aspectos, o objetivo primordial da educação é a “[...] tentativa de superar a barbárie [...]”, tarefa considerada “[...] decisiva para a sobrevivência da humanidade [...]” (ADORNO, 2024, p. 170), na medida em que promove a autonomia e o esclarecimento.

2.5.2 Dandara dos Palmares: entre o mito, a história e a resistência à Barbárie

O Quilombo dos Palmares, estabelecido no final do século XVI na Serra da Barriga, no atual estado de Alagoas, constituiu-se como o maior refúgio de negros e negras fugidos da escravidão na América Latina (ARRAES, 2021). Em seu período de maior expansão, Palmares chegou a abrigar entre 20 mil e 30 mil habitantes, organizados em uma confederação de mocambos que desafiava de forma contínua o

poder colonial português e o sistema escravocrata (MOURA, 2020). É nesse contexto de insurgência e organização coletiva que emerge a figura de Dandara, uma das lideranças mais emblemáticas da resistência negra, cujo protagonismo histórico foi sistematicamente silenciado ao longo dos séculos em razão do machismo e do racismo presentes na historiografia oficial (ARRAES, 2021; CAETANO; CASTRO, 2020).

Embora a procedência de Dandara seja incerta — não havendo consenso se nasceu no Brasil ou na África, com referências à sua possível ascendência na nação Jeje Mahin, no atual Benin —, os registros históricos indicam que ela se integrou aos palmarinos ainda muito jovem (CAETANO; CASTRO, 2020). Enquanto Zumbi foi elevado ao posto de símbolo máximo da resistência, Dandara permaneceu, por longo tempo, à margem da historiografia oficial, apesar de ter exercido papel central como estrategista política e militar no Quilombo dos Palmares (ARRAES, 2021). Sua trajetória rompe com os papéis femininos restritivos impostos às mulheres negras no período colonial, sendo descrita como uma “[...] exímia guerreira, conhecedora de determinadas técnicas de luta” (CAETANO; CASTRO, 2020, p. 165). Relatos históricos e tradições orais indicam, ainda, que Dandara dominava movimentos da capoeira e participava ativamente dos confrontos armados travados pelo quilombo ao longo do século XVII (ARRAES, 2020).

A invisibilidade de Dandara nos registros historiográficos tradicionais configura-se como uma expressão da barbárie cultural, na medida em que busca apagar o protagonismo das mulheres negras nos processos históricos de resistência (ADORNO, 2024; NASCIMENTO, 2016). À luz do pensamento de Adorno (2024), a barbárie pode ser compreendida como um processo de regressão social no qual a violência se manifesta de forma brutal e imediata, desvinculada de finalidades racionais ou emancipadoras. No contexto brasileiro, esse fenômeno é aprofundado pelo racismo estrutural, que tentou reduzir uma liderança guerrilheira fundamental à condição de mito ou mesmo de inexistência histórica, ocultando o fato de que o Quilombo dos Palmares resistiu a mais de trinta expedições militares organizadas pelo Estado colonial (ARRAES, 2021; CAETANO; CASTRO, 2020). Nascimento (2016) reforça que esse apagamento integra um processo de genocídio institucionalizado, responsável pelo extermínio simbólico e moral da memória da população negra.

Segundo Arraes (2021) e Caetano e Castro (2020), Dandara foi companheira de Zumbi e mãe de três filhos: Motumbo, Harmódio e Aristogíton. Sua atuação política ficou marcada pela defesa intransigente da liberdade plena. Em 1678, quando o líder Ganga Zumba aceitou um tratado de paz com o governo de Pernambuco — que previa a devolução de novos escravizados fugitivos em troca da liberdade dos nascidos em Palmares —, Dandara e Zumbi posicionaram-se de forma radicalmente contrária ao acordo. Para Dandara, a liberdade era um princípio inegociável, e a aceitação do pacto representaria uma traição aos ideais de emancipação que sustentavam a República de Palmares (ARRAES, 2021; CAETANO; CASTRO, 2020).

O desfecho da trajetória de Dandara ocorreu em 6 de fevereiro de 1694, com a destruição do mocambo do Macaco pela expedição comandada por Domingos Jorge Velho (SOUZA; CARARO, 2017 apud CAETANO; CASTRO, 2020). Diante da derrota iminente, Dandara recusou-se a retornar à condição de cativa e, segundo a tradição histórica, “[...] se jogou do alto de uma pedreira, preferindo a morte à escravidão” (ARRAES, 2021, p. 14). Esse gesto final não deve ser interpretado como sinal de derrota, mas como uma afirmação radical de autonomia, expressando a decisão de uma mulher que viveu e morreu sob seus próprios termos, reafirmando a liberdade como essência da condição humana (ARRAES, 2021; CAETANO; CASTRO, 2020).

Trazer a história de Dandara para o contexto escolar constitui uma ação direta de desbarbarização do currículo, na medida em que a educação assume a tarefa histórica de enfrentar os processos de desumanização e a falência da cultura, conforme problematizado por Abib e Cordeiro (2018). Segundo os autores, a escola precisa aprender com o outro e apresentar, sem boicotes, a potência das articulações negras e as formas de resistência de culturas que foram sistematicamente silenciadas pelo colonialismo.

O resgate biográfico de Dandara atende à obrigatoriedade instituída pela Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003, ao possibilitar que meninas e mulheres negras encontrem referências positivas de identidade, potência e pertencimento. Sua inclusão no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria, por meio da Lei n.º 13.816, de 2019, representa um passo fundamental para que sua memória ocupe o espaço escolar e inspire novas gerações, convertendo o reconhecimento legal em um processo efetivo de difusão histórica (CAETANO; CASTRO, 2020).

A potência desse resgate foi evidenciada na presente pesquisa por meio das falas das crianças. O estudante Victor afirmou: “A Dandara era uma guerreira” (APÊNDICE G, p. 240), revelando o reconhecimento autônomo de sua coragem e protagonismo histórico. Esses enunciados indicam que Dandara passa a ser compreendida como símbolo de uma ancestralidade em movimento e da capoeira enquanto prática de luta e libertação.

Conforme destaca Arraes (2021), em sua produção de caráter histórico-literário, Dandara atuava lado a lado com Zumbi, sustentando a resistência e o orgulho de Palmares. Apesar das tentativas sistemáticas de apagamento histórico, sua memória permanece viva no trabalho docente comprometido com a valorização da cultura afro-brasileira, na cultura corporal e na resistência contínua de um povo que insiste em afirmar sua própria humanidade (ARRAES, 2021; NASCIMENTO, 2016).

2.5.3 Mestre Bimba e Mestre Pastinha: Memória, Resistência e Construção da Capoeira na Modernidade

A capoeira, enquanto expressão cultural afro-brasileira marcada pela resistência, pela ancestralidade e pela reconstrução identitária, encontra em Mestre Bimba e Mestre Pastinha duas figuras fundamentais para sua preservação e reinvenção no século XX (D'AMORIM; ATIL, 2014). Os autores destacam que ambos os mestres, oriundos das camadas populares e profundamente conectados às tradições negras, contribuíram de forma decisiva para que a capoeira deixasse de ser perseguida e criminalizada, alcançando maior legitimidade social e reconhecimento cultural.

Mestre Bimba, cujo nome era Manoel dos Reis Machado, era um homem negro, pobre e sem instrução formal. Ainda assim, foi reconhecido como sujeito honesto, inteligente, vaidoso e profundamente comprometido com os valores familiares e comunitários (CAMPOS; BOAVENTURA, 2008). Assim como Zumbi, Bimba não desfrutou plenamente dos frutos de sua luta, mas deixou uma marca indelével na história da resistência cultural afro-brasileira (COSTA; VOSS, 2018, p. 776).

Mestre Bimba, cujo nome era Manoel dos Reis Machado, era negro, pobre e sem instrução formal, mas reconhecido como homem honesto, inteligente, vaidoso e profundamente dedicado aos valores familiares e comunitários (CAMPOS; BOAVENTURA, 2008, p. 3; SILVA et al., 2024, p. 84-85). Assim como Zumbi, Bimba não desfrutou plenamente dos frutos de sua luta, mas deixou marca indelével na história (COSTA; VOSS, 2018, p. 776).

No contexto da reinvenção cultural da década de 1930, Ribeiro (2023) destaca o papel de Mestre Bimba no processo de reorganização e legitimação da capoeira, ao afirmar que:

[...] Mestre Bimba, um praticante exímio da capoeira angola, decide redimensioná-la e elabora um novo estilo, lançando mão da mistura de golpes de outras artes marciais, com elementos advindos das danças regionais e da ginástica olímpica, ele cria a sua Luta Regional Baiana, e a sua Capoeira Regional (RIBEIRO, 2023, p. 59).

Marques (2022, p. 10) reforça essa compreensão ao afirmar que Mestre Bimba, “[...] além de praticante de Angola e Batuque, juntou as duas lutas para conseguir formar o que conhecemos como capoeira regional”. Essa síntese é corroborada pelo próprio Mestre Bimba, que, ao refletir sobre o resultado desse processo, declarou: “[...] em 1928 eu criei, completa, a regional, que é o batuque misturado com a angola, com mais golpes, uma verdadeira luta, boa para o físico e para a mente” (CAMPOS; BOAVENTURA, 2008, p. 1).

Além do redesenho técnico, Mestre Bimba estruturou a capoeira a partir de uma pedagogia sistematizada, elaborando sequências de ensino, métodos de treinamento, graduações e normas comportamentais, com ênfase na disciplina e na ética corporal (RIBEIRO, 2023). Em 1937, fundou o Centro de Cultura Física Regional, considerada a primeira academia de capoeira oficialmente reconhecida no Brasil, ao obter alvará de funcionamento, o que contribuiu de forma decisiva para a legitimação da prática no contexto urbano (BATALHA, 2022; SILVA; KEIM, 2017).

A consagração pública da capoeira ocorreu em 23 de julho de 1953, quando Mestre Bimba e seus alunos realizaram uma apresentação no Palácio da Aclamação, em Salvador, diante do então presidente Getúlio Vargas (BATALHA, 2022). O autor insere esse episódio na cronologia das conquistas da capoeira, destacando que, ao final da apresentação, Vargas cumprimentou o mestre e afirmou que a capoeira era o

“[...] único esporte verdadeiramente nacional [...]” (BATALHA, 2022, p. 175), reconhecimento que se consolidou como um marco histórico para essa manifestação cultural.

Esse episódio representou o “[...] reconhecimento oficial da importância da capoeira pelo Estado brasileiro” (FARIA; ARAÚJO, 2018, p. 198), caracterizando-se como uma inflexão política significativa, uma vez que práticas populares historicamente marginalizadas e reprimidas passaram a ser valorizadas pelo poder público. A apresentação de Mestre Bimba consolidou a legitimidade social e política da capoeira, ressaltando sua relevância como prática cultural de resistência (BATALHA, 2022) e como símbolo da herança afro-brasileira (NASCIMENTO, 2016). Esse processo de legitimação alinhou-se ao esforço de Mestre Bimba pela “[...] difusão de uma capoeira que agregasse a história de luta do negro e sua cultura” (OLIVEIRA, 2014, p. 123).

Se Mestre Bimba sistematizou a capoeira no âmbito do treinamento físico e da performance atlética, Vicente Ferreira Pastinha, conhecido como Mestre Pastinha, reafirmou sua dimensão filosófica, ritualística e ancestral, tornando-se o principal representante da Capoeira Angola, assumida como a forma mais antiga da prática, associada às raízes africanas e à espiritualidade negra (D’AMORIM; ATIL, 2014; SALVINO; AMARAL, 2021).

Pastinha defendia que a Capoeira Angola era a capoeira mãe, carregada de mandinga, malícia, jogo simbólico e respeito aos mais velhos, afirmando que o bom capoeirista não é aquele que apenas sabe movimentar o corpo, mas aquele que deixa a alma se movimentar (BATALHA, 2022; D’AMORIM; ATIL, 2014). Sua escola, fundada em 1941 e denominada Centro Esportivo de Capoeira Angola, estruturou um modelo organizativo próprio, no qual havia alunos iniciantes e avançados, funções definidas dentro da roda, sistema de arquivistas, uniformes específicos — camisa amarela e calça preta — e uma musicalidade distinta, marcada pela presença de três berimbaus, pandeiro, reco-reco, agogô e atabaque (BATALHA, 2022).

A Capoeira Angola de Pastinha, jogada mais próxima ao chão e em ritmo lento, reforça valores como ancestralidade, axé e oralidade, recuperando elementos da cosmologia afro-brasileira (GUIMARÃES; FOSTER; CUSTÓDIO, 2022; FARIA; ARAÚJO, 2018). Nessa perspectiva, Pastinha reivindicava que a capoeira não deveria se transformar unicamente em técnica de combate ou espetáculo, mas

preservar-se como um jogo de corpos e espíritos, no qual se expressam segredos, sutilezas e silêncios, constitutivos de uma pedagogia da malícia e da escuta sensível (FALCÃO, 2006 apud RIBEIRO, 2023, p. 62). Tal compreensão desloca a capoeira de uma lógica instrumentalizada para afirmá-la como prática cultural, ética e formativa, sustentada pela experiência coletiva e pela transmissão oral do saber.

Embora tenham desenvolvido práticas distintas, Mestre Bimba e Mestre Pastinha compartilhavam um ponto fundamental: ambos reconheciam que a capoeira tem origem na luta histórica dos negros pela liberdade no Brasil e que sua valorização deve estar indissociavelmente vinculada à memória da resistência (RIBEIRO, 2023). Suas trajetórias e produções, portanto, constituem uma pedagogia da negritude que articula técnica, identidade e cultura como caminhos de enfrentamento à barbárie — expressa no racismo e no apagamento histórico —, reafirmando a capoeira como prática formativa, política e emancipatória (ADORNO, 2024; NASCIMENTO, 2016; RIBEIRO, 2019).

Assim, ao lado de Zumbi dos Palmares e Dandara, Mestre Bimba e Mestre Pastinha ocupam lugar central na construção da memória afro-brasileira. Trabalhar suas trajetórias no âmbito educacional significa reconhecer a capoeira não apenas como prática corporal, mas como um ato político de afirmação da vida, da liberdade e da dignidade negra, historicamente negadas pelo racismo estrutural.

2.6 Considerações finais do capítulo

A reflexão desenvolvida neste capítulo evidencia que a barbárie, embora possua raízes históricas, manifesta-se de forma contínua na contemporaneidade por meio de práticas estruturais de violência, tais como o racismo, a desigualdade social, o machismo e o autoritarismo (ADORNO, 2024; RIBEIRO, 2019). Essas expressões demonstram que a barbárie não deve ser compreendida como um evento isolado do passado, mas como um processo vivo que atravessa as relações sociais, culturais e educacionais no Brasil (ABIB; CORDEIRO, 2018; ADORNO, 2024; PADILHA, 2022). Tal constatação exige uma leitura crítica da sociedade, capaz de reconhecer que a herança colonial ainda sustenta sistemas de dominação que desumanizam determinados corpos, saberes e identidades (NASCIMENTO, 2016).

À luz do pensamento de Adorno (2024), a educação constitui-se como o principal instrumento de enfrentamento à barbárie. O autor afirma que “[...] a tentativa de superar a barbárie é decisiva para a sobrevivência da humanidade [...]” (ADORNO, 2024, p. 170), o que implica repensar a escola como espaço de formação moral e política, orientado para a autonomia, a reflexão crítica e o esclarecimento. Em oposição à reprodução de modelos autoritários e acríticos, a educação deve fomentar a capacidade dos sujeitos de reconhecer, problematizar e rejeitar a violência em todas as suas formas. Para Adorno (2024), o processo educativo só cumpre sua função humanizadora quando desperta a vergonha diante da brutalidade e possibilita a formação de sujeitos conscientes, éticos e solidários.

No contexto brasileiro, essa discussão se entrelaça com as reflexões de Ribeiro (2019), que entende o racismo como um sistema estruturante da barbárie moderna. Para a autora, o combate à barbárie exige a luta antirracista e a ampliação do que denomina lugar de fala, ou seja, o reconhecimento das vozes historicamente silenciadas na produção do conhecimento e na prática social. Ribeiro (2019, p. 19) ressalta que “[...] o silêncio é cúmplice da violência”, apontando-o como um ato de resistência e de reconstrução da humanidade negada (RIBEIRO, 2019). Diante dessa compreensão, o processo de esclarecimento proposto por Adorno (2024) adquire, na perspectiva de Ribeiro (2019), uma dimensão ética e política: educar implica garantir que as narrativas negras sejam ouvidas e legitimadas, rompendo com a lógica excludente que perpetua a barbárie.

O racismo brasileiro configura-se como uma forma de genocídio simbólico e físico da população negra, reproduzindo-se nas instituições, nas representações culturais e no âmbito educacional (NASCIMENTO, 2016). Para o autor, a superação dessa barbárie exige uma reafricanização do pensamento, ou seja, o resgate das epistemologias e valores civilizatórios africanos como base para a construção de uma pedagogia libertadora. Essa proposta converge com a noção adorniana de formação emancipatória, ao defender uma educação voltada à reconstrução da dignidade e ao reconhecimento da plena humanidade dos sujeitos negros.

Com base nessa análise, a capoeira emerge como possibilidade no trabalho docente capaz de articular as reflexões de Adorno (2024), Ribeiro (2019) e Nascimento (2016). Enquanto expressão cultural afro-brasileira historicamente criminalizada e estigmatizada (CASTRO; VENÂNCIO, 2023), a capoeira legitima-se

como instrumento de valorização da diversidade e de combate ao racismo, em consonância com as Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008 (SANTOS; PEREIRA, 2017). Mais do que uma prática corporal, integra luta, jogo, música e memória, configurando-se como meio de emancipação ao promover uma educação crítica, antirracista e inclusiva (GUIMARÃES; FOSTER; CUSTÓDIO, 2022).

Com base nessas reflexões, reafirma-se que o enfrentamento da barbárie pela educação exige não apenas a denúncia das estruturas de opressão, mas também a afirmação de práticas pedagógicas capazes de promover o reconhecimento, a escuta e a valorização das identidades historicamente silenciadas (ADORNO, 2024; NASCIMENTO 2016). Ao articular ancestralidade, corpo e pedagogia, a capoeira constitui-se como um espaço de resistência e criação, no qual o gesto transforma-se em pensamento e a memória torna-se instrumento de libertação (PONSO; ARAÚJO, 2016).

Portanto, a compreensão crítica da barbárie — a partir do diálogo entre Adorno (2024), Ribeiro (2019) e Nascimento (2016) — permite reafirmar que a educação deve assumir um papel ativo na construção de uma sociedade antirracista e emancipada. A capoeira, enquanto trabalho docente crítico e decolonial, constitui-se, assim, como um meio efetivo de enfrentamento da barbárie na sociedade contemporânea, reafirmando a dignidade humana como horizonte ético e político da formação (PONSO; ARAÚJO, 2016; SOARES et al., 1992).

CAPÍTULO 3 - A CAPOEIRA NA ESCOLA COMO PRÁTICA DE RESISTÊNCIA À BARBÁRIE

3.1 Seminários formativos: alinhamento institucional e primeiros diálogos sobre capoeira e barbárie

O seminário realizado com a coordenação pedagógica ocorreu no dia 28 de outubro de 2024, constituindo uma etapa essencial para a implementação da pesquisa no ambiente escolar. O encontro teve como finalidade apresentar o projeto, expor sua fundamentação teórica e discutir seus desdobramentos pedagógicos, garantindo alinhamento ético, institucional e curricular. Nesse momento, foi apresentado o tema da investigação — “O ensino da capoeira para o enfrentamento da barbárie na sociedade atual” — destacando sua relevância no contexto da Educação Básica e sua articulação com as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais. A proposta foi exposta à coordenação enfatizando que a capoeira seria desenvolvida com a turma do 4º ano do Ensino Fundamental, integrando aspectos culturais, históricos e formativos.

Durante o seminário, discutiu-se a justificativa teórica do estudo, apoiada na compreensão de que a escola constitui espaço privilegiado para o enfrentamento das desigualdades e das formas simbólicas e estruturais de violência. Nessa direção, foi retomada a contribuição de Adorno (2024) ao afirmar que a educação precisa atuar em processos de desbarbarização, compreendendo que a sociedade ainda conserva traços de barbárie presentes nas relações cotidianas. Explicou-se que a capoeira, ao integrar movimento, ancestralidade e resistência, torna-se um meio pedagógico capaz de favorecer a consciência crítica e a superação de preconceitos, contribuindo para uma prática educativa que se opõe às lógicas de opressão (PONSO; ARAÚJO, 2016).

Do ponto de vista histórico, a coordenação foi sensibilizada pela compreensão de que a capoeira se constitui como prática de resistência e afirmação cultural, como destacado por Silva et al. (2019, p. 2), “A Capoeira serviu como uma arma contra a opressão ao sistema escravocrata [...] e sua maior vitória foi permanecer como manifestação da cultura corporal [...] representando a resistência dos negros contra a escravidão.” Essa perspectiva articulou-se à necessidade de romper com visões estereotipadas e folclorizadas, reconhecendo a capoeira como patrimônio cultural e meio de afirmação identitária (ABIB; CORDEIRO, 2018). Também foram retomadas

as contribuições de Soares et al. (1992), que defendem o resgate de sua historicidade e dimensão política, e de Nascimento (2016), ao enfatizar práticas educativas que enfrentem o racismo estrutural e valorizem a cultura afro-brasileira.

Nesse diálogo com a coordenação pedagógica, foram também apresentados os objetivos específicos da pesquisa, que consistem em compreender os conhecimentos e significados atribuídos pelos estudantes à capoeira no contexto escolar; analisar a capoeira enquanto expressão cultural afro-brasileira no contexto escolar; dialogar sobre o movimento escravocrata, capoeira e barbárie de forma crítica; analisar como os alunos veem a capoeira e a barbárie e reflexionar sobre barbárie, propondo ações críticas mediadoras e transformadoras. A coordenação compreendeu como esses objetivos se articulam com o Projeto Político-Pedagógico da escola e com a legislação vigente, reconhecendo que a pesquisa contribui para o fortalecimento da educação antirracista no contexto escolar.

A coordenadora demonstrou entusiasmo ao compreender que o projeto poderia ampliar a formação cultural dos estudantes, estimular o respeito à diversidade e favorecer o protagonismo estudantil. Manifestou apoio integral à execução das etapas, colocando-se à disposição para mediações, organização de espaços e suporte institucional. Essa acolhida fortaleceu o sentimento de segurança acadêmica do pesquisador, uma vez que o respaldo da gestão escolar é fundamental para o desenvolvimento de práticas formativas consistentes.

O seminário, portanto, consolidou o ambiente favorável para o início das ações pedagógicas, sendo as sequências didáticas subsequentes conduzidas com legitimidade institucional e coerência metodológica. Assim, esse encontro não apenas apresentou o projeto, mas reafirmou a escola como espaço de resistência, reflexão e reconstrução de sentidos — coerente com a perspectiva de que educar é um ato político, cultural e social.

A consolidação desse alinhamento institucional constituiu condição indispensável para o avanço da pesquisa junto ao público discente. Uma vez assegurado o respaldo ético, pedagógico e político da coordenação escolar, tornou-se possível deslocar o foco da investigação para o espaço central da prática educativa: o encontro direto com os estudantes. Assim, o seminário com a coordenação não se configurou como uma ação isolada, mas como etapa preparatória que legitimou e sustentou a realização do seminário com os alunos, momento em que os

pressupostos teóricos e formativos do estudo passaram a ser tensionados a partir das percepções, vivências e conhecimentos prévios das crianças acerca da capoeira, da cultura afro-brasileira, do racismo e da barbárie.

O seminário com os estudantes foi realizado após a aprovação do Comitê de Ética, configurando-se como etapa inicial da pesquisa e tendo por objetivo identificar os conhecimentos prévios dos alunos sobre capoeira, cultura afro-brasileira, preconceito, racismo e barbárie. Participaram 15 estudantes do 4º ano do Ensino Fundamental, organizados em roda, em um ambiente de diálogo aberto, conforme orienta Gil (2002) ao tratar o seminário como instrumento de investigação-formação no âmbito da pesquisa-ação.

Durante o encontro, foram feitas perguntas diretas, registradas individualmente, a fim de captar percepções espontâneas dos alunos. As respostas revelaram um conjunto de compreensões heterogêneas, que oscilam entre conhecimentos prévios consolidados e lacunas significativas, especialmente no que se refere à cultura afro-brasileira.

Quadro 1 – Resultados do seminário com os estudantes (outubro de 2024)

Nº	Pergunta realizada	Respostas dos estudantes	Síntese interpretativa
1	Vocês sabem o que é capoeira?	12 responderam sim; 3 responderam não.	A maioria dos estudantes reconhece a capoeira, embora parte do grupo não possua referências suficientes para identificá-la.
2	Vocês já ouviram falar em preconceito, racismo e barbárie?	13 responderam sim; 2 responderam não.	Os alunos demonstram contato frequente com os temas, refletindo a presença desses debates — ou dessas práticas — no cotidiano social.
3	Vocês já ouviram falar em cultura afro-brasileira?	10 responderam não; 5 responderam sim.	Há uma lacuna expressiva no reconhecimento da cultura afro-brasileira, o que reforça a necessidade de práticas pedagógicas voltadas para sua valorização.
4	Vocês sabiam que a capoeira é uma luta de resistência criada pelos	14 responderam sim; 1 respondeu não.	Os alunos já possuem noções iniciais sobre a relação entre capoeira e escravidão, embora sem

	negros escravizados?		aprofundamento histórico.
5	Vocês acreditam que a capoeira pode ser usada para combater o preconceito e o racismo?	10 responderam sim; 5 responderam não.	Parte significativa reconhece o potencial transformador da capoeira, mas ainda há resistência ou desconhecimento sobre sua função social e educativa.

Fonte: elaborado pelo autor (2024).

A análise das informações dos dados coletados no seminário — composto por respostas objetivas registradas pelos estudantes — revela um panorama importante sobre suas percepções iniciais em relação à capoeira, ao preconceito, ao racismo, à cultura afro-brasileira e ao potencial educativo dessa prática. As respostas, embora curtas e diretas, permitem identificar tendências significativas que justificam a relevância da pesquisa e reforçam a necessidade de uma abordagem pedagógica crítica.

No que diz respeito ao conhecimento sobre capoeira, 12 dos 15 estudantes afirmaram saber o que é essa prática. Esse resultado indica que a capoeira aparece no imaginário juvenil como uma manifestação reconhecida, ainda que tal reconhecimento não garanta compreensão sobre sua historicidade ou seu caráter de resistência. Aqui é possível retomar Adorno (2024), ao afirmar que a cultura, por si só, não garante formação crítica, pois “[...] não cumpriu a sua promessa” e acabou sendo incapaz de gerar consciência emancipadora (p. 178-179). Para que haja reflexão autônoma, é necessário que os processos educativos tornem “[...] transparentes em sua finalidade humana” as práticas culturais (ADORNO, 2024, p. 175).

Quanto ao entendimento sobre preconceito, racismo e barbárie, 13 alunos responderam positivamente. Esse dado indica que, ainda que não dominem os conceitos em profundidade, os estudantes percebem que tais fenômenos fazem parte de sua realidade social. Adorno (2024) lembra que “[...] a barbárie existe em toda parte em que há uma regressão à violência física primitiva, sem que haja uma vinculação transparente com objetivos racionais na sociedade [...]” (p. 174). O reconhecimento preliminar dos alunos, portanto, abre espaço para um diálogo formativo que permita compreender essas expressões de violência em suas dimensões históricas e sociais, articulando a experiência escolar com a crítica à barbárie presente no cotidiano.

Em contrapartida, apenas 5 alunos afirmaram conhecer a cultura afro-brasileira, enquanto 10 disseram nunca ter ouvido falar sobre o tema. Esse dado revela uma lacuna significativa, pois mesmo reconhecendo o racismo e compreendendo que a capoeira tem origem na resistência dos negros escravizados, muitos estudantes ainda não estabelecem relação direta com a cultura afro-brasileira (NASCIMENTO, 2016), como matriz histórica dessas práticas.

Segundo Costa e Voss (2018), a capoeira não pode ser compreendida apenas como prática corporal, pois se constitui historicamente como forma de resistência negra. Os autores afirmam que “a resistência negra se fez e se faz contra o preconceito, a discriminação, os abusos e intolerâncias [...] as práticas culturais e as artes, como a capoeira, transformam as lutas em ações pedagógicas” (COSTA; VOSS, 2018, p. 781). Assim, quando os alunos reconhecem a capoeira, mas não reconhecem a cultura afro-brasileira, evidencia-se justamente o processo descrito pelos autores: a permanência da prática esvaziada de sua historicidade e de seus sentidos políticos. Esse distanciamento reforça a necessidade de um trabalho escolar que reconecte a capoeira às suas raízes, à resistência e à memória coletiva da população negra.

De modo semelhante, D’Amorim e Atil (2014) demonstram que a capoeira nasce de experiências reais de opressão, fuga, sobrevivência e organização coletiva dos africanos escravizados. Logo, desconhecer a cultura afro-brasileira significa desconhecer as condições históricas que originaram a própria capoeira, reforçando um distanciamento entre prática e memória.

A dissociação entre a prática da capoeira e o reconhecimento da cultura afro-brasileira pode ser compreendida à luz da reflexão de Adorno (2024) sobre a barbárie como produto da própria falência cultural. Como afirma o autor: “A cultura, que conforme sua própria natureza promete tantas coisas, não cumpriu a sua promessa. Ela dividiu os homens.” (ADORNO, 2024, p. 178). Quando a cultura deixa de cumprir sua função formativa e passa a produzir distanciamentos, silenciamentos e apagamentos, cria-se um terreno fértil para a reprodução da barbárie (ADORNO, 2024). Assim, o fato de muitos estudantes reconhecerem a capoeira, mas não sua matriz cultural africana, expressa um tipo de não saber socialmente produzido — um efeito direto dessa divisão e dessa ruptura histórica, que dificulta o acesso à memória crítica e à compreensão das lutas da população negra.

Assim, os dados reforçam a necessidade de práticas pedagógicas que restituam à capoeira sua historicidade e reconheçam sua relação com a resistência negra, pois é fruto desse processo. Como lembram Guimarães, Foster e Custódio (2022, p. 109), “as características que identificam a Capoeira como uma prática educacional são muitas [...] bem como o seu uso político”, evidenciando sua construção enquanto forma de enfrentamento à opressão.

Sobre a pergunta que abordou a capoeira como luta de resistência dos negros escravizados, 14 estudantes responderam que sim. Esse dado demonstra que, ainda que falte compreensão sobre cultura afro-brasileira, o vínculo entre capoeira e escravidão é relativamente conhecido. Tal reconhecimento, mesmo que inicial, possibilita iniciar com os alunos reflexões sobre opressão, violência e resistência — elementos que dialogam diretamente com a noção de barbárie enquanto prática social estruturada (ADORNO, 2024).

Por fim, quando questionados se a capoeira pode combater o preconceito e o racismo, 10 alunos responderam afirmativamente, enquanto 5 disseram que não. O dado mostra que parte significativa dos estudantes reconhece o potencial educativo da capoeira, mas uma parcela ainda não compreende suas dimensões políticas e formativas. Esse cenário indica a necessidade de ações pedagógicas que articulem prática corporal, historicidade e crítica social — princípio que orienta a presente pesquisa (SOARES et al., 1992).

Assim, as respostas do seminário mostram que os estudantes possuem conhecimentos fragmentados: reconhecem o racismo, sabem que a capoeira existe e que tem relação com a escravidão, mas apresentam lacunas sobre cultura afro-brasileira e sobre o papel da capoeira como meio antirracista. Esses dados justificam a proposta pedagógica desenvolvida nesta pesquisa, que se fundamenta na necessidade de enfrentar a barbárie ainda presente no cotidiano escolar por meio da valorização da cultura afro-brasileira e da capoeira enquanto prática crítica e conscientizadora.

3.2 Análise comparativa dos formulários e evolução das percepções dos estudantes

A aplicação dos dois formulários — o diagnóstico inicial (31/10/2024), com 13 estudantes, e o formulário final (26/11/2024), com 17 estudantes — permitiu observar

mudanças significativas na compreensão dos alunos acerca da capoeira, da cultura afro-brasileira e das noções de racismo, discriminação e barbárie. Essa comparação revela indícios de aprendizagem conceitual, amadurecimento crítico e ampliação da consciência social, elementos coerentes com o propósito da pesquisa.

A primeira questão, que investigava a percepção dos estudantes sobre a contribuição da população negra para o Brasil, apresentou um crescimento significativo: no diagnóstico inicial, apenas 9 alunos marcaram a alternativa correta; no formulário final, 16 estudantes reconheceram essa contribuição histórica, cultural e social. Esse avanço dialoga com a reflexão de Abib e Cordeiro (2018), que afirmam: “[...] mais do que acrescentar nos conteúdos curriculares elementos da cultura negra [...], a escola precisa apresentar sem eufemismos toda a barbárie à qual foram submetidos pelo colonizador e todas as suas formas de resistência” (ABIB; CORDEIRO, 2018, p. 231). Assim, o aumento desse reconhecimento pelos estudantes indica um movimento de enfrentamento aos apagamentos históricos que marcaram a formação social brasileira.

Na segunda questão, que tratava da chegada dos negros ao Brasil, o aumento também foi expressivo: de 13 acertos no formulário inicial para 15 no final. Essa ampliação do entendimento indica um deslocamento da visão ingênua para uma percepção crítica sobre o processo de escravização. Tal movimento segue a perspectiva de Nascimento (2016), ao afirmar que “[...] A imediata exploração da nova terra se iniciou com o simultâneo aparecimento da raça negra, fertilizando o solo brasileiro com suas lágrimas, seu sangue, seu suor e seu martírio na escravidão [...]” (NASCIMENTO, 2016, p. 57), revelando a necessidade de compreender esse processo como fundante da sociedade brasileira.

Os resultados referentes ao entendimento da capoeira como uma luta disfarçada em dança revelam um avanço significativo entre o diagnóstico inicial e o formulário final. No primeiro momento, 12 estudantes identificaram corretamente essa característica; ao final, esse número aumentou para 14, indicando ampliação da compreensão histórica da prática. Este avanço demonstra que os alunos passaram a reconhecer a capoeira como uma manifestação marcada pela resistência e pela luta dos negros escravizados, e não apenas como jogo ou brincadeira. Essa interpretação encontra respaldo no Soares et al. (1992, p. 76), ao afirmarem que a capoeira expressa, em seus gestos, a luta de emancipação do negro no Brasil escravocrata,

revelando “[...] “a voz” do oprimido na sua relação com o opressor”. Assim, os dados indicam que o processo pedagógico contribuiu para superar visões superficiais, fortalecendo leituras que reconhecem seu caráter histórico, político e de enfrentamento.

Na questão referente à proibição da capoeira no passado, observou-se um avanço significativo na compreensão dos estudantes. No formulário inicial, apenas 6 alunos identificaram que a repressão à capoeira estava relacionada ao medo, ao controle social e às injustiças estruturais, enquanto no formulário final esse número aumentou para 7 respostas corretas, mesmo com um número maior de participantes. Esse crescimento indica que os estudantes passaram a reconhecer a capoeira não apenas como prática corporal, mas como expressão histórica de resistência diante da violência institucional. Essa ampliação interpretativa dialoga com Adorno (2024), ao destacar que a educação deve atuar na superação dos vestígios de barbárie que persistem na sociedade. Assim, os dados apontam para uma formação de consciência crítica em desenvolvimento, resultado das intervenções pedagógicas realizadas.

A evolução observada na compreensão dos estudantes sobre barbárie e violência — que passou de 8 acertos no diagnóstico inicial para 14 ao final da proposta pedagógica — evidencia um desenvolvimento significativo na capacidade de identificar situações de injustiça e desigualdade como expressões concretas da barbárie social. Esse avanço está diretamente relacionado ao propósito formativo desta pesquisa, voltado ao enfrentamento das formas de brutalidade simbólica e estrutural presentes no cotidiano escolar. A partir dessas reflexões, dialoga com a perspectiva de Adorno, que afirma que “[...] a tentativa de superar a barbárie é decisiva para a sobrevivência da humanidade [...]” (ADORNO, 2024, p. 170).

A compreensão sobre discriminação racial e racismo também apresentou avanço significativo ao longo da proposta pedagógica. Na questão 8, os acertos aumentaram de 8 para 12; na questão 9, de 12 para 15. Esses resultados indicam que os estudantes passaram a reconhecer com maior clareza as desigualdades raciais e as práticas discriminatórias presentes no cotidiano. Esse movimento formativo dialoga diretamente com a perspectiva de Ribeiro (2019), para quem não é possível combater o racismo sem antes nomeá-lo e reconhecê-lo, uma vez que “[...] não podemos combater o que não tem nome [...] reconhecer o racismo é a melhor

forma de combatê-lo [...]” (RIBEIRO, 2019, p. 11). Em consonância com essa discussão, o crescimento observado evidencia um processo inicial de desenvolvimento de consciência antirracista, entendido por Ribeiro (2019, p. 19) como esforço contínuo, pois “[...] é algo que está em nós e contra o que devemos lutar sempre”. Assim, os dados mostram que a proposta pedagógica contribuiu para que os estudantes não apenas identificassem situações de racismo, mas passassem a compreendê-las como problema estrutural que exige posicionamento crítico e ativo.

Outro dado relevante aparece na questão 10, que abordava a capoeira como instrumento de combate à violência e à barbárie. No diagnóstico inicial, 9 estudantes assinalaram a alternativa correta; no formulário final, 12 passaram a reconhecer a capoeira como promotora de atitudes relacionadas ao respeito, à disciplina e à convivência. Esse avanço dialoga com o que defendem Santos e Pereira (2017), para quem a capoeira, quando desenvolvida pedagogicamente, exerce um importante papel social, contribuindo para a formação de sujeitos capazes de conviver com as diferenças, minimizar preconceitos e construir relações pautadas no reconhecimento do outro. Assim, a evolução observada no desempenho dos estudantes reforça a dimensão educativa da capoeira, especialmente no que se refere à promoção de práticas que enfrentam desigualdades e fortalecem vínculos coletivos.

Por fim, na questão 11, referente às atitudes diante de injustiças, os acertos passaram de 11 no início para 14 ao final, indicando um avanço importante no desenvolvimento moral e social dos estudantes. Esse resultado reforça o papel da escola como espaço de formação cidadã, em sintonia com a reflexão de Adorno, que afirma que a educação deve produzir uma profunda rejeição à brutalidade, de modo que “[...] as pessoas comecem a ser inteiramente tomadas pela aversão à violência física.” (ADORNO, 2024, p. 180), de modo “[...] que o último adolescente do campo se envergonhe quando, por exemplo, agride um colega com rudeza, ou se comporta de um modo brutal com uma moça [...]” (ADORNO, 2024, p. 180).

Estes dados comparativos mostram que os estudantes ampliaram significativamente seus conhecimentos e construíram percepções mais críticas sobre a capoeira, a história negra e o enfrentamento da barbárie social. Conforme destaca Adorno (2024), a educação deve assumir o compromisso de superar práticas violentas, discriminatórias e desumanizantes — exatamente o movimento observado ao longo desta pesquisa.

No quadro a seguir destaca-se falas dos estudantes registradas na roda de conversa gravada.

Quadro 2 – Falas selecionadas da roda de conversa relacionadas ao formulário

Estudante	Fala registrada	Significado interpretativo
Vinicius	“Fácil, legal.”	Demonstra familiaridade e segurança com os temas.
Neymar Junior	“A maioria [já tinha ouvido], mas barbárie não me lembro.”	Indica lacuna conceitual específica sobre barbárie.
Yara	“Já tinha ouvido falar... preconceito e racismo muito.”	Reconhecimento prévio das temáticas raciais.
Luana	“Minha mãe me ensinou que não é para mim fazer com ninguém.”	Dimensão ética baseada na orientação familiar.
Participante 1	“É ruim.” (sobre racismo)	Percepção moral direta da injustiça.
Participante 2	“Já fizeram racismo comigo.”	Evidência de vivência concreta de violência racial.
Yara	“Aqui no recreio já teve um menino que foi racista com a Participante 2.”	Confirmação da ocorrência e silêncio coletivo.
Edson Arantes	“Direitos iguais, o Brasil não sendo racista.”	Representação de igualdade e justiça.
Cristiano Ronaldo	“Tem que ter respeito com o negro, não ter direitos diferentes.”	Consciência de equidade.
Luana	“Todo mundo tem direitos iguais.”	Compreensão de igualdade cidadã.
Miguel	“Isso é crime.”	Reconhecimento da dimensão legal do racismo.

Fonte: elaborado pelo autor (2024).

As falas demonstram que o racismo não é apenas um conceito abstrato para os estudantes, mas uma realidade vivida e observada no ambiente escolar. A

capoeira aparece como possibilidade de enfrentamento social e pedagógico, o que reforça a relevância da pesquisa.

3.3 Racismo religioso, exclusão e implicações pedagógicas na pesquisa

No dia 30 de outubro de 2024, durante a coleta dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e de Assentimento (TALE), um estudante informou que não participaria da pesquisa porque seu pai, pastor evangélico, havia proibido sua participação nas atividades de capoeira. A decisão foi respeitada, e o aluno recebeu outras tarefas durante a proposta pedagógica. Embora pontual, o episódio revelou a permanência do racismo religioso no contexto escolar. Conforme Silva et al. (2024), tal fenômeno constitui um dos principais fatores de silenciamento da capoeira na escola, uma vez que muitos grupos pentecostais e neopentecostais a associam às religiões de matriz africana e, por isso, a rejeitam como prática vinculada à “magia” ou mesmo considerada “coisa do diabo” (SILVA *et al.*, 2024, p. 82). Essa recusa ultrapassa a esfera religiosa, atingindo dimensões culturais e identitárias do povo negro e contribuindo para o reforço de processos de apagamento e discriminação racial.

Esse episódio evidencia que a capoeira — enquanto prática cultural, corporal e histórica de matriz africana — permanece sujeita a estigmatizações que a associam a elementos negativos ou considerados incompatíveis com determinadas tradições religiosas. Tal rejeição não é fruto de interpretações isoladas, mas expressão de um processo histórico mais amplo de demonização das culturas afro-brasileiras (SILVA *et al.*, 2024). Colaborando com essa ideia, Martins (2021) ressalta que não é possível desvincular a capoeira de sua origem em um contexto de violência colonial e de resistência negra, afirmando explicitamente que “não há como, por assim dizer, dissociar o projeto colonial, destacadamente racista, da criação da capoeira no Brasil [...]” Martins (2021, p. 15). Ao evidenciar que essa prática foi reiteradamente perseguida, distorcida e alvo de tentativas de adaptação e controle, o autor demonstra como mecanismos históricos de opressão — entre eles o racismo religioso — continuam incidindo sobre manifestações de matriz africana, como a capoeira (Martins 2021).

Essa forma de preconceito, como demonstram Silva et al. (2024), não incide apenas sobre determinadas religiões, mas sobre aquilo que os autores definem como um modo de vida negro, manifestado em práticas culturais que extrapolam o espaço religioso — entre elas, a capoeira. Segundo os autores, o racismo religioso opera mediante discursos moralizantes, criminalizadores e patologizantes, que produzem narrativas de medo e rejeição dirigidas a referências das ancestralidades africanas, é justamente esse tipo de narrativa que se reproduz também no ambiente familiar, restringindo o acesso de crianças e jovens a práticas culturais que compõem a própria formação histórica e identitária do Brasil (SILVA et al., 2024).

Como demonstram Abib e Cordeiro (2018), o persistente silenciamento da cultura negra — forjado pelo colonialismo e ainda reproduzido nas práticas sociais atuais por meio do racismo estrutural, do fundamentalismo religioso e de outras formas de discriminação — mantém marginalizados os saberes oriundos das manifestações afro-brasileiras. Mesmo a capoeira, que reúne uma forte dimensão ancestral, um papel histórico de resistência e modos próprios de ensinar e aprender, permanece frequentemente submetida a estigmas, esse quadro contribui para que muitas famílias ainda a interpretem a partir de heranças coloniais, reproduzindo visões que a associam ao erro, à ameaça ou à proibição, em vez de reconhecê-la como expressão legítima da cultura popular brasileira (ABIB; CORDEIRO, 2018).

Além disso, conforme demonstra Souza (2020), a rejeição de parte das famílias à prática da capoeira na escola está diretamente vinculada ao preconceito contra as culturas afro-brasileiras. Essa resistência decorre de concepções profundamente enraizadas desde a diáspora, reforçadas tanto pela demonização religiosa das populações negras quanto pela permanência de visões eurocêtricas no imaginário social (SOUZA, 2020). O autor mostra que esse preconceito se expressa de forma explícita quando afirma que muitas manifestações afro-brasileiras ainda carregam “[...] uma visão de inferioridade religiosa, de uma religião de louvor ao Diabo, de bruxarias, de macumbeiros ou de outras formas pejorativas [...]” (SOUZA, 2020, p. 9). Tais estigmas atravessam gerações e continuam a impactar negativamente a implementação das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 (BRASIL, 2003, 2008), no cotidiano escolar, contribuindo para a persistência do racismo religioso e para o silenciamento da capoeira no espaço educativo.

Diante disso, é possível compreender que a exclusão do estudante durante a coleta dos termos não representa apenas uma decisão particular, mas um reflexo das formas contemporâneas de barbárie, como analisado por Adorno (2024). Para o filósofo, a barbárie não se expressa apenas em violência física, mas também nos mecanismos sutis e institucionalizados que produzem exclusão, silenciamento e negação da pluralidade. Assim, impedir uma criança de participar de uma prática cultural afro-brasileira é também uma forma de barbárie — simbólica, silenciosa e estrutural.

Ao mesmo tempo, o episódio confirma a pertinência deste estudo, cujo propósito é analisar como o ensino da capoeira pode contribuir para o enfrentamento dessas formas de barbárie. Como afirmam Salvino e Amaral (2021), ao ser incorporada criticamente ao contexto escolar, a capoeira é capaz de “[...] romper algumas barreiras impostas ao longo dos anos, como por exemplo, o preconceito religioso [...]” (SALVINO; AMARAL, 2021, p. 126), além de promover a integração entre dimensões cognitivas, afetivas e psicomotoras, ampliando processos de ensino e aprendizagem.

Do ponto de vista metodológico, a situação exigiu postura ética e sensível. O pesquisador garantiu que o aluno não fosse exposto ou constrangido, assegurando seu direito à participação em atividades alternativas. Ao registrar e analisar o episódio, torna-se possível compreender como o racismo religioso atravessa o cotidiano escolar e influencia decisões das famílias, repercutindo diretamente nas experiências formativas.

Por fim, esse acontecimento reforça que o combate ao racismo religioso é parte essencial da construção de uma educação antirracista e humanizadora. Reconhecer e valorizar práticas como a capoeira não é apenas uma escolha pedagógica, mas uma exigência ética e histórica para superar processos de silenciamento e exclusão que constituem a barbárie contemporânea. Assim, afirmar a capoeira na escola significa afirmar a ancestralidade, a dignidade e a potência criadora do povo negro — o que está diretamente alinhado aos objetivos desta pesquisa.

3.4 Resultados do processo de assinatura do TCLE, TALE e escolha de nomes pelos estudantes

O processo inicial de implementação da pesquisa, realizado em 29 e 30 de outubro de 2024, evidenciou tanto a mobilização das famílias quanto o envolvimento dos estudantes. A etapa de assinatura dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) configurou um momento de diálogo direto com os responsáveis, aspecto central da pesquisa de campo, conforme Gil (2002), para quem a coleta de dados depende do contato direto e da observação do contexto investigado. No primeiro dia, onze responsáveis compareceram em diferentes horários, como registrado em diário de campo: “Nesta data atendi alguns responsáveis na chegada da escola às 13:00 [...] e aguardei terminar o ensaio da banda marcial às 18:30” (APÊNDICE F, p. 137). Esse esforço para assegurar a participação ética de todos os envolvidos articula-se ao que defendem Abib e Cordeiro (2018) sobre a necessidade de práticas educativas dialógicas, que reconheçam e respeitem os modos de participação do outro.

A receptividade geral foi positiva, com responsáveis que demonstraram apoio explícito ao projeto. Como registrado: “[...] A aceitação por parte dos responsáveis foi positiva, muitos parabenizaram pela iniciativa [...]”. (APÊNDICE F, p. 138). Houve, porém, questionamentos que revelam imaginários sociais ainda presentes no contexto escolar. Um dos responsáveis, por exemplo, expressou receio quanto ao caráter prático da capoeira, perguntando “[...] se a estudante não iria treinar de verdade [...]” (Apêndice F, p. 138). Após esclarecimentos sobre o enfoque lúdico e pedagógico da proposta, “[...] o pai então demonstrou mais tranquilidade e assinou o termo”. (APÊNDICE F, p. 138). Esse episódio dialoga com Salvino e Amaral (2021) que destacam que ao ser inserida criticamente no contexto escolar, a capoeira amplia suas possibilidades pedagógicas e contribui para o enfrentamento de preconceitos, especialmente no que diz respeito à valorização da cultura afro-brasileira e ao combate a estigmas historicamente construídos.

No dia subsequente, o trabalho centrou-se na finalização das assinaturas de TCLE, leitura e assinatura dos Termos de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), bem como na escolha dos nomes fictícios que seriam utilizados na pesquisa — um momento marcado por entusiasmo e forte participação dos estudantes (APÊNDICE

G, p. 177). O diário registra que “os alunos estão bem empolgados e agitados com a pesquisa, solicitaram várias vezes aos seus pais para irem à escola para assinar documentos [...]”. (APÊNDICE F, p. 140). Esse comportamento expressa não apenas interesse, mas também o reconhecimento das crianças como sujeitos ativos do processo investigativo, aspecto valorizado nas pedagogias de matriz africana, que, segundo Abib e Cordeiro (2018), priorizam o pertencimento comunitário, a oralidade e a participação coletiva.

A animação observada no grupo, contudo, também trouxe desafios organizacionais. Durante a leitura do TALE, o diário registra que “o excesso de agitação gerou algumas atitudes indisciplinadas [...]” (APÊNDICE F, p. 140), exigindo maior mediação docente e um espaço de construção conjunta de regras de convivência. Essa necessidade dialoga com a compreensão de Abib e Cordeiro (2018), para quem o aprendizado na capoeira se estrutura na convivência, na oralidade e na participação coletiva, sendo produzido nas relações e nas experiências compartilhadas — assim como ocorre na roda, onde se aprende vivendo, trocando e respeitando o grupo.

A escolha dos nomes fictícios configurou-se como um momento formativo, estimulando autonomia e pertencimento entre os estudantes, ao mesmo tempo em que consolidou o engajamento com a pesquisa. Contudo, desafios emergiram, como relatado por uma aluna ao afirmar que a mãe “[...] trabalha muito e não tem tempo de ir à escola para assinar o TCLE” (APÊNDICE F, p. 140), situação que evidenciou limitações externas que interferem no direito de participação. De forma mais sensível, observou-se a tristeza do estudante cujo responsável não autorizou sua presença: no diário consta que o aluno “[...] percebe-se pelo olhar do mesmo, a tristeza em não poder participar da pesquisa e das aulas [...]” (APÊNDICE F, p. 140), o que reforça os impactos afetivos das decisões familiares sobre a experiência escolar.

Mesmo diante dessas tensões, o processo demonstrou forte potencial educativo ao articular escuta, diálogo e construção coletiva — dimensões coerentes com práticas culturais de matriz africana como a capoeira — e, conforme indicam Salvino e Amaral (2021), essa manifestação possibilita interdisciplinaridade e constitui uma prática capaz de tratar “[...] a discussão sobre o desafio da igualdade, inclusão e respeito à diversidade étnica e racial” (SALVINO; AARAL, 2021, p. 119), favorecendo

o engajamento e a participação estudantil, o que converge diretamente com o observado nesta etapa da pesquisa.

Por fim, o diário sintetiza a avaliação docente da atividade: “Apesar da indisciplina de alguns alunos, a aula foi proveitosa e realizamos a assinatura do TALE e escolha dos nomes [...]” (APÊNDICE F, p. 141). Esse registro demonstra que, mesmo atravessada por tensões e ajustes, a etapa inicial da pesquisa cumpriu seus objetivos de forma ética e dialogada, reafirmando o compromisso da investigação com um processo educativo que, conforme defendem Abib e Cordeiro (2018), reconhece saberes, respeita diferenças e valoriza a participação coletiva como fundamento da formação humana.

3.5 As práticas pedagógicas: ludicidade, musicalidade e resistência

As intervenções pedagógicas iniciais privilegiaram abordagens lúdicas e a musicalidade da capoeira, priorizando atividades voltadas ao reconhecimento dos principais instrumentos — berimbau, pandeiro, atabaque e agogô —, bem como à experimentação de sons e à realização de jogos rítmicos em grupo. Essas ações possibilitaram o primeiro contato dos estudantes com os elementos estruturantes da prática, articulando corpo, ritmo e coletividade.

Essa etapa teve como objetivo aproximar as crianças dos fundamentos culturais da capoeira de forma participativa e acessível, favorecendo a criação de um ambiente marcado pela curiosidade, pelo envolvimento e pelo encantamento. Ao valorizar o brincar e a vivência sensível, buscou-se estabelecer uma base formativa que favorecesse o interesse, a escuta e a disposição para aprendizagens posteriores mais complexas.

Ao longo das vivências, as manifestações verbais dos estudantes revelaram diferentes compreensões acerca dos instrumentos e da articulação entre música e movimento corporal. As falas evidenciaram que as crianças passaram a perceber a musicalidade como elemento constitutivo das atividades desenvolvidas, ainda que de formas distintas.

Enquanto alguns alunos enfatizaram o aspecto lúdico das dinâmicas rítmicas e das brincadeiras propostas, outros demonstraram reconhecer a música como

componente fundamental da roda de capoeira, compreendendo sua função para além do entretenimento, como parte estruturante da prática.

Quadro 3 – Falas reais dos alunos sobre ludicidade e musicalidade da capoeira (aulas iniciais, 2024)

Estudante	Fala registrada no diário de campo	Síntese interpretativa
Aluno (NEE) – Aula 06 (08/11/2024)	“Estou gostando da capoeira.”	Expressa entusiasmo e envolvimento afetivo com a prática corporal e musical.
Estudantes em geral – Aula 06 (08/11/2024)	“Queriam tocar o berimbau, relataram que era muito interessante.”	Indica forte curiosidade e desejo de experimentar os instrumentos da capoeira.
Estudantes – Aula 21/11/2024	“Os alunos relataram que gostaram e alguns saíram para o recreio cantando partes das músicas trabalhadas.”	Demonstra apropriação espontânea da musicalidade e continuidade da experiência além da aula.
Aluna Gabriela – Aula 19/11/2024	“Não estava mais brincando quando estouraram meu balão.”	Revela envolvimento emocional com as atividades lúdicas e compreensão corporal do jogo.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

As falas registradas no diário de campo indicam que, já no primeiro contato com a prática, as crianças passaram a reconhecer a capoeira como uma manifestação que ultrapassa o caráter estritamente combativo, articulando corpo, música e vivência coletiva. Essa compreensão inicial se manifesta quando se observa que os estudantes “[...] queriam tocar, na vivência, viram que o ‘tocar’ não é tão simples, mas mostraram motivação em aprender.” (APÊNDICE F, p. 150), revelando curiosidade, envolvimento e disposição para o aprendizado dos elementos constitutivos da prática. Do mesmo modo, o registro de que “Os alunos ficaram muito envolvidos com este momento, cantando e batendo palmas [...]” (APÊNDICE F, p. 167) evidencia a participação ativa e o reconhecimento da musicalidade como parte indissociável da experiência da capoeira.

Essas percepções iniciais dialogam diretamente com a perspectiva apresentada por Soares et al. (1992), ao defenderem que o ensino da capoeira deve preservar sua historicidade e sua dimensão cultural, evitando abordagens

reducionistas. Em diálogo com essa perspectiva, Ponso e Araújo (2016) enfatizam que o trabalho pedagógico com os fundamentos da capoeira em suas múltiplas dimensões — com destaque para a musicalidade — constitui uma prática educativa potencialmente transformadora no contexto escolar, favorecendo processos formativos que integram expressão corporal, identidade cultural e coletividade.

Do ponto de vista pedagógico, a ludicidade foi essencial para o engajamento inicial, permitindo que os alunos se sentissem parte da experiência. Isso aparece de forma concreta no diário, que registra que os estudantes se “[...] divertiram na brincadeira [...]” (APÊNDICE F, p. 143) e que o envolvimento foi marcado por “[...] animação e entusiasmo de todos [...]” (APÊNDICE F, p. 145). Como destaca Vygotsky (2007), o jogo é um espaço privilegiado para a aprendizagem, pois mobiliza imaginação, regras sociais e cooperação.

A musicalidade assumiu um papel central na mediação das interações entre os estudantes, favorecendo processos de escuta atenta, organização rítmica e construção de vínculos coletivos. Ao mesmo tempo, contribuiu para o fortalecimento do caráter cultural e identitário da capoeira, possibilitando que os alunos compreendessem a prática para além do movimento corporal, como expressão simbólica e socialmente compartilhada.

Esse impacto torna-se evidente quando, após as vivências com instrumentos e cantigas, os estudantes “[...] saíram para o recreio cantando partes das músicas trabalhadas [...]” (APÊNDICE F, p. 168). Tal comportamento revela não apenas a assimilação dos conteúdos, mas também a continuidade do processo formativo para além do espaço formal da aula, indicando que a aprendizagem foi incorporada de maneira significativa ao cotidiano dos alunos.

3.5.1 Jogos corporais e resistência

As atividades desenvolvidas nesta etapa envolveram vivências corporais que apresentaram aos estudantes elementos fundamentais da capoeira — como ginga, esquivas, movimentos de ataque e defesa — organizados em forma de jogos lúdicos. A proposta buscou, simultaneamente, introduzir a dimensão histórica da luta e preservar seu caráter brincante, aproximando as crianças da simbologia presente nos gestos da capoeira.

Os registros de campo evidenciam que os estudantes rapidamente atribuíram sentidos diversos às atividades. Em alguns momentos, o conteúdo foi percebido como jogo, associado ao prazer e ao movimento; em outros, como expressão de defesa e luta. Ao final de uma das aulas, por exemplo, após vivenciarem diferentes movimentos os alunos relataram “[...] a capoeira surgiu para defesa [...]” (APÊNDICE F, p. 166), seguido da fala de uma estudante que completou: “[...] era para se proteger [...]”, enquanto outro acrescentou que era “[...] para proteger suas mulheres [...]” (APÊNDICE F, p. 166). Essas manifestações revelam que, ainda em um contexto lúdico, as crianças identificaram a dimensão de resistência que atravessa a capoeira.

Em outra atividade, ao vivenciarem jogos que simbolizavam perseguições históricas, o diário relata que, ao explicar a brincadeira pega-pega escravo, os alunos prontamente estabeleceram relações com acontecimentos reais do período colonial, afirmando que “[...] os escravos fugiam e eram perseguidos [...]” (APÊNDICE F, p. 144). Esses entendimentos demonstram que o jogo não apenas mobilizou o corpo, mas também acionou reflexões sobre violência, fuga e sobrevivência.

A capoeira, enquanto prática corporal, constitui-se historicamente como forma de resistência frente à opressão (D’AMORIM; ATIL, 2014). Nessa perspectiva, as percepções das crianças dialogam com a análise de Nascimento (2016, p. 70), ao afirmar que “[...] desde o início da escravidão, os africanos confrontaram a instituição, negando fatalmente a versão oficial de sua docilidade ao regime [...]”. As manifestações dos estudantes evidenciam como esse passado de enfrentamento emerge nos gestos, nos jogos e nas narrativas que compõem a capoeira.

Dessa maneira, os jogos corporais trabalhados em aula possibilitaram que as crianças experimentassem a capoeira como prática de movimento, mas também como expressão cultural marcada pela resistência histórica do povo negro, articulando ludicidade, memória e consciência crítica.

Quadro 4 – Falas dos alunos sobre jogos corporais e resistência na capoeira (aulas iniciais, 2024)

Estudante	Fala registrada (diário de campo)	Síntese interpretativa
Edson Arantes	“Lutaram para sobreviver.” (Aula 10 – reflexões sobre ataques/defesas).	Reconhece a capoeira como prática histórica de sobrevivência e resistência.

Yara	“Era para se proteger.” (Aula 19 – reflexão final sobre ataques e defesa).	Compreende os movimentos como defesa do corpo e preservação da vida.
Neymar Junior	“Era para proteger suas mulheres.” (Aula 19 – reflexão sobre origem e necessidade da capoeira).	Amplia a compreensão sobre o sentido comunitário da defesa na capoeira.
(NEE)	“Estou gostando da capoeira.” (Aula 6 – musicalidade e vivência corporal).	Expressa engajamento e valorização afetiva da prática corporal.
Luana	“Gostou muito da aula.”	Demonstra envolvimento positivo com a prática corporal e abertura para a aprendizagem dos fundamentos da capoeira.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

As falas registradas no Quadro 4 indicam que, já nas aulas iniciais, os estudantes passaram a associar os jogos corporais da capoeira à ideia de resistência e sobrevivência. Expressões como “Lutaram para sobreviver” e “Era para se proteger” revelam que as crianças compreenderam a prática não apenas como brincadeira ou luta, mas como resposta histórica à violência e à necessidade de preservação da vida.

Além disso, algumas falas ampliam essa compreensão ao incorporar a dimensão coletiva da capoeira. A afirmação de que a prática servia “para proteger suas mulheres” evidencia uma leitura que reconhece o sentido comunitário da defesa, sugerindo que os estudantes começam a perceber a capoeira como uma ação voltada à proteção do grupo e à manutenção dos vínculos sociais, e não como um enfrentamento individualizado.

Paralelamente, manifestações como “Estou gostando da capoeira” e “Gostou muito da aula” demonstram envolvimento afetivo e abertura para a aprendizagem, indicando que o caráter lúdico da prática contribuiu para a aproximação dos alunos com seus fundamentos históricos e culturais. Essas interpretações dialogam com Nascimento (2016), ao reafirmar a cultura afro-brasileira como espaço de luta, identidade e resistência, que pode ser apropriado pedagogicamente de forma significativa no contexto escolar.

Sob a perspectiva pedagógica, as percepções manifestadas indicam que as crianças passaram a reconhecer a dimensão ética presente no jogo da capoeira. Isso

se evidencia em falas como a de Neymar Junior, ao afirmar ter “gostado da atividade” (APÊNDICE F, p. 164), o que sinaliza um envolvimento positivo com uma prática que integra regras, autocontrole corporal e convivência coletiva.

Essa compreensão dialoga com a crítica de Adorno (2024) acerca da violência, ao defender que a educação deve atuar em processos de desbarbarização, promovendo a autonomia crítica e a rejeição da brutalidade. Sob essa perspectiva, ao perceberem que os movimentos da capoeira demandam diálogo, cuidado mútuo e responsabilidade, as crianças passam a vivenciar a prática como um processo formativo que ultrapassa o aspecto técnico e assume um caráter ético.

Assim, essa etapa mostrou que os jogos corporais são um potente recurso pedagógico para articular ludicidade e consciência crítica. Os estudantes perceberam que a ginga e os movimentos não se reduzem à brincadeira, mas carregam significados históricos de enfrentamento. Desse modo, os jogos corporais revelaram-se espaço privilegiado para refletir sobre a barbárie e construir práticas educativas voltadas à emancipação.

3.5.2 Práticas de roda e socialização

As intervenções seguintes concentraram-se na vivência da roda de capoeira, momento em que os estudantes experienciaram, coletivamente, o diálogo entre música, canto e movimento. A proposta pedagógica foi constituir um ambiente de socialização no qual os alunos se reconhecessem como parte de uma prática cultural marcada pela coletividade, pela musicalidade e pelo respeito mútuo.

Os registros do diário de campo evidenciam que a roda foi compreendida pelas crianças como um espaço de convivência e cooperação. No diário destaca-se: “[...] eles cantaram, se divertiram [...]” (APÊNDICE F, p. 148), apontando para a participação ativa e a dimensão afetiva que atravessou a atividade. Em outra aula, registrou-se que a estudante Luana “[...] gostou muito da aula” ao final da vivência (APÊNDICE F, p. 159), reforçando o caráter prazeroso e motivador da prática.

Além do aspecto lúdico, emergiram compreensões relacionadas à ética do jogo. Durante a roda, o professor registrou que, ao orientar sobre a segurança, o grupo entendeu que não era necessário acertar o colega, demonstrando consciência

do controle corporal necessário para evitar machucados e evidenciando que a roda foi apropriada como espaço de diálogo e cuidado, não de violência.

Quadro 5 – Falas dos alunos sobre a vivência da roda de capoeira (2024)

Estudante	Fala registrada (diário de campo)	Síntese interpretativa
Luana	“Gostou muito da aula.” (DIÁRIO DE CAMPO, 13/11/2024)	Percebe a roda como espaço prazeroso e motivador.
Pedro	“Os alunos gostaram muito da roda.” (DIÁRIO DE CAMPO, 19/11/2024)	Reconhecimento da roda como prática coletiva e envolvente.
Miguel	“Cantaram e jogaram com entusiasmo.” (DIÁRIO DE CAMPO, 19/11/2024)	Integração entre música, movimento e participação ativa.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

As falas revelam que a roda foi vivenciada como espaço de integração, no qual a coletividade se sobrepõe à individualidade. A valorização do respeito ao colega e do cuidado ao jogar dialoga com a reflexão de Adorno, para quem a educação deve criar condições para que “[...] as pessoas comecem a ser inteiramente tomadas pela aversão à violência física ” (ADORNO, 2024, p. 180).

Simultaneamente, a valorização do canto e do tocar reforça a inseparabilidade entre corpo, música e cultura na capoeira (PONSO; ARAÚJO, 2014). Essa percepção é coerente com Soares et al. (1992), para quem a capoeira deve ser ensinada em sua totalidade histórica e cultural, preservando seus sentidos simbólicos e comunitários. A circularidade da roda também dialoga com as reflexões de Nascimento (2016), que reconhece as manifestações culturais afro-brasileiras como espaços de afirmação identitária e resistência coletiva.

Assim, a roda se mostrou, para além da diversão, um espaço privilegiado de socialização, respeito e diálogo. Tais elementos são fundamentais para compreender a capoeira como prática educativa crítica, capaz de enfrentar a barbárie ao promover convivência ética, pertencimento e valorização das culturas afro-brasileiras.

3.5.3 O jogo da memória como prática crítica e antirracista

Entre as estratégias pedagógicas da sequência didática, o Jogo da Memória Afro-Brasileiro destacou-se como recurso lúdico capaz de articular reflexão social, cultura afro-brasileira e engajamento coletivo. A atividade ocorreu na 8ª aula e foi desenvolvida com cartas plastificadas contendo imagens de situações de racismo, cenas históricas da perseguição aos capoeiristas, representações positivas da cultura negra, símbolos de equidade e elementos da capoeira.

Figura 5 – Jogo da Memória para Reflexão Crítica sobre a Barbárie



Fonte: Acervo do autor.

Conforme registro no diário de campo, a atividade buscou promover o diálogo e a leitura crítica das imagens, incentivando os alunos a explicarem o sentido das cartas encontradas. As falas da roda de conversa gravada evidenciam que o caráter lúdico do jogo favoreceu reflexões éticas, históricas e sociais. Neymar Junior, por exemplo, afirmou: “Porque racismo não deveria existir” (Apêndice E, p. 128), demonstrando a internalização de valores de igualdade racial e respeito.

Clara destacou as dimensões éticas do jogo ao comentar a carta “Diga não ao racismo” ao ser questionada se era correto “falar da cor da pele das pessoas”, respondeu de forma direta: “Eu acho não” (Apêndice E, p. 126-127). Victor interpretou uma imagem individual — uma mulher negra — dizendo: “Eu acho que devemos

aceitar as pessoas como elas são” (Apêndice E, p. 127), demonstrando compreensão da importância da diversidade e do respeito às diferenças.

João identificou outra forma de violência: “[...] um garoto sofrendo bullying por ser de cor diferente” (Apêndice E, p. 127), relacionando racismo a práticas de intimidação e exclusão. Bob Charlton compreendeu o sentido histórico da perseguição aos capoeiristas quando, ao observar a cena de fuga retratada nas cartas, afirmou: “[...] porque eles eram negros” e que a perseguição era para “matar, bater” (Apêndice E, p. 128). A fala revela consciência sobre a violência racial estrutural e sobre o papel da capoeira na resistência.

Quadro 6 – Falas dos alunos sobre o jogo da memória crítico (2024)

Estudante	Fala registrada	Fonte	Síntese interpretativa
Neymar Junior	“Por que racismo não deveria existir.”	(APÊNDICE E, p.128).	Reconhecimento da igualdade racial como princípio ético universal.
Clara	“Diga não ao racismo... não é certo falar da cor da pele das pessoas.”	(APÊNDICE E, p.113-114).	Rejeição explícita da discriminação racial.
Victor	“Devemos aceitar as pessoas como elas são.”	(APÊNDICE E, p.114).	Valorização da diversidade e respeito às diferenças.
João	“Um garoto sofrendo bullying por ser de cor diferente.”	(APÊNDICE E, p.114).	Identificação do racismo como forma de violência simbólica.
Bob Charlton	“Perseguia porque eles eram negros... para matar, bater.”	(APÊNDICE E, p.114-115).	Compreensão histórica da barbárie contra capoeiristas e populações negras.
Neymar Junior	“O branco não era racista... todo mundo junto diminui as brigas.”	(APÊNDICE E, p.115).	Valorização da convivência interracial e da paz social.
Yara	“Eu acho a capoeira uma luta bem legal.”	(APÊNDICE E, p.115).	Reconhecimento afetivo e cultural da capoeira como prática positiva.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024), com base na Roda de conversa gravada do Jogo da Memória Afro-Brasileiro.

A análise desse momento evidencia que o jogo, ao mobilizar imagens e narrativas sobre racismo, capoeira e equidade, permitiu que as crianças associassem conceitos abstratos a situações concretas de suas vivências escolares e cotidianas. O lúdico não diluiu a criticidade; ao contrário, funcionou como mediação simbólica potente para a formação ética. Sob essa ótica, a afirmação de Cristiano Ronaldo sobre igualdade, as reflexões de João sobre bullying e a análise histórica de Bob Charlton aproximam-se do que defendem Soares et al. (1992), ao afirmarem que a capoeira e demais práticas afro-brasileiras devem ser compreendidas em sua totalidade histórica, ética e cultural.

A atividade também dialoga diretamente com Adorno (2024), para quem a educação deve enfrentar a barbárie formando sujeitos capazes de reconhecer e recusar a violência nas relações sociais; ao problematizar imagens de racismo, perseguição e desigualdade, o jogo funciona como exercício concreto de “desbarbarização”. Da mesma forma, a experiência articula-se com Vygotsky (2007), que compreende o jogo como espaço privilegiado de internalização de valores sociais, favorecendo imaginação, cooperação e diálogo.

O Jogo da Memória Afro-Brasileiro configurou-se como ferramenta pedagógica potente, pois integrou ludicidade, consciência crítica e valorização da cultura afro-brasileira, promovendo debates significativos sobre racismo, bullying, equidade de gênero e a resistência histórica da capoeira. Ao dar voz às crianças e acolher suas interpretações, a atividade reafirmou a perspectiva da pedagogia crítico-superadora: formar sujeitos capazes de compreender, problematizar e transformar a realidade.

3.5.4 Desenhos críticos sobre escravidão e barbárie

A quinta aula teórica da proposta pedagógica abordou, por meio de vídeos e discussões dialogadas, temas relacionados à escravidão, ao racismo, ao sofrimento físico e simbólico imposto aos africanos escravizados e às formas de resistência construídas no Brasil — especialmente nos quilombos de acordo com Moura (2020) e na capoeira segundo D’Amorim e Atil (2014). Em seguida, os estudantes foram convidados a produzir desenhos que representassem suas interpretações sobre o conteúdo apresentado.

Na nona aula, o professor apresentou aos estudantes um material produzido no aplicativo Videoscribe, abordando a história da cultura afro-brasileira, a origem do racismo, a trajetória da capoeira e as lutas da população negra no Brasil. A animação foi exibida por meio de data show, sendo pausada sempre que necessário para esclarecimentos e aprofundamentos. Após o vídeo, os alunos receberam uma atividade ilustrativa, na qual deveriam representar, por meio de desenhos, aquilo que compreenderam da aula e das discussões realizadas.

Os registros dos desenhos, articulados às anotações do diário de campo, revelam como as crianças mobilizaram imagens de violência, dor, injustiça e resistência para elaborar os conceitos trabalhados. Como anotado no diário sobre a reação de alunas negras: “[...] se sentiram muito à vontade e percebi em seu olhar o orgulho do conteúdo da aula, verificando que os negros contribuíram de forma significativa para a identidade brasileira.” (APÊNDICE F, p. 147).

Quadro 7 – Temas representados nos desenhos dos estudantes (2024)

Produção do Estudante	Símbolos desenhados	Significado evidenciado	Interpretação pedagógica
Yara	Cruz; mão com chicote; pessoa sendo castigada	Suicídio, tortura e sofrimento	Compreensão da violência extrema enquanto barbárie histórica.
Takashi	Bandeira do Brasil; mãos trabalhando; mãos com chicote; coroa; plantações; negros acorrentados; negros em luta	Relação entre escravidão, colonialismo e resistência	Leitura articulada dos elementos estruturais da escravidão e da luta.
João	Cruz	Sofrimento e dor	Representação simbólica da morte e da violência escravista.
Victor	Mão segurando chicote	Violência física e opressão	Reconhecimento dos instrumentos da tortura.
Gabriela	Mão negra	Identidade, marca racial	Afirmação simbólica da negritude frente à história da violência.
Miguel	Homem dizendo “Vou bater”;	Violência e julgamento	Leitura sobre agressão e

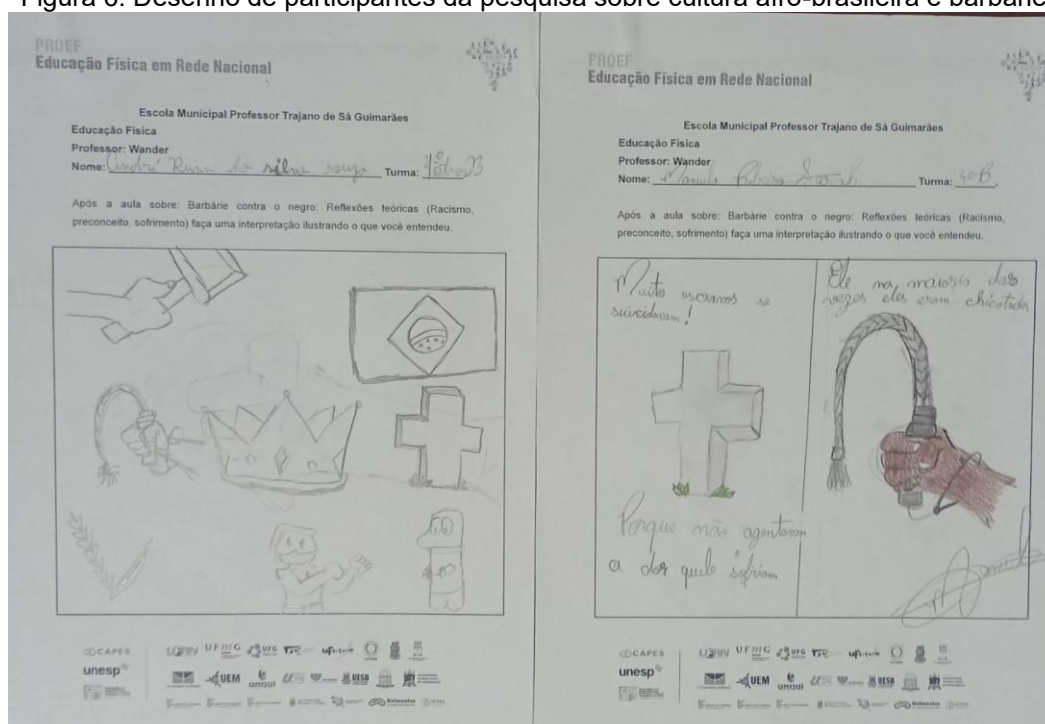
	outros dizendo “Você é mal”	moral	responsabilização ética.
Clara	Bandeira do Brasil; cruz	Dor nacional e sofrimento histórico	Relação entre escravidão e formação do país.
Neymar Junior	Bandeira do Brasil; cruz	Sufrimento coletivo; memória da violência	Relação entre identidade nacional e injustiça histórica.
Participante - (NEE)	Pessoas tocando berimbau e pandeiro em roda	Cultura, alegria, resistência	Reconhecimento da capoeira como potência positiva diante da dor.
Bob Charlton	Bandeira do Brasil; negro lutando capoeira	Resistência; luta pela liberdade	Entendimento da capoeira como enfrentamento.
Vinicius	Cruz	Dor, morte, sofrimento	Compreensão simbólica da violência escravista.
Cristiano Ronaldo	Bandeira do Brasil; cruz	Violência colonial; dor nacional	Identificação da barbárie como elemento histórico estruturante.
Edson Arantes	Cruz; pessoa com chicote ameaçando outra	Tortura; medo	Forte simbolização da violência escravista.
Vinicius	Negro sendo torturado por policial; sangue; grupo gritando “morte”	Racismo, linchamento, violência institucional	Leitura crítica da continuidade da barbárie no presente.
Cristiano Ronaldo	Três pessoas de mãos dadas e sorrindo	União, igualdade, harmonia	Síntese afetiva da esperança diante da dor.
Participante 2	Duas mãos negras se encontrando	Apoio, resistência, força coletiva	Valorização da identidade negra e solidariedade.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024), com base em análises de desenhos.

Os desenhos revelaram, de forma contundente e profundamente simbólica, como as crianças compreenderam tanto a violência estrutural da escravidão quanto as múltiplas formas de resistência e afirmação cultural elaboradas pelos povos negros. Elementos como cruzes, chicotes, troncos, correntes e expressões corporais de sofrimento — presentes nos trabalhos de Yara, Edson Arantes, Vinicius, Bob

Charlton, Luana e outros — evidenciam que a dimensão da barbárie não foi apenas percebida, mas representada com intensidade emocional. Em muitos casos, as cenas incluem sangramento, submissão forçada e expressões faciais de dor, como nos desenhos de Vinicius e Luana, indicando que as crianças compreenderam a escravidão não como um conceito abstrato, mas como um processo cruel e desumanizador.

Figura 6: Desenho de participantes da pesquisa sobre cultura afro-brasileira e barbárie



Fonte: Acervo do autor.

A recorrência do navio negreiro, representado por Gabriela, Miguel, Vinicius, Edson Arantes, Clara e outros, reforça o entendimento da travessia atlântica como etapa inicial da desumanização: sequestro, violência, deslocamento forçado, separação familiar e tratamento brutal. Em alguns desenhos, como o de Miguel, além das figuras no navio, surgem também expressões de zombaria entre as personagens, indicando que os alunos associaram o sofrimento à humilhação e ao desprezo racial que marcavam a lógica escravista. Como descreve Souza (2020):

o deslocamento era feito em navios negreiros ou também conhecidos como navios tumbeiros e aqueles/as que chegavam vivos ao Brasil eram vendidos como peças/mercadorias. Em todas as etapas, a morte era um fato previsto devido à brutalidade e a condições sub-humanas empregadas pelo europeu. (SOUZA, 2020, p. 5).

A análise das informações expressas nos desenhos revela que as crianças conseguiram identificar e representar, ainda que em diferentes níveis de compreensão, aspectos relacionados aos processos de desumanização abordados durante a intervenção pedagógica.

Em contraste com esses elementos de opressão, também emergiram representações potentes de resistência. Yara, por exemplo, desenhou Zumbi e Dandara armados com lanças, vinculando imediatamente o conteúdo da aula às lideranças quilombolas. Vinicius representou negros fugindo enquanto um feitor os perseguia, e Cristiano Ronaldo ilustrou um personagem com os braços abertos celebrando a liberdade nos quilombos. Outros alunos, como Resplande (NEE), acrescentaram alegria às cenas, mostrando negros felizes nos quilombos, reforçando que a liberdade significava reconstrução de vida, dignidade e pertencimento comunitário.

A capoeira também apareceu fortemente associada à luta por liberdade. O participante (NEE) representou uma roda com movimentos acrobáticos; Bob Charlton desenhou negros lutando capoeira nos quilombos; e Takashi desenhou uma roda de capoeira com energia e movimento, enfatizando o caráter coletivo da prática. Essas representações revelam que os estudantes compreenderam a capoeira como estratégia de resistência, enfrentamento e preservação cultural — dimensão essa que foi enfatizada desde o início da proposta pedagógica desta pesquisa.

Outros alunos destacaram símbolos importantes da luta antirracista: mãos negras unidas (Participante 2), arco-íris, sol e gestos de liberdade (Victor, Clara, Luana), além de frases como “não façam racismo”, escritas por vários participantes. Esses elementos mostram que, ao lado da dor, também emergiram esperança, solidariedade e afirmação identitária. O diário de campo corrobora essa leitura ao registrar que “Os alunos participaram, tiveram boas reflexões sobre o tema proposto [...]” (APÊNDICE F, p. 147), indicando envolvimento cognitivo e afetivo com a temática.

O conjunto dos desenhos aproxima-se da interpretação de Abib e Cordeiro (2018), que entendem a escravidão como espaço simultâneo de violência e resistência das práticas culturais negras. Essa leitura converge com Souza (2020, p. 8), ao afirmar que “[...] as culturas de matriz africana sempre sofreram preconceito,

discriminação e racismo [...]”. Também dialoga com Nascimento (2016), para quem a valorização da cultura afro-brasileira exige o enfrentamento crítico da herança colonial e de suas violências estruturais. Assim, as produções dos alunos, ao combinar sofrimento e luta, expressam simbolicamente esse movimento de desvelar opressões e afirmar resistência.

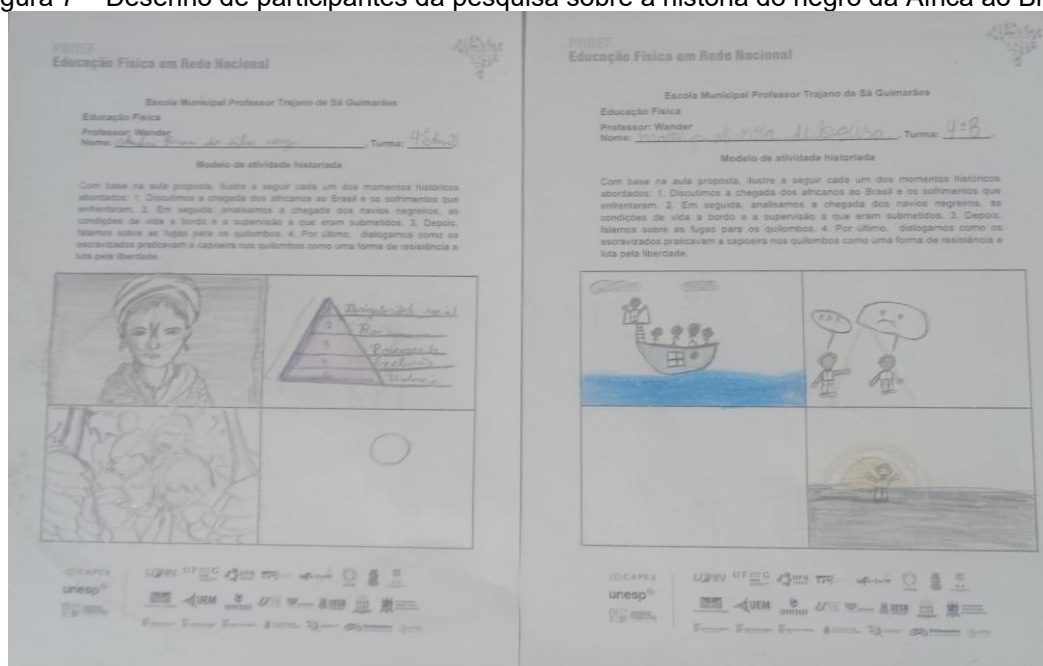
Do ponto de vista pedagógico, os desenhos funcionaram como signos mediadores, permitindo que as crianças elaborassem conceitos abstratos como racismo, opressão e liberdade, essa perspectiva dialoga com Vygotsky (2007), que destaca que a linguagem e os símbolos — aqui expressos visualmente — impulsionam o desenvolvimento das funções psicológicas superiores e permitem à criança transitar do concreto ao abstrato. Ao confrontar as crianças com cenas de violência histórica e levá-las à elaboração simbólica e crítica, a atividade aproxima-se também da proposta de Adorno (2024) sobre a necessidade de uma educação voltada para a desbarbarização, estimulando sensibilidade ética, empatia e repúdio à violência.

Dessa forma, os desenhos dos estudantes demonstram que:

1. Compreenderam a escravidão como barbárie, representando sofrimento extremo, tortura, morte e desumanização.
2. Reconheceram a resistência negra, simbolizando fugas, quilombos, Zumbi e Dandara, luta e capoeira como práticas de liberdade.
3. Articularam dor e esperança, contrastando chicotes e correntes com arco-íris, sol e símbolos de união.
4. Valorizaram a capoeira como prática educativa e ancestral, capaz de gerar alegria, pertencimento e superação, mesmo após a violência histórica representada.

Assim, a atividade demonstrou que a capoeira — quando tratada criticamente — ultrapassa a dimensão corporal, constituindo-se como meio de elaboração da memória histórica e fortalecimento da consciência social, permitindo às crianças compreenderem simultaneamente a barbárie e a resistência que compõem a história do povo negro no Brasil.

Figura 7 – Desenho de participantes da pesquisa sobre a história do negro da África ao Brasil



Fonte: Acervo do Autor.

3.5.5 O batizado simbólico de capoeira

A culminância da proposta pedagógica ocorreu em 02/12/2024, com a realização do batizado simbólico de capoeira — momento descrito pelo pesquisador como marcado por “muita emoção” e por uma “participação muito boa... os alunos ficaram muito empolgados e felizes com o evento” (APÊNDICE F, p. 175). A quadra foi cuidadosamente preparada, o pesquisador relata sobre a organização do espaço físico, que é colocada:

[...] duas mesas grandes no centro da quadra e sobre elas coloca: Quebra cabeça sobre cultura afro-brasileira e capoeira (feita por este pesquisador), vários livros da cultura afro-brasileira e sobre a capoeira, quadros sobre a cultura afro-brasileira, no centro da quadra, então, o professor coloca todos os instrumentos musicais da capoeira: 3 berimbaus (Gunga, médio e viola), 3 pandeiros, dois caxixis, 1 atabaque e um agogô [...]. (APÊNDICE F, p. 173)

Os estudantes vestiram abadá brancos fornecidos pelo professor — gesto simbólico que reforçou a imersão no ritual — e assumiram papel ativo na condução da exposição cultural para outras turmas da escola. O diário destaca que os participantes da pesquisa “[...] serão os professores, explicarão o que aprenderam e irão apresentar a feira [...]” (APÊNDICE F, p. 173). Durante o evento, o pesquisador

registrou que uma professora relata com emoção: “[...] os alunos estavam com os olhos brilhando e que dominavam o assunto. (APÊNDICE F, p. 174).

Figura 8 – Participantes da pesquisa em simulação de batizado de capoeira



Fonte: Acervo do autor.

Quadro 8 – Elementos simbólicos do batizado de capoeira (2024)

Elemento	Significado atribuído	Interpretação pedagógica
Vestimenta branca	Pureza, tradição e respeito	Inserção em identidade coletiva e reconhecimento estético-cultural
Certificado e corda	Reconhecimento simbólico	Valorização do protagonismo estudantil
Celebração coletiva	Alegria e pertencimento	Fortalecimento da solidariedade e da identidade afro-brasileira

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

A entrega dos certificados e cordas foi descrita como um dos pontos altos: “[...] as crianças vieram correndo para a quadra, o pesquisador então explica que os participantes “[...] iriam receber os certificados e uma corda [...]”, os estudantes

gostaram e ficaram felizes com esse momento (APÊNDICE F, p. 174). A participação de estudantes com necessidades educacionais específicas também foi marcante. Sobre Resplande, o pesquisador escreveu:

[...] participou de todo evento, feliz, orgulhoso de sua roupa de capoeira, quando vestiu mostrou para todos que tem contato sua “roupa de capoeira”, durante o evento se percebia sua felicidade, o mesmo ficou com o caxixi e mostrou e explicou para todos, durante a roda joguei com o mesmo e o mesmo fez um bom jogo, quando ele recebeu seu certificado, ficou muito feliz (APÊNDICE F, p. 176).

Muitos participantes guardaram com cuidado o seu certificado de participação na atual pesquisa, segue modelo de Certificado entregue a todos os participantes.

Figura 9 – Certificado de participação na pesquisa



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

A roda final sintetizou o sentido comunitário do ritual: “[...] chama todos os presentes na quadra para uma grande roda de capoeira, mostrando a união e inclusão desta luta cultural.” (APÊNDICE F, p. 174). Sobre a participação dos estudantes na culminância destaca-se: que os “[...] alunos ficaram muito felizes, seus olhos falavam, quando puderam falar para os outros alunos, percebi o orgulho de falar da cultura afro-brasileira, crianças de diversas etnias e culturas juntos [...]”.

Do ponto de vista teórico, o momento dialoga com Martins (2021), para quem a capoeira possui uma dimensão formativa intrinsecamente crítica, já que “[...] pautar a capoeira a partir de sua gênese e de seu próprio (des)envolvimento contra o racismo [...] se faz pertinente e urgente” (MARTINS, 2021, p. 15). A dinâmica ritual também

ecoa Rozendo e Guerra (2023), que compreendem a capoeira como expressão histórica da resistência negra, pois, como afirmam os autores, “[...] sua trajetória histórica surge com a força da resistência contra a escravidão e a síntese da expressão de diversas identidades étnicas [...]” (ROZENDO; GUERRA, 2023, p. 86).

No campo da Educação Física crítica, o evento aproxima-se da perspectiva de Costa e Voss (2018, p. 781), para quem “A resistência negra se fez e se faz contra o preconceito, a discriminação, os abusos e intolerâncias [...]”. Dessa forma, o batizado — ao ocupar a quadra escolar com instrumentos, cantos, símbolos ancestrais e corpos em movimento — transforma-se em trabalho docente de enfrentamento das heranças da barbárie, reafirmando a capoeira como espaço de memória, identidade e insurgência.

O batizado simbólico realizado não apenas celebrou a capoeira, mas também se constituiu como espaço de convivência ética, reconhecimento da ancestralidade e fortalecimento da autoestima — especialmente das crianças negras, que, nas palavras do pesquisador, estavam “[...] com os olhos brilhando [...]” (APÊNDICE F, p. 174), ao apresentarem o que aprenderam.

Desse modo, os resultados deste capítulo evidenciam que a capoeira, quando abordada de forma crítica e vinculada à sua historicidade, deixa de ser apenas um conteúdo curricular e se constitui como uma experiência formadora, capaz de mobilizar afetos, memórias e consciências. Ao cantar, jogar, desenhar e refletir, as crianças transitaram do lúdico à crítica social, reconhecendo-se na cultura afro-brasileira e desenvolvendo a coragem de nomear injustiças presentes em seu cotidiano.

Cada gesto compartilhado na roda, cada olhar atento, cada emoção despertada no batizado simbólico evidenciou a potência desse momento como experiência educativa e cultural profundamente significativa. O batizado constituiu-se como espaço de acolhimento, pertencimento e alegria coletiva, no qual os estudantes puderam vivenciar, de forma sensível e participativa, elementos centrais da cultura afro-brasileira. Ao gingar, cantar, tocar e celebrar, as crianças estabeleceram um contato vivo com a ancestralidade da capoeira, compreendendo-a não apenas como prática corporal, mas como herança histórica marcada pela luta, pela memória e pela resistência.

Nesse contexto, a ginga da capoeira revelou-se como linguagem pedagógica de inclusão e enfrentamento da barbárie, pois ensinou, por meio do corpo e da convivência, valores como respeito, coletividade e dignidade. O que emergiu desse processo ultrapassou a aprendizagem de conteúdos formais, configurando-se como construção coletiva de sentidos, fortalecimento identitário e afirmação da esperança. Assim, o batizado reafirmou a capoeira como prática educativa antirracista, capaz de formar sujeitos sensíveis, críticos e comprometidos com a transformação da realidade social, ao reconhecer no movimento do corpo um gesto político de resistência e humanização.

Figura 10 – “Participante 1: corpo, voz e imagem que traduzem a luta contra a barbárie e a força da cultura afro-brasileira.”



Fonte: Acervo do autor.

CAPÍTULO 4 – A GINGA CONTRA A BARBÁRIE: VOZES, PRÁTICAS E REFLEXÕES

4.1 A escola como espaço contraditório: barbárie e possibilidade de resistência

A escola contemporânea constitui-se como um espaço profundamente contraditório, atravessado por tensões sociais, culturais e históricas que expressam, de maneira explícita ou velada, diferentes formas de barbárie. Longe de ser um ambiente neutro ou apartado da realidade social, a instituição escolar reflete e reproduz desigualdades estruturais presentes na sociedade brasileira, tais como o racismo, a intolerância religiosa, a exclusão social e a negação sistemática de direitos à população negra.

Entretanto, à luz da Teoria Crítica, especialmente a partir das reflexões de Adorno (2024) acerca do conceito de desbarbarização, a escola também pode se constituir como um espaço privilegiado de resistência, reflexão e transformação social. Compreender a barbárie não apenas como episódios extremos de violência física, mas como práticas simbólicas, institucionais e culturais que desumanizam sujeitos e naturalizam opressões, torna-se fundamental para a construção de ações pedagógicas comprometidas com a reconstrução da humanidade e com a formação de sujeitos críticos e emancipados.

No contexto da sociedade brasileira, a barbárie manifesta-se de maneira estrutural e persistente, especialmente nas relações raciais historicamente marcadas pela violência, pela exclusão e pelo silenciamento da população negra. O genocídio do povo negro no Brasil, expresso nos índices alarmantes de violência, encarceramento em massa e desigualdade no acesso à educação, à saúde e ao trabalho, configura-se como uma das faces mais contundentes da barbárie contemporânea.

Trata-se de um processo que não se limita a ações individuais, mas que se sustenta em práticas institucionais e em políticas públicas que, muitas vezes, reforçam a negação de direitos e a naturalização das desigualdades. À luz da Teoria Crítica, essa realidade evidencia que a barbárie não pertence apenas ao passado, mas permanece atualizada nas estruturas sociais, exigindo da educação um

posicionamento ético e político comprometido com a formação de consciências críticas capazes de reconhecer, questionar e enfrentar os processos de desumanização que atravessam a vida social.

As políticas de ações afirmativas, como as cotas raciais, emergem como importantes instrumentos de enfrentamento às desigualdades historicamente produzidas pela escravidão e pelo racismo estrutural no Brasil. Essas políticas buscam reparar, ainda que de forma parcial, séculos de exclusão social e negação de direitos à população negra, constituindo-se como mecanismos fundamentais para a promoção da justiça social e da equidade. Contudo, a resistência à implementação e à efetivação dessas ações evidencia a permanência de estruturas sociais marcadas pela negação da humanidade do outro, revelando formas contemporâneas de barbárie que se manifestam no interior das próprias instituições.

A partir dessa compreensão, o caso do concurso público no município de Senador Canedo no ano de 2024 exemplifica de maneira concreta a barbárie institucional moderna, ao evidenciar a suspensão do certame pelo Ministério Público em razão da quantidade irregular de vagas destinadas a candidatos negros, bem como a posterior postura da gestão municipal em manter a recusa à regularização das cotas raciais. Tal situação explicita como a barbárie se atualiza nas estruturas administrativas e políticas, reafirmando privilégios historicamente consolidados e perpetuando desigualdades raciais. Diante desse contexto, a escola assume um papel central ao promover o debate crítico sobre justiça social, equidade racial e cidadania, contribuindo para a formação de sujeitos capazes de compreender, questionar e enfrentar práticas institucionais que reforçam processos de exclusão e desumanização.

Diante desse cenário marcado por contradições, desigualdades e permanências da barbárie no interior da sociedade e das instituições, torna-se necessário refletir sobre quais práticas pedagógicas podem, efetivamente, tensionar essa lógica e produzir experiências educativas comprometidas com a humanização. É nesse horizonte que a capoeira emerge, neste estudo, não apenas como conteúdo da Educação Física, mas como prática histórico-cultural capaz de ressignificar o corpo, a memória e a ação pedagógica. O subitem seguinte dedica-se, portanto, a compreender a capoeira como prática de desbarbarização, analisando sua potência

formativa no deslocamento do corpo de objeto de dominação para corpo político de resistência.

4.2 A capoeira como prática de desbarbarização: do "Corpo-Objeto" ao "Corpo-Político".

A gênese da capoeira está intrinsecamente vinculada à experiência histórica da barbárie imposta pelo sistema escravista no Brasil. Forjada nas senzalas, nos espaços de sociabilidade negra e, sobretudo, nos quilombos — com destaque para o Quilombo dos Palmares e para figuras emblemáticas como Zumbi e Dandara — a capoeira emerge como resposta concreta à desumanização dos corpos negros. Nesse contexto, o corpo, historicamente reduzido à condição de objeto de exploração, passa a assumir uma dimensão política, transformando-se em instrumento de luta, resistência e afirmação da vida. A capoeira, portanto, não nasce como expressão lúdica ou esportiva, mas como estratégia de sobrevivência e enfrentamento à violência estrutural, convertendo o movimento corporal em linguagem de resistência e em afirmação da humanidade negada.

Quando inserida no contexto escolar a partir da abordagem crítico-superadora, a capoeira ultrapassa o estatuto de atividade meramente recreativa ou instrumental e se afirma como um trabalho docente intencional, comprometido com a leitura crítica da realidade social. Nessa perspectiva, a capoeira é compreendida como manifestação da cultura corporal historicamente produzida, carregada de sentidos políticos, sociais e simbólicos, que possibilitam aos estudantes refletirem sobre as contradições da sociedade em que vivem. Tal compreensão dialoga diretamente com a proposição de Soares et al. (1992), ao defender que o ensino da Educação Física deve contribuir para a formação de sujeitos críticos, capazes de compreender o movimento humano como expressão histórica e social, e não como simples execução técnica descontextualizada.

À luz dessa reflexão, torna-se fundamental a distinção proposta por Ponso e Araújo (2014) entre a “capoeira na escola” e a “capoeira da escola”. A primeira refere-se a uma prática que preserva sua essência histórica, cultural e política, permitindo que os estudantes compreendam a capoeira em sua totalidade, como luta, jogo, dança, música e resistência. Já a segunda diz respeito a uma capoeira

submetida às lógicas de padronização e controle institucional, esvaziada de seus fundamentos e reduzida a uma atividade engessada, desprovida de criticidade e de potência emancipatória. Ao optar pela capoeira na escola, esta pesquisa assume um posicionamento pedagógico e político que resiste à despolitização dos saberes populares, reafirmando a capoeira como instrumento de desbarbarização e de reconstrução da humanidade no espaço escolar.

A capoeira constitui-se como uma manifestação cultural plural e dinâmica, assumindo, ao longo de sua trajetória histórica, múltiplas formas e significados conforme as necessidades de resistência e sobrevivência da população negra. Ela é, simultaneamente, luta, dança, jogo, esporte e expressão cultural, sendo tudo aquilo que precisou ser em cada momento histórico para continuar existindo. Originada como prática de luta contra a violência do sistema escravista, a capoeira disfarçou-se na dança e no jogo como estratégia de resistência frente à criminalização e à perseguição estatal, tornando-se crime no final do século XIX. Ainda assim, persistiu por meio da oralidade, da musicalidade, dos apelidos e dos toques do berimbau, mecanismos simbólicos que garantiram sua continuidade e proteção coletiva.

Ao longo do século XX, a capoeira passou por processos de ressignificação que não apagaram sua essência de luta, mas a projetaram em novos espaços sociais. Com Mestre Bimba, a capoeira alcançou reconhecimento institucional ao ser apresentada como prática sistematizada, estabelecendo diálogo com o Estado e conquistando legitimidade social. Paralelamente, Mestre Pastinha preservou e fortaleceu a capoeira angola, mantendo vivos seus fundamentos ancestrais, sua filosofia própria e sua profunda dimensão ética, reafirmando a capoeira como expressão cultural enraizada na memória e na resistência do povo negro.

Na contemporaneidade, a capoeira assume múltiplas expressões e estilos, expandindo-se para diferentes contextos culturais, sociais e até religiosos (como na Capoeira Gospel), sem perder sua característica central de resistência. Ensinar essa totalidade no espaço escolar significa romper com práticas de desinvestimento pedagógico e com a lógica do “rola bola”, que esvazia a intencionalidade educativa da Educação Física. Ao contrário, implica reafirmar o corpo como território de memória, luta e formação política, reconhecendo a capoeira como saber histórico-

cultural capaz de contribuir para a formação crítica, ética e emancipatória dos estudantes.

4.3 Vozes que rompem o silêncio: análise crítica das experiências vividas

Refletir sobre o conceito de barbárie no contexto escolar implica reconhecer que a violência não se manifesta apenas por meio de agressões físicas explícitas, mas também — e de forma recorrente — por silenciamentos, exclusões e desigualdades que se reproduzem cotidianamente no interior das instituições educativas. Conforme adverte Adorno (2024), a barbárie não constitui um episódio isolado da história, mas uma possibilidade sempre presente, que se atualiza sempre que o humano é negado. No ambiente escolar, essa negação se expressa quando crianças são diminuídas por sua cor de pele, por sua cultura, por sua religião ou quando a diferença é tratada como inferioridade. A escola, portanto, não está imune à barbárie; ao contrário, pode tanto reproduzi-la quanto se constituir como espaço de enfrentamento e transformação.

No desenvolvimento da pesquisa-ação, as falas, os gestos e as expressões corporais das crianças revelaram, de maneira contundente, a potência da capoeira enquanto trabalho docente de desbarbarização. As experiências vividas nas aulas, nas rodas de conversa e nos momentos de reflexão evidenciaram que o enfrentamento da barbárie não se restringe a discursos teóricos abstratos, mas emerge da escuta sensível e do reconhecimento das vivências concretas dos estudantes. Nesse processo, a prática pedagógica crítica criou condições para que sentimentos, percepções e experiências antes silenciados encontrassem espaço de expressão, tornando visível aquilo que, muitas vezes, é naturalizado ou invisibilizado no cotidiano escolar.

Durante o grupo focal, a Participante 1 relatou ter vivenciado situações de racismo tanto no ambiente familiar quanto na própria escola, afirmando que optou por guardar o sofrimento “para si”, sem compartilhá-lo com ninguém. Esse silenciamento configura uma das formas mais perversas da barbárie contemporânea, pois opera pela negação da voz, da escuta e da dignidade do sujeito. A possibilidade de romper este silêncio, proporcionada pela roda de capoeira e pelo diálogo mediado pelo professor, evidencia como a prática corporal, quando

orientada por princípios críticos e humanizadores, pode atuar como espaço de acolhimento, elaboração simbólica do sofrimento e reconstrução de vínculos, rompendo com o ciclo de exclusões que perpetua a barbárie.

Os relatos das participantes Yara e Takashi aprofundam a compreensão sobre como a barbárie se manifesta de forma concreta e cotidiana nas trajetórias de vida dos estudantes e de suas famílias, extrapolando os limites físicos da escola. Ao narrar a história de sua mãe, Yara evidenciou as dificuldades enfrentadas por mulheres no acesso, na permanência e no reconhecimento no mercado de trabalho, ao relatar que, ao procurar emprego, sua mãe encontrou um ambiente onde “só havia homens”. Apesar disso, a estudante afirmou com orgulho: “Minha mãe fez faculdade e conseguiu vencer” (APÊNDICE I, p. 213). Essa fala revela a desigualdade de gênero como uma forma estrutural de barbárie, marcada pela desvalorização do trabalho feminino, pela sobrecarga social imposta às mulheres e pela negação histórica de oportunidades iguais.

A trajetória relatada por Yara não se limita a uma conquista individual, mas expressa uma luta coletiva de mulheres que, mesmo inseridas em um sistema que historicamente as coloca em posições de subalternidade, constroem estratégias de enfrentamento às desigualdades impostas. considerando tais aspectos, a barbárie de gênero opera de maneira silenciosa e naturalizada, sustentada por expectativas sociais, limitações institucionais e invisibilização dos esforços femininos. Ao trazer essa narrativa para o espaço escolar, a pesquisa contribui para ampliar a compreensão das múltiplas formas de opressão presentes na sociedade e reafirma o papel da educação, conforme defende Saviani (2011), como prática social comprometida com a leitura crítica da realidade e com a transformação das contradições históricas.

De forma ainda mais contundente, o relato de Takashi trouxe à tona a violência simbólica institucionalizada no ambiente escolar, ao descrever o episódio em que um colega negro foi compelido a vestir uma fantasia de macaco durante uma apresentação. Ainda que a ação tenha sido justificada como “sem maldade”, o impacto simbólico foi profundamente devastador para o aluno e sua família. Esse episódio evidencia como a barbárie se perpetua por meio da ausência de reflexão crítica e da falta de sensibilidade institucional, revelando que o silêncio diante da injustiça também constitui uma forma de violência.

Em contraposição a essas experiências de dor, as falas dos estudantes também revelaram processos de aprendizagem ética e resistência. Miguel afirmou que era preciso “não chamar a pessoa de macaco” e que deveríamos “cuidar de todo mundo igual” (APÊNDICE I, p. 217). Victor, por sua vez, demonstrou uma compreensão ampliada da lógica da inclusão ao afirmar: “Na roda, na música e na hora de quem for, tipo sei lá, eu contra a Helena na capoeira, todos são importantes na roda, pra quem não pode fazer, podem tocar os instrumentos” (APÊNDICE I, p. 220). Nessas falas simples e potentes, observa-se o início de um processo de desbarbarização, no qual o respeito, o cuidado e a inclusão passam a ser compreendidos como atos políticos capazes de transformar as relações sociais.

A circularidade da roda de capoeira, onde todos têm voz, espaço e importância, converte-se, assim, em uma potente metáfora pedagógica de uma sociedade mais justa e igualitária. As falas dos participantes, carregadas de emoção, demonstram que o enfrentamento da barbárie não se limita ao plano teórico, mas se constrói na experiência vivida, na escuta e no reconhecimento do outro. Como afirma Adorno (2024, p. 170), “[...] a tentativa de superar a barbárie é decisiva para a sobrevivência da humanidade [...]”, e, nesse processo, a escola assume um papel central ao promover sensibilidade, empatia e reflexão crítica.

Desse modo, a pesquisa evidenciou que a capoeira, ao ser inserida no contexto escolar, constitui-se como muito mais do que uma prática corporal. Ela se afirma como uma pedagogia do enfrentamento, por meio da qual os estudantes aprenderam que resistir é também educar-se; que cuidar do outro é cuidar de si; e que reconhecer a dor alheia é o primeiro passo para romper com as estruturas da barbárie. As vozes que emergem neste subitem não apenas denunciam a violência e a exclusão, mas anunciam possibilidades concretas de desbarbarização no interior da escola, reafirmando a educação como prática de resistência, humanização e transformação social.

4.4 Diálogos contemporâneos: herança africana e a luta por reconhecimento

As reflexões construídas ao longo desta pesquisa estabelecem um diálogo direto com debates contemporâneos de alcance nacional, especialmente aqueles que tensionam o reconhecimento, a valorização e a presença da herança africana

na formação da sociedade brasileira. Frente a essa problemática, o tema da redação do ENEM 2024 — *“Desafios para a valorização da herança africana no Brasil”* — evidencia a atualidade e a relevância social da problemática investigada, ao denunciar a permanência de práticas educativas superficiais e pontuais, frequentemente restritas a datas comemorativas, como o Dia da Consciência Negra. Em contraposição a essa lógica reducionista, a experiência pedagógica desenvolvida nesta pesquisa buscou afirmar a cultura afro-brasileira como processo histórico, político e formativo contínuo, compreendendo a capoeira não como elemento folclorizado, mas como expressão viva de resistência, ancestralidade e enfrentamento às múltiplas formas de barbárie que ainda estruturam a sociedade brasileira.

A barbárie enfrentada no cotidiano escolar não se encontra dissociada das manifestações de racismo e violência simbólica que emergem em outros espaços sociais, como o esporte de alto rendimento e a mídia. Os episódios recorrentes de injúria racial vivenciados por jogadores negros, como no caso de Vinícius Júnior, revelam a persistência de uma estrutura social que insiste em negar humanidade, dignidade e pertencimento ao corpo negro. O choro público desses atletas, assim como suas denúncias e posicionamentos políticos, não devem ser compreendidos como fragilidade individual, mas como atos de resistência que expõem as fissuras de uma sociedade que normaliza a violência racial e silencia suas vítimas. Trata-se do mesmo mecanismo de barbárie denunciado por Adorno, no qual a indiferença coletiva e a naturalização da opressão produzem sujeitos vulneráveis à desumanização.

Assim como a capoeira foi historicamente criminalizada, perseguida e associada à marginalidade antes de ser reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, a luta por reconhecimento e reparação histórica permanece como um processo inacabado e permanentemente tensionado. A presença da capoeira no espaço escolar, nesse contexto, assume um papel político-pedagógico fundamental ao possibilitar que os estudantes compreendam as continuidades históricas entre o passado escravista e as formas contemporâneas de racismo estrutural. Ao articular corpo, história e reflexão crítica, a prática da capoeira contribui para a formação de sujeitos capazes de reconhecer a barbárie em suas

expressões atuais e de se posicionar eticamente frente às injustiças, reafirmando a escola como espaço de enfrentamento, resistência e construção de humanidade.

Dessa forma, os diálogos estabelecidos entre a experiência pedagógica da capoeira, os debates contemporâneos suscitados pelo ENEM 2024 e as manifestações públicas de enfrentamento ao racismo em diferentes campos sociais evidenciam que a barbárie não se configura como um fenômeno restrito ao passado, mas como uma realidade constantemente atualizada nas estruturas simbólicas, institucionais e culturais da sociedade brasileira. Ao inserir a capoeira no cotidiano escolar como trabalho docente crítico e historicamente situado, a pesquisa reafirma o potencial da Educação Física como campo de produção de sentidos, capaz de articular corpo, memória e consciência social, contribuindo para o reconhecimento da herança africana como elemento estruturante da formação social brasileira.

Esse movimento pedagógico não apenas amplia a compreensão dos estudantes sobre os processos históricos de opressão e resistência, mas também convoca a escola a assumir uma postura ética e política diante das desigualdades que atravessam a vida social. Assim, a instituição escolar deixa de ocupar uma posição de neutralidade aparente e passa a se afirmar como espaço de enfrentamento à barbárie e de construção de humanidade. É nesse horizonte que se torna necessário avançar para uma reflexão mais propositiva, na qual a escola seja compreendida como território ativo de resistência e transformação, perspectiva que orienta o manifesto apresentado no próximo item.

4.5 Manifesto pela desbarbarização: a escola como espaço de resistência

As análises desenvolvidas ao longo deste capítulo convergem para a compreensão de que o enfrentamento da barbárie não pode restringir-se à sua denúncia histórica ou à problematização abstrata de suas manifestações contemporâneas. Enfrentar a barbárie exige ação pedagógica concreta, comprometida com a humanização, o reconhecimento da dignidade humana e a luta por justiça social. Diante dessa compreensão, a escola emerge como território estratégico de resistência, lugar onde se disputam sentidos, se tensionam estruturas de opressão e se constroem possibilidades reais de emancipação. Inspirada na Adorno (2024) e na abordagem crítico-superadora da Educação Física, esta

pesquisa assume a capoeira como gesto pedagógico-político, no qual o corpo deixa de ser objeto disciplinado para afirmar-se como corpo histórico, político e ancestral — corpo que lembra, resiste e reexiste.

A história da população negra no Brasil é marcada pela violência estrutural, pela negação sistemática de humanidade e pela tentativa contínua de silenciamento de suas culturas, saberes e formas de existir. Frente a esse projeto histórico de desumanização, os quilombos constituíram-se como espaços de ruptura, proteção e insurgência coletiva — territórios onde o corpo negro pôde existir fora da lógica da escravidão, afirmando liberdade, pertencimento e dignidade. Com base nessa análise que pode se afirmar, neste manifesto, a escola como um quilombo contemporâneo: um espaço que, ao reconhecer a pluralidade cultural e racial de seus sujeitos, assume a responsabilidade ética de enfrentar a barbárie que ainda estrutura a sociedade brasileira.

Um marco simbólico e pedagógico dessa construção foi o evento realizado em 21 de março de 2025, Dia Internacional de Combate à Discriminação Racial. Organizado pelo pesquisador enquanto professor da instituição e autorizado pela equipe gestora, o evento configurou-se como uma ação educativa coletiva, profundamente formativa e politicamente situada. Ao articular musicalidade, ancestralidade e diálogo crítico, envolvendo estudantes da educação infantil ao 5º ano do ensino fundamental, a escola transformou-se, ainda que provisoriamente, em território de memória e resistência. O som do berimbau, o canto coletivo e a formação de uma grande roda materializaram um espaço simbólico no qual as diferenças não foram hierarquizadas, mas reconhecidas como constitutivas da experiência humana.

Nessas vivências, o aprendizado ultrapassou a dimensão técnica dos gestos corporais e alcançou o campo da formação ética e política. Ao gingarem, cantarem e tocarem os instrumentos, os estudantes experienciaram valores que se opõem frontalmente à lógica da barbárie: o cuidado com o outro, o respeito mútuo, a escuta e a responsabilidade coletiva. Quando um aluno associou os golpes da capoeira à defesa contra o “capitão do mato”, revelou-se, de forma potente, o corpo como instrumento de pensamento crítico. Tal enunciação demonstra que as práticas corporais, quando historicamente contextualizadas, tornam-se linguagens capazes

de elaborar leituras simbólicas da realidade social e de ressignificar a experiência do corpo como lugar de luta, memória e libertação.

A partir dessas reflexões, a capoeira, ensinada em sua totalidade histórica, cultural e política, afirma-se como prática efetiva de desbarbarização no contexto escolar. Ela rompe com o esvaziamento pedagógico, com a lógica do “rola bola” e com a neutralização política do currículo, convocando a Educação Física a assumir seu compromisso com a formação de sujeitos críticos, sensíveis à dor do outro e capazes de reconhecer as múltiplas faces da injustiça social. À luz de Adorno (2024), educar é educar para que a barbárie não se repita; no contexto brasileiro, isso significa educar para que o racismo, a violência simbólica e a negação histórica da população negra não continuem sendo naturalizados nos corpos, nas falas e nas trajetórias das crianças.

Este manifesto reafirma, portanto, que a escola pode — e deve — ser um espaço de resistência viva. Assim como os quilombos históricos enfrentaram a ordem escravocrata, a escola, quando comprometida com práticas pedagógicas críticas, pode constituir-se como território de reexistência, onde a capoeira atua como linguagem corporal, política e ancestral de enfrentamento à barbárie. Defender a capoeira na escola é defender a vida, a pluralidade e o direito de existir com dignidade. Educar, nesse horizonte, é um ato de coragem e esperança: uma ginga permanente contra toda forma de desumanização, para que a humanidade não se perca — e para que a vida, enfim, possa dançar e resistir.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação foi desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF/UFG) e teve como campo empírico a Escola Municipal Professor Trajano de Sá Guimarães, envolvendo estudantes do 4º ano do Ensino Fundamental. O estudo teve como objetivo investigar as potencialidades do ensino da capoeira, articulada à sua dimensão histórica, cultural e política, como trabalho docente crítico voltado ao enfrentamento da barbárie no contexto escolar.

A pesquisa fundamentou-se na abordagem da pesquisa-ação, articulada à Metodologia Crítico-Superadora, compreendendo a escola como espaço de contradições sociais e, ao mesmo tempo, de possibilidades de resistência e emancipação. Em consonância com essa discussão, a proposta pedagógica construída não teve como finalidade o adestramento corporal ou a reprodução técnica dos movimentos da capoeira, mas a formação humana integral, orientada pela valorização da cultura afro-brasileira, pela solidariedade e pelo desenvolvimento da consciência crítica.

A escolha do 4º ano do Ensino Fundamental como lócus da investigação justificou-se por se tratar de uma etapa de transição significativa no desenvolvimento psíquico, social e moral das crianças. Durante o processo investigativo, evidenciou-se que a escola reflete as contradições estruturais da sociedade brasileira, em especial aquelas relacionadas ao racismo e à exclusão. Um dos episódios mais emblemáticos foi a proibição da participação de um estudante nas atividades, motivada por orientações religiosas familiares, revelando a persistência do racismo religioso e da demonização das matrizes culturais africanas, herança direta do colonialismo.

Diante desse contexto, reafirmou-se, ao longo da pesquisa, a distinção entre a “capoeira na escola”, compreendida como prática que preserva sua dimensão histórica, política e emancipatória, e a “capoeira da escola”, frequentemente esvaziada de sentido para se adequar a padrões hegemônicos. Educar para a desbarbarização implicou, portanto, assumir a capoeira como saber universal, crítico e emancipatório, legitimado pelas Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, e comprometido com a justiça social.

A organização didático-metodológica da pesquisa resultou na elaboração de um sequenciador de 19 aulas, estruturadas a partir de vivências corporais, rodas de conversa, registros pedagógicos, produção de desenhos e realização de grupos focais. O uso do diário pedagógico, aliado aos registros fotográficos e às falas das crianças, possibilitou captar processos formativos que extrapolam o visível, evidenciando a transição do corpo entendido como objeto para o corpo compreendido como corpo-político, portador de memória, identidade e resistência.

Um recurso educacional foi construído no âmbito da pesquisa, sendo o Jogo da Memória Afro-Brasileiro, que se configurou como importante mediação simbólica no processo educativo. Por meio desse recurso, as crianças puderam transitar do jogo lúdico para a reflexão crítica, ao entrarem em contato com imagens que representavam resistência, ancestralidade e equidade racial. À luz da Psicologia Histórico-Cultural, compreende-se que o jogo cria zonas de desenvolvimento proximal, permitindo à criança elaborar novos sentidos, desejos e compreensões sobre regras sociais complexas.

Além de constituir um recurso educacional vinculado à presente pesquisa, o Jogo da Memória Afro-Brasileiro evidencia a importância da memória como elemento central no ensino da capoeira, uma vez que essa manifestação cultural é construída e transmitida por meio das histórias, das ancestralidades, das resistências e dos saberes preservados coletivamente ao longo do tempo. Sua elaboração, inspirada no protagonismo das crianças e nas experiências vivenciadas durante a intervenção pedagógica, possibilitou transformar a memória em uma prática viva de aprendizagem e reflexão. Para além da temática da capoeira, o recurso revela potencial para inspirar novas produções pedagógicas em diferentes conteúdos da Educação Física, como jogos, brincadeiras, danças, lutas, ginásticas e esportes, especialmente quando construídos com a participação ativa dos estudantes. Dessa forma, o jogo reafirma a importância de metodologias que valorizem a escuta, a criatividade e o protagonismo infantil na produção de conhecimentos escolares.

Os dados produzidos ao longo da investigação revelaram que, inicialmente, as crianças apresentavam compreensões fragmentadas sobre a capoeira, frequentemente associando-a apenas à dança ou à brincadeira. Contudo, no decorrer das vivências, emergiram falas e produções que indicaram o reconhecimento de sua historicidade e de seu papel como prática de resistência

negra. A afirmação do estudante Edson Arantes, ao sintetizar que os antepassados “lutaram para sobreviver”, expressa de forma simbólica a apropriação crítica desse conhecimento e desloca a capoeira de uma posição marginal para o centro do debate pedagógico.

A sensibilidade diante da violência histórica também se manifestou de forma contundente na fala de Bob Charlton, ao analisar imagens de perseguição aos negros, afirmando que “eles perseguiram os capoeiras porque eram negros... para matar, bater”. Tais produções, associadas aos desenhos que retrataram desde a dor dos navios tumbeiros até a esperança representada pelos quilombos, indicam um processo de conscientização em curso, no qual os estudantes deixam a posição de espectadores para se reconhecerem como sujeitos históricos.

A culminância do projeto ocorreu no dia 2 de dezembro de 2024, por meio da realização de uma feira cultural, na qual os estudantes assumiram o protagonismo ao apresentar para a comunidade escolar os instrumentos da capoeira, seus significados e a história da resistência negra. Esse momento evidenciou a potência de uma pedagogia antirracista, sobretudo ao observar o envolvimento e o orgulho de estudantes negros ao vestirem o abadá e receberem seus certificados de participação.

Destaca-se, ainda, que o processo inclusivo foi plenamente contemplado, com a participação ativa de um estudante com necessidades educacionais específicas em todas as atividades propostas, incluindo o manuseio de instrumentos musicais. A roda de capoeira configurou-se, assim, como espaço de reconhecimento das diferenças, não como hierarquias, mas como riqueza humana e cultural.

Conclui-se que o ensino da capoeira, quando articulado à sua dimensão histórica, cultural e política, constitui um caminho fecundo para a formação humana crítica e para o enfrentamento das diferentes formas de barbárie presentes na sociedade contemporânea. Esta pesquisa contribui para o fortalecimento de práticas pedagógicas que rompem com o apagamento cultural, enfrentam o racismo estrutural e promovem a justiça social no cotidiano escolar. Reconhece-se, contudo, que o tempo da proposta pedagógica representa apenas o início de um processo mais amplo e contínuo de desbarbarização.

Reconhecem-se, ainda, alguns limites teóricos desta investigação. Embora o estudo tenha buscado articular a capoeira, a barbárie e os processos de

desbarbarização a partir da Teoria Crítica e da Metodologia Crítico-Superadora, outras possibilidades de aprofundamento teórico e analítico permanecem abertas. A leitura integral de obras centrais da Teoria Crítica, especialmente de autores como Adorno, bem como a ampliação do diálogo com estudos relacionados à educação, estética e emancipação humana, poderia oferecer novas mediações para a compreensão do objeto investigado. Do mesmo modo, a análise dos desenhos produzidos pelas crianças foi realizada a partir dos objetivos da pesquisa, porém poderia ser enriquecida por referenciais específicos da psicologia do desenho infantil e da semiótica, ampliando as possibilidades interpretativas das produções imagéticas. Tais aspectos não comprometem os resultados alcançados, mas evidenciam caminhos promissores para futuras investigações interessadas em aprofundar a compreensão da capoeira, da formação humana e dos processos educativos voltados ao enfrentamento da barbárie.

Os resultados desta pesquisa também evidenciam a potência das crianças como sujeitos capazes de interpretar, questionar e atribuir significados às experiências vivenciadas no contexto escolar. As falas, desenhos, reflexões e posicionamentos produzidos ao longo da intervenção demonstraram que, quando lhes são garantidos espaços de escuta e participação, as crianças apresentam compreensões relevantes sobre temas complexos, como racismo, resistência, injustiça e humanidade. Nesse sentido, as contribuições da banca de qualificação e defesa suscitam importantes desdobramentos para investigações futuras, especialmente no que se refere à ampliação da participação infantil desde as etapas iniciais da pesquisa, incluindo sua inserção em momentos anteriores à formulação do próprio problema investigativo. Tal perspectiva aponta para a necessidade de aprofundar metodologias que fortaleçam processos de escuta ativa e de construção compartilhada do conhecimento, reconhecendo as crianças não apenas como participantes, mas como interlocutoras legítimas na produção de saberes sobre a realidade social e escolar.

Por fim, espera-se que a proposta apresentada inspire outros professores e professoras a reconhecerem a escola como espaço de resistência e de proteção da dignidade humana — um verdadeiro quilombo contemporâneo. Que as experiências aqui sistematizadas possam ser apropriadas, reelaboradas e ressignificadas em diferentes contextos educativos, contribuindo para que a educação se afirme,

essencialmente, como um ato ético, político e emancipador, orientado pela coragem, pela esperança e pela luta contra toda forma de desumanização.

REFERÊNCIAS

- ABIB, P. R. J.; CORDEIRO, A. A. de S. A Educação da Capoeira: uma pedagogia da Cultura Popular / The Education of Capoeira: a popular culture pedagogy. **Educação em Foco**, [s. l.], vol. 21, nº 33, p. 223–241, 2018. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/educacaoemfoco/article/view/1644>. Acesso em: 21 ago. 2024.
- ADORNO, T. W. **Educação e emancipação. Tradução de Wolfgang Leo Maar**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024.
- ARRAES, J. **AS LENDAS DE DANDARA**. São Paulo: Cultura, 2021.
- ARRAES, J. **Heroínas Negras Brasileiras: em 15 cordeis**. São Paulo: Pólen, 2020.
- BATALHA, E. S. É Angola ou Regional? Os Estilos de Capoeira como Estéticas da Diáspora Africana. **Em Tese**, [s. l.], vol. 19, nº 02, p. 156–178, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/83616>. Acesso em: 25 ago. 2024.
- BECHARA, E. **Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras. Língua Portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.
- BONFIM, G. C. S. A prática da capoeira na educação física e sua contribuição para a aplicação da lei 10.639 no ambiente escolar: a capoeira como meio de inclusão social e da cidadania. [s. l.], nº Capoarte, 2010.
- BRASIL, 2003. **Base Legislação da Presidência da República - Lei nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003**. [S. l.], 2003. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=10639&ano=2003&ato=431MTTq10dRpWTbf4>. Acesso em: 30 ago. 2025.
- BRASIL, 2008. **L11645**. [S. l.], 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 30 ago. 2025.
- BRASIL. **Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União**, [S. l.], 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 31 dez. 2024.
- CAETANO, J. O.; CASTRO, H. C. Dandara dos Palmares: uma proposta para introduzir uma heroína negra no ambiente escolar. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, [s. l.], vol. 14, nº 27, p. 153–179, 2020. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/12106>. Acesso em: 19 mar. 2025.
- CAMPOS, H. J. B. C. de; BOAVENTURA, E. M. Mestre bimba: o mito sagrado da capoeira regional. [s. l.], Mestre bimba: o mito sagrado da capoeira regional, 2008.

CASTRO, J. D. L.; VENÂNCIO, L. A CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: CAMINHOS PARA A JUSTIÇA SOCIAL. **Humanidades & Inovação**, [s. l.], vol. 10, nº 17, p. 108–117, 2023. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/8881>. Acesso em: 19 jul. 2024.

COSTA, F. E.; RESENDE, P. Mapeamento e genealogia de mestres e/ou grupos de capoeira em Goiânia/Arqueologia e Patrimônio Cultural. **TEMPVS**. [s. l.], nº Dados eletrônicos (1 arquivo em PDF), 2023.

COSTA, A. P. da; VOSS, D. M. da S. A ARTE DA CAPOEIRA COMO MARCA DE ANCESTRALIDADE DA CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA: PELA EMERGÊNCIA DE UM CURRÍCULO PLURAL. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [s. l.], vol. 10, nº Ed. Especi, p. 770–785, 2018. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/482>. Acesso em: 27 ago. 2024.

D'AMORIM, E.; ATIL, J. **Capoeira patrimônio cultural brasileiro**. 1. ed. São Paulo: FTD, 2014.

DE SOUSA, R. N.; COSTA, F. R. D. Consciência negra e luta: leituras e reflexões acerca do dia 20 de novembro nas escolas de educação básica. **Debates em Educação**, [s. l.], vol. 13, p. 348–364, 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/10970>. Acesso em: 18 mar. 2025.

FARIA, M. C. L.; ARAÚJO, N. C. C. O GINGADO QUE VEM DA ÁFRICA: A CAPOEIRA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NO BRASIL. **Periferia**, [s. l.], vol. 10, nº 1, p. 179–201, 2018. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/31023>. Acesso em: 19 jul. 2024.

FREITAS, K. N. dos S.; SANTOS, R. F. N. dos. O ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA PARA A CONTEXTUALIZAÇÃO DE CONHECIMENTO: A CAPOEIRA COMO INSTRUMENTO INTERDISCIPLINAR DE PROMOÇÃO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA. **Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco**, [s. l.], vol. 13, nº 32, 2023. Disponível em: <https://periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/2508>. Acesso em: 15 ago. 2024.

GALVÃO, J. F. S. D. O.; ALVES, F. G. DIREITO À EDUCAÇÃO SOBRE AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA. **REVISTA FOCO**, [s. l.], vol. 18, nº 1, p. e7421, 2025. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/7421>. Acesso em: 19 mar. 2025.

GIL, A. C. **COMO ELABORAR PROJETOS DE PESQUISA**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOELLNER, S. V. *et al.* Pesquisa qualitativa na Educação Física brasileira: marco teórico e modos de usar. **Pesquisa qualitativa na Educação Física brasileira**:

marco teórico e modos de usar., [s. l.], vol. 21, 3, p. 381–410, 2010. Disponível em: Acesso em: 16 dez. 2024.

GUIMARÃES, L. F. C.; FOSTER, E. da L. S.; CUSTÓDIO, E. S. Da Criminalização à Patrimônio Cultural: uma Análise da História da Capoeira no Brasil. **VEREDAS-Revista Interdisciplinar de Humanidades**, [s. l.], vol. 5, nº 9, p. 95–115, 2022. Disponível em: <https://scholar.archive.org/work/lrfd72q5kjawljpwccowv4rvge/access/wayback/https://revistas.unisa.br/index.php/veredas/article/download/284/396>. Acesso em: 20 ago. 2024.

MARQUES, G. S. PEDAGOGIA CRÍTICO SUPERADORA: NORTEANDO O TRABALHO PEDAGÓGICO COM A CULTURA CORPORAL AFRO-BRASILEIRA NO ENSINO FUNDAMENTAL EM DUAS TURMAS DE 5 ANO. **Temas em Educação Física Escolar**, [s. l.], vol. 7, p. 1–12, 2022. Disponível em: <https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/temasmedfisicaescolar/article/view/3698>. Acesso em: 24 ago. 2024.

MARTINS, B. R. CAPOEIRA: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA FORMAÇÃO DOCENTE CONTRA O RACISMO. **CAPOEIRA: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA FORMAÇÃO DOCENTE CONTRA O RACISMO**, [s. l.], nº Revista África e Africanidades. Suplemento Caderno Olhares Docentes – Especial Reisados, Congadas, Maracatus e Capoeiras, p. 14–25, 2021.

MOURA, C. **Dicionário da escravidão negra no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2022.

MOURA, C. **Quilombos: resistência ao escravismo**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

NOBREGA, C. C. dos S. Por uma educação física antirracista. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [s. l.], vol. 34, nº Esp., p. 51–61, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/173145>. Acesso em: 19 jul. 2024.

OLIVEIRA, R. dos S. de. A importância da identidade da capoeira para o povo brasileiro. **identidade!**, [s. l.], vol. 19, nº 1, p. 110–125, 2014. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/identidade/article/view/1813>. Acesso em: 25 dez. 2024.

PADILHA, G. B. CELEBRANDO O DIA NACIONAL DA CONSCIÊNCIA NEGRA. **CELEBRANDO O DIA NACIONAL DA CONSCIÊNCIA NEGRA**, [s. l.], vol. 27, nº identidade!, p. 13, 2022.

PERTUSSATTI, M. Capoeira: diálogo de saberes como possibilidade de valorização da (s) identidade (s) afro-brasileira (s) e do patrimônio imaterial. **RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, [s. l.], vol. 3, 2017.

Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/518>. Acesso em: 28 ago. 2024.

PONSO, C. C.; ARAÚJO, M. L. de. **Capoeira: A circularidade do saber na escola**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

PONSO, C. C.; ARAÚJO, M. L. de. Capoeira, música e educação: possibilidades pedagógicas no ensino básico. **Música na Educação Básica**, [s. l.], vol. 7, nº 7/8, 2016. Disponível em: <https://revistameb.abem.mus.br/meb/article/view/65>. Acesso em: 17 ago. 2024.

RIBEIRO, F. S. P. **Ensino de Capoeira nas escolas e um jogo jogado com a pedagogia crítico-superadora**. Goiânia, Goiás: [s. d.], 2023.

RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. [S. l.]: Companhia das Letras, 2019.

ROZENDO, J. F.; GUERRA, A. de L. e R. A PRÁTICA DA CAPOEIRA COMO INSTRUMENTO EDUCACIONAL: ARTE E CULTURA. **Revista OWL (OWL Journal) - REVISTA INTERDISCIPLINAR DE ENSINO E EDUCAÇÃO**, [s. l.], vol. 1, nº 1, p. 83–94, 2023. Disponível em: <https://www.revistaowl.com.br/index.php/owl/article/view/14>. Acesso em: 15 ago. 2024.

SALVINO, A. K. S.; AMARAL, C. de A. ASPECTOS HISTÓRICOS E POSSIBILIDADES DE ENSINO DA CAPOEIRA ENQUANTO ELEMENTO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA ESCOLA. **Revista Conexão na Amazônia**, [s. l.], vol. 2, nº edição especial, p. 119–130, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ifac.edu.br/index.php/revistarca/article/view/91>. Acesso em: 14 ago. 2024.

SANTOS, M. M. P. dos; PEREIRA, L. da C. P. CAPOEIRA NA ESCOLA E O PRECONCEITO COM A MULHER. **Revista de Comunicação Científica**, [s. l.], vol. 2, nº 1, 2017. Disponível em: <https://periodicosteste.unemat.br/index.php/rcc/article/view/2224>. Acesso em: 19 ago. 2024.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11. ed. Campinas. SP: Autores Associados, 2011.

SILVA, P. C. da C. *et al.* O SILENCIAMENTO DA CAPOEIRA E O RACISMO RELIGIOSO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR (PARTE I). **Cadernos de Formação RBCE**, [s. l.], vol. 14, nº 2, 2024. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/2632>. Acesso em: 15 ago. 2024.

SILVA, C. J.; KEIM, E. J. CAPOEIRA COMO AGENTE DE RESISTÊNCIA PÓS-COLONIAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA. **CAPOEIRA COMO AGENTE DE RESISTÊNCIA PÓS-COLONIAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA**, [s. l.], nº CAPOEIRA COMO AGENTE DE RESISTÊNCIA PÓS-COLONIAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA, p. 15, 2017.

SOARES, C. L. *et al.* **Metodologia do Ensino de Educação Física**. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1992.

SOUZA, A. P. de. Aprática da capoeira como componente da cultura afro-brasileira no currículo dos anos iniciais do ensino fundamental. **Aprática da capoeira como componente da cultura afro-brasileira no currículo dos anos iniciais do ensino fundamental**, [s. l.], vol. 1, nº Pesq. Prát. Educ, p. 19, 2020.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 9. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1996.

VIEIRA, J. C. S. **Metodologia da Pesquisa Científica na prática**. Curitiba: Editora Fael, 2010.

VYGOTSKY, L. S. **PENSAMENTO E LINGUAGEM**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

APÊNDICE A – Escolha de artigos e exclusão

Título	Autoras (es)	Link	Ano	Local de Publicação (revista; programa de pós-graduação, congresso, etc)
1- O GINGADO QUE VEM DA ÁFRICA: A CAPOEIRA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NO BRASIL	Maressa Carolina Lopes Faria ¹ Nayara Cristina Carneiro Araújo ²	DOI: https://doi.org/10.12957/periferia.2018.31023	2018	Revista Periferia, v.10, n.1, p. 179 - 201, jun. 2018
2 - Capoeira e formação inicial em Educação Física: um estudo de caso	Paula Cristina da Costa Silva Jéssica Karina Silva Ferreira Cássia Maria Hess Eliana de Toledo	https://doi.org/10.5216/rpp.v22.51454	2019	revista pensar a prática
3 - Por uma educação física antirracista	Carolina Cristina dos Santos Nobrega	DOI: https://doi.org/10.11606/1807-5509202000034nesp051	2020	
4 - EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA? UMA ANÁLISE NOS PERIÓDICOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA (2014 a 2020)	Vitor Abdias Cabót Germano Dandara de Carvalho Soares	https://www.researchgate.net/profile/Temas-Em-Educacao-Fisica-Escolar/publication/373358991_EDUCACAO_ANTIRRACISTA_UMA_ANALISE_NOS_PERIODICOS_DE_EDUCACAO_FISICA_2014_a_2020/links/64e764570453074fbd99195/EDUCACAO-ANTIRRACISTA-UMA-ANALISE-NOS-PERIODICOS-DE-EDUCACAO-FISICA-2014-a-2020.pdf	2020	Temas em Educação Física Escolar
5 - A CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: CAMINHOS PARA A JUSTIÇA SOCIAL	José Davi Leite Castro Luciana Venâncio	https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/8881	2023	Revista Humanidades e inovação.

6 - A prática da capoeira na educação física e sua contribuição para a aplicação da lei 10.639 no ambiente escolar: a capoeira como meio de inclusão social e da cidadania	Genilson César Soares Bonfim	https://capoarte.com/Artigos%20-%20A%20pr%C3%A1tica%20da%20capoeira%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20f%C3%ADsica%20e%20sua%20contribui%C3%A7%C3%A3o%20para%20a%20aplica%C3%A7%C3%A3o%20da%20lei%2010.639%20no%20ambiente%20escolar%20a%20capoeira%20como%20meio%20de%20inclus%C3%A3o%20social%20e%20da%20cidadan.pdf	2010	Capoeira levado a sério www.capoarte.com Manter, gostei dessa, pois fala da lei e inclusão.
7 - As vantagens do ensino da capoeira nas aulas de Educação Física Escolar	De Paula, Tania Regina, Bezerra, Wladimir Pereira	https://capoarte.com/Curiosidades%20-%20As%20vantagens%20do%20ensino%20da%20capoeira%20nas%20aulas.pdf	2014	Capoeira levado a sério. Capoarte.com MANTER, FALA DAS VANTAGENS DA CAPOEIRA. ARTIGO.
8 - Educação Física, capoeira e Educação Física escolar: Possíveis relações	Laércio Schwantes Iório; Suraya Cristina Darido	file:///C:/Users/profw/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/MESTRADO/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20MODELO/1314-Texto%20do%20artigo-8414-9489-10-20100908.pdf	2005	Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte MANTER, relaciona a EF e a Capoeira
9 - A capoeira na Escola e na Educação Física	Vinícius Thiago Thiago Melo	http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2011v23n37p190	2011	Revista Motrivivência
10 - Capoeira nas aulas de Educação Física: Uma proposta de intervenção	Flavia Dayana Noronha Rubia-Mar Nunes Pinto	https://doi.org/10.5216/rpp.v7i2.16059	2004 Usei	Revista pensar a prática.

11 - O ensino da capoeira nos anos iniciais na Educação Física escolar	<i>Amanda Mello Andrade de Araújo, Luciana Pedrosa Marcassa, Guilherme Moura Miranda Filmiano</i>	http://www.revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/1975	2013	RBCE
12 - Aspectos históricos e possibilidades de ensino da capoeira enquanto elemento da cultura Afro-Brasileira na escola	<i>ANE KELLY SEVERINO SALVINO</i> <i>Cledir de Araújo Amaral</i>	https://periodicos.ifac.edu.br/index.php/revistarca/article/view/91	2022 Usei	Revista conexão na Amazônia
13 - A importância da capoeira nas aulas de Educação Física Escolar Não abriu, verificar depois.	<i>SANTOS, Wanderson Rodrigues Marçal dos</i>	https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/20619	2017	TCC em licenciatura em Educação Física. UFP
14 - O silenciamento da capoeira e o racismo religioso nas aulas de Educação Física escolar parte 1	<i>Paula Cristina da Costa Silva, Ana Carolina Capellini Rigoni, Giuliano Pablo Almeida Mendonça, Eliana de Toledo</i>	http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/2632	2023	Caderno de formação CBCE
15 - A PRÁTICA DA CAPOEIRA COMO INSTRUMENTO EDUCACIONAL: ARTE E CULTURA	<i>Jefferson Florencio Rozendo</i> <i>ACU (EUA); IFCE</i> <i>Avaeté de Lunetta e Rodrigues Guerra</i> • <i>IFPB; UNADES (PY)</i>	https://www.revistaowl.com.br/index.php/owl/article/view/14	2023	Revisa OWL
16 - O ensino da Educação Física para a contextualização de conhecimento, a capoeira como instrumento interdisciplinar de promoção da cultura Afro-Brasileira	<i>Karollayne Nunes dos Santos Freitas</i> <i>Robério Fabrini Nunes dos Santos</i>	https://periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/2508	2023 Usei	Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco

17 - Educação Física, capoeira e religiosidade materializando possibilidades teórico-metodológicas de abordagem de uma prática corporal	<i>Júlio Ricardo de Barros Rodrigues</i> <i>Edilson Fernandes de Souza</i> <i>Henrique Gerson Kohl</i>	https://www.journals.ufrpe.br/index.php/educacaoetransformacao/article/view/6352	2024 Usei	Revista Educação e (Trans)formação.
18 - Cultura da violência: A capoeira como artefato de contraposição da Educação Física escolar	<i>Lucas de Jesus Aguiar Oliveira</i> <i>Ivanete da Rosa Silva de Oliveira</i>	https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=fvcOEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA14&dq=ensino+da+capoeira+na+educacao%C3%A7%C3%A3o+f%C3%ADsica&ots=nE0eCyljx2&sig=bG965oe0H_D6IYH4rXvGguVICL4&redir_esc=y#v=onepage&q=ensino%20da%20capoeira%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20f%C3%ADsica&f=false	2020	Artigo: Encontro Nacional Movimentos docentes
19 - Capoeira, música e educação: possibilidades pedagógicas no ensino básico	<i>Caroline Cao Ponso</i> <i>Maíra Lopes de Araújo</i>	https://revistameb.abem.mus.br/meb/article/view/65	2016 Usei	Revista Música na Educação Básica.
20 - Capoeira como agente de resistência pós-colonial na educação física	<i>Silva, Carlos José</i> <i>Keim, Ernesto Jacob</i> 2017	https://sedici.unlp.edu.ar/handle/10915/74802	2017	Repositório institucional de la UNLP
21 - CAPOEIRA, CULTURA NEGRA E RESISTÊNCIA: DA SENZALA À SALA DE AULA	<i>Leandro Emanuel Cruz de Oliveira</i>	file:///C:/Users/profw/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/MESTRADO/APROVA%C3%87%C3%83O%20COMIT%C3%8A%20DE%20C3%89TICA/ecosta,+5870-15751-1-CE.pdf	2018	Anais Seminários entrelinhas.

22 - MESTRE BIMBA: O MITO SAGRADO DA CAPOEIRA REGIONAL Descartado, fala muito sobre a vida de Bimba, mas sem vínculos com a educação.	<i>Helio José Bastos Carneiro de Campos</i> <i>Edivaldo Machado Boaventura</i>	http://ri.ucs.br:8080/jspui/bitstream/prefix/3596/1/Mestre%20Bimba.pdf	2008	Artigo semana de mobilização.
23 - CAPOEIRA NA ESCOLA E O PRECONCEITO COM A MULHER Ver se vou manter este tema contra a mulher, se vai se encaixar em meu trabalho.	<i>Marceli Moreira Paulino dos SANTOS</i> <i>Lisanil da Conceição Patrocínio PEREIRA</i>	https://periodicosteste.unemat.br/index.php/rcc/article/view/2224	2017 Usei	Revista de comunicação Científica.
24 - A PRÁTICA DA CAPOEIRA COMO COMPONENTE DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA NO CURRÍCULO DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	<i>Andre Prevital de Souza</i>	file:///C:/Users/profw/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/MESTRADO/APROVA%C3%87%C3%83O%20COMIT%C3%8A%20DE%20%C3%89TICA/32-Texto%20do%20artigo-451-1-10-20201004.pdf	2020	Pesquisas e práticas educativas.
25- Da criminalização à Patrimônio Cultural: uma Análise da História da Capoeira no Brasil	<i>Luiz Fernando Carneiro Guimarães</i> <i>Eugenia da Luz Silva Foster</i> <i>Elivaldo Serrão Custódio</i>	file:///C:/Users/profw/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/MESTRADO/284-Texto%20do%20artigo-2159-1-10-20220624.pdf	2021	Revista Veredas
26 - CAPOEIRA: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA FORMAÇÃO DOCENTE CONTRA O RACISMO	<i>Bruno Rodolfo Martins2</i>	https://africaeaficanidades.com.br/documentos/Olhare_s_Docentes_Reisados_Congadas_Maracatus_Jongos_Capoeiras.pdf#page=14	2021	Revista África e Africanidades

27 - É Angola ou Regional? Os Estilos de Capoeira como Estéticas da Diáspora Africana	<i>Ettore Schimid Batalha</i>	DOI: https://doi.org/10.5007/1806-5023.2022.e83616	2022	Artigo
28 - A ARTE DA CAPOEIRA COMO MARCA DE ANCESTRALIDADE DA CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA: PELA EMERGÊNCIA DE UM CURRÍCULO PLURAL	<i>Andressa Pinto da Costa Dulce Mari da Silva Voss</i>	https://abpnrevista.org.br/site/article/view/482	2018	REVISTA DA APN
29 - A Capoeira no Brasil Da Proibição à Salvaguarda	<i>Wanessa Pires Lott</i>	DOI: https://doi.org/10.35699/1981-3171.2018.1949	2018	Artigo

30 - PEDAGOGIA CRÍTICO SUPERADORA: NORTEANDO O TRABALHO PEDAGÓGICO COM A CULTURA CORPORAL AFRO-BRASILEIRA NO ENSINO FUNDAMENTAL EM DUAS TURMAS DE 5 ANO.	<u>Guilherme de Souza Marques</u>	https://www.researchgate.net/profile/Temas-Em-Educacao-Fisica-Escolar/publication/373072150_PEDAGOGIA_CRITICO_SUPERADORA_NORTEANDO_O_TRABALHO_PEDAGOGICO_COM_A_CULTURA_CORPORAL_AFRO-BRASILEIRA_NO_ENSINO_FUNDAMENTAL_EM_DUAS_TURMAS_DE_5_ANO/links/64d68a1066f0e0067d8bb312/PEDAGOGIA-CRITICO-SUPERADORA-NORTEANDO-O-TRABALHO-PEDAGOGICO-COM-A-CULTURA-CORPORAL-AFRO-BRASILEIRA-NO-ENSINO-FUNDAMENTAL-EM-DUAS-TURMAS-DE-5-ANO.pdf	2022	Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v.7, n.1, Jan./Dez., p. 1-12, 2022
31 - Mestre Sabú: memória social e práticas culturais da capoeira em Goiás Manter o do mestre Sabú, pois parto desta linhagem dentro da capoeira.	<u>Tucunduva, Tatiana</u>	<u>Dissertação - Tatiana Tucunduva - 2015.pdf (4.98 MB)</u> https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/892d59c1-ac52-4ca0-a6ba-fa4000081b99	2015	DISSERTAÇÃO
32 - Capoeira: diálogo de saberes como possibilidade de valorização da (s) identidade (s) afro-brasileira (s) e do patrimônio imaterial	<u>Pertussatti, Marcelo</u>	https://www.periodicos-capes.gov.br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php/buscaador-primo.html	2017 Usei	Relacult

33 A IMPORTANCIA DA IDENTIDADE DA CAPOEIRA PARA O POVO BRASILEIRO	Rafael dos Santos de Oliveira	http://periodicos.est.edu.br/index.php/identidade/article/view/1813	2014	Periódico
34 - A Educação da Capoeira: uma pedagogia da Cultura Popular / A Educação da Capoeira: uma pedagogia da cultura popular	Pedro Rodolpho Jungers Abib Alberto Alan de Sousa Cordeiro	DOI: https://doi.org/10.24934/eef.v21i33.1644	2018	<u>EDUCAÇÃO EM FOCO</u> /

Voltados ao racismo

Título	Autoras (es)	Link	Ano	Local de Publicação (revista; programa de pós-graduação, congresso, etc)
1 As vantagens do ensino da capoeira nas aulas de Educação Física Escolar	De Paula, Tania Regina, Bezerra, Wladimir Pereira	https://capoarte.com/Curiosidades%20-%20As%20vantagens%20do%20ensino%20da%20capoeira%20nas%20aulas.pdf	2014	Capoeira levado a sério. Capoarte.com
2 Educação Física, capoeira e Educação Física escolar: Possíveis relações	Laércio Schwantes Lório; Suraya Cristina Darido	file:///C:/Users/profw/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/MESTRADO/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20MODELO/1314-Texto%20do%20artigo-8414-9489-10-20100908.pdf	2005	Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte
3 A prática da capoeira na educação física	Genilson César Soares Bonfim	https://capoarte.com/Artigos%20-%20A%20pr%C3%A1tica%20da%20capoeira%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20f%C3%89isica.pdf	2010	Capoeira levado a sério www.capoarte.com

e sua contribuição para a aplicação da lei 10.639 no ambiente escolar: a capoeira como meio de inclusão social e da cidadania		C3%ADsica%20e%20sua%20contribui%C3%A7%C3%A3o%20para%20a%20aplica%C3%A7%C3%A3o%20da%20lei%2010.639%20no%20ambiente%20escolar%20a%20capoeira%20como%20meio%20de%20inclus%C3%A3o%20social%20e%20da%20cidadan.pdf		
4 A capoeira na Escola e na Educação Física	Vinícius Thiago Thiago Melo	http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2011v23n37p190	2011	Revista Motrivivência
5 Capoeira nas aulas de Educação Física: Uma proposta de intervenção	Flavia Dayana Noronha Rubia-Mar Nunes Pinto	https://doi.org/10.5216/rpp.v7i2.16059	2004 Usei	Revista pensar a prática.
6 O ensino da capoeira nos anos iniciais na Educação Física escolar	<i>Amanda Mello Andrade de Araújo, Luciana Pedrosa Marcassa, Guilherme Moura Miranda Filmiano</i>	http://www.revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/1975	2013	RBCE
7 Aspectos históricos e possibilidades de ensino da capoeira enquanto elemento da cultura Afro-Brasileira na escola	<i>ANE KELLY SEVERINO SALVINO</i> <i>Cledir de Araújo Amaral</i>	https://periodicos.ifac.edu.br/index.php/revistarca/article/view/91	2022 Usei	Revista conexão na Amazônia
8 CULTURA AFRO-BRASILEIRA: A CAPOEIRA NA ESCOLA E NA EDUCAÇÃO FÍSICA	<i>Gabriela Simões Silva</i> <i>Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro1</i> <i>Cindy Valim de Souza</i> <i>Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro2</i> <i>Thamires Cecílio</i>	https://www.researchgate.net/profile/Temas-Em-Educacao-Fisica-Escolar/publication/373389411_CULTURA_AFRO-BRASILEIRA_A_CAPOEIRA_NA_ESCOLA_E_NA_EDUCACAO_FISICA/links/64e8c7050acf2e2b5215c377/CULTURA-AFRO-BRASILEIRA-A-CAPOEIRA-NA-ESCOLA-E-	2019	researchgate.net

	<i>Melo Ribeiro Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro3 Elizangela Cely da Silva Oliveira Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/PPGEduc 4</i>	NA-EDUCACAO-FISICA.pdf		
9	<i>SANTOS, Wanderson Rodrigues Marçal dos</i>	https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/20619	2017	TCC em licenciatura em Educação Física. UFP
10	<i>Paula Cristina da Costa Silva, Ana Carolina Capellini Rigoni, Giuliano Pablo Almeida Mendonça, Eliana de Toledo</i>	http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/2632	2023	Caderno de formação CBCE
11	<i>MATHEUS LUCHI BERNARDES RENATO LÓSS DE FREITAS</i>	https://cefd.ufes.br/sites/cefd.ufes.br/files/TCC%20Renato%20Loss%20e%20Matheus%20Luchi.pdf	2013	TCC
12	<i>Jefferson Florencio Rozendo ACU (EUA); IFCE Avaeté de Lunetta e Rodrigues Guerra</i> • <i>IFPB; UNADES (PY)</i>	https://www.revistaowl.com.br/index.php/owl/article/view/14	2023	Revisa OWL
13	<i>Breno Fiori Bertazzoli</i>	https://repositorio.unicamp.br/arquivo/detalhe/360053	2005 Usei	TCC

14	Capoeira na educação física escolar: vivências e formações que permeiam a práxis pedagógica	<u>Castro, José Davi Leite</u>	http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/63544	2021	TCC
15	O ensino da Educação Física para a contextualização de conhecimento, a capoeira como instrumento interdisciplinar de promoção da cultura Afro-Brasileira	<i>Karolayne Nunes dos Santos Freitas</i> <i>Robério Fabrini Nunes dos Santos</i>	https://periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/2508	2023 Usei	Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco
16	Educação Física, capoeira e religiosidade materializando possibilidades teórico-metodológicas de abordagem de uma prática corporal	<i>Júlio Ricardo de Barros Rodrigues</i> <i>Edilson Fernandes de Souza</i> <i>Henrique Gerson Kohl</i>	https://www.journals.ufrpe.br/index.php/educacaoetransformacao/article/view/6352	2024 Usei	Revista Educação e (Trans)formação.
17	Cultura da violência: A capoeira como artefato de contraposição da Educação Física escolar	<i>Lucas de Jesus Aguiar Oliveira</i> <i>Ivanete da Rosa Silva de Oliveira</i>	https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=fvcOEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA14&dq=ensino+da+capoeira+na+educa%C3%A7%C3%A3o+f%C3%ADsica&ots=nE0eCyljx2&sig=bG965oe0H_D6IYH4rXvGguVICL4&redir_esc=y#v=onepage&q=ensino%20da%20capoeira%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20f%C3%ADsica&f=false	2020	Artigo: Encontro Nacional Movimentos docentes
18	Capoeira, música e educação: possibilidades pedagógicas no ensino básico	<i>Caroline Cao Ponso</i> <i>Maíra Lopes de Araújo</i>	https://revistameb.abem.mus.br/meb/article/view/65	2016 Usei	Revista Música na Educação Básica.
19	Capoeira como	<u>Silva, Carlos José</u> <u>Keim, Ernesto Jacob</u> 2017	https://sedici.unlp.edu.ar/handle/10915/74802	2017	Repositório institucional de la

agente de resistência pós-colonial na educação física				UNLP
20 CAPOEIRA, CULTURA NEGRA E RESISTÊNCIA: DA SENZALA A SALA DE AULA	<i>Leandro Emanuel Cruz de Oliveira</i>	file:///C:/Users/profw/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/MESTRADO/APROVA%C3%87%C3%83O%20COMIT%C3%8A%20DE%20%C3%89TICA/ecosta,+5870-15751-1-CE.pdf	2018	Anais Seminários interlinhas.
21 MESTRE BIMBA: O MITO SAGRADO DA CAPOEIRA REGIONAL	<i>Helio José Bastos Carneiro de Campos</i> <i>Edivaldo Machado Boaventura</i>	http://ri.ucsal.br:8080/jspui/bitstream/prefix/3596/1/Mestre%20Bimba.pdf	2008	Artigo semana de mobilização.
22 O REGISTRO DA CAPOEIRA COMO PATRIMÔNIO IMATERIAL: NOVOS DESAFIOS SIMBÓLICOS E POLÍTICOS	<i>Simone Pondé Vassallo</i>	https://portalrevistas.ucb.br/index.php/efr/article/view/977	2008	Educação Física em revista.
23 CAPOEIRA NA ESCOLA E O PRECONCEITO COM A MULHER	<i>Marceli Moreira Paulino dos SANTOS</i> <i>Lisanil da Conceição Patrocínio PEREIRA</i>	https://periodicosteste.unemat.br/index.php/rcc/article/view/2224	2017 Usei	Revista de comunicação Científica.
24 Capoeira: a história e trajetória de um patrimônio cultural do Brasil	<i>Ricardo Martins Porto Lussac*</i> <i>Manoel José Gomes Tubino**</i>	https://capoarte.com/Revistas%20-%20Capoeira%20a%20hist%C3%B3ria%20e%20trajet%C3%B3ria%20de%20um%20patrim%C3%B4nio%20cultural%20do%20Brasil.pdf	2009	Revista da Educação Física/UEM.
25 A PRÁTICA DA CAPOEIRA COMO COMPONENTE DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA NO CURRÍCULO DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTA	<i>Andre Prevital de Souza</i>	file:///C:/Users/profw/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/MESTRADO/APROVA%C3%87%C3%83O%20COMIT%C3%8A%20DE%20%C3%89TICA/32-Texto%20do%20artigo-451-1-10-20201004.pdf	2020	Pesquisas e práticas educativas.

L				
26	<i>Medeiros, Marilene Pereira da Silva</i>	https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/44333	2016	TCC
27	<i>Bruno Rodolfo Martins2</i>	https://africaeaficanidades.com.br/documentos/Olhares_Docentes_Reisados_Congadas_Maracatus_Jongos_Capoeiras.pdf#page=14	2021	Revista África e Africanidades
28	<i>Antunes, Maria Eduarda Rodrigues</i>	http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/1607	2022	Dissertação
29	<i>Tucunduva, Tatiana</i>	<u>Dissertação - Tatiana Tucunduva - 2015.pdf (4.98 MB)</u> https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/892d59c1-ac52-4ca0-a6ba-fa4000081b99	2015	DISSERTAÇÃO
30	<i>Koman, Georges Sosthene</i>	https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/7383	2016	TESE
31	<i>Pertussatti, Marcelo</i>	https://www-periodicos-capes.gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php/buscaador-primo.html	2017	Relacult

32	A IMPORTÂNCIA DA IDENTIDADE DA CAPOEIRA PARA O POVO BRASILEIRO	<i>Rafael dos Santos de Oliveira</i>	http://periodicos.est.edu.br/index.php/identidade/article/view/1813	2014	Periódico
33	A HISTÓRIA DA CAPOEIRA E SUAS POSSIBILIDADES LÚDICAS, BRINCANTES E IMAGINÁRIAS	<i>Samara Escobar Martins</i> <i>Alcyane Marinho</i>	https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/40241	2023	Revista Brasileira de estudos do lazer
34	Da Criminalização à Patrimônio Cultural: uma Análise da História da Capoeira no Brasil	<i>Luiz Fernando Carneiro Guimarães</i> <i>Eugénia da Luz Silva Foster</i> <i>Elivaldo Serrão Custódio</i>	file:///C:/Users/profw/OneDrive/C3%81rea%20de%20Trabalho/MESTRADO/284-Texto%20do%20artigo-2159-1-10-20220624.pdf	2021	Revista Veredas
35	Capoeira, do crime à legalização: Uma história de resistência da cultura popular	<i>Albert Albert Alan de Sousa Cordeiro</i> <i>Nazaré Cristina Carvalho</i>	https://trilhasdahistoria.ufms.br/index.php/RevTH/article/view/417	2013	Revista trilhas da história
36	A ARTE DA CAPOEIRA COMO MARCA DE ANCESTRALIDADE DA CULTURA AFRICANA E AFRO- BRASILEIRA: PELA EMERGÊNCIA DE UM CURRÍCULO PLURAL	<i>Andressa Pinto da Costa</i> <i>Dulce Mari da Silva Voss</i>	https://abpnrevista.org.br/site/article/view/482	2018	REVISTA DA APN
37	A capoeira no contexto do estado novo: Civilização ou Barbárie	<i>Diego Fernandes de Melo</i> <i>Marcelo Moraes e Silva</i>	https://www.researchgate.net/profile/Marcelo-Moraes-E-Silva/publication/26576545_A_capoeira_no_contexto_do_estado_novo_civilizacao_ou_barbarie/links/63f10eec19130a1a4a8d99cf/A-capoeira-no-contexto-do-estado-novo-	2018	Artigos

		civilizacao-ou-barbarie.pdf		
38				
A Capoeira no Brasil Da Proibição à Salvaguarda	Wanessa Pires Lott	DOI: https://doi.org/10.35699/1981-3171.2018.1949	2018	Artigo
39				
É Angola ou Regional? Os Estilos de Capoeira como Estéticas da Diáspora Africana	Ettore Schmid Batalha	DOI: https://doi.org/10.5007/1806-5023.2022.e83616	2022	Artigo
40				
DA CAPOEIRA ESCRAVA À REGIONAL DE MESTRE BIMBA DE 1808 A 1937: UMA REFLEXÃO HISTÓRICA	Tatiane Trindade Machado	https://capoarte.com/Escritos%20-%20Da%20capoeira%20escrava%20%C3%A0%20regional%20de%20mestre%20bimba%20de%201808%20a%201937%20uma%20reflex%C3%A3o%20hist%C3%B3rica.pdf	2017	Seminário Gepráxis, Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, v. 6, n. 6, p 3700-3718, 2017.
41				
Relato de Vivência Escolar: Capoeira, homenagem, resistência e conquista da liberdade	Silva, Maria do Céu Araújo	https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/44346	2016	Especialização
42				
PEDAGOGIA CRÍTICO SUPERADORA: NORTEANDO O TRABALHO PEDAGÓGICO COM A CULTURA CORPORAL AFRO-BRASILEIRA NO ENSINO FUNDAMENTAL EM DUAS TURMAS DE 5 ANO.	Guilherme de Souza Marques	https://www.researchgate.net/profile/Temas-Em-Educacao-Fisica-Escolar/publication/373072150_PEDAGOGIA_CRITICO_SUPERADORA_NORTEANDO_O_TRABALHO_PEDAGOGICO_COM_A_CULTURA_CORPORAL_AFRO-BRASILEIRA_NO_ENSINO_FUNDAMENTAL_EM_DUAS_TURMAS_DE_5_ANO/links/64d68a1066f0e0067d8bb312/PEDAGOGIA-CRITICO-SUPERADORA-NORTEANDO-O-TRABALHO-PEDAGOGICO-COM-A-CULTURA-CORPORAL-AFRO-BRASILEIRA-NO-ENSINO-FUNDAMENTAL-EM-DUAS-TURMAS-DE-5-ANO.pdf	2022	Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v.7, n.1, Jan./Dez., p. 1-12, 2022

Segundo plano

Título	Autoras (es)	Link	Ano	Local de Publicação (revista; programa de pós-graduação, congresso, etc)
1 O ensino da capoeira na Educação Física Escolar: Blog como apoio pedagógico	LUCIANA MARIA FERNANDES SILVA	https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/9801946a-a189-498c-b7b0-aca97d978c76/content	2012	Programa de pós-graduação (Mestrado) Unesp.
2 Entre o crime e o esporte: a capoeira em impressos no Rio de Janeiro, 1890-1960	Lussac, Ricardo Martins Porto	http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/10406	2016	Tese
3 Alguns sentidos e significados da capoeira, da linguagem corporal da Educação Física	<i>Gilbert de Oliveira Santos</i>	http://oldarchive.rbceonline.org.br/index.php/RBCE/article/view/440	2009	RBCE. Manter, pois fará definições da capoeira.

4	Capoeira, patrimônio cultural e Educação Física: Reflexões curriculares sobre a diversidade de conteúdos na escola	<i>Abrahão, Bruno</i> <i>Otávio de Lacerda</i> ; <i>Parente, Maria Larissy da Cruz</i> ; <i>Rodrigues, Alexsandro Gonzaga</i>	https://doi.org/10.23925/1809-3876.2022v20i3p1022-1042	2023	<u>Revista e-Curriculum</u>
5	A importância da capoeira como conteúdo da Educação Física escolar	<i>L Barros, M Santos -</i>	https://fait.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_de_staque/Jvf7SGatoSaN9O5_2014-4-22-15-18-48.pdf	2012	FAIT Revista–1ª Edição.
6	A capoeira para uma Educação Física Crítico Superadora	<i>BRENO FIORI BERTAZZOLI</i>	file:///C:/Users/profw/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/MESTRADO/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20MODELO/bertazzoli_brenofiori_tcc.pdf	2005	Monografia
7	Uma abordagem pedagógica para a capoeira	<i>Franco Amaral, Silvia Cristina; Breno Fiori Bertazzoli; de Almeida Alves, Danilo</i>	https://www.proquest.com/openview/e08b13f424ca09b8612b190bd9754cb6/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2038866	2008	Revista Movimento.
9	Preconceito racial na escola: Contribuições da capoeira angola para uma Educação Física reflexiva	<i>Daniel da Silva San Gil</i>	http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/bitstream/handle/unirio/13017/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20PPGEdu%20-%20Daniel%20da%20Silva%20San%20Gil.pdf?sequence=1	2014	Dissertação de mestrado.
10	Capoeira nos anos iniciais do ensino fundamental: dificuldades de inclusão na matriz	<i>Silva, Ana Paula dos Santos</i>	https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/13106	2017	TCC

curricular				
11				
HISTÓRIA DA CAPOEIRA E SUA IMPORTÂNCIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	ANDRE LUIS GODOY	https://www.unimep.br/phpg/mostraacademica/anais/10mostra/4/166.pdf	2012	Mostra academica UNIMEP.
12				
“Quem é esse negro na senzala?”: por uma educação antirracista nas aulas de Capoeira	<u>Jacqueline Rodrigues Cecchetto</u> <u>Luana Monteiro</u>	https://doi.org/10.20396/conex.v21i00.8674556	2023	Revista Conexões
13				
Movimento/Cultura Popular: a luta continua camará	Fábio Machado Pinto	https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php/buscador-primo.html	2000	revista de educação física, esporte e lazer,
14				
Capoeira escolar : a arte popular para uma educação ético-estética	Placedino, Fernando Campiol	https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/3807	2014	<u>Dissertação</u>

29 - A Capoeira no Brasil Da Proibição à Salvaguarda	<i>Wanessa Pires Lott</i>	DOI: https://doi.org/10.35699/1981-3171.2018.1949	2018	Artigo
30 - PEDAGOGIA CRÍTICO SUPERADORA: NORTEANDO O TRABALHO PEDAGÓGICO COM A CULTURA CORPORAL AFRO-BRASILEIRA NO ENSINO FUNDAMENTAL EM DUAS TURMAS DE 5 ANO.	<u><i>Guilherme de Souza Marques</i></u>	https://www.researchgate.net/profile/Temas-Em-Educacao-Fisica-Escolar/publication/373072150_PEDAGOGIA_CRITICO_SUPERADORA_NORTEANDO_O_TRABALHO_PEDAGOGICO_COM_A_CULTURA_CORPORAL_AFRO-BRASILEIRA_NO_ENSINO_FUNDAMENTAL_EM_DUAS_TURMAS_DE_5_ANO/links/64d68a1066f0e0067d8bb312/PEDAGOGIA-CRITICO-SUPERADORA-NORTEANDO-O-TRABALHO-PEDAGOGICO-COM-A-CULTURA-CORPORAL-AFRO-BRASILEIRA-NO-ENSINO-FUNDAMENTAL-EM-DUAS-TURMAS-DE-5-ANO.pdf	2022	Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v.7, n.1, Jan./Dez., p. 1-12, 2022

31 - Mestre Sabú: memória social e práticas culturais da capoeira em Goiás Manter o do mestre Sabú, pois parto desta linhagem dentro da capoeira.	<u><i>Tucunduva, Tatiana</i></u>	<u>Dissertação - Tatiana Tucunduva - 2015.pdf (4.98 MB)</u> https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/892d59c1-ac52-4ca0-a6ba-fa4000081b99	2015	DISSERTAÇÃO
32 - Capoeira: diálogo de saberes como possibilidade de valorização da (s) identidade (s) afro-brasileira (s) e do patrimônio imaterial	<i>Pertussatti, Marcelo</i>	https://www.periodicos-capes.gov.br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php/buscad-or-primo.html	2017 Usei	Relacult
33 A IMPORTANCIA DA IDENTIDADE DA CAPOEIRA PARA O POVO BRASILEIRO	<i>Rafael dos Santos de Oliveira</i>	http://periodicos.est.edu.br/index.php/identidade/article/view/1813	2014	Periódico
34 - A Educação da Capoeira: uma pedagogia da Cultura Popular / A Educação da Capoeira: uma pedagogia da cultura popular	<i>Pedro Rodolpho Jungers Abib Alberto Alan de Sousa Cordeiro</i>	DOI: https://doi.org/10.24934/eef.v21i33.1644	2018	<u>EDUCAÇÃO EM FOCO /</u>

Tabela de Excluídos

Título	Autoras (es)	Link	Ano	Local de Publicação (revista; programa de pós-graduação, congresso, etc)
1 Educação para as relações étnico-raciais na Educação Física e além da capoeira	POMIN, Fabiana e CAFÉ, Lucas Santos	https://doi.org/10.5007/2175-8042.2020.e74127 .	2020, vol.32, n.63,	Rev. [on-line]
2 Os significados da capoeira a partir da tríade dança-luta-jogo nas aulas de educação física escolar	<i>Abreu, Isaac Araujo Novais</i>	http://www.saberaberto.uneb.br/jspui/handle/20.500.11896/308	2015	Monografia
3 A capoeira na escola: Perspectivas para a Educação Física escolar - Uma abordagem teórica e prática	<i>José Eduardo Segala de Medeiros Luís Sérgio Peres</i>	http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_jose_educardo_segala_medeiros.pdf	2007	diaadia.pr.gov.br
4 Capoeira nas aulas de Educação Física: Alguns apontamentos sobre o processo de ensino-aprendizado de professores	Silva, Paula Cristina da Costa	https://doi.org/10.1590/S0101-32892011000400007	2011	Revista Brasileira de Ciências do esporte
5 Capoeira uma rica ferramenta para ser utilizada nas aulas de Educação Física	<i>Gomes, Luiz Marcio Pereira</i>	https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/15950	2021	TCC

6	A capoeira para uma Educação Física Crítico Superadora	BRENO FIORI BERTAZZOLI	file:///C:/Users/profw/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/MESTRADO/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20MODELO/bertazzoli_brenofiori_tcc.pdf	2005	Monografia
	Capoeira, trabalho e educação	Costa, Neuber Leite	https://repositorio.ufba.br/handle/ri/10609	2007	Dissertação de mestrado. UFB.
	A capoeira como conteúdo da Educação Física nos anos iniciais do ensino fundamental	Alysson Diego Ribeiro José Silva Junior Clóvis M. Sedorko	https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/tcc/article/view/53	2014	Trabalho de conclusão de curso. Faculdade Sant'ana.
	A importância da Capoeira na Educação Física Escolar	SILVA, Katiane Bernadete Conceição da	https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/50783	2023	TCC em licenciatura em Educação Física. UFPE.
	O ENSINO DA CAPOEIRA NA ESCOLA: UM ESTUDO DE CASO – ANÁLISE DO PLANO DE AULA	HENRIQUE ELIAS BACAN	https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/2d20c899-abf0-403a-bbfd-2f0017caa71e/content	2022	TCC em licenciatura em Educação Física. UNESP.
	Educação para as relações étnico-raciais na Educação Física para além da capoeira	Fabiana Pomin Lucas Santos Café	https://doi.org/10.5007/2175-8042.2020.e74127	2020	Rev. Motriviv. vol.32 no.63 Florianópolis 2020 Epub 01-Nov-2020.

Uma contribuição ao ensino de capoeira nas escolas públicas Brasileiras	<i>Fábio Machado Pinto Joseane Pinho Corrêa Manoel Alair Knaben Junior</i>	https://yoga.paginas.ufsc.br/files/2013/09/Cultura-e-Educacao-na-Escola-de-Tempo-Integral-Formacao-de-Educadores.pdf#page=51	2010	Capítulo do livro: Cultura e educação na escola de tempo integral: Formação de educadores.
Capoeira, trabalho e educação	<i>Costa, Neuber Leite</i>	https://repositorio.ufba.br/handle/ri/10609	2007	Dissertação de mestrado. UFB.
A capoeira e suas possíveis relações com o desenvolvimento motor dos alunos de primeira a quarta série do ensino fundamental	<i>Danilo Roberto Xavier de Oliveira</i>	https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/360525	2005	TCC
Capoeira na roda com a Educação Física escolar	RONALDO LOPES FERREIRA	file:///C:/Users/profw/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/MESTRADO/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20MODELO/ferreira_ronaldolopes_tcc.pdf	2010	Monografia

Uma aula de pernas para o ar: reflexões sobre ensinar e aprender capoeira nas aulas de educação física	<i><u>Admir Soares de Almeida Júnior</u></i>	http://hdl.handle.net/1843/56805	2016	Artigo de periódico
Capoeira na Educação Básica	<i>Reis, Luciano Tavares</i>	http://www.monografias.ufop.br/handle/35400000/5260	2023	Monografia
A capoeira como prática educativa no ambiente escolar	<i>Arminda Bellan Posser Katiuscia Mello Figuer Gisele do Rocio Cordeiro</i>	https://cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/3068	2024	Caderno intersaberes Uninter
A capoeira contemporânea: antigas questões, novos desafios.	<i>Vivian Luiz Fonseca</i>	https://capoarte.com/Revistas%20-%20A%20capoeira%20contempor%C3%A2nea%20antigas%20quest%C3%B5es,%20novos%20desafios.	2008	Revista de História do Esporte
Benefícios da capoeira como elemento da cultura corporal em aulas de Educação Física no ensino fundamental	<i>Elaine Maria de Souza Laura Vicuña Aglezio Cardoso Silva</i>	http://revista.sear.com.br/rei/article/view/65	2019	Revista Eletrônica Interdisciplinar

Capoeira: a prática pedagógica na Educação Física escolar	<i>Adjinan Mayara da Silva Araújo</i> <i>Tatiane Trindade Machado</i> <i>Cássia Paloma Porto Silva</i> <i>Lucas Betrão Batista</i>	https://core.ac.uk/download/pdf/229301624.pdf	2017	Seminário Gepraxis
A capoeira e suas possíveis relações com o desenvolvimento motor dos alunos de primeira a quarta série do ensino fundamental	<i>Danilo Roberto Xavier de Oliveira</i>	https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/360525	2005	TCC
Capoeira na roda com a Educação Física escolar	RONALDO LOPES FERREIRA	file:///C:/Users/profw/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/MESTRADO/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20MODELO/ferreira_ronaldolopes_tcc.pdf	2010	Monografia
Foge capoeira: em movimento a história se faz presente	<u><i>Domingos, Lucas Barbosa</i></u>	http://repositorio.unesc.net/handle/1/3085	2014	TCC

Preconceitos e discriminação na capoeira: a voz de uma Mestre	TATIANA CANDIDA	https://doi.org/10.20396/conex.v21i00.8674980	2024	Revista conexões
Capoeira na escola: Entre o berimbau e o caderno	Fernando Pereira Alves	https://capoarte.com/Conectado%20-%20Capoeira%20na%20escola%20Entre%20o%20berimbau%20e%20o%20caderno.pdf	2009	Revista conectando
Musicalidade na capoeira: uma construção oral através da musicalidade da capoeira	Silva, Maria Sandra da	http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/riufal/3599	2018	TCC
A CAPOEIRA COMO ELEMENTO DA CULTURA BRASILEIRA: TERRITÓRIOS E IDENTIDADES EM AMBIENTES DE ENSINO	João Marcus Perelli-dos-Santos ¹ ; Leonardo José Mataruna-dos-Santos ² .	https://www.researchgate.net/profile/Leonardo-Mataruna/publication/282421780_A_CAPOEIRA_COMO_ELEMENTO_DA_CULTURA_BRASILEIRA_TERRITORIOS_E_IDENTIDADES_EM_AMBIENTES_DE_ENSINO/links/5a7dd434a6fddcc0d4ba81c80/A-CAPOEIRA-COMO-ELEMENTO-DA-CULTURA-BRASILEIRA-TERRITORIOS-E-IDENTIDADES-EM-AMBIENTES-DE-ENSINO.pdf	2015	FIEP BULLETIN

A capoeira na escola : a lei 10.639/2003 como política pública afirmativa	<i>Ferreira, Tarcísio José</i>	https://bdm.unb.br/handle/10483/13069	2014	Monografia (especialização)—Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2014.
CAPOEIRA: NÃO BASTA ENTRAR NA “RODA”, PRECISAMOS CONHECER SUA HISTÓRIA!	<i>Lucas Reis Souto1 , Cintia Silva de Oliveira2 , Jackson Rodrigues Cordeiro3 , Marcelo Cordeiro de Rezende4</i>	https://www.uniube.br/eventos/emie/arquivos/2015/anais_eletronicos/8.pdf	2015	Seminário
CULTURA AFRO-BRASILEIRA: CAPOEIRA	<i>Janine Alessandra Perini</i>	https://doi.org/10.15628/holos.2019.6349	2019	Artigo
UM OLHAR PEDAGÓGICO SOBRE A CAPOEIRA NO ESPAÇO ESCOLAR	<i>Luiza Alves dos Santos Chamie</i> <i>Diógenes José Gusmão Coutinho</i>	https://www.revistainclusion.es.org/index.php/inclu/articloe/view/2203	2019	Artigo
A CAPOEIRA ENQUANTO CULTURA E PRÁXIS EDUCATIVA	<i>Alanson Gonçalves</i>	file:///C:/Users/profw/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/MESTRADO/23011-Texto%20do%20artigo-84993-1-10-20200620.pdf	2019	Arquivo Brasileiro de Educação

As contribuições da capoeira para o ensino de história e cultura afro-brasileira	<i>Magno da Nóbrega Lisboa</i>	https://capoarte.com/Artigos%20-%20As%20contribui%C3%A7%C3%B5es%20da%20capoeira%20para%20o%20ensino%20de%20hist%C3%B3ria%20e%20cultura%20afro-brasileira.pdf		ARTIGO
CAPOEIRA: O QUE OS CORDÊIS NOS DIZEM ACERCA DA ORIGEM DESSA CULTURA POPULAR?	<i>Paulo César da Silva Gonçalves</i> <i>Ailla Melo dos Santos</i> <i>Fabiana Santos Céu</i>	https://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Uplod-568/132051.pdf	2021	Encontro de estudos
GEOGRAFIA E PATRIMÔNIO CULTURAL: ENSAIO SOBRE A CAPOEIRA COMO ESPACIALIZAÇÃO E TERRITORIALIZAÇÃO DO NEGRO NO BRASIL	<i>Rogério Silva Bezerra</i>	https://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1404394061_ARQUIVO_GEOGRAFIAEPATRIMONIOCULTURALENSAIOSOBREACAPOEIRACOMOEESPACIALIZACAODETERRITORIALIZACAODONEGRONOBRAASIL.pdf	2014	Congresso
Capoeira, política cultural e educação	<i>Costa, Neuber Leite</i>	https://repositorio.ufba.br/handle/ri/18186	2015	TESE
Paulo Freire e os desafios de trabalhar numa educação sociocomunitária com capoeira	<i>Ana Paula Galante Martinhago</i>	https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/97810960/EI_Modelo_Pedagogico_Salesiano-libre.pdf?1674701700=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DEI_Modelo_Pedagogico_Salesiano.pdf&Expires=1716982006&Signature=DV0kL64XNpzPz57dVi07CgLtmeFnEOZPR1cNfRD	2015	CAPÍTULO DE LIVRO

		YSnCJrEY90PwHZ7cygJx b42sQBneKy6vzNhZ6pf~K 5vJWAsMklcMzB0iyjL7CW IzFwht~Tkqd761pYwAkzAT AdMc7y8IjpRJ~mRLGc~B N4zYl6SlnTA~PmyFKESsg HHYqq~XESlrt- Lm0BimNRrEjKbmr0Ub4tV dl7117IJUKHR2ej9FdW- Ft1cpwluHKP6DKlnRSvAg XNYQ49- vPe7MTlfoBnrfdD1WOjXou - PcqpQSMWXJ2mu478Mi6 XA-6V6uUo- 8qEK6Ht4ahnPSuCTrh3Y M2sM0Zzjx4H7qY9PMzqM PZuQ_&Key-Pair- Id=APKAJLOHF5GGSLRB V4ZA#page=32		
Os reflexos da capoeira nas aulas de educação física	<i>Cruz, Pedro de Paula</i>	https://bdm.unb.br/handle/10483/14582	2015	TCC
A CAPOEIRA ANGOLA COMO VETOR PARA A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS	<i>Danilo Santos do Vale</i>	https://www.journals.ufrpe.br/index.php/educacaoetransformacao/article/view/890	2016	Revista Educação e (Trans)formação
Capoeiragem carioca: da fina malandragem ao esporte civilizado (1885-1910)	<i>Faustino, Luiz Felipe de Oliveira</i>	https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/13104	2008	TESE

Na encruzilhada [recurso eletrônico] : racismo e educação	<i>Fernanda Feitosa do Vale</i>	DOI: https://doi.org/10.47749/T/ UNICAMP.2019.1128776	2019	TESE
A capoeira na educação física escolar e os saberes discentes: repensando um currículo descolonizado	<i><u>Castro, José Davi Leite</u></i>	https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/58094	2023	DISSERTAÇÃO
A capoeira no jogo das cores : criminalidade, cultura e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1937)	<i>Antonio Liberac Cardoso Simões Pires</i>	DOI: https://doi.org/10.47749/T/ UNICAMP.1996.133744	1996	DISSERTAÇÃO
A importância da inclusão da cultura afro-brasileira nos currículos de educação física escolar a partir do conteúdo capoeira	<i>Silveira, Marta Iris Camargo Messias da</i>	http://repositorio.ufsm.br/handle/1/29371	2004	DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
Da capoeira escrava em Salvador a um método nacional de ensino: a luta regional de Mestre Bimba em questão	<i><u>Marinho, Nilene Matos Trigueiro</u></i>	https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/18347	2020	Tese

Indivíduos dados a arruaças: capoeiras, valientes e contraordem em Itabuna (1950)	<i>Moura, Giselle Raline da Cunha Fernandes</i>	https://repositorio.ufba.br/handle/ri/12856	2012	<u>Dissertação</u>
Repassando o passado : produção e divulgação de saberes na Escola de Capoeira Angola Resistência	<i>Danilo de Abreu e Silva</i>	DOI: https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2013.913027	2013	DISSERTAÇÃO
Capoeira e direitos humanos: Olhares, Vozes, Diálogos	<i><u>Nóbrega, Saulo de Tarso Gambarra da</u></i>	https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/4436	2010	<u>Dissertação</u>
lê viva meu deus – capoeira: da criminalização ao reconhecimento internacional	<i>CASSIANO, Núbia Nogueira</i>	http://bdtd.ufmt.edu.br/handle/tede/198	2014	Dissertação
Direitos humanos e a prática educativa tradicional da Capoeira Angola.	<i><u>SANTOS, Francineide Marques da Conceição</u></i>	http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede2/handle/tede2/7676	2017	<u>Dissertação</u>

O ensino-aprendizado da capoeira nas aulas de educação física escolar	<i>Paula Cristina da Silva</i>	DOI: https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2009.446119	2009	TESE
Capoeira em jogo: possibilidades para o ensino	<i>Allo, Rafael Soares ESPJ</i>	bufalo rs me rcla.pdf (1.07 MB)	2021	Dissertação de mestrado
Capoeira regional: a escola de Mestre Bimba	<i>Allopos, Helio José Bastos</i>	https://repositorio.ufba.br/handle/ri/11005	2006	<u>Tese</u>
Os efeitos político-pedagógicos produzidos pela prática da capoeira no contexto escolar: a compreensão dos coletivos docentes de duas escolas da RME-POA	<i>Araújo, Maira Lopes de</i>	http://hdl.handle.net/10183/172190	2017	<u>Dissertação</u>

Descolonizar o corpo negro nas aulas de educação física: apontamentos para uma prática necessária	<i>Naldino, Luciana, 1977-</i>	R - D - LUCIANA NALDINO.pdf (2.981Mb) https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/65999	2019	<u>Dissertação</u>
A capoeira na sociedade do capital: a docência como mercadoria-chave na transformação da capoeira no século XX	<i><u>Araújo, Benedito</u></i> <i><u>Carlos Libório</u></i> <i><u>Caires</u></i>	https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/1612	2008	DISSERTAÇÃO
Capoeira sou eu: memória, identidade, tradição e conflito	<i><u>Fonseca, Vivian</u></i> <i><u>Luiz</u></i>	<u>CPDOC2009VivianLuizFonseca.pdf (1.62 MB)</u> https://repositorio.fgv.br/items/6fa09956-e98f-4b81-9b33-bd2b123d4a4d	2009	DISSERTAÇÃO
Capoeira na escola: política, ética e estética na roda	<i><u>Polido, Pepita</u></i> <i><u>Saloti [UNESP]</u></i>	<u>polido_ps_me_ia.pdf (6.16 MB)</u> https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/79491da0-402b-48c7-a8a6-df0dad851b8a/content	2018	DISSERTAÇÃO

Capoeira contemporânea: compreensões decorrentes de mestres autodeclarados	<u>Cressoni, Franz</u> <u>Eric de Goes</u> <u>[UNESP]</u>	000767661.pdf (1.65 MB) https://repositorio.unesp.br/items/f0474167-f4cf-4309-8395-ae6088d44802	2013	DISSERTAÇÃO
CAPOEIRA: LÓCUS DE CULTURA E RESISTÊNCIA	Ribeiro, Marla Beatriz de Oliveira	http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/4029	2017	DISSERTAÇÃO
Capoeira, desobediência e educação	<u>Oliveira, Marcio</u> <u>Custódio de</u> <u>[UNESP]</u>	oliveira_mc_me_rcla.pdf (2.81 MB) https://repositorio.unesp.br/items/05c2a34c-b52d-4c5e-bc44-e0f881676035	2018	DISSERTAÇÃO
Os reis da brincadeira e os reis da confusão: analisando os desdobramentos da capoeira no Rio de Janeiro da Primeira República	<u>Vieira, Táysa</u> <u>Goulart Mota</u>	http://www.bdttd.uerj.br/handle/1/13546	2018	<u>Dissertação</u>
Capoeira: fluxos originários em rotas marginais	<u>Valerio, Pedro</u> <u>Henrique Martins</u> <u>(Catálogo USP)</u>	https://doi.org/10.11606/D.39.2014.tde-29072014-193947	2014	Dissertação de Mestrado

Capoeira e educação física: um resgate histórico	<i>B. C. de Campos, Hélio José</i>	https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php/buscador-primo.html	2007	Artigo: Revista Entreideias
Por uma Educação que inclua a cegueira física e transcenda a cegueira epistemológica: a experiência do jogo da capoeira	<i>Albert Cordeiro ; Nazaré Cristina Carvalho</i>	https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php/buscador-primo.html	2018	Revista Educação e Cultura Contemporânea
HISTÓRIA DA CAPOEIRA	<i>Adriana Raquel Ritter Fontoura* Adriana Coutinho de Azevedo Guimarães</i>	https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/34522844/3712-10401-1-PB_1-libre.pdf?1408892106=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DHISTORIA_DA_CAPOEIRA_HISTORY_OF_CAPOEIRA.pdf&Expires=1716918544&Signature=L84C9TreGnLMQJUazsLFEIFNsQOa7X6BBSOIPLC3suH5LStlwMkJukkkRfubnexRaPtmd9tAdnNt8BZCGScMXjpVQbt3D2EE2z0VxrSv9RgEOp6LGymnMyFHNrxSCWLC~5mllw4A5IHBckf6Gq11CABW-MpN5S6v8GXDQ5PHMbnkMH-MPVvyOaUdiQC90xRbOyfCILYYkaHS~kjosOm7JoK1ixL2RzbJgxD-K4JH4tHDrV8Sbn-zk0X1Dad4TuMHej3sWx6nS-Ytm6BxP9Fdv1Nbuocey19CMsHKjo51qko9-Mlhblj7qHA5seUQtZ0ZaoGIlzqC5qRxirhjo0R3w__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA	2002	R. da Educação Física/UEM.

APÊNDICE B – Atividade diagnóstica, formulário



ANEXO 1:

FORMULÁRIO DE RECONHECIMENTO SOBRE O CONTEÚDO CAPOEIRA E BARBÁRIE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA-PROEF

PESQUISADOR: WANDER DE FARIA LIMA

FORMULÁRIO DE PESQUISA SOBRE CAPOEIRA E BARBÁRIE

IDENTIFICAÇÃO

NAME: _____

TURMA: _____



Instruções: Vamos responder às perguntas de uma forma divertida! Cada pergunta tem três opções. Selecione a que você acha que está mais correta. Ao final, faremos uma roda de conversa para discutir as respostas!

1. Como você vê a contribuição dos negros e das negras para Brasil?



- a) Eles ajudaram a construir o Brasil, trazendo sua cultura, trabalho e lutas.
b) Eles não fizeram muita diferença na história do Brasil.
c) Eles só ajudaram em algumas áreas, como música e dança.



PROEF
Educação Física em Rede Nacional



4. Você já treinou capoeira?



- a) Sim! Eu treino ou já treinei.
b) Não, mas tenho vontade de aprender.
c) Não, e não tenho muito interesse.

5. Por que a capoeira foi proibida no passado?



- a) Porque as pessoas não entendiam o que era a capoeira e achavam que era perigoso.
- b) Porque era uma brincadeira muito barulhenta.
- c) Porque machucava todo mundo que praticava.

PROEF
Educação Física em Rede Nacional



6. Como os capoeiristas enfrentaram as dificuldades na época em que a capoeira era proibida?



- a) Eles jogavam capoeira em segredo, fingindo que estavam dançando.
- b) Eles pararam de praticar capoeira para sempre.
- c) Eles desistiram de jogar capoeira e só cantavam músicas.

7. O que significa “barbárie” na sociedade?



- a) Quando acontecem coisas ruins como brigas e injustiças.
- b) Quando tem muitas festas e músicas altas.
- c) Quando as pessoas fazem competições esportivas.



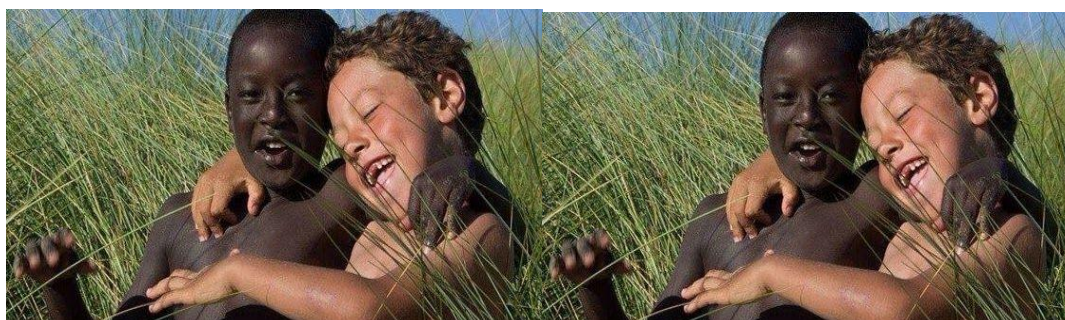
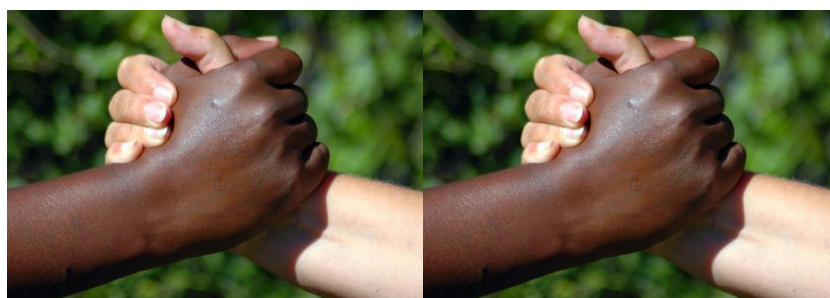
PROEF
Educação Física em Rede Nacional



--	--

APÊNDICE D – Proposta didática: jogo da memória Afro-brasileiro e análise das falas dos estudantes





Contextualização

O Jogo da Memória Afro-Brasileiro, criado pelo pesquisador Wander de Faria Lima, integrou as ações pedagógicas da pesquisa O ensino da capoeira como enfrentamento à barbárie na sociedade atual: uma visão da pedagogia crítico-superadora. O recurso lúdico teve como objetivo estimular a reflexão sobre identidade, racismo e diversidade cultural, articulando ludicidade e consciência crítica conforme os princípios da pedagogia crítico-superadora.

Descrição da atividade

- Material: cartas plastificadas em pares com imagens e frases relacionadas à cultura afro-brasileira e à capoeira.
- Exemplos de imagens: crianças negras e brancas juntas; mãos unidas; mulheres afro-brasileiras; cenas de rodas de capoeira; frases como *“Educação contra a barbárie”* e *“Diga não ao racismo”*.
- Aplicação: após formar pares, os alunos comentavam o significado das imagens e relacionavam-nas a situações do cotidiano.
- Objetivo pedagógico: promover diálogo sobre respeito, equidade e valorização da cultura negra.

Quadro 9 - Falas dos estudantes

Aluno(a)	Fala principal	Síntese interpretativa
Cristiano Ronaldo	“Todo mundo é igual e não pode ter racismo.”	Reconhecimento da igualdade e rejeição à discriminação.
Clara	“Diga não ao racismo. Eu amo capoeira. Consciência Negra.”	Identificação de mensagens positivas e início de compreensão sobre justiça racial.
Victor	“Devemos aceitar as pessoas como elas são.”	Valorização ética da diversidade.
João	“Garoto sofrendo bullying por ser de cor diferente.”	Percepção do preconceito como forma de violência.
Takashi	“Educação contra a barbárie; capoeirista fazendo aú.”	Associação entre capoeira e resistência histórica.
Bob Charlton	“Eles perseguiam os capoeiras porque eram negros.”	Consciência do racismo histórico e da opressão social.
Yara	“Acho a capoeira uma luta bem legal.”	Valorização positiva da prática cultural.
Neymar Junior	“Um branco apertando a mão de um negro. Racismo não deveria existir.”	Entendimento da união e respeito como ideais sociais.
Participante 2	“Crianças fazendo bullying com a menina.”	Identificação crítica de práticas discriminatórias.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Na sequência, apresenta-se o documento na íntegra, disponibilizado para leitura e análise completa do conteúdo.

**Registros dos comentários dos estudantes durante a realização do jogo,
especialmente nos momentos em que obtinham pontuação:**

Cristiano Ronaldo

Cristiano Ronaldo: O meu nome é Cristiano Ronaldo, tenho 3 imagens para falar, essa primeira é só que ninguém, é tem é coisa diferente todo mundo é igual e não pode ter racismo, a outra que que essa aqui mostra uma menina ela pode ser negra pode ser de qualquer cor que não pode ser racismo e essa aqui que é todo mundo igual mesmo.

Pesquisador: Obrigado.

Clara

Clara: O meu nome é Clara e eu tem eu tenho 4 imagens para falar, a primeira: diga não ao racismo, a segunda: eu amo capoeira, a terceira: Consciência Negra.

Pesquisador: O que que você entendeu quando fala: diga não ao racismo é o que você acha que é o que que é o racismo? você acha que que a gente faz com as pessoas é certo a gente falar da cor da pele das pessoas?

Clara: Eu acho não.

Pesquisador: Não é certo né! Obrigado.

Victor

Victor: eu sou Victor, eu recebi exatamente só uma imagem e essa imagem é de uma mulher negra.

Pesquisador: O que que você acha sobre essa imagem?

Victor: Eu acho que devemos aceitar as pessoas como elas são.

Pesquisador: Obrigado.

João

João: Olá, meu nome é João e só tenho uma imagem e a minha imagem é um garoto sofrendo bullying por ser de cor diferente.

Takashi

Takashi: Meu nome é Takashi e eu fiz 3 pontos no jogo da memória, peguei um cartão de educação contra a barbárie, outra treinando a luta da capoeira, uma da capoeira fazendo aú, e outro dando estrelinha e outro dando estrelinha e novamente desviando.

Bob Charlton

Bob Charlton: O meu é Bob Charlton e minha carta é um monte de pessoa correndo mesmo.

Pesquisador: Neste momento o pesquisador explica para os alunos quem era o grupo que estava fugindo nas imagens e quem era o grupo que estava perseguindo. Esse grupo aqui está seguindo esse outro, era o grupo dos capoeiristas por que que esse grupo aqui estava perseguindo o grupo dos Capoeiras?

Bob Charlton: Porque eles eram negros.

Pesquisador: E eles os perseguiam para que?

Bob Charlton: Matar, bater.

Pesquisador: E você acha certo?

Bob Charlton: Não.

Yara

Yara: O meu é uma imagem de um capoeirista fazendo um beija-flor.

Pesquisador: O que você acha Yara da capoeira?

Yara: Eu acho legal, eu acho uma luta bem legal.

Neymar Junior

Neymar Junior: Meu nome é Neymar Junior e tirei uma imagem falando de um branco apertando a mão de um negro.

Pesquisador: o que que você acha dessa imagem?

Neymar Junior: Que o branco não era racista.

Pesquisador: Nesta imagem aí os dois estão juntos?

Neymar Junior: Sim.

Pesquisador: Isso seria interessante para a sociedade? Todo mundo junto?

Neymar Junior: Sim.

Pesquisador: Diminuiria as brigas, as coisas ruins? Por quê?

Neymar Junior: Porque racismo não deveria existir.

Participante 2

Participante 2: Meu nome é Participante 2 e a minha imagem mostra que outras crianças estão fazendo bullying com a menina.

Pesquisador: Você acha certo bullying?

Participante 2: Não.

Pesquisador: O que é o bullying?

Participante 2: É várias pessoas falando mal, intimidando outras.

Síntese Interpretativa e Considerações Finais

As falas e interações dos estudantes ao longo da vivência do Jogo da Memória Afro-Brasileiro evidenciam diferentes níveis de consciência acerca do racismo, da convivência ética e do respeito às diferenças. O caráter lúdico da atividade favoreceu a escuta ativa, o diálogo e a expressão livre das crianças, possibilitando que externalizassem percepções relacionadas à injustiça, à igualdade e à valorização do outro.

O jogo mostrou-se um recurso pedagógico potente ao mobilizar reflexões éticas, históricas e culturais a partir de imagens e narrativas relacionadas à capoeira e à cultura afro-brasileira. Em diálogo com essa perspectiva, reafirma-se sua contribuição para a formação crítica dos estudantes, conforme os pressupostos da pedagogia crítico-superadora, ao articular ludicidade e consciência social sem esvaziar o conteúdo político e histórico das práticas corporais.

De modo geral, o Jogo da Memória Afro-Brasileiro demonstrou potencial para integrar memória, brincadeira e reflexão social, reafirmando a Educação Física escolar e a capoeira como espaços privilegiados de enfrentamento à barbárie e de valorização da cultura negra. Sua aplicação contribuiu para a construção de identidades positivas e para o desenvolvimento de atitudes de respeito, solidariedade e empatia entre os alunos, evidenciando a pertinência do recurso como estratégia educativa antirracista e humanizadora.

Apêndice E – Diários de Campo: vivências, reflexões e aprendizagens sobre capoeira, racismo e barbárie

Introdução

Os diários de campo constituíram um dos principais instrumentos metodológicos da pesquisa, permitindo o registro sistemático das observações, das falas dos alunos e das reflexões do pesquisador durante a execução da sequência didática de 16 aulas sobre o ensino da capoeira. Por meio deles, foi possível acompanhar o processo formativo dos estudantes, compreendendo como suas percepções sobre a capoeira, o racismo e a barbárie foram se transformando ao longo das vivências pedagógicas.

Os registros revelam momentos de descoberta, sensibilização e reflexão crítica, em que o corpo, o movimento e a musicalidade se tornaram mediadores de aprendizagens éticas, históricas e culturais. A análise aqui apresentada respeita a natureza qualitativa da pesquisa e organiza-se em **cinco** blocos temáticos, que expressam as principais etapas da experiência educativa:

1. Primeiros contatos com a capoeira.
2. Brincadeiras e jogos de corpo.
3. Vivências musicais e instrumentos.
4. Discussões sobre história, escravidão e resistência.
5. Roda final e síntese avaliativa.

Bloco 1 – Primeiros contatos com a capoeira: curiosidade e identidade

As aulas iniciais da proposta pedagógica tiveram como objetivo despertar a curiosidade dos estudantes e apresentar a capoeira como uma manifestação cultural historicamente construída. Nos primeiros encontros, surgiram questionamentos recorrentes sobre a natureza da prática, especialmente se se tratava de “luta ou dança”, o que evidencia concepções fragmentadas previamente internalizadas pelos alunos. Observou-se, entretanto, que, na dinâmica da roda, os “[...] corpos começam a dialogar nos golpes de ataque, defesa e fuga [...]” (APÊNDICE F, p. 153), revelando a complexidade expressiva da capoeira. Ao longo do processo, os participantes passaram a ampliar sua compreensão, reconhecendo a prática para

além do domínio técnico, apropriando-se de sua dimensão simbólica, histórica e cultural.

Assim, emergem percepções que passam a associar a capoeira, simultaneamente, à ludicidade e à resistência histórica. Nos relatos das crianças, observa-se o reconhecimento de que os negros “[...] lutaram para sobreviver [...]”, conforme mencionado por Edson Arantes (APÊNDICE F, p. 152), bem como a compreensão de que a prática era utilizada para “[...] se defender do capitão do mato [...]”, segundo Cristiano Ronaldo (APÊNDICE F, p. 152), ou ainda para “[...] proteger suas mulheres [...]”, como destacou Neymar Junior (APÊNDICE F, p. 157).

Essas falas dialogam com a percepção de que “[...] os escravos fugiam e eram perseguidos [...]” (APÊNDICE F, p. 142), reforçando a compreensão da capoeira como uma luta de libertação. Conforme afirmam Soares et al. (1992), compreender a capoeira exige o resgate de sua historicidade marcada pelo enfrentamento, pela resistência coletiva e pela afirmação identitária. Sob a perspectiva histórico-cultural de Vygotsky (2007), a curiosidade e a linguagem — expressas no interesse pelos instrumentos, como o berimbau, e nos pedidos por canções como *Navio Negreiro* — atuam como mediadores do processo de aprendizagem, possibilitando que as crianças construam sentidos sobre a barbárie e a resistência a partir das interações sociais.

Quadro 10 – Síntese analítica do Bloco

Aspectos observados	Falas e registros	Interpretação pedagógica
Consciência do processo histórico de repressão	“[...] os escravos fugiam e eram perseguidos [...]”	A fala surge após a brincadeira “pega-pega escravo”, indicando que a atividade lúdica mediou a compreensão dos alunos sobre a perseguição real sofrida pelos negros no passado.
Funcionalidade da técnica como defesa	“[...] se defender do capitão do mato [...]”	O aluno (Cristiano Ronaldo) conecta os movimentos de ataque e defesa aprendidos em aula à necessidade histórica de enfrentar figuras específicas da opressão colonial.
Ética da proteção e coletividade	“[...] proteger suas mulheres [...]”	Através da metáfora do “jogo do balão” (onde o balão simbolizava o corpo negro), os alunos perceberam que a capoeira servia para salvaguardar não apenas o indivíduo, mas seus familiares e sua comunidade.
Capoeira como luta de resistência vital	“[...] lutaram para sobreviver [...]”	Revela a evolução da percepção dos alunos, que passam a ver a capoeira como uma ferramenta essencial de sobrevivência e dignidade contra a barbárie do sistema escravocrata.

Fonte: Elaborado pelo autor 2025.

Bloco 2 – Brincadeiras e jogos de corpo: aprendendo com o movimento

Neste bloco, as aulas enfatizaram a vivência da ginga, do equilíbrio e de gestos básicos da capoeira, como o martelo alto, a aú e a esquiva cadeira, articulados a brincadeiras corporais, entre elas o *pega-pega escravo* e a *estátua da capoeira*. As observações registradas indicam um clima de animação e entusiasmo coletivo, com participação ativa dos estudantes nas atividades propostas. Destaca-se, nesse contexto, o envolvimento do aluno Participante (NEE), que demonstrou grande alegria ao participar das vivências lúdicas e interagir com os colegas, evidenciando a dimensão inclusiva das práticas corporais desenvolvidas.

A vivência prática possibilitou a emergência de falas que expressam a construção de valores éticos no próprio decorrer do jogo, revelando aprendizagens relacionadas ao respeito, à solidariedade e à convivência coletiva. Entre os registros, destacam-se as seguintes manifestações: “[...] Temos que respeitar todas as pessoas [...]” (APÊNDICE F, p. 144), conforme relato de Cristiano Ronaldo após reflexão sobre cultura e barbárie; “[...] Todos precisam se respeitar [...]” (APÊNDICE F, p. 149), pronunciado por Yara durante atividade de ilustração e reflexão; e “[...] Entendi a necessidade de defender seus corpos [...]” (APÊNDICE F, p. 154), relato coletivo registrado após a realização das brincadeiras *arranca rabo* e *jogo do balão*.

Essas falas evidenciam a aprendizagem de valores éticos e de solidariedade que emergem da experiência corporal compartilhada, inclusive diante de desafios vivenciados durante as atividades, como o choro de uma aluna ao ter seu balão estourado. Nesses momentos, a mediação pedagógica mostrou-se fundamental para ressignificar a situação, conduzindo os alunos à compreensão da atividade como um espaço de aprendizagem coletiva, diálogo e empatia. De acordo com Ponso e Araújo (2016), o ensino da capoeira no contexto escolar deve possibilitar a vivência de princípios como respeito, cooperação e pertencimento, promovendo aprendizagens significativas por meio do corpo e da cultura.

A brincadeira corporal, ao mesmo tempo em que proporciona diversão, ensina limites, cooperação e empatia, como observado quando os próprios alunos se organizaram para garantir que as meninas também atuassem simbolicamente como “Dandara” e “feitoras”, assegurando a participação equitativa de todos. Segundo Saviani (2011), a prática educativa deve mediar o movimento do espontâneo ao

consciente, articulando o prazer de aprender ao compromisso ético com o outro, transformando o ato de “brincar de fugir” em uma compreensão crítica sobre a luta histórica pela sobrevivência com dignidade.

Quadro 11 – Síntese analítica do Bloco 2

Aspectos observados	Falas e registros	Interpretação pedagógica
Educação contra a barbárie e ética	“[...] Temos que respeitar todas as pessoas [...]” (Cristiano Ronaldo, após reflexão sobre cultura e barbárie).	A fala demonstra que a mediação pedagógica através de vídeos sobre a história afro-brasileira permitiu ao aluno transpor o conhecimento histórico para um princípio ético universal, combatendo a lógica da barbárie e do preconceito no cotidiano.
Mediação simbólica e internalização de valores	“[...] Todos precisam se respeitar [...]” (Yara, durante atividade de ilustração e reflexão).	O registro ocorre em um momento de síntese (desenho), indicando que a participante da pesquisa internalizou a necessidade de respeito mútuo ao correlacionar a capoeira com a escravidão, transformando a percepção visual e teórica em um valor de convivência social.
Consciência corporal como resistência histórica	“[...] Entendi a necessidade de defender seus corpos [...]” (Relato coletivo após brincadeiras lúdicas).	Através da ludicidade (jogos como “arranca rabo” e o “jogo do balão”), os estudantes compreenderam que os movimentos de defesa não eram apenas exercícios físicos, mas estratégias vitais de sobrevivência e proteção da dignidade utilizadas pelos negros escravizados.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Bloco 3 – Vivências musicais, cantos e instrumentos

A aula intitulada *Brincando com os Instrumentos*, assim como os momentos dedicados à musicalidade, possibilitou a introdução dos alunos à bateria da capoeira, composta por berimbau, pandeiro e agogô, permitindo que as crianças ouvissem, observassem e experimentassem a produção sonora desses instrumentos. Os registros do diário pedagógico indicam que os estudantes ficaram “[...] muito eufóricos pelo berimbau [...]” (APÊNDICE F, p. 146), revelando elevado nível de motivação e curiosidade, ao mesmo tempo em que reconheceram que “[...] tocar não é tão simples [...]” (APÊNDICE F, p. 146). Ao longo dessas vivências, a música assumiu um papel de mediação afetiva e pedagógica, favorecendo a participação e o engajamento dos alunos. Nesse contexto, o participante (NEE) relatou com satisfação: “Estou gostando da capoeira” (APÊNDICE F, p. 146), além de demonstrar orgulho ao conseguir tocar o agogô e o pandeiro, evidenciando a potência inclusiva da musicalidade no processo de ensino-aprendizagem.

Essas falas indicam que a música despertou vínculos simbólicos entre os participantes, constituindo-se como um verdadeiro “fio condutor” da experiência coletiva. À luz da perspectiva histórico-cultural de Vygotsky (2007), a linguagem simbólica e o ritmo assumem papel central no processo de aprendizagem, na medida em que possibilitam à criança construir significados sobre a realidade a partir das emoções, sensações e expressões corporais vivenciadas nas interações sociais. Nesse sentido, a musicalidade na capoeira revela-se elemento fundamental da prática, pois é responsável por organizar o jogo, orientar os movimentos e promover a integração dos participantes em um ritmo comum, fortalecendo o sentimento de pertencimento e a dimensão coletiva da aprendizagem.

Ao mesmo tempo, as vivências musicais abriram espaço para questionamentos relacionados à ancestralidade e à resistência. Durante as aulas, o professor utilizou as cantigas da capoeira como recurso pedagógico para provocar reflexões acerca da barbárie historicamente sofrida — e ainda vivenciada — pela população negra, destacando que as letras carregam história, essência e conteúdo simbólico.

Dúvidas sobre a origem da capoeira, como o questionamento se a prática teria surgido no Brasil ou na África, foram mediadas por meio de analogias, reforçando-se que, embora possua fortes elementos das matrizes africanas, a capoeira constitui uma criação brasileira, forjada no contexto da escravidão como expressão de luta e busca pela liberdade. Conforme destacam Guimarães, Foster e Custódio (2022), os instrumentos musicais atuam como mediadores da memória coletiva, articulando o canto e o jogo como formas de resistência cultural frente aos processos históricos de silenciamento.

Quadro 12 – Síntese analítica do Bloco 3

Aspectos observados	Falas e registros reais	Interpretação pedagógica
Vínculo Afetivo e Prazer	“Estou gostando da capoeira” e “O professor hoje tem capoeira?” (Participante NEE).	A música e o toque dos instrumentos geram pertencimento e bem-estar, facilitando a inclusão de alunos com dificuldades de comportamento.
Curiosidade Histórica	Perguntas sobre a origem: “Surgiu no Brasil ou na África?”.	A sonoridade do berimbau desperta a necessidade de compreender a trajetória do povo negro e a construção da identidade nacional.
Consciência	Resposta correta ao “coro” de músicas que tratam da barbárie	A musicalidade permite tratar temas sensíveis (racismo e sofrimento) de forma lúdica,

Social	sofrida pelos negros.	transformando o lamento em aprendizado consciente.
--------	-----------------------	--

Fonte: Elaborada pelo autor (2026).

Bloco 4 – Discussões sobre história, escravidão e resistência na capoeira

As discussões sobre a história da capoeira contribuíram para ampliar a compreensão das crianças acerca do racismo e das formas de resistência protagonizadas pelos povos negros. Durante a exibição de materiais audiovisuais que abordavam a chegada dos africanos ao Brasil e as condições vivenciadas nos navios negreiros, o pesquisador registrou reflexões relacionadas “[...] à chegada dos navios com os escravizados, à vida no navio negreiro, ao sofrimento enfrentado, aos locais onde eram mantidos e àqueles que os supervisionavam [...]” (APÊNDICE G, p. 189). A partir do uso desses recursos, os participantes passaram a relacionar a prática corporal da capoeira ao contexto histórico de luta e libertação, afirmando que se tratava de uma forma de resistência e que os escravizados “[...] lutaram para sobreviver [...]” (APÊNDICE F, p. 152).

Essas manifestações indicam que os estudantes começaram a reconhecer o racismo como um mecanismo de dominação e violência estrutural. De acordo com o Coletivo de Autores (1992), a capoeira expressa a voz do oprimido em sua relação com o opressor, sendo fundamental compreendê-la em sua historicidade para que não seja reduzida a uma mera modalidade esportiva, esvaziada de seus sentidos sociais, políticos e culturais.

Os relatos também evidenciam a internalização de valores como justiça e empatia. A proposta pedagógica buscou aproximar-se do que Adorno (2024) define como uma educação voltada à desbarbarização, orientada à formação de sujeitos críticos, capazes de identificar e se posicionar contra as violências que estruturaram a sociedade brasileira. Nesse processo, o uso de recursos didáticos, como o “jogo da memória afro-brasileiro” e o “jogo do balão”, possibilitou que os alunos se aproximassem da história de forma vivencial, transformando a dor do passado em consciência crítica sobre o respeito, a igualdade e a dignidade humana.

Quadro 13 – Síntese analítica do Bloco 4

Aspectos observados	Falas e registros (Diários de Campo)	Interpretação pedagógica
Consciência histórica	“[...] tem muita gente ‘branca’ que acha que o ‘negro’ é menor” e “[...] os escravos fugiam e eram perseguidos”.	Reconhecimento do racismo como violência estrutural e crítica à desumanização do negro no processo colonial.
Justiça e solidariedade	“[...] temos que respeitar todas as pessoas” e “[...] todos precisam se respeitar”.	Desenvolvimento de valores éticos, empatia e senso crítico frente às injustiças históricas e sociais.
Capoeira como resistência	“[...] entenderam a necessidade de defender seus corpos” e “[...] para se defender do capitão do Mato”.	Compreensão da prática como um instrumento factual de libertação, proteção da dignidade humana e luta pela vida.

Fonte: Elaborado pelo autor, com base nos Diários de Campo (Apêndice F, 2026).

Bloco 5 – Roda final e síntese avaliativa dos aprendizados

A roda de encerramento e a simulação do “[...] batizado de capoeira [...]” (APÊNDICE F, p. 162) consolidaram os aprendizados construídos ao longo da proposta pedagógica, transformando a quadra em um espaço de afirmação identitária e reconhecimento cultural. Durante a Feira Cultural Afro-brasileira, os alunos assumiram o papel de mediadores do conhecimento, explicando para estudantes de outras turmas os conteúdos aprendidos sobre instrumentos, cordas e a história da capoeira.

Segundo o registro do pesquisador, os participantes demonstravam segurança ao expor os saberes adquiridos, evidenciando que “[...] dominavam o assunto [...]” (APÊNDICE F, p. 163), além de apresentarem os “[...] olhos brilhando [...]” (APÊNDICE F, p. 163), sinal de envolvimento afetivo com a temática. Observou-se, ainda, um profundo “[...] orgulho de falar da cultura afro-brasileira [...]” (APÊNDICE F, p. 164), unindo crianças de diferentes etnias em um processo coletivo de aprendizagem e valorização cultural.

As falas finais e as observações realizadas revelam a apropriação de princípios éticos e humanizadores. Expressões como “[...] temos que respeitar todas as pessoas [...]” (APÊNDICE F, p. 144), proferida por Cristiano Ronaldo, e a compreensão de “[...] o que é barbárie e racismo e o que não devemos fazer [...]” (APÊNDICE F, p. 149), enunciada por Edson Arantes, indicam avanços significativos

na formação da consciência crítica. O participante (NEE) também demonstrou sentimentos de pertencimento e autoestima ao exibir sua vestimenta de capoeira e explicar o uso do caxixi aos visitantes. Esse processo expressa uma consciência humanizadora, na qual a capoeira deixa de ser apenas movimento corporal para constituir-se como “voz do oprimido”.

Nessa perspectiva, Nascimento (2016) afirma que o reconhecimento da liberdade negra configura um ato de enfrentamento ao genocídio simbólico, enquanto Soares et al. (1992) defendem a cultura corporal como espaço de emancipação e construção da identidade coletiva, desde que sua historicidade não seja dissociada do movimento político que lhe deu origem.

Quadro 14 – Síntese analítica do Bloco 5

Aspectos observados	Falas e registros (Diários de Campo)	Interpretação pedagógica
Liberdade e emancipação	“[...] percebi o orgulho de falar da cultura afro-brasileira” e “[...] todos jogaram muito e se divertiram”.	A capoeira é vivenciada como símbolo de liberdade e afirmação de uma identidade historicamente negada.
Ética e respeito	“[...] temos que respeitar todas as pessoas” e “[...] todos precisam se respeitar”.	Interiorização de valores de alteridade e solidariedade, fundamentais para a desbarbarização.
Consciência crítica	“[...] saber o que é barbárie e racismo e o que não devemos fazer” e “[...] os alunos dominavam o assunto”.	Reconhecimento da dimensão histórica e compromisso com o combate às injustiças sociais no presente.

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos Diários de Campo (Apêndice F, 2026).

Síntese geral dos diários de campo

A análise sistemática das informações obtidas através dos diários de campo evidencia que o ensino da capoeira, fundamentado na pedagogia crítico-superadora, possibilitou aprendizagens que ultrapassaram o âmbito motor, articulando dimensões históricas, éticas e culturais no contexto escolar. Observa-se uma evolução significativa na compreensão dos estudantes, que inicialmente apresentavam incertezas quanto ao caráter da capoeira, passando a reconhecê-la como uma prática coletiva marcada pela resistência, pela luta e pela afirmação identitária.

Os registros revelam avanços consistentes na consciência crítica das crianças em relação ao racismo e às manifestações de barbárie presentes na sociedade. Ao

longo das intervenções pedagógicas, os estudantes passaram a identificar situações de desigualdade racial e a expressar valores éticos relacionados ao respeito, à empatia e à justiça social. As atividades lúdicas propostas, como os jogos pedagógicos, favoreceram a ressignificação dos movimentos corporais, que deixaram de ser apenas gestos técnicos para assumir um significado simbólico ligado à sobrevivência histórica e à defesa do corpo negro.

Nessa perspectiva, a capoeira consolidou-se como uma prática educativa voltada à desbarbarização, mobilizando afetos, promovendo a inclusão e fortalecendo o sentimento de pertencimento, especialmente evidenciado na participação ativa e orgulhosa do aluno com necessidades educacionais específicas. A atuação dos estudantes durante a feira cultural, ao assumirem o papel de mediadores do conhecimento, reforça o potencial da cultura corporal como instrumento de formação crítica. Assim, os diários de campo reafirmam o papel da escola como espaço privilegiado de transformação social, no qual a cultura afro-brasileira contribui para a emancipação dos sujeitos e para a construção de uma identidade coletiva comprometida com a superação das desigualdades históricas.

Abaixo seguem diários de campo completos para melhor análise.

DIÁRIO DE CAMPO

DATA: / /2024.

AULA Nº.

Quantidade de alunos:

Espaço utilizado para aula:

Conteúdo:

Objetivo:

Atividades desenvolvidas:

Recursos materiais:

Participação dos alunos:

Pontos positivos:

Pontos negativos:

Principais dificuldades enfrentadas por professor e alunos na proposta de aula:

Possíveis mudanças na organização do trabalho pedagógico para as próximas intervenções:

Relatos dos alunos durante as atividades:

Avaliação da aula:

Observações:

DIÁRIO DE CAMPO COM RESPONSÁVEIS

ASSINATURA DE TCLE

DATA: 29/10/2023.

ASSINATURA DE TCLE:

Quantidade de responsáveis: 11 responsáveis no dia.

Espaço utilizado: Na referida data, foram atendidos alguns responsáveis no momento da chegada à escola, às 13h00. Outros atendimentos ocorreram ao longo do período vespertino, entre 13h00 e 17h00. Posteriormente, aguardou-se o encerramento do ensaio da banda marcial da escola, às 18h30, para a realização de novos diálogos com responsáveis, ampliando as possibilidades de escuta e acompanhamento das famílias no contexto escolar.

Conteúdo: Assinatura e explicação de TCLE.

Objetivo: Apresentar de forma detalhada a proposta da pesquisa, esclarecendo seus objetivos, procedimentos e implicações, bem como obter a assinatura dos responsáveis no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Atividades desenvolvidas: Foram prestados esclarecimentos aos responsáveis sobre a pesquisa, seus objetivos e procedimentos, por meio de diálogo direto. A receptividade foi positiva, com manifestações de apoio à iniciativa. Um dos responsáveis demonstrou preocupação quanto à possibilidade de treinamentos intensivos, sendo informado de que as atividades teriam caráter lúdico e pedagógico, sem foco em alto rendimento. Após os esclarecimentos, o responsável mostrou-se tranquilo e assinou o TCLE.

Recursos materiais: TCLE impresso e canetas.

Participação dos alunos: 11 responsáveis participaram deste primeiro momento.

Pontos positivos: Aceitação positiva pela maioria dos responsáveis.

Pontos negativos: Houve a necessidade de permanecer na escola após o término do horário regular de aula, aguardando até as 18h30 para a coleta de

assinaturas, o que ocasionou desgaste físico ao pesquisador.

Relatos dos responsáveis durante as atividades: Alguns responsáveis parabenizaram pela iniciativa da pesquisa.

Avaliação da aula: O pesquisador avaliou de forma positiva o início da proposta pedagógica, destacando a satisfação pessoal com a etapa inicial da pesquisa e a obtenção de um número significativo de assinaturas no primeiro dia.

Observações: O primeiro dia foi avaliado de forma positiva, destacando-se a qualidade do diálogo estabelecido com os responsáveis presentes na escola.

DIÁRIO DE CAMPO: ASSINATURA DE TALE

DATA: 30/10/2024

AULA Nº 01.

ASSINATURA DE TCLE, ASSINATURA DE TALE PELOS ESTUDANTES E ESCOLHA DE NOME QUE VAI NA PESQUISA PELOS ALUNOS.

Quantidade de alunos: No total, cinco responsáveis assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e dezesseis alunos responderam ao Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).

Espaço utilizado para aula: Sala de aula.

Conteúdo: Leitura, explicação e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos responsáveis, bem como leitura e assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) pelos estudantes. Também foi realizada a escolha dos nomes fictícios que seriam utilizados pelos alunos ao longo da pesquisa.

Objetivo: Concluir a coleta das assinaturas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), realizar a leitura e assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) pelos estudantes e definir os nomes fictícios que seriam utilizados na pesquisa.

Atividades desenvolvidas: Realizou-se a coleta das assinaturas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) junto aos responsáveis, bem como a leitura e assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) pelos estudantes. Além disso, os alunos escolheram os nomes fictícios que seriam utilizados para fins de identificação na pesquisa.

Recursos materiais: Documentos TCLE e TALE impressos, folhas de papel A4 e canetas.

Participação dos alunos: Verificou-se que a maioria dos estudantes demonstrou entusiasmo em relação à pesquisa. Entretanto, um aluno não teve sua participação autorizada, pois seu pai, por ser evangélico, não permitiu sua

inclusão; percebe-se pelo olhar do mesmo a tristeza em não poder participar da pesquisa e das aulas. Além disso, uma aluna informou que sua mãe possui uma rotina de trabalho intensa, o que a impede de comparecer à escola para realizar a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Pontos positivos: Observou-se que os alunos demonstraram elevado nível de empolgação e envolvimento com a pesquisa, solicitando reiteradamente aos seus responsáveis que comparecessem à escola para a assinatura dos documentos necessários à autorização de sua participação.

Pontos negativos: O elevado nível de agitação dos alunos ocasionou algumas atitudes de indisciplina durante o momento de leitura e assinatura do TALE, exigindo intervenções constantes para a organização da atividade.

Principais dificuldades enfrentadas por professor e alunos na proposta de aula: Manter a organização da sala de aula durante o momento de leitura do TALE e da escolha dos nomes que seriam utilizados na pesquisa, em razão do elevado nível de agitação dos estudantes.

Possíveis mudanças na organização do trabalho pedagógico para as próximas intervenções: Propõe-se a realização de um diálogo inicial com os estudantes visando à construção coletiva de regras de conduta e disciplina, de modo a favorecer um ambiente organizado, respeitoso e colaborativo. Essa estratégia busca qualificar a participação dos alunos e garantir que as aulas ocorram de forma positiva e cumulativa no processo pedagógico.

Relatos dos alunos durante as atividades: Durante o desenvolvimento das ações, um aluno que demonstrou grande interesse pelo futebol questionou se também haveria aulas dessa modalidade. Foi esclarecido que a pesquisa tem como foco o ensino da capoeira e a reflexão crítica sobre a barbárie na sociedade contemporânea, delimitando os objetivos e o escopo da proposta pedagógica.

Avaliação da aula: Apesar de episódios pontuais de indisciplina por parte de alguns estudantes, a aula foi considerada proveitosa, pois foi possível realizar a leitura e a assinatura do TALE, bem como a escolha dos nomes que serão utilizados na pesquisa.

Observações: Foi possível perceber animação e empolgação dos estudantes em relação ao conteúdo da capoeira que será desenvolvido nas próximas aulas.

DIÁRIO DE CAMPO

DATA: 31/10/2024.

AULA Nº: 2.

Quantidade de alunos: Treze participantes.

Espaço utilizado para aula: Sala de aula.

Conteúdo: Aplicação do Formulário 1, utilizado como instrumento de avaliação diagnóstica inicial.

Objetivo: Identificar os conhecimentos prévios dos estudantes acerca da capoeira, bem como suas compreensões iniciais sobre racismo, preconceito e barbárie.

Atividades desenvolvidas: Os estudantes responderam às questões do Formulário 1, utilizado como instrumento de avaliação diagnóstica para levantamento dos conhecimentos iniciais.

Recursos materiais: Utilizou-se formulário impresso como instrumento de coleta das informações diagnósticas.

Participação dos alunos: Estiveram presentes treze estudantes, os quais responderam integralmente às questões do formulário de forma autônoma, sem necessidade de ações pedagógicas do professor. Ao término da atividade, realizou-se uma roda de conversa para ouvir as percepções dos estudantes sobre o instrumento aplicado. Em seguida, a aula foi finalizada com a exploração da musicalidade da capoeira, o que ampliou o engajamento e a participação do grupo.

Pontos positivos: Todos os alunos responderam ao formulário proposto, participaram ativamente da roda de conversa e envolveram-se de forma significativa nas atividades de musicalidade da aula.

Pontos negativos: Após a realização do questionário e da roda de conversa, alguns alunos apresentaram comportamentos indisciplinados, exigindo intervenções pontuais para a manutenção da organização da aula.

Principais dificuldades enfrentadas por professor e alunos na proposta de aula: Durante o preenchimento do formulário não foram observadas dificuldades significativas. Entretanto, no momento da roda de conversa, alguns alunos apresentaram dispersão e sinais de cansaço, em razão de a atividade ter ocorrido no último horário do turno vespertino, após um longo período em sala de aula.

Possíveis mudanças na organização do trabalho pedagógico para as próximas intervenções: Pretende-se planejar atividades mais dinâmicas e ampliar o uso do espaço da quadra, de modo a favorecer maior envolvimento, participação ativa e engajamento dos estudantes nas aulas.

Relatos dos alunos durante as atividades: Durante a roda de conversa, a maioria dos estudantes afirmou que o formulário era de fácil compreensão e relatou já ter ouvido falar sobre preconceito e racismo. Os alunos destacaram que não conheciam previamente o significado do termo barbárie, mas avaliaram que conseguiram responder adequadamente às questões do formulário. A partir da observação das imagens apresentadas, expressaram sentimentos e reflexões diversas, entre as quais se destacou a ideia de que “somos todos iguais, não

importa a cor da pele". Nesse momento, uma aluna relatou, em gravação, já ter vivenciado situações de racismo e preconceito tanto em uma chácara, quando estava com sua família, quanto no contexto escolar.

Avaliação da aula: A aula foi avaliada de forma positiva, contando com a participação de treze alunos, que responderam integralmente ao formulário, participaram ativamente da roda de conversa e se envolveram na atividade musical ao final do encontro. Ressalta-se que a análise das informações obtidas através dos dados por meio do formulário ainda será realizada em momento posterior.

Observações: Os estudantes iniciaram reflexões sobre a barbárie presente na sociedade contemporânea, especialmente no que se refere às violências e discriminações direcionadas à população negra.

DIÁRIO DE CAMPO

DATA: 04/11/2024.

AULA Nº.3

Quantidade de alunos: Participaram da aula 15 estudantes.

Espaço utilizado para aula: As atividades foram realizadas na quadra poliesportiva da escola.

Conteúdo: Vivências práticas da capoeira com ênfase na ludicidade, incluindo as atividades de pega-pega escravo, ginga nos bambolês em duplas e a experimentação dos movimentos básicos: martelo alto, aú, esquiva cadeira e ponte, articulando coordenação motora, equilíbrio e interação coletiva.

Objetivo: Proporcionar aos estudantes a vivência prática dos fundamentos da capoeira — ginga, esquiva cadeira, aú, martelo alto e ponte — articulando o aprendizado motor à reflexão crítica sobre a brincadeira do pega-pega escravo, contextualizando-a como um fato histórico ocorrido há muito tempo.

Atividades desenvolvidas: Realizaram-se alongamentos específicos da capoeira, seguidos da vivência da brincadeira do pega-pega escravo e da prática da ginga nos bambolês. Na sequência, foram trabalhados os gestos técnicos: esquiva cadeira, martelo alto, aú e ponte, de forma progressiva e orientada.

Recursos materiais: Foram utilizados pandeiro, bambolês, tatame e a quadra poliesportiva da escola como espaço para o desenvolvimento das atividades propostas.

Participação dos alunos: A aula contou com a presença de 15 estudantes, incluindo um aluno com necessidades educacionais especiais (NEE). A participação foi positiva, com envolvimento ativo de todos nas atividades

propostas, demonstrando interesse e diversão durante a brincadeira do pega-pega escravo, a prática da ginga, os exercícios acrobáticos (aú e ponte) e na reflexão realizada ao final da aula.

Pontos positivos: Observou-se boa adesão dos alunos às atividades propostas, com destaque para a participação plena do estudante NEE, que se envolveu em todas as tarefas e interagiu de forma positiva com os colegas. As atividades lúdicas despertaram interesse e motivação, contribuindo para a melhoria do comportamento e do engajamento dos estudantes ao longo da aula.

Pontos negativos: Apesar do engajamento geral, alguns alunos continuaram apresentando comportamentos indisciplinados durante a aula.

Principais dificuldades enfrentadas por professor e alunos na proposta de aula: Não foram registradas dificuldades significativas, uma vez que as atividades propostas proporcionaram bom envolvimento de todos os estudantes ao longo de toda a aula.

Possíveis mudanças na organização do trabalho pedagógico para as próximas intervenções: Manter o foco na diversidade das atividades e reforçar os aspectos lúdicos, uma vez que estes favoreceram maior envolvimento e participação dos estudantes.

Relatos dos alunos durante as atividades: Ao final da aula, o professor conduziu uma roda de conversa gravada, iniciando questionamentos sobre a primeira brincadeira, o pega-pega escravo. Indagou se o ocorrido representava fatos que realmente aconteceram há muito tempo, e os alunos confirmaram, relatando que os escravos fugiam e eram perseguidos. Em seguida, o professor questionou como avaliaram a aula, e a maioria dos estudantes, com exceção do aluno NEE, manifestou que a aula foi muito boa, divertida e demonstrou entusiasmo para a próxima atividade.

Avaliação da aula: A aula foi avaliada de forma positiva, apresentando envolvimento e participação de todos os estudantes presentes, atingindo, portanto, os objetivos propostos.

Observações: Observou-se grande curiosidade dos alunos em relação aos instrumentos musicais utilizados na capoeira.

DIÁRIO DE CAMPO

DATA: 04/11/2024.

AULA Nº 4.

Quantidade de alunos: participaram da aula 18 estudantes.

Espaço utilizado para aula: As atividades foram realizadas na quadra

poliesportiva da escola.

Conteúdo: Foram realizados exercícios de alongamento, bem como atividades lúdicas da capoeira, tais como as brincadeiras *Estátua da Capoeira* e *Arranca-rabo*, desenvolvidas a partir da ginga.

Objetivo: Propor aos alunos a vivência de movimentos de ataque e defesa da capoeira por meio de atividades lúdicas.

Atividades desenvolvidas: O professor iniciou a aula com a utilização de músicas de capoeira, realizando alongamentos dinâmicos e um aquecimento específico da modalidade. Em seguida, explicou e conduziu a brincadeira *Estátua da Capoeira*, da qual todos os alunos participaram. Posteriormente, o professor distribuiu a cada estudante um pedaço de TNT amarelo, orientando que fosse colocado na cintura. Na sequência, os alunos foram organizados em duplas, e o professor explicou a dinâmica da brincadeira, na qual os participantes deveriam realizar a ginga e tentar retirar o TNT do colega. Após um período de vivência dessa atividade, o professor introduziu a realização de golpes e deslocamentos mais amplos. Ao final da aula, foi realizada uma roda de conversa, na qual o professor promoveu reflexões sobre a vivência, abordando os movimentos de ataque e defesa da capoeira. Os alunos participaram ativamente, respondendo às provocações propostas e demonstrando compreensão do conteúdo trabalhado.

Recursos materiais: Foram utilizados a quadra poliesportiva, pedaços de TNT, aparelho de som e celular.

Participação dos alunos: Os estudantes participaram ativamente das atividades propostas, demonstrando interesse e envolvimento nas brincadeiras.

Pontos positivos: Observou-se animação e entusiasmo por parte de todos os estudantes durante as atividades. Destaca-se, de modo especial, a alegria do participante com Necessidades Educacionais Específicas (NEE), que demonstrou satisfação ao conseguir retirar o TNT do professor em diversas ocasiões. De modo geral, a participação dos alunos ocorreu de forma animada e envolvida.

Pontos negativos: Ao final da aula, o professor tinha que ir para outra turma e alguns alunos demoraram a retornar para sala de aula.

Principais dificuldades enfrentadas pelo professor e alunos na proposta de aula: Manter os alunos no local definido para a aula.

Possíveis mudanças na organização do trabalho pedagógico para as próximas intervenções: Destinar maior tempo para favorecer uma melhor assimilação dos conteúdos.

Relatos dos alunos durante as atividades: O estudante Cristiano Ronaldo demonstrou satisfação com a atividade, relatando que gostou muito da brincadeira, mostrou-se feliz e afirmou que “ganhou” diversas vezes. As estudantes Yara e Helena, bem como os estudantes Cristiano Ronaldo, Miguel, Edson Arantes e Neymar Junior, solicitaram a oportunidade de realizar a brincadeira com o professor. Durante os relatos, os alunos afirmaram que

compreenderam a necessidade de defender seus próprios corpos. Diante dessas falas, o professor explicou que esse princípio constitui um dos fundamentos historicamente utilizados pelos negros no contexto da capoeira.

Avaliação da aula: A aula caracterizou-se por um clima de animação e envolvimento dos estudantes, alcançando de forma satisfatória os objetivos propostos, especialmente no que se refere à vivência dos movimentos de ataque e defesa da capoeira.

Observações: O senhor Francisco realizou diversos registros fotográficos durante a aula, os quais serão analisados posteriormente pelo pesquisador como parte do processo investigativo.

DIÁRIO DE CAMPO

DATA: 05/11/2024.

AULA Nº. 5.

Quantidade de alunos: Participaram da aula 15 estudantes.

Espaço utilizado para aula: As atividades foram realizadas na sala de aula.

Conteúdo: Foram utilizados vídeos que abordavam a cultura afro-brasileira, a barbárie sofrida pelo povo negro e a capoeira enquanto manifestação cultural e histórica.

Objetivo: Promover reflexões sobre a cultura afro-brasileira, compreender o processo histórico de barbárie vivenciado pela população negra e reconhecer a capoeira como uma prática de luta e libertação.

Atividades desenvolvidas: Foram apresentados dois vídeos relacionados à cultura afro-brasileira: um referente à música *No tempo do cativo*; um vídeo de capoeira contemporânea praticada por uma mulher; um vídeo que abordava a inclusão na capoeira; e registros audiovisuais do pesquisador realizando a prática da capoeira em contexto escolar. Após a exibição dos materiais, foi realizada uma roda de conversa com os estudantes, com o objetivo de promover reflexões e diálogos sobre os temas apresentados.

Recursos materiais: Foram utilizados data show, caixa de som e notebook.

Participação dos alunos: A participação dos estudantes foi positiva. Durante a exibição dos vídeos, o professor realizou breves intervenções reflexivas sobre os temas abordados, o que possibilitou a construção de discussões qualificadas e a manifestação de reflexões pertinentes por parte dos alunos.

Pontos positivos: Os alunos participaram ativamente da aula e apresentaram boas reflexões sobre o tema proposto. Observou-se que algumas alunas negras se sentiram bastante à vontade durante as atividades; foi possível perceber, em

seus olhares, sentimentos de orgulho em relação ao conteúdo trabalhado, especialmente ao reconhecerem que os povos negros contribuíram de forma significativa para a constituição da identidade brasileira.

Pontos negativos: No momento da troca de horário, houve atraso na chegada de uma professora à sala de aula, o que ocasionou demora na montagem dos equipamentos eletrônicos. Em razão disso, aproximadamente quinze minutos do tempo previsto para a aula foram comprometidos.

Principais dificuldades enfrentadas por professor e alunos na proposta de aula: Ao final da aula, com a chegada de alguns responsáveis à escola, observou-se que parte dos alunos apresentou agitação e comportamentos indisciplinados, o que dificultou a organização do encerramento das atividades.

Possíveis mudanças na organização do trabalho pedagógico para as próximas intervenções: Estabelecer, juntamente com os estudantes, combinados prévios sobre regras de convivência e comportamento no ambiente escolar, especialmente nos momentos de transição e finalização das aulas.

Relatos dos alunos durante as atividades: Durante a roda de conversa, Edson Arantes comentou sobre as comidas de origem africana, destacando que gosta muito delas. Vinicius relatou que pratica capoeira com um primo. Cristiano Ronaldo afirmou que é necessário respeitar todas as pessoas. A Participante 1 afirmou que não importa a cor da pele e observou que existem muitas pessoas “brancas” que consideram o “negro” como inferior. Gabriela mencionou ter ouvido a palavra “macumba”, reconhecendo-a como de origem africana, e disse que sua avó já havia realizado essa prática; diante disso, o professor explicou que o significado do termo na cultura africana difere daquele atribuído socialmente no contexto brasileiro. Em seguida, a Participante 1 declarou que não concorda com a macumba, sendo necessária a ação pedagógica do professor para mediar a situação em sala de aula, garantindo o respeito às diferentes perspectivas e o diálogo entre os estudantes.

Avaliação da aula: A aula atingiu o objetivo proposto, possibilitando que os estudantes refletissem sobre a cultura afro-brasileira, a barbárie sofrida pelo povo negro e a capoeira enquanto prática de resistência e luta histórica.

Observações: Não houve registros adicionais.

DIÁRIO DE CAMPO

DATA: 07/11/2024.

AULA Nº. 6.

Quantidade de alunos: Participaram da aula 16 estudantes.

Espaço utilizado para aula: As atividades foram realizadas na tenda da escola e

em espaço gramado.

Conteúdo: Foram desenvolvidas atividades envolvendo a execução da parada de dois na parede, com o apoio da música *Dona Aranha*, bem como a vivência dos movimentos da capoeira: ponteiro, ginga, martelo baixo, cocorinha, meia-lua de frente e queixada. Também foram abordadas noções sobre a cultura da roda de capoeira.

No momento de encerramento, realizado em sala de aula, o professor trabalhou a musicalidade na capoeira, tocando pandeiro e ensinando algumas músicas com coro aos estudantes. Esse momento foi bastante animado, com participação ativa dos alunos, que cantaram, se divertiram, e despertaram o interesse de alunos de outras turmas, os quais se aproximaram da porta da sala para cantar e bater palmas juntamente com o grupo.

Objetivo: Trabalhar os movimentos básicos da capoeira, possibilitando que os alunos iniciem jogos no interior da roda, bem como promover reflexões acerca da capoeira enquanto luta de resistência histórica.

Atividades desenvolvidas: Inicialmente, foi realizado um breve combinado com os estudantes sobre as regras da aula. Em seguida, foram conduzidos alongamentos e atividades de aquecimento. Posteriormente, desenvolveu-se a ludicidade na ginga da capoeira, tanto de forma individual quanto em duplas. Na sequência, foram realizadas a brincadeira *Dona Aranha*, por meio da execução da parada de dois, e a vivência dos movimentos ponteiro, meia-lua de frente, martelo baixo, queixada e cocorinha. Ao final da aula, foi organizada uma roda de capoeira, acompanhada de atividades de musicalidade, com a prática de cantos e ritmos característicos da capoeira.

Recursos materiais: Foram utilizados pandeiro, agogô, caxixi e os espaços físicos da escola.

Participação dos alunos: A participação dos estudantes foi positiva, sendo que a maior parte executou todas as atividades propostas. Destaca-se que apenas um aluno, identificado como Cristiano Ronaldo, que se encontra acima do peso, não realizou todas as atividades, relatando sentir certo receio durante a execução de algumas propostas.

Pontos positivos: Observou-se boa participação de todos os alunos, acompanhada de reflexões significativas acerca do tema proposto.

Pontos negativos: A mãe do aluno Cristiano Ronaldo compareceu à escola para buscá-lo antes do término da aula, às 16h50, o que impossibilitou sua participação no momento destinado à musicalidade da capoeira.

Principais dificuldades enfrentadas por professor e alunos na proposta de aula: Não foram identificadas dificuldades durante a realização das atividades, uma vez que a aula transcorreu de forma dinâmica e animada.

Possíveis mudanças na organização do trabalho pedagógico para as próximas intervenções: Pretende-se antecipar o momento dedicado à musicalidade da capoeira, considerando o interesse demonstrado pelos alunos, de

modo a trabalhar músicas que promovam reflexões acerca da barbárie sofrida pelo povo negro.

Relatos dos alunos durante as atividades: Durante a aula, o aluno Victor manifestou a intenção de interromper sua participação na pesquisa em razão de dores físicas. Foi orientado pelo professor de que pequenas dores podem ocorrer durante as atividades, após o que o aluno deu continuidade à aula normalmente. Uma aluna entregou ao professor um desenho relacionado à capoeira. A aluna Yara solicitou que o professor cantasse a música *Navio Negreiro*, ficando acordado que o docente pesquisaria a canção para apresentá-la no encontro seguinte. Ao longo da aula, o professor realizou diversas reflexões sobre o racismo, o sofrimento e a luta do povo negro, às quais os alunos responderam de forma adequada, demonstrando compreensão dos questionamentos propostos.

Avaliação da aula: A aula transcorreu de forma dinâmica e positiva. A avaliação dos estudantes foi realizada por meio do diário de bordo, e diversos registros fotográficos foram produzidos ao longo da aula proposta, os quais subsidiarão análises posteriores da proposta pedagógica.

Observações: Observou-se que os alunos demonstraram grande expectativa e entusiasmo em relação à aula de musicalidade da capoeira, manifestando ansiedade positiva para a realização dessa atividade nas próximas intervenções.

DIÁRIO DE CAMPO

DATA: 08/11/2024.

AULA Nº. 7.

Quantidade de alunos: Participaram da aula 18 estudantes.

Espaço utilizado para aula: As atividades foram realizadas na quadra poliesportiva da escola.

Conteúdo: Musicalidade na capoeira.

Objetivo: Propor aos alunos uma vivência relacionada à musicalidade da capoeira, articulando momentos de apreciação e prática corporal.

Atividades desenvolvidas: O pesquisador trabalhou a musicalidade da capoeira Regional e da capoeira Angola, explorando os toques São Bento Pequeno de Angola e Benguela.

Recursos materiais: Foram utilizados berimbau, pandeiro e agogô.

Participação dos alunos: O professor organizou os estudantes em pequenos grupos, e a participação apresentou bons níveis ao longo das atividades.

Pontos positivos: Os alunos demonstraram grande expectativa e ansiedade em

relação à aula, manifestando interesse em tocar os instrumentos. Ao longo da vivência, compreenderam que o “tocar” não é tão simples, porém mantiveram-se motivados e engajados no processo de aprendizagem.

Pontos negativos: Por a aula ter sido realizada na quadra poliesportiva da escola, o amplo espaço disponível favoreceu dispersões, levando alguns alunos a correrem pelo local e outros a realizarem movimentos de capoeira paralelamente às orientações propostas.

Principais dificuldades enfrentadas por professor e alunos na proposta de aula: considerando que foram utilizados três pandeiros, um berimbau e um agogô, observou-se grande euforia dos estudantes em relação ao berimbau. Tal entusiasmo dificultou, em alguns momentos, a condução do ensino específico desse instrumento, evidenciando a necessidade de maior tempo de vivência pedagógica direcionada ao aprendizado do berimbau.

Possíveis mudanças na organização do trabalho pedagógico para as próximas intervenções: Nas próximas aulas voltadas à musicalidade da capoeira, pretende-se ampliar a quantidade de instrumentos disponibilizados, a fim de favorecer maior participação dos estudantes e melhor aproveitamento pedagógico das vivências propostas.

Relatos dos alunos durante as atividades: A maioria dos estudantes demonstrou interesse em tocar o berimbau, relatando que a experiência foi muito interessante e que estavam felizes por aprender a dimensão musical da capoeira. O aluno com Necessidades Educacionais Especiais (NEE) afirmou estar gostando muito das aulas de capoeira, declarando: *“Estou gostando da capoeira”*. Ressalta-se que o referido estudante apresenta, em diferentes momentos da rotina escolar, fases de irritação e comportamentos agressivos; entretanto, durante as aulas de capoeira, não foram observadas manifestações de agressividade, indicando um envolvimento positivo e significativo com a prática desenvolvida.

Avaliação da aula: A aula contou com envolvimento geral dos estudantes, que demonstraram apreciação pela atividade de musicalidade. Após aproximadamente 20 minutos, observou-se certa dispersão, indicando a necessidade de, em futuras intervenções, reorganizar a proposta com vivências mais curtas. Após o momento dedicado à musicalidade, o professor organizou uma roda de capoeira, com duração aproximada de 15 minutos, contando com a participação de todos os alunos, configurando-se como um momento de grande envolvimento e entusiasmo. Em seguida, os estudantes foram incentivados a “jogar” capoeira livremente, sendo realizados, ao final, alguns jogos lúdicos relacionados à prática. Ressalta-se que, nesta aula, não foi possível realizar a roda de conversa gravada, uma vez que a roda de capoeira se encontrava bastante animada e, logo em seguida, teve início o horário do recreio.

Observações: Não houve registros adicionais.

DIÁRIO DE CAMPO

DATA: 11/11/2024.

AULA Nº. 8.

Quantidade de alunos: Participaram da aula 17 estudantes.

Espaço utilizado para aula: As atividades foram realizadas na tenda da escola.

Conteúdo: Circularidade na roda de capoeira.

Objetivo: Dialogar com os estudantes sobre o formato da roda de capoeira, bem como acerca da cultura que constitui esse espaço, incluindo condutas e comportamentos próprios da roda.

Atividades desenvolvidas: Foi realizada uma roda de capoeira, iniciada a partir de orientações e instruções iniciais sobre o funcionamento, a organização e o respeito à circularidade característica dessa prática cultural.

Recursos materiais: Foram utilizados celular e caixa de som.

Participação dos alunos: A participação dos estudantes foi considerada boa, embora se tenha observado que alguns alunos se engajaram mais intensamente do que outros nas atividades propostas.

Pontos positivos: Destaca-se a iniciação dos estudantes à cultura da roda de capoeira e à compreensão inicial do jogo de capoeira enquanto prática coletiva, simbólica e cultural.

Pontos negativos: Observou-se que alguns alunos se engajaram mais nos jogos do que outros. Além disso, ocorreu uma chuva intensa no local, o que ocasionou o encerramento da aula antes do tempo previamente planejado.

Principais dificuldades enfrentadas por professor e alunos na proposta de aula: A principal dificuldade identificada foi a compreensão, por parte dos estudantes, de como funciona a roda de capoeira, bem como a manutenção da postura sentada e da atenção necessárias para uma participação mais efetiva na atividade.

Possíveis mudanças na organização do trabalho pedagógico para as próximas intervenções: Ampliar as explicações sobre a roda de capoeira enquanto espaço cultural e simbólico, associando essas orientações a um maior número de vivências práticas, de modo a favorecer a compreensão e o envolvimento dos estudantes.

Relatos dos alunos durante as atividades: Os estudantes demonstraram grande empolgação ao longo da atividade; contudo, em determinado momento, em razão da chuva, houve perda de foco e diminuição da atenção em relação à proposta pedagógica.

Avaliação da aula: A aula foi considerada positiva; entretanto, evidenciou-se a

necessidade de maior tempo pedagógico destinado a esse conteúdo, a fim de que os estudantes possam compreender de forma mais aprofundada o significado, os valores e a importância cultural da roda de capoeira.

Observações: Não houve registros adicionais.

DIÁRIO DE CAMPO

DATA: 11/11/2024.

AULA Nº. 9.

Quantidade de alunos: Participaram da aula 17 estudantes.

Espaço utilizado para aula: As atividades foram realizadas na sala de aula.

Conteúdo: Foram abordados aspectos da história da cultura afro-brasileira, bem como discussões relacionadas ao racismo, ao preconceito e às manifestações da barbárie na sociedade brasileira.

Objetivo: Promover reflexões acerca da cultura afro-brasileira e da capoeira, analisando suas relações, conflitos e significados no contexto histórico e social brasileiro.

Atividades desenvolvidas: O professor elaborou um material didático por meio do aplicativo *VideoScribe*, abordando a história da cultura afro-brasileira, a origem do racismo, a capoeira e o processo de luta e resistência da população negra em território brasileiro. Esse material foi apresentado aos estudantes por meio do aparelho *data show* do pesquisador. Durante a exibição, sempre que necessário, o docente pausava os vídeos para realizar explicações e aprofundar os temas abordados. Após a apresentação dos vídeos, o professor propôs uma atividade aos estudantes, na qual deveriam elaborar uma ilustração representando o que compreenderam sobre a aula, a partir dos conteúdos discutidos e das reflexões realizadas ao longo do encontro.

Recursos materiais: Foram utilizados notebook, *data show* e folhas de atividades impressas.

Participação dos alunos: A participação dos estudantes foi muito positiva. Todos os alunos presentes assistiram atentamente aos vídeos, realizaram diversas perguntas ao longo da exibição e demonstraram empenho e capricho no momento da produção dos desenhos propostos na atividade.

Pontos positivos: Destaca-se a curiosidade despertada pela apresentação animada dos vídeos e o envolvimento dos estudantes na execução das atividades. Ressalta-se, ainda, a participação do aluno NEE, que chamou o professor para apresentar seu desenho, demonstrando orgulho e satisfação com a atividade.

realizada.

Pontos negativos: Apesar da duração reduzida dos vídeos, aproximadamente 20 minutos, alguns alunos apresentaram momentos de dispersão ao longo da aula.

Principais dificuldades enfrentadas por professor e alunos na proposta de aula: Não foram identificadas grandes dificuldades durante a aula, ocorrendo apenas uma leve agitação por parte de alguns alunos.

Possíveis mudanças na organização do trabalho pedagógico para as próximas intervenções: Nesse modelo de aula, não se identificou a necessidade de mudanças na organização do trabalho pedagógico, uma vez que a proposta favoreceu uma boa participação e envolvimento dos estudantes.

Relatos dos alunos durante as atividades: Durante a realização das atividades, o aluno Edson Arantes afirmou, em diversos momentos, aspectos relacionados à história do povo negro, ao significado de barbárie e ao racismo, destacando condutas que não devem ser reproduzidas. A aluna Yara ressaltou que todas as pessoas precisam se respeitar, enquanto Cristiano Ronaldo também enfatizou a importância do respeito mútuo. No momento da elaboração dos desenhos, muitos estudantes chamaram o professor para apresentar suas produções, demonstrando orgulho ao relacionarem a capoeira com a escravidão e com a cultura afro-brasileira.

Avaliação da aula: A aula configurou-se como uma das mais significativas já desenvolvidas no contexto da pesquisa. O vídeo despertou elevado interesse e atenção dos estudantes, e as explicações realizadas ao longo da exibição, assim como as falas dos alunos, foram positivas e pertinentes ao conteúdo proposto. As ilustrações produzidas pelos estudantes evidenciaram compreensão dos temas abordados, permitindo observar que os objetivos da pesquisa estão sendo alcançados de maneira consistente.

Observações: O cuidador do participante com Necessidades Educacionais Específicas (NEE) acompanhou a aula, oferecendo suporte ao estudante e demonstrando significativo interesse pelo conteúdo trabalhado. Durante a atividade, realizou questionamentos, como: “Onde a capoeira surgiu, no Brasil ou na África?”. Foi explicado que a capoeira surgiu no Brasil, mas possui elementos africanos, utilizando-se como exemplo a analogia do preparo de um bolo, no qual os ingredientes são adquiridos separadamente, mas o produto final é elaborado no local onde ocorre o processo. Ao final, o cuidador parabenizou o professor pelo material audiovisual apresentado, afirmando que o vídeo estava muito bom.

DIÁRIO DE CAMPO

DATA: 12/11/2024.

AULA Nº. 10.

Quantidade de alunos: Participaram da aula 18 estudantes.

Espaço utilizado para aula: As atividades foram realizadas na quadra poliesportiva da escola.

Conteúdo: Foram trabalhados o jogo da memória da capoeira e da cultura afro-brasileira, a brincadeira pega-pega escrava sobre linhas e os movimentos de ataque da capoeira, incluindo martelo passado, martelo baixo, meia-lua de compasso e pisada.

Objetivo: Propor reflexões sobre equidade racial, equidade de gênero, cultura afro-brasileira, preconceito, bullying, educação contra a barbárie, o Dia da Consciência Negra, a capoeira enquanto manifestação cultural e histórica, a negação do racismo e a perseguição sofrida pelos capoeiristas ao longo da história.

Atividades desenvolvidas: O professor iniciou a aula com explicações sobre o jogo da memória da cultura afro-brasileira, esclarecendo as regras da atividade: os estudantes que conseguissem formar pares teriam direito a jogar novamente, e venceria aquele que acumulasse o maior número de pontos. Após a realização da brincadeira, foi organizada uma roda de conversa, momento em que o professor gravou os áudios dos estudantes, os quais relataram quais figuras haviam encontrado no jogo e os significados que atribuíram a elas. Na sequência, o professor apresentou e explicou a brincadeira denominada *pega-pega escravos sobre as linhas*. Nessa atividade, foram definidos os seguintes papéis: uma senzala, dois feitores, um Zumbi — responsável por salvar os demais — e vários escravos. O objetivo da brincadeira consistia em os feitores capturarem os escravos e levá-los até a senzala. O personagem Zumbi tinha a função de libertar os colegas e, caso fosse capturado, deveria transferir seu poder a outro aluno. Por fim, o professor ensinou e conduziu a vivência dos seguintes movimentos de ataque da capoeira Regional: pisada, martelo passado, martelo baixo e meia-lua de compasso. Ao término da aula, foi realizada uma conversa entre professor e alunos, retomando os conteúdos abordados e as reflexões propostas ao longo das atividades.

Recursos materiais: Foram utilizados o jogo da memória confeccionado pelo pesquisador e a quadra poliesportiva da escola.

Participação dos alunos: A participação dos estudantes foi excelente. Todos os alunos presentes se envolveram ativamente nas atividades propostas. No jogo da memória, demonstraram interesse em vencer a atividade, comemoravam os acertos e, de forma lúdica, aprenderam sobre os diversos conteúdos trabalhados. Na brincadeira *pega-pega escravos sobre as linhas*, inicialmente as alunas participaram desempenhando os papéis de feitores e de Zumbi, o que se mostrou bastante positivo, ampliando o envolvimento do grupo. Posteriormente, os papéis foram alternados, com os meninos assumindo as funções de pegadores e de Zumbi, mantendo-se o alto nível de participação. Todos os alunos suaram bastante e demonstraram satisfação com a aula. Na sequência, o professor ensinou os movimentos de ataque da capoeira —

martelo passado, martelo baixo, meia-lua de compasso e pisada —, os quais foram executados por todos os estudantes.

Pontos positivos: Destacam-se a participação ativa e o entusiasmo de todos os alunos, bem como a ocorrência de pouquíssimos episódios de indisciplina durante a aula.

Pontos negativos: Não foram identificados pontos negativos de caráter estruturante.

Principais dificuldades enfrentadas por professor e alunos na proposta de aula: Não houve dificuldades significativas durante a aula. Observou-se apenas certa dificuldade por parte dos alunos na execução da meia-lua de compasso, por se tratar de um movimento que exige maior nível de técnica.

Possíveis mudanças na organização do trabalho pedagógico para as próximas intervenções: Não se fazem necessárias mudanças na organização do trabalho pedagógico. Recomenda-se a continuidade do uso de metodologias diversificadas, capazes de despertar o interesse e o engajamento dos estudantes nas propostas de aula.

Relatos dos alunos durante as atividades: De modo geral, os alunos relataram que gostaram da aula. As falas dos estudantes, relacionadas às imagens, foram gravadas e serão analisadas posteriormente, sendo incorporadas à atividade proposta.

Avaliação da aula: A aula foi considerada uma das melhores no contexto da pesquisa, especialmente em relação à participação dos estudantes, que se mantiveram empolgados e entusiasmados durante a maior parte do tempo.

Observações: O senhor Francisco, cuidador do participante com NEE, participou ativamente da aula, registrando diversos momentos por meio de fotografias e auxiliando na organização do espaço, ao impedir a entrada das crianças da Educação Infantil na quadra durante a realização da pesquisa.

DIÁRIO DE CAMPO

DATA: 12/11/2024.

AULA Nº. 11.

Quantidade de alunos: Participaram da atividade 18 estudantes.

Espaço utilizado para aula: O espaço utilizado para a realização da aula foi a quadra poliesportiva da escola.

Conteúdo: O conteúdo abordado consistiu em reflexões sobre a cultura afro-brasileira, a capoeira e as barbáries da sociedade contra a população negra.

Objetivo: O objetivo da aula foi desenvolver a criticidade dos estudantes em relação ao conteúdo proposto.

Atividades desenvolvidas: As atividades desenvolvidas compreenderam o jogo da memória lúdico afro-brasileiro (criação do autor) e a brincadeira de pega-pega sobre as linhas. Inicialmente, foi realizado o jogo da memória afro-brasileiro, no qual as cartas foram distribuídas no espaço, sendo concedido aos estudantes um tempo para observação e memorização das imagens. Posteriormente, todas as cartas foram viradas novamente. À medida que os pares eram formados (duas cartas iguais), os estudantes eram convidados a relatar o significado das imagens para eles. Ao final da atividade, os pares formados foram contabilizados, e as falas dos estudantes, relacionadas às imagens obtidas no jogo, foram gravadas pelo professor. Na sequência, foi proposta a brincadeira denominada *pega-pega escravos sobre as linhas*. Nessa atividade, houve a representação de uma senzala, local onde os negros permaneciam presos, dois feitores (pegadores), um Zumbi (responsável por salvar) e vários escravos. A dinâmica da brincadeira consistiu na tentativa dos feitores de capturar os escravos, enquanto o personagem Zumbi buscava libertá-los. Em um primeiro momento, a atividade foi realizada com as meninas exercendo os papéis de capturar e salvar e, posteriormente, com os meninos. A participação dos estudantes foi considerada muito significativa, caracterizada por elevado envolvimento e entusiasmo ao longo das atividades.

Recursos materiais: Foram utilizados o jogo da memória e a quadra poliesportiva.

Participação dos alunos: Todos os estudantes participaram da aula de forma positiva.

Pontos positivos: Observou-se boa receptividade às atividades propostas, especialmente ao jogo da memória e à brincadeira de pega-pega escravo.

Pontos negativos: Identificou-se tempo reduzido para a realização do jogo da memória.

Principais dificuldades enfrentadas por professor e alunos na proposta de aula: Durante o jogo da memória, os estudantes apresentaram momentos de agitação, o que demandou intervenções do professor com o objetivo de reorganizar o grupo e retomar o foco na proposta da aula.

Possíveis mudanças na organização do trabalho pedagógico para as próximas intervenções: Recomenda-se a repetição do jogo da memória, com ampliação do tempo e do espaço destinados à atividade.

Relatos dos alunos durante as atividades: Os estudantes demonstraram apreciação pela proposta dos dois jogos. Foram registradas respostas consistentes, por meio de gravações, acerca da compreensão das imagens e dos significados atribuídos por eles.

Avaliação da aula: A aula apresentou bom aproveitamento, com participação de

todos os estudantes presentes e elevado nível de animação e envolvimento nas atividades propostas.

Observações: Não houve registros adicionais.

DIÁRIO DE CAMPO

DATA: 13/11/2024.

AULA Nº. 12.

Quantidade de alunos: Participaram da atividade 19 estudantes.

Espaço utilizado para aula: A aula aconteceu no pátio coberto da escola.

Conteúdo: Consistiu nos movimentos de ataque e defesa da capoeira.

Objetivo: Desenvolver vivência e técnica na execução dos movimentos de ataque e defesa da capoeira.

Atividades desenvolvidas: Foram trabalhados os movimentos de martelo alto, esquiva lateral, meia-lua de frente, cocorinha, martelo baixo e martelo passado.

Recursos materiais: Utilizou-se uma caixa de som.

Participação dos alunos: Observou-se a participação dos estudantes em todas as atividades propostas, com execução dos movimentos e empenho no desenvolvimento das habilidades necessárias à realização dos gestos corporais apresentados.

Pontos positivos: Evidenciou-se o empenho dos estudantes durante a aula, com ocorrência de desgaste físico e indícios de aprendizagem, uma vez que muitos conseguiram assimilar os movimentos trabalhados.

Pontos negativos: Em decorrência da chuva intensa no horário da aula, foi necessária a mudança de local, o que resultou na perda aproximada de dez minutos em função do deslocamento.

Principais dificuldades enfrentadas por professor e alunos na proposta de aula: Os movimentos que exigiam maior domínio técnico, como a esquiva lateral e o martelo baixo, apresentaram dificuldades iniciais de execução, com melhora progressiva ao longo da aula.

Possíveis mudanças na organização do trabalho pedagógico para as próximas intervenções: Recomenda-se a ampliação do tempo e a disponibilização de um espaço maior para a execução dos movimentos da capoeira.

Relatos dos alunos durante as atividades: Ao final da aula, o professor realizou

uma conversa com os estudantes a respeito dos golpes e movimentos da capoeira, explicando que estes foram criados no Brasil como forma de defesa. Durante esse momento, os alunos foram ouvidos, sendo registradas as seguintes falas: “foram para se defender do capitão do Mato” (Cristiano Ronaldo), “lutaram para sobreviver” (Edson Arantes). A estudante Luana também relatou: “gostei muito da aula”.

Avaliação da aula: A aula apresentou organização com início, desenvolvimento e encerramento bem definidos, contando com boa participação dos estudantes. Observou-se aprendizagem significativa em relação aos movimentos trabalhados, além de boa aceitação do modelo de aula proposto, sendo o objetivo estabelecido alcançado.

Observações: Registro de forte chuva durante o período da aula.

DIÁRIO DE CAMPO

DATA: 13/11/2024.

AULA Nº. 13.

Quantidade de alunos: Participaram da atividade 19 estudantes.

Espaço utilizado para aula: Foi utilizado o pátio coberto da escola para a realização da aula proposta.

Conteúdo: Foram abordados movimentos acrobáticos da capoeira (aú, rolamento e ponte), bem como noções básicas e culturais da roda de capoeira.

Objetivo: Vivenciar os movimentos acrobáticos da capoeira, como الأ, rolamento e ponte, além de analisar e experienciar noções básicas da capoeira.

Atividades desenvolvidas: No tatame, foram trabalhados giros no solo, rolamentos e الأ. Na sequência, organizou-se uma roda de capoeira, na qual o conteúdo foi desenvolvido por meio da oralidade no processo pedagógico. Nesse momento, os estudantes “jogaram” capoeira com seus colegas.

Recursos materiais: Foram utilizados tatames e aparelho de som.

Participação dos alunos: Observou-se ótima participação dos estudantes. Durante a roda, percebeu-se que os corpos passaram a dialogar por meio dos golpes de ataque, defesa e fuga, evidenciando a aproximação entre a dança e a luta no jogo da capoeira.

Pontos positivos: Observou-se boa participação dos estudantes na roda de capoeira.

Pontos negativos: Alguns estudantes demonstraram timidez, necessitando de mais tempo para iniciar a participação na roda.

Principais dificuldades enfrentadas por professor e alunos na proposta de aula: Evidenciou-se a necessidade de maior tempo para a proposição e o desenvolvimento da atividade da roda de capoeira, em função do tempo reduzido destinado à aula.

Possíveis mudanças na organização do trabalho pedagógico para as próximas intervenções: Recomenda-se a ampliação do tempo destinado aos ensinamentos relacionados à roda de capoeira e à prática do “jogo”.

Relatos dos alunos durante as atividades: Os estudantes demonstraram grande apreciação pela proposta da aula. Durante o momento de organização para o jogo, os alunos relataram: “na próxima roda nós seremos os primeiros” (Participante 1 e João). De modo geral, percebeu-se que a maioria dos estudantes aprovou a atividade proposta.

Avaliação da aula: A aula foi avaliada de forma excelente. Observou-se que os estudantes começaram a compreender o espaço da “roda de capoeira”, sua organização, bem como o sentido de sua existência e os motivos históricos e culturais de sua criação.

Observações: Necessidade de maior tempo destinado à realização das atividades.

DIÁRIO DE CAMPO

DATA: 18/11/2024.

AULA Nº. 14.

Quantidade de alunos: Participaram da atividade 18 estudantes.

Espaço utilizado para aula: Foi utilizada a quadra Poliesportiva da escola para a realização da aula.

Conteúdo: Foram abordados alongamentos, a brincadeira estátua da capoeira e a brincadeira arranca rabo na ginga.

Objetivo: Proporcionar aos estudantes a vivência de movimentos de ataque e defesa da capoeira por meio de atividades lúdicas.

Atividades desenvolvidas: Inicialmente, foi colocada música de capoeira, sendo realizados alongamentos dinâmicos e aquecimento específico da modalidade. Em seguida, o professor explicou a brincadeira estátua da capoeira, a qual foi executada por todos os estudantes. Após essa primeira atividade, o professor distribuiu aos alunos pedaços de TNT amarelo, solicitando que fossem colocados na cintura. Na sequência, organizaram-se duplas, e a brincadeira foi explicada, consistindo na realização da ginga com o objetivo de retirar o TNT do colega. Após um período de vivência da atividade, o professor acrescentou golpes e deslocamentos mais amplos. Ao final da aula, foi realizada uma roda de conversa, na qual o professor propôs reflexões sobre a

aula e sobre os movimentos de ataque e defesa da capoeira. Os estudantes participaram ativamente, respondendo às provocações apresentadas, o que indicou compreensão do conteúdo proposto.

Recursos materiais: oram utilizados a quadra poliesportiva, TNT, aparelho de som e celular.

Participação dos alunos: Observou-se boa participação dos estudantes, que demonstraram apreciação pelas brincadeiras propostas.

Pontos positivos: Animação e entusiasmo de todos, saliento a alegria do participante (NEE) que ao conseguir pegar o TNT do professor por várias vezes, ficou muito feliz, a participação de todos foi de forma bem animada evidenciaram-se animação e entusiasmo por parte de todos os estudantes. Destaca-se a alegria do participante com NEE, que, ao conseguir retirar o TNT do professor por diversas vezes, demonstrou grande satisfação. A participação do grupo ocorreu de forma bastante animada.

Pontos negativos: Ao final da aula, em razão da necessidade de o professor deslocar-se para outra turma, alguns estudantes apresentaram demora no retorno à sala de aula.

Principais dificuldades enfrentadas pelo professor e alunos na proposta de aula: Verificou-se dificuldade em manter os estudantes no local previamente definido para a realização da aula.

Possíveis mudanças na organização do trabalho pedagógico para as próximas intervenções: Recomenda-se a ampliação do tempo destinado à aula, favorecendo melhor assimilação dos conteúdos trabalhados.

Relatos dos alunos durante as atividades: O participante (NEE) demonstrou satisfação com a atividade, relatando que “ganhou” várias vezes. Os estudantes Yara, Helena, participante 1, Edson Arantes e Neymar Junior solicitaram a realização da brincadeira com o professor e relataram ter compreendido a necessidade de defender o próprio corpo. Nesse momento, o professor explicou que esse princípio constitui um dos fundamentos historicamente utilizados pelos negros.

Avaliação da aula: A aula apresentou elevado nível de animação e alcançou os objetivos propostos relacionados aos movimentos de ataque e defesa da capoeira.

Observações: O senhor Francisco realizou diversos registros fotográficos da aula, os quais serão analisados posteriormente pelo pesquisador.

DIÁRIO DE CAMPO

DATA: 18/11/2024.

AULA Nº. 15.

Quantidade de alunos: Participaram da atividade 18 estudantes.

Espaço utilizado para aula: O espaço utilizado para a realização da aula foi a sala de aula.

Conteúdo: Foram abordados aspectos da cultura afro-brasileira, a captura dos negros, o transporte em navios negreiros, a vida no Brasil, o sofrimento vivido, as fugas para os quilombos e a capoeira enquanto luta de resistência.

Objetivo: Proporcionar aos estudantes uma visão crítica sobre o processo de escravização, fundamentada em fatos históricos.

Atividades desenvolvidas: O professor preparou material em formato PDF contemplando os seguintes temas: a chegada dos africanos ao Brasil e os sofrimentos enfrentados; a chegada dos navios negreiros, bem como as condições de vida a bordo e, posteriormente, no Brasil; as fugas dos escravizados para os quilombos; e a prática da capoeira como luta de resistência contra a opressão. Após a disponibilização do material por meio do data show, foi realizada uma aula expositiva com duração aproximada de 30 minutos, abordando os temas apresentados. Na sequência, os estudantes receberam uma folha dividida em quatro partes, na qual realizaram registros por meio de desenhos e/ou escritos, expressando o que compreenderam acerca de cada momento histórico trabalhado.

Recursos materiais: Foram utilizados data show, notebook, caixa de som, folhas impressas e quadro escolar.

Participação dos alunos: A participação dos estudantes foi positiva, sendo que todos os presentes realizaram a atividade proposta, com comentários e colocações ao longo da aula.

Pontos positivos: Os estudantes demonstraram interesse pelas imagens e pelo conteúdo apresentado, evidenciando motivação para a realização da atividade proposta, especialmente os desenhos realizados na folha impressa.

Pontos negativos: Durante o momento de desenhar e colorir, alguns estudantes permaneceram em pé, o que gerou aumento de ruído no ambiente, demandando ações pedagógicas do professor para reorganização da turma.

Principais dificuldades enfrentadas por professor e alunos na proposta de aula: Não foram identificadas dificuldades relevantes durante a realização da aula.

Possíveis mudanças na organização do trabalho pedagógico para as próximas intervenções: A aula apresentou bom êxito, com participação satisfatória dos estudantes, não sendo indicadas mudanças imediatas na organização do trabalho pedagógico.

Relatos dos alunos durante as atividades: A estudante Yara relatou ter gostado da atividade. O estudante Cristiano Ronaldo ressaltou, em diferentes momentos, a

importância de não cometer racismo. O estudante Edson Arantes demonstrou domínio do conteúdo abordado na aula. O estudante Neymar Junior também manifestou apreciação pela atividade proposta.

Avaliação da aula: A aula alcançou o objetivo proposto, ao possibilitar uma reflexão, de forma lúdica, sobre o percurso histórico dos negros africanos e da capoeira, estabelecendo relações com temas da atualidade.

Observações: O senhor Francisco, cuidador do participante com NEE, questionou o motivo da predominância de pessoas negras na África. Diante do questionamento, foi realizado diálogo explicativo, abordando fatores genéticos. O cuidador demonstrou interesse pelo tema e realizou registros fotográficos, os quais serão disponibilizados ao pesquisador.

DIÁRIO DE CAMPO

DATA: 19/11/2024.

AULA Nº. 16.

Quantidade de alunos: Participaram da atividade 16 estudantes.

Espaço utilizado para aula: O espaço utilizado para a realização da aula foi a quadra poliesportiva da escola.

Conteúdo: Foram abordadas vivências lúdicas relacionadas aos golpes de ataque e defesa da capoeira.

Objetivo: Proporcionar aos estudantes vivências relacionadas ao ataque e à defesa na capoeira por meio de brincadeiras.

Atividades desenvolvidas: Foi realizado o jogo do balão na capoeira. Cada estudante recebeu um balão com um barbante, sendo orientado a amarrá-lo aos pés. Em seguida, os estudantes se movimentaram livremente pela quadra, com atenção para não estourar o balão. Posteriormente, foi proposta a realização da ginga com o balão e, na sequência, a formação de duplas. Cada dupla gingava e “jogava capoeira” entre si, tendo como objetivo estourar o balão do colega, ao mesmo tempo em que deveria defender o próprio balão ou atacar para estourar o do outro. Todos os estudantes participaram ativamente da brincadeira. Aqueles que tiveram o balão estourado puderam retirar outro no saco de balões e retornar ao jogo. A atividade foi encerrada quando não houve mais balões disponíveis e o estudante teve o seu balão estourado.

Recursos materiais: Foram utilizados caixa de som, barbante e balões.

Participação dos alunos: Todos os estudantes presentes participaram ativamente do jogo.

Pontos positivos: Observou-se que, de forma lúdica, os estudantes se

envolveram intensamente com a proposta, vivenciando corporalmente os movimentos de ataque e defesa da capoeira. A ginga e os golpes passaram a fluir de maneira espontânea ao longo da aula.

Pontos negativos: Como o encerramento do jogo estava condicionado à inexistência de balões, alguns estudantes guardaram balões extras com o objetivo de obter vantagem sobre os colegas.

Principais dificuldades enfrentadas por professor e alunos na proposta de aula: Evidenciou-se a necessidade de trabalhar com os estudantes a compreensão de que a dinâmica se tratava de um jogo e de uma brincadeira. A estudante Gabriela chorou, afirmando: “não estava mais brincando quando estouraram meu balão”.

Possíveis mudanças na organização do trabalho pedagógico para as próximas intervenções: Recomenda-se a entrega de apenas um balão por estudante, mantendo os demais guardados. Caso necessário, a brincadeira poderá ser reiniciada com a redistribuição de um balão para cada participante.

Relatos dos alunos durante as atividades: Durante a realização da atividade, o estudante Edson Arantes guardou balões extras, sendo necessária uma conversa do professor com o aluno, que compreendeu a situação, devolveu os balões e afirmou ter entendido que a atitude era inadequada. A estudante Gabriela relatou: “Não estava mais brincando quando estouraram seu balão”.

Ao final da aula, o professor promoveu uma reflexão com os estudantes, explicando que os balões simbolizavam os corpos negros no período da escravidão, os quais precisavam se proteger e se movimentar. Nesse contexto, foi abordado que a capoeira surge como uma luta de resistência, voltada à proteção do próprio corpo, bem como de familiares e companheiros. Durante a reflexão, foi destacado que muitos balões foram “estourados”, enquanto alguns “resistiram”, estabelecendo-se uma analogia com os sobreviventes da escravidão, que lutaram bravamente por suas vidas e pela vida de seus companheiros.

Após esse momento reflexivo, o estudante Edson Arantes afirmou que a capoeira surgiu “para defesa”. A estudante Yara relatou que a capoeira era “para se proteger”. O estudante Neymar Junior afirmou que a capoeira era “para proteger suas mulheres”. De modo geral, os estudantes demonstraram compreensão de que a capoeira emergiu como uma necessidade de luta pela sobrevivência com dignidade.

Avaliação da aula: A aula alcançou o objetivo proposto, que consistia em promover a reflexão acerca da necessidade histórica da criação da capoeira, bem como de seus golpes de ataque e defesa. Ao final da aula, após uma “provocação” mediada pelo professor, os estudantes demonstraram uma compreensão ampliada sobre o motivo da emergência da capoeira enquanto luta de resistência.

Observações: Durante a atividade, uma estudante, identificada como participante 1, apresentou tristeza em relação a outra colega que havia estourado seu balão,

sendo necessária ações pedagógicas do professor para auxiliá-la a compreender que se tratava de uma brincadeira pedagógica e o motivo de sua aplicação no contexto da aula. O participante identificado como (NEE) não esteve presente nessa aula, assim como seu cuidador, Francisco. Ao longo da atividade, foram registradas diversas fotografias, as quais serão analisadas posteriormente por este pesquisador.

DIÁRIO DE CAMPO

DATA: 21/11/2024.

AULA Nº. 17.

Quantidade de alunos: Participaram da atividade 14 estudantes.

Espaço utilizado para aula: O espaço utilizado para a realização da aula foi a quadra poliesportiva da escola.

Conteúdo: Foram trabalhados aspectos relacionados à musicalidade na capoeira, compreendida como forma de oralidade do conhecimento, envolvendo canto, instrumentos musicais e organização da roda.

Objetivo: Propor, por meio das músicas da capoeira, reflexões acerca da barbárie historicamente sofrida pela população negra e de suas permanências na atualidade, bem como proporcionar aos estudantes vivências relacionadas à musicalidade da capoeira, com o uso do pandeiro, do agogô e das palmas.

Atividades desenvolvidas: A aula teve início com uma explicação oral realizada pelo professor acerca da importância da musicalidade na capoeira, destacando que as músicas carregam história, essência e conteúdo formativo. Em seguida, o professor apresentou e contextualizou cinco músicas da capoeira, explicando seus significados e ensinando aos estudantes o “coro” (respostas) de cada uma delas.

Posteriormente, as músicas foram cantadas coletivamente, com a mediação do professor, que também executou o pandeiro enquanto conduzia o canto. Os estudantes demonstraram compreender e responder corretamente aos coros das músicas trabalhadas, evidenciando envolvimento e atenção durante a atividade.

Na sequência, os estudantes foram organizados em pequenos grupos para vivenciar o toque do pandeiro, do agogô e a marcação das palmas. Após esse momento, o professor promoveu a sincronização coletiva dos instrumentos e das palmas, articulando ritmo, escuta e cooperação entre os participantes.

Como culminância da aula, foi organizada uma roda de capoeira, na qual a bateria foi composta pelos próprios estudantes. Alguns executaram os instrumentos, outros marcaram o ritmo com palmas e outros participaram do jogo corporal, todos dispostos em um espaço circular de respeito, em que cada estudante exerceu um papel específico, compreendendo sua importância no conjunto da roda. O

encontro foi finalizado com o professor parabenizando os estudantes pelo envolvimento, pela energia e pelo axé demonstrados durante a vivência.

Recursos materiais: Foram utilizados três pandeiros, um agogô, um caxixi e a quadra poliesportiva da escola.

Participação dos alunos: Estiveram presentes 14 estudantes, todos participaram ativamente tanto das atividades relacionadas à musicalidade quanto da roda de capoeira.

Pontos positivos: No momento inicial da aula, o professor utilizou a oralidade e a musicalidade como estratégia para o ensino da capoeira. Observou-se elevado envolvimento dos estudantes nesse momento, os quais participaram cantando e batendo palmas. A atenção demonstrada pelos alunos durante a atividade foi considerada um fator positivo relevante no desenvolvimento da aula.

Pontos negativos: Não foram identificados pontos negativos, uma vez que todos os estudantes presentes participaram e se envolveram de forma significativa com as atividades propostas.

Principais dificuldades enfrentadas por professor e alunos na proposta de aula: durante o momento da roda de capoeira, evidenciou-se dificuldade na organização e no controle da entrada dos próximos “jogadores” na roda, demandando maior mediação por parte do professor.

Possíveis mudanças na organização do trabalho pedagógico para as próximas intervenções: Sugere-se a inclusão sistemática da musicalidade no início das aulas, como estratégia para ampliar o envolvimento e o interesse dos estudantes com a proposta pedagógica.

Relatos dos alunos durante as atividades: Os estudantes relataram ter gostado da aula, sendo observado que alguns deles se dirigiram ao recreio cantando partes das músicas trabalhadas durante a atividade na quadra.

Avaliação da aula: A aula alcançou os objetivos propostos, que consistiam em aprender por meio da oralidade e da musicalidade na capoeira, vivenciar a prática dos instrumentos e participar de uma roda de capoeira cuja bateria foi criada e recriada pelos próprios estudantes. Foi possível perceber que os alunos aprenderam as músicas, refletiram sobre seus significados e conseguiram expressar, no “jogo de capoeira”, as mensagens presentes nas canções trabalhadas. Dessa forma, evidenciou-se que o caminho pedagógico da teoria e prática, se integraram ao longo da aula.

Observações: O participante identificado como (NEE) esteve presente na aula e participou ativamente das atividades propostas. Durante o recreio, o referido estudante encontrou o professor no corredor e perguntou: “O professor hoje tem capoeira?”, fato que evidencia seu envolvimento e interesse pelo projeto. O estudante executou corretamente o toque do agogô e vivenciou o toque do pandeiro. O senhor Francisco, cuidador do participante (NEE), esteve presente durante a aula, realizou registros fotográficos e gravou vídeos, os quais contribuirão significativamente para a análise deste pesquisador, que

posteriormente realizará observações mais críticas a partir das imagens e dos vídeos coletados.

DIÁRIO DE CAMPO

DATA: 25/11/2024.

AULA Nº. 18.

Quantidade de alunos: Participaram da atividade 14 estudantes.

Espaço utilizado para aula: O espaço utilizado para a realização da aula foi a quadra poliesportiva da escola.

Conteúdo: Foram abordados conhecimentos introdutórios relacionados à Capoeira Angola.

Objetivo: Proporcionar aos estudantes vivências e conhecimentos iniciais acerca da Capoeira Angola.

Atividades desenvolvidas: A aula teve início com a escuta de músicas de capoeira angola. Em seguida, o professor realizou uma explanação oral sobre a origem da Capoeira Angola, contextualizando onde e quando surgiu, bem como apresentando diferenças em relação à capoeira regional. Após esse momento inicial, foram realizados alongamentos dinâmicos característicos da capoeira. Na sequência, o professor ensinou a ginga e alguns movimentos de ataque e defesa próprios da Capoeira Angola. A aula foi finalizada com a realização de uma roda de capoeira angola, na qual o professor “jogou” com cada estudante e, posteriormente, permitiu que os alunos jogassem entre si.

Recursos materiais: Foram utilizados aparelho de som, quadra poliesportiva e celular.

Participação dos alunos: Observou-se que os estudantes iniciaram a aula com certa timidez; entretanto, ao longo do desenvolvimento das atividades, foram se soltando gradativamente, o que resultou em uma participação bastante positiva, percebendo-se maior liberdade para “brincar” no “jogo” da capoeira angola.

Pontos positivos: Considerando tratar-se da primeira aula sobre o tema, constatou-se que os estudantes aprenderam aspectos relevantes da cultura da capoeira angola.

Pontos negativos: No início da aula, os estudantes apresentaram vergonha para participar das atividades, dificuldade que foi sendo superada no decorrer da aula.

Principais dificuldades enfrentadas por professor e alunos na proposta de

aula: No início da aula os estudantes estavam com um pouco de vergonha, mas se soltaram no decorrer da aula.

Possíveis mudanças na organização do trabalho pedagógico para as próximas intervenções: Recomenda-se maior controle das saídas dos estudantes para o banheiro ou para beber água, a fim de evitar situações semelhantes.

Relatos dos alunos durante as atividades: Alguns estudantes relataram que não conheciam esse tipo de capoeira, porém afirmaram que gostaram muito da experiência.

Avaliação da aula: A aula foi avaliada de forma positiva, uma vez que os estudantes tiveram a oportunidade de conhecer, experimentar, vivenciar e aprender aspectos iniciais da cultura da Capoeira Angola.

Observações: Não houve outras observações relevantes a serem registradas.

DIÁRIO DE CAMPO

DATA: 25/11/2024.

AULA Nº. 19.

Quantidade de alunos: Participaram da atividade 14 estudantes.

Espaço utilizado para aula: O espaço utilizado para a realização da aula foi a quadra poliesportiva da escola.

Conteúdo: Foram abordadas vivências relacionadas à Capoeira Regional.

Objetivo: Proporcionar aos estudantes a vivência do “jogo” da capoeira regional.

Atividades desenvolvidas: A aula foi organizada a partir do jogo de capoeira regional, desenvolvido de forma lúdica na roda de capoeira. Durante a atividade, os estudantes participaram do “jogo”, experimentando movimentos característicos da capoeira regional. Ao longo da prática, os alunos puderam perceber diferenças entre os estilos de capoeira anteriormente vivenciados, especialmente no que se refere à dinâmica do jogo, aos movimentos e à organização da roda.

Recursos materiais: Foram utilizados aparelho de som, celular e a quadra poliesportiva.

Participação dos alunos: Todos os estudantes presentes participaram das atividades propostas.

Pontos positivos: Destaca-se a ludicidade presente na atividade e a circularidade da roda de capoeira, que favoreceu o envolvimento dos estudantes no jogo.

Pontos negativos: Observou-se que alguns estudantes apresentaram momentos de dispersão durante a organização da roda.

Principais dificuldades enfrentadas por professor e alunos na proposta de aula: Evidenciou-se a dificuldade em manter a organização e a concentração dos estudantes durante a realização da roda de capoeira.

Possíveis mudanças na organização do trabalho pedagógico para as próximas intervenções: Recomenda-se ampliar as explicações sobre a importância da concentração e da organização no contexto da roda de capoeira.

Relatos dos alunos durante as atividades: Muitos estudantes “brincaram” no “jogo” da capoeira, demonstrando diversão e permitindo que seus corpos se expressassem livremente durante a prática.

Avaliação da aula: A aula foi avaliada de forma positiva, com boa participação dos estudantes, que experimentaram e vivenciaram a arte do “jogo” da capoeira regional.

Observações: Não houve registros adicionais.

DIÁRIO DE CAMPO

DATA: 26/11/2024.

AULA Nº. 20.

Quantidade de alunos: Participaram da atividade 14 estudantes, havendo ausência de alguns alunos no dia da aplicação.

Espaço utilizado para aula: O espaço utilizado para a realização da aula foi a sala de aula.

Conteúdo: Aplicação de formulário de pesquisa e realização de roda de conversa gravada.

Objetivo: Analisar as respostas dos estudantes e compará-las com aquelas respondidas no início da pesquisa.

Atividades desenvolvidas: O professor recebeu os estudantes no terceiro horário da manhã. Em seguida, os alunos dirigiram-se ao lanche, havendo repetição e prolongamento do tempo destinado a essa atividade, o que ocasionou atraso no início da proposta pedagógica. Após a finalização do lanche, o professor explicou o funcionamento do formulário de pesquisa e realizou a sua entrega aos estudantes. Foi realizada a leitura coletiva das questões, esclarecendo que cada pergunta apresentava apenas uma alternativa correta. Após o preenchimento dos formulários, o professor organizou uma roda de conversa, na qual os estudantes foram convidados a se manifestar sobre temas como racismo, preconceito, origem da capoeira, luta e resistência. As falas dos alunos foram gravadas em áudio,

material que será posteriormente transcrito e analisado por este pesquisador.

Recursos materiais: Foram utilizados formulários impressos, canetas, lápis e celular para gravação de áudio.

Participação dos alunos: Alguns estudantes estiveram ausentes. Todos os alunos presentes realizaram o preenchimento do formulário.

Pontos positivos: Ao ser explicado que as respostas teriam grande importância para a pesquisa científica, observou-se maior foco e concentração dos estudantes durante o preenchimento do formulário.

Pontos negativos: O tempo prolongado do lanche e a ocorrência de conversas paralelas interferiram no andamento da aula. Além disso, a estudante Luana precisou se ausentar antes do término da atividade, em razão de um acidente ocorrido com seu irmão na escola, sendo necessário o comparecimento dos pais. A referida estudante não conseguiu concluir o formulário, apesar de ser uma das alunas mais envolvidas no projeto e nas aulas de capoeira.

Principais dificuldades enfrentadas por professor e alunos na proposta de aula: Evidenciaram-se conversas paralelas e agitação da turma durante a realização da atividade.

Possíveis mudanças na organização do trabalho pedagógico para as próximas intervenções: Recomenda-se maior controle da disciplina dos estudantes, especialmente em aulas destinadas à aplicação de instrumentos de pesquisa.

Relatos dos alunos durante as atividades: Ao final da aula, o professor realizou gravações das falas dos estudantes, as quais serão transcritas neste diário. O aluno Cristiano Ronaldo relatou que está treinando capoeira com o pai. A aluna Luana afirmou que está treinando bastante e que está gostando muito das aulas de capoeira.

Avaliação da aula: Os estudantes conseguiram concluir o preenchimento do formulário, e foi realizada uma roda de conversa com duração aproximada de oito minutos, alcançando-se, assim, os objetivos propostos para esta aula.

Observações: O participante identificado como (NEE) não respondeu a todas as questões do formulário, apresentando agitação durante a aula.

DIÁRIO DE CAMPO

DATA: 02/12/2024.

AULA Nº. 21.

Quantidade de alunos: Participaram da atividade 18 estudantes.

Espaço utilizado para aula: O espaço utilizado para a realização da aula foi a

quadra poliesportiva da escola.

Conteúdo: Simulação de batizado de capoeira.

Objetivo: Proporcionar reflexões aos estudantes acerca do evento denominado “batizado” de capoeira, considerando seus aspectos culturais e estabelecendo relações com a barbárie historicamente sofrida pela população negra na sociedade brasileira.

Atividades desenvolvidas: O professor chegou à escola às 13h00 portando diversos materiais relacionados à capoeira, incluindo instrumentos musicais, livros e artesanatos. Inicialmente, entregou à coordenação pedagógica os certificados elaborados para os estudantes participantes da pesquisa científica sobre capoeira desenvolvida na escola.

No período compreendido entre 13h00 e 14h00, com o auxílio de alguns alunos do 4º ano (turma pesquisada), o professor organizou a quadra poliesportiva. Duas mesas grandes foram posicionadas no centro da quadra, sobre as quais foram dispostos: um quebra-cabeça sobre a cultura afro-brasileira e a capoeira (confeccionado por este pesquisador), diversos livros relacionados à cultura afro-brasileira e à capoeira, bem como quadros com temáticas afro-brasileiras. No centro da quadra, o professor organizou os instrumentos musicais da capoeira, sendo eles: três berimbaus (gunga, médio e viola), três pandeiros, dois caxixis, um atabaque e um agogô.

Na sequência, o professor buscou os uniformes de capoeira armazenados no depósito da escola e distribuiu um conjunto para cada estudante (abadá e camiseta branca). Após se vestirem, os alunos dirigiram-se à quadra, onde o professor explicou que todas as turmas da escola, organizadas por horários, realizariam visitas à exposição montada, e que os próprios estudantes seriam os responsáveis por atuar como “professores”, explicando o que haviam aprendido e apresentando a feira cultural. O professor permaneceu próximo aos alunos, oferecendo apoio e esclarecendo dúvidas sempre que necessário. Durante a exposição, alguns estudantes permaneceram nas mesas explicando o quebra-cabeça, outros abordaram o significado das cordas, os quadros e os livros, enquanto um grupo ficou responsável pelos instrumentos musicais, explicando seus nomes, origens e demais informações. Nesse momento, o professor permaneceu tocando o berimbau, auxiliando na mediação com os visitantes e esclarecendo dúvidas.

Diversas turmas da escola visitaram a feira cultural afro-brasileira. O professor do 3º ano manifestou que gostou muito do trabalho, destacando a qualidade da organização e a vasta literatura exposta sobre o tema. Uma professora do 2º ano também demonstrou grande envolvimento, realizando perguntas, tocando o berimbau e registrando fotografias de alguns livros. A professora do 1º ano B, esteve presente e relatou que os alunos estavam “com os olhos brilhando” e demonstravam domínio do assunto.

Após o período de visitação, ocorreu o recreio, momento em que a quadra foi fechada para preservação da decoração. Em seguida, durante o horário do lanche, o professor retornou à quadra, organizou a sonorização do evento e

dispôs os certificados que seriam entregues aos estudantes. Após o recreio, as crianças dirigiram-se rapidamente à quadra. O professor explicou as etapas do evento, informando que, inicialmente, todos receberiam os certificados e uma corda de capoeira, realizariam registros fotográficos, dariam uma volta na quadra e, posteriormente, sentar-se-iam para a formação da roda. Após a fala inicial, foram entregues os certificados a todos os estudantes e também ao grupo gestor. A diretora, a secretária geral e uma das coordenadoras pedagógicas não estiveram presentes por motivos profissionais e de saúde. A coordenadora Fernanda esteve presente, recebeu seu certificado, agradeceu e afirmou que o evento estava muito bem-organizado, parabenizando o professor e os estudantes.

Na sequência, o professor convidou o Sr. Francisco, cuidador e colaborador ativo da pesquisa, responsável por gravações de vídeos, registros fotográficos e participação constante ao longo do processo investigativo. O Sr. Francisco demonstrou surpresa e emoção ao receber o certificado.

Após a entrega dos certificados e a formação da roda, iniciou-se uma roda de capoeira Angola, seguida pela Capoeira Regional e, por fim, pela Capoeira Contemporânea. Todos os estudantes participaram ativamente, jogaram, se divertiram e interagiram, enquanto alunos de outras turmas assistiam ao evento. O professor encerrou oficialmente o “batizado” com uma fala final, contextualizando a cultura afro-brasileira e realizando a saudação tradicional da capoeira. Em seguida, convidou todos os presentes na quadra para a formação de uma grande roda de capoeira, simbolizando união, inclusão e coletividade dessa manifestação cultural.

Recursos materiais: foram utilizados três berimbaus, um atabaque, três pandeiros, cinco caxixis, um agogô, um jogo da memória afro-brasileiro, diversos livros sobre capoeira e cultura afro-brasileira, dois quadros temáticos, vinte cordas de capoeira, aparelho de som, microfone, notebook e celular.

Participação dos alunos: A participação dos estudantes foi considerada muito positiva. Todos demonstraram empolgação e felicidade com o evento, com o uso do uniforme de capoeira, com o contato com os instrumentos, com o protagonismo nas explicações e com o recebimento dos certificados, configurando momentos de forte emoção coletiva.

Pontos positivos: Destacam-se a ampla participação dos estudantes, a visita de outras turmas ao evento, o protagonismo dos alunos como centro do processo de ensino-aprendizagem e a boa aceitação da pesquisa por parte da comunidade escolar.

Pontos negativos: Observou-se que a quadra da escola não se encontrava em condições ideais de limpeza, bem como a ausência de parte do grupo gestor durante o evento.

Principais dificuldades enfrentadas por professor e alunos na proposta de aula: O pesquisador precisou organizar todo o evento com o apoio dos

estudantes, o que tornou o processo de organização bastante intenso e corrido.

Possíveis mudanças na organização do trabalho pedagógico para as próximas intervenções: Recomenda-se a presença de mais servidores para auxiliar na organização prática de eventos dessa natureza.

Relatos dos alunos durante as atividades: Os estudantes demonstraram grande felicidade ao longo de todo o evento. Observou-se, por meio de expressões e atitudes, o orgulho ao explicarem para outros alunos os conteúdos relacionados à cultura afro-brasileira. Destaca-se a convivência de crianças de diferentes etnias e culturas, aprendendo juntas e dialogando sobre a cultura afro-brasileira.

Avaliação da aula: Considera-se que o evento alcançou plenamente seus objetivos, ao promover reflexões sobre a importância da cultura afro-brasileira e sobre a capoeira como forma de enfrentamento da barbárie sofrida pela população negra na sociedade brasileira. Houve ampla participação dos envolvidos e boa aceitação por parte da comunidade escolar.

Observações: Ressalta-se a participação do estudante identificado como (NEE), que esteve presente durante todo o evento, demonstrando felicidade e orgulho ao vestir sua “roupa de capoeira”. Em diversos momentos, apresentou o uniforme para os colegas, permaneceu com o caxixi, explicou seu uso aos visitantes e participou ativamente da roda de capoeira, realizando um bom jogo com o professor. No momento da entrega do certificado, demonstrou grande satisfação. O professor dispõe de grande quantidade de registros fotográficos e audiovisuais, os quais serão analisados posteriormente para aprofundamento das reflexões desta pesquisa.

APÊNDICE F – Escolha de nome que serão utilizados na pesquisa pelos estudantes

NOME	NOME ESCOLHIDO
André	Takashi
Ana Vitória	Luana
Benjamim	Edson Arantes
Davi	João
Eduarda	Helena
Eduardo	Cristiano Ronaldo
Eduardo Resplande	Participante (NEE)
Heitor	Victor
Hiarnlla	Gabriela
Isaque	Vinicius
Luiz	Neymar Junior
Manuella	Yara
Maria Clara	Clara
Matheus	Miguel
Paulo Victor	Bob Charlton
Sophia	Participante 1

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

APÊNDICE G – Proposta Metodológica e Vivências das Aulas de Capoeira: Um Percurso de Resistência e Formação

Este apêndice apresenta a proposta metodológica, as vivências e o registro das aulas realizadas no campo da proposta pedagógica, com o propósito de investigar se o ensino da capoeira pode contribuir para o enfrentamento da barbárie e para o desenvolvimento do senso crítico sobre a luta e a resistência da população afro-brasileira. A pesquisa foi fundamentada na pesquisa-ação e orientada pela metodologia crítico-superadora, integrando corpo, cultura e consciência social em um processo formativo que reconhece a capoeira como prática corporal enraizada em sua dimensão histórica e simbólica.

A construção do planejamento, a elaboração do sequenciador de aulas e a participação ativa dos estudantes do 4º ano do ensino fundamental foram fundamentais para promover uma experiência educativa crítica, lúdica e emancipatória. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFG (CAAE: 82520624.1.0000.5083), sendo desenvolvido quatro vezes por semana, com duração de uma hora cada. Em 30 de outubro de 2024, os estudantes assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e escolheram os nomes fictícios utilizados na pesquisa.

Figura 11 – Assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) pelos estudantes menores de idade



Fonte: Acervo do autor.

2. Estrutura do Sequenciador Didático

O sequenciador de aulas foi construído com base em eixos temáticos que articularam os aspectos históricos, culturais e corporais da capoeira. Cada encontro foi pensado para desenvolver, de forma progressiva, a compreensão crítica sobre a prática e sua potência educativa.

A aula inicial teve caráter diagnóstico e buscou identificar as percepções das crianças sobre a capoeira, suas relações com a luta, a resistência e a cultura afro-brasileira. Por meio do preenchimento de um formulário lúdico e de uma roda de conversa mediada pelo professor, os estudantes expressaram concepções variadas acerca do tema, revelando desde compreensões intuitivas até reflexões mais críticas. Essa etapa constituiu-se como ponto de partida para a construção coletiva do conhecimento, integrando a ludicidade à reflexão social e evidenciando o potencial educativo da capoeira no desenvolvimento da consciência histórica e cultural dos alunos.

Figura 12 – Avaliação diagnóstica: alunos respondendo formulário



Fonte: Acervo do autor.

A aula número 2 foi realizada na quadra da escola e teve como objetivo proporcionar uma vivência prática da capoeira, explorando seus fundamentos técnicos e sua dimensão simbólica. Após um breve aquecimento, os alunos participaram da brincadeira “Pega-pega dos Escravos”, em que um estudante representava o capitão-do-mato e os demais, os escravizados fugitivos, sendo

libertos simbolicamente por meio do movimento da meia-lua de frente. Em uma segunda variação, um aluno assumiu o papel de Zumbi dos Palmares, simbolizando a liderança e a luta pela liberdade.

Figura 13 – Realização da brincadeira Pega-pega dos Escravos



Fonte: Acervo do autor.

Na etapa seguinte da proposta pedagógica, os estudantes foram conduzidos à experimentação dos movimentos básicos da capoeira, tais como a ginga, o martelo alto, a esquivada cadeira, o aú e a ponte. A organização da prática utilizou bambolês como referências espaciais, favorecendo a orientação corporal, a percepção do espaço e a compreensão dos deslocamentos próprios do jogo da capoeira. O toque do pandeiro, executado e mediado pelo professor, atuou como elemento estruturante da atividade, organizando o ritmo dos movimentos e fortalecendo a relação entre corpo, musicalidade e coletividade.

Essa vivência corporal foi planejada de modo a articular ludicidade, ritmo e reflexão histórica, possibilitando que os estudantes ultrapassassem a execução mecânica dos gestos e atribuíssem sentido cultural às práticas vivenciadas. Ao compreenderem os movimentos como parte de uma manifestação histórica de resistência e afirmação identitária, os alunos passaram a reconhecer a capoeira não apenas como prática corporal, mas como expressão cultural produzida por sujeitos historicamente oprimidos, fortalecendo processos de consciência crítica e desbarbarização no contexto da Educação Física escolar.

Figura 14 – Vivência da ginga utilizando bambolês como recurso pedagógico



Fonte: Acervo do autor.

A aula 3 teve caráter teórico-reflexivo e buscou promover a compreensão da trajetória da população negra e do papel da capoeira como prática de resistência. Realizada em sala de aula, contou com o apoio de vídeos e imagens projetadas que retratavam a escravidão e a cultura afro-brasileira, entre eles a música “No Tempo do Cativo”, uma performance contemporânea de capoeira e um vídeo sobre inclusão na prática. Também foi exibida uma gravação do próprio pesquisador jogando capoeira no ambiente escolar, o que despertou interesse e identificação entre os estudantes.

Na roda de conversa realizada após a atividade, as crianças demonstraram não apenas a compreensão dos conteúdos trabalhados, mas também a capacidade de estabelecer relações entre acontecimentos históricos e questões presentes na realidade contemporânea. As falas evidenciaram o reconhecimento da capoeira como uma manifestação cultural marcada pela luta, pela resistência e pela preservação da identidade afro-brasileira ao longo da história. As reflexões compartilhadas pelos estudantes revelaram que a capoeira passou a ser compreendida para além de seus movimentos corporais, sendo percebida como expressão de enfrentamento às opressões e de valorização da cultura negra. Nesse contexto, o diálogo desenvolvido durante a atividade reforçou o potencial pedagógico da capoeira como instrumento de valorização da memória histórica e de

formação de uma consciência crítica acerca da história, da cultura e das contribuições da população negra para a sociedade brasileira.

Figura 15 – Apresentação de vídeos relacionados à cultura afro-brasileira, articulada a um momento de debate coletivo.



Fonte: Acervo do autor.

A aula 4 teve como foco o desenvolvimento de habilidades corporais e a compreensão da musicalidade como elemento educativo. Iniciou-se com a brincadeira “Capoeira da Dona Aranha”, um exercício de escalada invertida que estimulou força, equilíbrio e coordenação motora. O professor utilizou o berimbau para marcar o ritmo, promovendo a integração entre corpo e música. Em seguida, foram praticados movimentos fundamentais, como ponteiro, cocorinha, meia-lua de frente e queixada, culminando na apresentação da estrutura da roda de capoeira e de seus significados simbólicos e coletivos.

A articulação entre prática corporal e musicalidade revelou-se um elemento mobilizador do interesse e do envolvimento dos estudantes, criando um ambiente de aprendizagem marcado pela participação ativa e pelo engajamento coletivo. O ritmo, mediado pelos instrumentos e pelo canto, organizou os movimentos corporais e favoreceu a compreensão da capoeira como uma linguagem expressiva, na qual corpo e som se constituem de forma indissociável, possibilitando experiências de cooperação, escuta e interação entre os participantes.

Essa vivência contribuiu para que os estudantes reconhecessem a capoeira como uma prática cultural que integra resistência histórica, ritmo e construção coletiva, ultrapassando a dimensão meramente motora. Ao articular aspectos físicos, culturais e sociais em um mesmo processo formativo, a capoeira evidenciou seu potencial educativo no contexto da Educação Física escolar, fortalecendo a formação de sujeitos críticos, sensíveis às relações sociais e capazes de compreender o corpo como espaço de expressão, memória e emancipação.

Figura 16 – Desenvolvimento da brincadeira intitulada 'Capoeira da Dona Aranha



Fonte: Acervo do autor.

Figura 17 – Formação da roda e execução dos movimentos básicos da capoeira



Fonte: Acervo do autor.

A aula 5 teve como objetivo explorar a musicalidade da capoeira enquanto forma de expressão e valorização da cultura afro-brasileira. Os estudantes foram

organizados em círculo e apresentados aos instrumentos tradicionais — berimbau, atabaque, pandeiro e agogô —, aprendendo sobre suas funções e sonoridades. O professor demonstrou diferentes toques e cantos, permitindo que cada aluno experimentasse os instrumentos e participasse ativamente da prática musical.

O momento proporcionou um espaço de escuta sensível, diálogo e participação coletiva, favorecendo o envolvimento ativo das crianças durante toda a atividade. A partir das experiências vivenciadas, os estudantes puderam compartilhar percepções e sentimentos despertados pela musicalidade da capoeira, refletindo sobre as emoções provocadas pelos cantos, ritmos e instrumentos apresentados. As discussões também possibilitaram a compreensão dos significados simbólicos presentes nas canções, reconhecendo-as como importantes formas de transmissão da memória, da história e dos valores da cultura afro-brasileira. Nesse contexto, a vivência reafirmou o papel da musicalidade na constituição da identidade coletiva, contribuindo para o desenvolvimento do respeito mútuo, do senso rítmico e do sentimento de pertencimento à cultura da capoeira.

Figura 18 – Experiência de vivência musical no contexto da capoeira



Fonte: Acervo do autor.

Figura 19 – Exploração e experimentação dos instrumentos musicais da capoeira.



Fonte: Acervo do autor.

A aula 6 teve como propósito promover a compreensão da luta e da resistência do povo negro, destacando a figura histórica de Zumbi dos Palmares como símbolo de liberdade e enfrentamento à escravidão. A atividade iniciou-se com a leitura coletiva de um texto infantil sobre sua trajetória, seguida de uma roda de conversa em que as crianças refletiram sobre sua coragem, liderança e legado histórico. O professor complementou a discussão com a exibição de um vídeo educativo, incentivando os estudantes a relacionarem o conteúdo à atualidade, especialmente ao Dia da Consciência Negra e às persistentes desigualdades raciais na sociedade.

As manifestações orais dos alunos revelaram empatia e respeito pela cultura afro-brasileira, evidenciando a internalização de valores ligados à liberdade, à justiça e à igualdade. A vivência reafirmou o vínculo entre a capoeira e a luta histórica do povo negro, contribuindo para a valorização da memória coletiva e para o desenvolvimento de uma consciência crítica e socialmente engajada.

Figura 20 – Leitura coletiva sobre Zumbi dos Palmares



Fonte: Acervo do autor.

A figura a seguir registra uma roda de conversa sobre liberdade e igualdade. A organização em roda favoreceu o diálogo, a escuta e a participação dos estudantes, evidenciando seu envolvimento com as reflexões propostas e reforçando o potencial pedagógico dessa estratégia para a formação ética e crítica relacionada à justiça social, à dignidade humana e à convivência democrática.

Figura 21 – Discussão em roda sobre liberdade e igualdade



Fonte: Acervo do autor.

Na sétima aula, cujo foco foi a circularidade na roda de capoeira, as atividades tiveram início com alongamentos e exercícios de aquecimento realizados na quadra da escola, preparando corporalmente os estudantes para a vivência proposta. Esse momento inicial também favoreceu a organização do grupo e a

criação de um ambiente propício à participação coletiva, respeitando os diferentes ritmos e possibilidades corporais dos alunos.

Na sequência, os estudantes reuniram-se em círculo para a abordagem dos princípios que estruturam a roda de capoeira, como o respeito mútuo, a inclusão e a igualdade de gênero. Posteriormente, todos participaram da roda, experienciando na prática seus ensinamentos simbólicos, corporais e culturais. Essa vivência possibilitou a reflexão sobre a capoeira como prática histórica de resistência frente ao racismo, ao preconceito e às tentativas de silenciamento da população negra e da cultura afro-brasileira, reafirmando seu potencial educativo no contexto escolar.

Figura 22 – Prática da circularidade na roda de capoeira e discussões reflexivas sobre as manifestações de barbárie



Fonte: Acervo do autor.

A oitava aula, realizada em 12 de novembro de 2024, teve como tema *“Girando na capoeira: movimentos específicos e jogo da memória”* e utilizou o *Jogo da Memória Afro-Brasileiro*, criado pelo professor-pesquisador. As cartas com imagens da cultura afro-brasileira foram distribuídas e, a cada par encontrado, os estudantes explicavam o significado das figuras, relacionando-as a elementos da capoeira e da ancestralidade negra. A atividade promoveu um aprendizado lúdico e reflexivo, estimulando a cooperação, a memória e o reconhecimento das raízes afro-brasileiras, evidenciando o potencial educativo da capoeira no enfrentamento do preconceito e na valorização da diversidade cultural.

Figura 23 – Vivência lúdica por meio do jogo da memória e registro das interpretações dos alunos acerca das imagens



Fonte: Acervo do autor.

Na segunda parte da aula, foi realizada a brincadeira “Salvando os escravos”, uma adaptação do pega-pega sobre as linhas da quadra. Nessa atividade, havia um espaço simbólico chamado *senzala*, representando o local onde os negros estavam presos. Os alunos, divididos entre escravos e feitores, deveriam correr sobre as linhas para tentar libertar os companheiros sem serem capturados. A dinâmica terminou quando todos os escravos foram libertados ou presos, estimulando a cooperação, a empatia e a reflexão sobre a escravidão e a busca pela liberdade. A proposta possibilitou um aprendizado significativo, integrando movimento, história e consciência social de forma lúdica.

Figura 24 – Desenvolvimento da dinâmica “Salvando os escravos” e participação dos alunos



Fonte: Acervo do autor.

Após a brincadeira, o professor ensinou movimentos giratórios, como meia-lua de compasso, martelo baixo e rasteira frontal baixa.

Figura 25 – Realização prática de movimentos giratórios na capoeira



Fonte: Acervo do autor.

A aula número nove aconteceu no pátio coberto da escola no dia 13 de novembro de 2024, o tema da aula foi: Movimentos de ataque e defesa da capoeira. O professor trabalhou na prática com movimentos de ataque e defesa, sendo: Martelo alto, esquiva lateral, meia lua de frente, cocorinha, martelo baixo e martelo passado. Movimentos estes básicos da capoeira para uma percepção da luta disfarçada em dança. Após a aula o professor então realizou uma reflexão sobre a prática destes golpes, que são de lutas, sobre suas origens e o para que serviram no tempo da escravidão e como são praticados hoje.

Figura 26 – Realização de movimentos de ataque e defesa da capoeira



Fonte: Acervo do autor.

A décima aula, realizada em 18 de novembro, abordou o tema Capoeira: Acrobacias e roda de capoeira, com enfoque na prática dos movimentos físicos e no aprendizado cultural da arte. Inicialmente, o professor propôs aos alunos atividades de acrobacias, incluindo aú, rolamento e ponte, incentivando-os a explorar os limites do próprio corpo e a desenvolver habilidades motoras essenciais à prática da capoeira. Cada movimento foi trabalhado de maneira gradual, respeitando o ritmo de aprendizagem de cada estudante e permitindo observação, correção e feedback constantes.

Após essa fase prática, a atenção foi direcionada às noções básicas da roda de capoeira e à sua dimensão cultural. No tatame, os estudantes realizaram exercícios de giros, rolamentos e aú, que foram integrados à prática dentro da roda. Através de explicações orais, o professor contextualizou a roda, demonstrando como os movimentos se relacionam com a musicalidade, o ataque, a defesa e a interação social. Os alunos, então, jogaram capoeira entre si, vivenciando o diálogo corporal característico da roda, promovendo tanto a aprendizagem técnica quanto a compreensão do significado cultural e histórico desse espaço de prática.

Figura 27 – Realização de acrobacias na capoeira



Fonte: Acervo do autor.

Na décima primeira aula com o tema, Capoeira e ludicidade: A arte de jogar, o professor iniciou a aula com a brincadeira Estátua da ginga, onde as crianças que estavam correndo e passando por alguns obstáculos, quando a música parasse as crianças faziam uma estátua em forma de ginga.

Figura 28 – Desenvolvimento da brincadeira corporal “Estátua da Ginga”



Fonte: Acervo do autor.

A segunda atividade do dia foi o jogo "Arranca Rabo" que consistia em formar duplas de crianças, cada uma com um pedaço de TNT preso na cintura como se fosse um “rabo”. O objetivo é tentar puxar o TNT do colega, simulando movimentos de ataque e defesa do jogo de capoeira.

Figura 29 – Realização da dinâmica “Arranca Rabo”



Fonte: Acervo do autor.

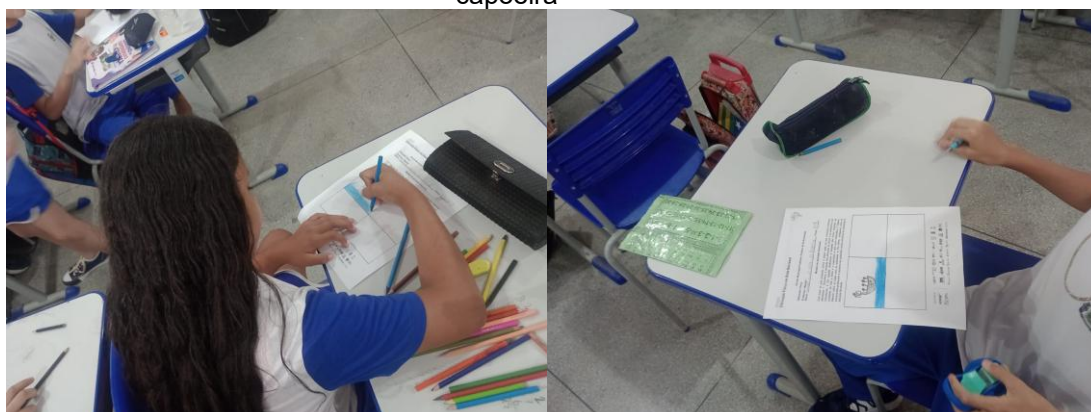
Em seguida, o professor ensinou na prática outros movimentos de capoeira voltados para ataque e defesa, atividade esta que as crianças praticaram em duplas.

No encerramento da aula foi feito uma reflexão, dando espaço para que as crianças compartilhem suas impressões e contribuições.

A décima segunda aula, realizada em 18 de novembro de 2024, teve como enfoque principal a exploração da história da capoeira e da cultura afro-brasileira, articulando conteúdo expositivo e atividades práticas. Durante a primeira parte da aula, o professor apresentou aos estudantes a trajetória dos africanos trazidos à força para o Brasil, abordando o sofrimento nos navios negreiros, as condições de vida após a chegada e as fugas rumo aos quilombos. Nesse contexto, enfatizou-se a capoeira como prática de resistência e instrumento de luta pela liberdade, permitindo que os alunos compreendessem a dimensão histórica e social desse legado cultural.

Na sequência, os estudantes participaram de uma atividade artística, na qual receberam folhas divididas em quatro partes para representarem, por meio de desenhos ou anotações, os momentos que consideraram mais relevantes da trajetória estudada. Essa prática possibilitou que os alunos refletissem criticamente sobre a história da escravidão, a resistência negra e a importância da capoeira como expressão cultural, demonstrando não apenas entendimento teórico, mas também sensibilidade frente às narrativas históricas e à riqueza da cultura afro-brasileira.

Figura 30 – Produzindo ilustrações que evidenciam a compreensão dos conteúdos de capoeira



Fonte: Acervo do autor.

Na décima terceira aula, que aconteceu no dia 19 de novembro, com o tema: Prática de ataque e defesa na capoeira. A aula abordou o tema de ataque e defesa com a dinâmica dos balões na capoeira. Cada dupla de crianças recebeu um balão e, inicialmente, deveriam se movimentar livremente com ele. Em seguida, as crianças fizeram alguns movimentos de ataque direcionados ao balão. Por fim, as

crianças tentaram atacar com golpes de capoeira enquanto a outra se defendia. Logo após essa prática, o professor demonstrará alguns movimentos específicos de ataque e defesa e orientará os alunos a replicá-los. Por fim, o professor fará uma roda de capoeira, estimulando os estudantes a colocar em prática o que aprenderam na aula.

Figura 31 – Dinâmica de capoeira utilizando balões como recurso para ataque e defesa



Fonte: Acervo do autor.

A décima quarta aula foi realizada no dia 22 de novembro e teve como tema **“A importância da musicalidade na capoeira”**. A atividade concentrou-se na valorização dos elementos musicais que compõem essa manifestação cultural, articulando-os a reflexões sobre o racismo e as diferentes formas de preconceito presentes na sociedade contemporânea. Inicialmente, o professor retomou a apresentação dos instrumentos da capoeira, possibilitando que os estudantes os manuseassem e explorassem novamente seus sons e características. Na sequência, foram entoadas cantigas que abordam a trajetória histórica da população negra, destacando experiências de sofrimento, resistência e luta pela liberdade. Ao final da aula, foi realizada uma breve roda de capoeira, proporcionando aos alunos a vivência integrada entre musicalidade, movimento corporal e os conteúdos históricos e culturais discutidos ao longo do encontro.

Figura 32 – Realização de roda de capoeira



Fonte: Acervo do autor.

No encerramento, foi realizada uma roda de conversa para que todos compartilhassem as sensações e reflexões que surgiram ao longo da aula. Nesta aula foi trabalhado a música Dandara e navio negreiro.

Figura 33 – Condução de roda de diálogo com contextualização histórica e cultural



Fonte: Acervo do autor.

A décima quinta aula, realizada em 25 de novembro de 2024, teve como eixo temático a vivência dos **primeiros contatos com a Capoeira Angola**, com o objetivo de aproximar os estudantes dessa vertente tradicional e historicamente

vinculada às matrizes africanas da capoeira. O encontro iniciou-se com um momento de acolhimento e preparação corporal, no qual foram realizados alongamentos e movimentos básicos, como a ginga e a rasteira, favorecendo a percepção do corpo em movimento. Na sequência, o professor apresentou os instrumentos característicos da Capoeira Angola, contextualizando seus usos, significados simbólicos e sua relevância na preservação da memória, da musicalidade e da tradição da prática.

Posteriormente, os alunos participaram de uma atividade em duplas, na qual alternaram papéis em um jogo corporal que simulava, de maneira lúdica e segura, situações de ataque e defesa. Essa dinâmica possibilitou a compreensão da capoeira como diálogo corporal, baseado na observação, no respeito ao outro e na leitura sensível do movimento. A aula foi finalizada com a formação de uma roda de capoeira, seguida de uma conversa reflexiva, em que os estudantes relataram suas percepções, sentimentos e aprendizagens. As falas evidenciaram envolvimento, curiosidade e a assimilação inicial dos fundamentos corporais, culturais e simbólicos da Capoeira Angola, reafirmando seu potencial educativo no contexto escolar.

Figura 34 – Realização de roda de Capoeira Angola



Fonte: Acervo do autor.

A décima sexta aula, ocorrida em 25 de novembro de 2024, abordou o tema “Capoeira Regional e sua luta contra a opressão”, articulando a prática corporal à compreensão social. O professor iniciou a atividade provocando reflexões sobre o conceito de opressão e sobre de que maneira a capoeira pode ser utilizada como forma de resistência. Em seguida, apresentou a bateria musical da Capoeira Regional, explicando a relevância da cooperação, da comunicação e da

sincronização dentro da roda, aspectos essenciais para a prática coletiva e o diálogo corporal da capoeira.

Posteriormente, os estudantes foram orientados a executar movimentos de ataque e defesa organizados em duplas, em uma dinâmica que simulava, de forma lúdica, cooperativa e segura, situações de enfrentamento corporal. Essa vivência permitiu que os alunos experimentassem a lógica do jogo da capoeira, compreendendo o confronto não como violência, mas como diálogo corporal marcado pela atenção ao outro, pela estratégia e pelo autocontrole. Ao mesmo tempo, a atividade favoreceu a leitura da capoeira como prática histórica de resistência à opressão, na qual o corpo assume papel central na afirmação da dignidade e da sobrevivência cultural.

A aula foi finalizada com a formação de uma roda de capoeira, seguida de uma conversa coletiva mediada pelo professor, na qual os estudantes compartilharam suas percepções, sensações e aprendizagens. Nesse momento reflexivo, os alunos reconheceram a Capoeira Regional como uma manifestação cultural carregada de significados históricos, vinculada às lutas por liberdade e ao enfrentamento das desigualdades sociais. O diálogo evidenciou a compreensão da capoeira como expressão cultural viva, capaz de articular movimento, história e resistência no contexto educativo.

Figura 35 –: Roda de conversa sobre a capoeira Regional



Fonte: Acervo do autor.

A décima sétima aula, realizada em 2 de dezembro de 2024, marcou a culminância do projeto e foi um dos momentos mais emocionantes de toda a pesquisa. Com o tema “*Encerramento do projeto com simulação de um batizado de capoeira*”, a aula simbolizou o fechamento de um ciclo de aprendizado, pertencimento e transformação. O ambiente foi cuidadosamente preparado: as cadeiras dispostas em círculo e a mesa ornamentada para a entrega das cordas e certificados criaram um clima de acolhimento, respeito e celebração coletiva.

O professor iniciou o encontro explicando o significado simbólico do batizado na capoeira — um rito de passagem que celebra o aprendizado e a conexão com a ancestralidade afro-brasileira. Um a um, os estudantes foram chamados pelo nome para receber a corda simbólica e o certificado de participação, que representavam o reconhecimento pelo empenho, dedicação e crescimento durante o projeto. Cada entrega era acompanhada de palavras de incentivo, gestos de carinho e olhares de orgulho compartilhado entre professor e alunos.

Em seguida, formou-se a roda de capoeira, espaço sagrado de convivência e comunhão. Ao som do berimbau, do pandeiro, do atabaque e do agogô, o grupo vivenciou uma experiência de alegria, respeito e união. As crianças cantaram, jogaram e celebraram juntas, demonstrando compreensão dos fundamentos da capoeira e dos valores de solidariedade e resistência que ela representa.

Durante a roda, as expressões dos alunos — sorrisos, gestos e olhares atentos — revelavam o sentimento de pertencimento e valorização da cultura afro-brasileira, resultado de um processo educativo que ultrapassou o simples ensino técnico. O professor, ao encerrar o evento, destacou que a capoeira é uma prática de resistência à opressão e à barbárie, um espaço de liberdade e de afirmação da identidade negra.

A culminância do projeto foi, portanto, um ato de celebração e de desbarbarização: um momento em que o corpo, o canto e a coletividade se uniram em torno da memória e da esperança. Mais do que uma simulação de batizado, essa aula representou a concretização de um aprendizado crítico, cultural e afetivo — uma roda onde todos se reconheceram como parte da mesma história de luta, respeito e emancipação.

Figura 36 – Exposição Afro-brasileira conduzida pelos participantes da pesquisa



Fonte: Acervo do autor.

Figura 37 – Celebração do batizado de capoeira com roda e momentos de grande emoção



Fonte: Acervo do autor.

No dia 03 de dezembro ocorreu a aula número Dezoito, os estudantes responderem novamente ao formulário, assim como no início desta pesquisa, os estudantes responderam sem nenhuma ajuda pedagógica do professor, visando identificar os conhecimentos adquiridos no transcorrer desta pesquisa.

Figura 38 – Preenchimento do formulário para análise comparativa da aprendizagem dos estudantes



Fonte: Acervo do autor.

A aula de número dezenove aconteceu no dia 04 de dezembro com a realização do grupo focal. O grupo focal foi conduzido pelo pesquisador Wander de Faria Lima, no âmbito da sua pesquisa de mestrado pela UFG, com alunos do 4º ano da Escola Municipal Professor Trajano de Sá Guimarães, abordando a capoeira como prática cultural e sua relação com identidade, história, respeito e transformação social. Com perguntas claras e atividades práticas, como música e movimentos de capoeira, o objetivo é criar um ambiente acolhedor para discutir temas como racismo, união e o papel da capoeira na promoção do respeito e na aprendizagem histórica. O debate será registrado por meio de gravações e anotações detalhadas, garantindo uma análise aprofundada das reflexões infantis.

APÊNDICE H – Sequenciador de aulas (Capoeira e Pedagogia Crítico-Superadora)

O sequenciador de aulas integra o projeto *O ensino da capoeira como enfrentamento à barbárie na sociedade atual: uma visão da pedagogia crítico-superadora*. As atividades foram planejadas para o 4º ano do Ensino Fundamental, ao longo de 19 encontros, com o objetivo de articular prática corporal, reflexão crítica e valorização da cultura afro-brasileira, tendo a capoeira como eixo pedagógico central. A proposta fundamenta-se na pedagogia histórico-crítica (**Saviani, 2011**) e na abordagem crítico-superadora da Educação Física (SOARES *et al.*, 1992), priorizando uma formação humana integral, pautada na cooperação, no respeito e na consciência histórica.

Quadro 15 – Planejamento das aulas de 1 a 10

Aula	Objetivo específico	Conteúdo central	Procedimentos metodológicos	Princípios pedagógicos	Avaliação
1	Diagnosticar conhecimentos prévios sobre capoeira, barbárie e resistência.	Formulário diagnóstico e roda de conversa.	Aplicação do questionário inicial e diálogo coletivo sobre percepções.	Escuta, diálogo e valorização das experiências dos alunos.	Observação formativa e análise das respostas.
2	Refletir sobre a barbárie e a resistência por meio de discussões e desenhos.	Conceitos de barbárie e resistência.	Exibição de imagens e produção de desenhos e falas sobre o tema.	Crítica social, expressão simbólica e respeito às diferenças.	Participação e envolvimento nas atividades.
3	Compreender a origem da capoeira e sua relação com a escravidão.	História da capoeira.	Apresentação dialogada e registros ilustrativos.	Valorização da cultura afro-brasileira e consciência histórica.	Observação formativa e reflexão coletiva.
4	Experimentar a ginga e compreender seu sentido simbólico.	Movimentos básicos da capoeira.	Vivência corporal de ginga e esquivas em forma de jogo.	Ludicidade, cooperação e consciência corporal.	Participação e expressão corporal.
5	Trabalhar movimentos de ataque e defesa com controle e respeito.	Meia-lua, cocorinha e esquivas.	Jogo orientado com ênfase no cuidado com o outro.	Cuidado, diálogo e empatia.	Observação do comportamento cooperativo.

6	Relacionar os movimentos da capoeira à resistência histórica.	Capoeira e escravidão.	Conversa guiada e simulação de situações históricas.	Crítica social e valorização da ancestralidade.	Envolvimento e compreensão simbólica.
7	Explorar o canto e o ritmo na capoeira.	Cantigas e musicalidade.	Canto coletivo e uso de instrumentos simples (atabaque, pandeiro).	Expressão cultural e coletividade.	Participação e expressão musical.
8	Entender o papel do berimbau na roda de capoeira.	Instrumentos musicais.	Apresentação e toque experimental do berimbau.	Cultura afro-brasileira e sensibilidade estética.	Observação da curiosidade e envolvimento.
9	Associar música, movimento e resistência.	Corpo, ritmo e ancestralidade.	Jogo com canto e ginga em duplas.	Integração corpo-mente e solidariedade.	Envolvimento e cooperação.
10	Vivenciar jogos de capoeira com foco na ética e no respeito.	Roda de capoeira e convivência.	Jogo de roda com controle e diálogo.	Ética, empatia e respeito.	Observação da postura e atitudes.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Quadro 16 – Planejamento das aulas 11 a 19

Aula	Objetivo específico	Conteúdo central	Procedimentos metodológicos	Princípios pedagógicos	Avaliação
11	Reconhecer valores da capoeira como prática de resistência.	Cultura e identidade negra.	Jogo da Memória Afro-Brasileiro e roda de conversa.	Consciência histórica e antirracismo.	Participação e reflexão nas falas.
12	Relacionar capoeira e solidariedade.	Cooperação e cuidado mútuo.	Brincadeiras cooperativas inspiradas na capoeira.	Cuidado e valorização do coletivo.	Envolvimento e atitudes solidárias.
13	Compreender a importância do corpo na resistência cultural.	Corpo, liberdade e identidade.	Atividades expressivas com gestos simbólicos.	Expressão, identidade e crítica social.	Observação e reflexão coletiva.
14	Refletir sobre racismo e igualdade a partir de vivências	Igualdade racial.	Jogos simbólicos e roda de conversa.	Empatia, justiça e inclusão.	Participação e compreensão crítica.

	corporais.				
15	Desenvolver autonomia e expressão na roda de capoeira.	Jogo livre orientado.	Roda de capoeira com protagonismo dos alunos.	Autonomia, cooperação e ludicidade.	Observação formativa e envolvimento.
16	Retomar conceitos de barbárie e resistência na escola.	Reflexão crítica.	Diálogo coletivo e releitura de registros anteriores.	Crítica, consciência e síntese.	Participação e argumentação.
17	Preparar o batizado simbólico.	Organização coletiva.	Planejamento do evento, ensaio de músicas e falas.	Responsabilidade e pertencimento.	Envolvimento e colaboração.
18	Vivenciar o batizado simbólico como culminância.	Roda e celebração.	Evento com apresentações, cantos e entrega de cordas.	Valorização da identidade e coletividade.	Observação e expressão simbólica.
19	Avaliar aprendizagens e reflexões finais.	Síntese da experiência.	Roda de conversa e autoavaliação coletiva.	Escuta e autoconhecimento.	Avaliação formativa e devolutiva reflexiva.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

A sequência didática foi estruturada segundo a abordagem crítico-superadora, priorizando o desenvolvimento da consciência crítica por meio da prática corporal significativa. As aulas buscaram integrar experiência, reflexão e emancipação, articulando dimensões cognitivas, afetivas e motoras. A avaliação, de caráter formativo e qualitativo, valorizou a participação, o diálogo, a cooperação e a reflexão crítica dos estudantes, entendendo o corpo como espaço de resistência e humanização.

Quadro 17 - Sequenciador de aulas completo:

Objetivo Geral	Nº de aulas	Conteúdo Central	Procedimentos Metodológicos	Princípios Pedagógicos	Avaliações
Elaborar uma sequência didática de ensino da	19	O ensino da capoeira enfrente o preconceito e	As aulas serão realizadas na Escola Municipal Prof. Trajano de Sá Guimarães de forma teórica, com vídeos, imagens e de forma	Coletividade, cooperação, visão crítica da barbárie sofrida pelo, educação antirracista.	Avaliação formativa e emancipatória, que contribua para a transformação social e a formação crítica dos alunos. A pedagogia crítico-superadora é o

capoeira, numa visão crítico Superadora, que enfrente a barbárie da sociedade atual sociedade atual numa visão crítico superadora		racismo.	prática em diversos locais físicos, como: sala de aula, quadra poliesportiva, quiosque e espaço gramado, serão necessários instrumentos musicais de capoeira: Berimbau, atabaque, agogô, pandeiro, aparelho de som, vestimentas de capoeira, jogo da memória de capoeira.		referencial que orienta essa proposta de avaliação, que se contrapõe ao modelo tradicional docimológico clássico.
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	AULA Nº	CONTEÚDO/AVANÇO PROGRAMÁTICO	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	PRINCÍPIOS PEDAGÓGICOS	AVALIAÇÃO DE CADA AULA
OBJETIVO 1 1- Investigar o quanto os estudantes sabem sobre capoeira.	1-18-19	Nestas aulas serão investigados os conhecimentos que os alunos possuem ou adquirirão sobre capoeira no enfrentamento da barbárie.	Na aula 1, será realizada uma avaliação diagnóstica com os estudantes, em que responderão a um formulário sobre o tema Capoeira e Barbárie. Essa atividade permitirá que expressem seu entendimento inicial, sem intervenções do professor. Na aula 18, o mesmo formulário será reaplicado, com o objetivo de avaliar os conhecimentos adquiridos ao longo da pesquisa. Nestas aulas os alunos irão precisar de lápis, borracha e o formulário impresso. Na aula 19, O grupo focal será conduzido pelo pesquisador Wander de Faria Lima, no âmbito da sua pesquisa de mestrado pela UFG, com alunos do 4º ano da Escola	Investigar e analisar o que os estudantes sabem sobre capoeira e através desta análise realizar planejamento flexível e crítico para pedagogicamente abordar o tema da capoeira para o enfrentamento da barbárie da sociedade, nas últimas aulas então os alunos aprenderam que tem voz diante da sociedade, desenvolvendo autonomia e criticidade referente a barbárie da sociedade atual.	Avaliação da aula 1: A avaliação diagnóstica proposta na aula 1, em que os alunos respondem a um formulário sobre <i>Capoeira e Barbárie</i> , é uma ferramenta para identificar o conhecimento prévio dos estudantes e suas percepções iniciais sobre o tema. Adotarei uma avaliação qualitativa, para compreender as lacunas de aprendizagem e ajustar as estratégias pedagógicas de forma personalizada. Não buscaremos apenas medir respostas corretas, mas promover a reflexão crítica e o desenvolvimento da autonomia dos alunos, com feedback construtivo que estimule o aprofundamento do tema ao longo da aprendizagem, isso feito na roda de conversa final. Na aula de número 18 seguiremos a mesma avaliação, visto ser a mesma atividade feita no início da pesquisa.

			Municipal Professor Trajano de Sá Guimarães, abordando a capoeira como prática cultural e sua relação com identidade, história, respeito e transformação social. Com perguntas claras e atividades práticas, como música e movimentos de capoeira, o objetivo é criar um ambiente acolhedor para discutir temas como racismo, união e o papel da capoeira na promoção do respeito e na aprendizagem histórica. O debate será registrado por meio de gravações e anotações detalhadas, garantindo uma análise aprofundada das reflexões infantis.		A avaliação da aula 19, realizada de forma qualitativa e focada na participação ativa dos alunos, considerando tanto suas reflexões sobre temas como identidade, história, racismo e transformação social, quanto seu engajamento nas atividades práticas de capoeira. Será avaliado como os alunos compreendem a capoeira como prática cultural e seu papel no respeito e na promoção de união, além de analisar a profundidade das respostas durante o grupo focal.
OBJETIVO 2 2- Analisar culturas Africanas e Afro-Brasileiras em sala de aula.	3-12	Nestas aulas o professor irá abordar as culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula de forma crítica e transformadora.	Na aula 3, será contextualizada a história do povo negro no Brasil, com destaque para a escravidão e a capoeira, utilizando imagens, vídeos e um projetor para facilitar a compreensão. Os vídeos irão abordar a cultura afro-brasileira, incluindo a músicas a inclusão na capoeira. Após a exposição, será realizada uma roda de conversa reflexiva com os estudantes para discutir os temas apresentados. Na aula 12, as crianças irão	Os princípios pedagógicos incluem valorizar a diversidade cultural, promover a igualdade e combater preconceitos, resgatar a história e as contribuições afrodescendentes, compreender regras e normas dessas tradições, desenvolver empatia e solidariedade, reforçar a identidade coletiva e estimular a consciência crítica. Essas abordagens incentivam o	Aula 3 O foco será na participação dos alunos durante a roda de conversa, observando como eles compreendem e se conectam com os temas da história do povo negro no Brasil, da escravidão e da capoeira. A utilização de imagens, vídeos e o projetor ajudará a avaliar como esses recursos facilitam a compreensão dos estudantes sobre a cultura afro-brasileira e a inclusão na capoeira. A avaliação será mais do que uma medida de conhecimento; ela buscará entender como os alunos se engajam na discussão e como suas

			começar com uma breve reflexão sobre a aula anterior. Após ouvirem parte da história da capoeira e da cultura afro-brasileira, elas irão completar uma atividade em uma folha de papel A4, dividida em quatro partes, cada uma representando um momento importante. No primeiro momento, discutiremos a chegada dos africanos ao Brasil e o sofrimento que passaram neste período. No segundo, abordaremos a chegada dos navios com os escravizados, a vida no navio negreiro e o quanto sofreram, o local onde eram mantidos e quem os supervisionava. No terceiro momento, falaremos sobre as fugas para os quilombos. No quarto e último momento, explicaremos que, nos quilombos, os escravizados praticavam a capoeira como forma de resistência e luta pela liberdade. No final, cada criança apresentará e comentará seu desenho, compartilhando suas interpretações.	respeito, a reflexão e o diálogo, promovendo uma sociedade mais inclusiva e justa, enquanto destacam a importância cultural e histórica das populações africanas e afro-brasileiras na formação da identidade nacional.	reflexões se aprofundam ao longo da aula. O feedback será dado de forma acolhedora e construtiva, incentivando os alunos a continuar explorando e refletindo sobre a importância histórica e social da cultura afro-brasileira. Aula 12 Será centrada na forma como as crianças refletem sobre os momentos históricos discutidos e como expressam essas reflexões por meio da atividade de desenho. Ao dividir a atividade em quatro partes, o professor irá observar como os alunos compreendem e se conectam com temas como a chegada dos africanos ao Brasil, a vida no navio negreiro, as fugas para os quilombos e a capoeira como forma de resistência. Durante as apresentações, o foco estará no entusiasmo e na sinceridade das crianças ao compartilhar suas interpretações. O feedback será acolhedor, valorizando suas reflexões pessoais e incentivando-os a explorar ainda mais a história e a importância cultural da capoeira na resistência à opressão.
OBJETIVO 3 3- Dialogar sobre. escravidão, capoeira,	6	Nesta aula o professor irá propor reflexões críticas	Após a exposição do professor e a apresentação de vídeos e imagens, os alunos receberão uma folha para	Os princípios pedagógicos incluem promover respeito à dignidade humana,	Aula 6 A avaliação desta aula será mais sobre como os alunos se expressam e refletem sobre o que

preconceito e barbárie de forma crítica.		sobre a capoeira no enfrentamento da barbárie da sociedade atual.	ilustrar suas interpretações sobre o conteúdo da aula. Ao final, será realizada uma roda de conversa para refletir sobre os temas abordados.	desenvolver consciência crítica sobre opressões históricas e atuais, combater preconceitos com uma educação antirracista, valorizar a capoeira como resistência cultural, estimular empatia e solidariedade, destacar a disciplina e cooperação inerentes à prática da capoeira e incentivar a cidadania ativa, fortalecendo valores de justiça social, liberdade e respeito à diversidade.	aprenderam. Ao pedir que ilustrem suas interpretações, o professor poderá ver como cada um absorveu o conteúdo e o que mais chamou sua atenção. A roda de conversa será uma oportunidade para ouvir as ideias e sentimentos dos alunos, percebendo como eles conectam o que aprenderam com suas próprias vivências. O feedback será dado de forma calorosa e respeitosa, valorizando cada participação e incentivando os alunos a continuar explorando e refletindo sobre o conteúdo, sempre com um olhar crítico e curioso.
OBJETIVO 4 Analisar como os alunos veem a capoeira e a barbárie.	7-8	Nestas aulas o professor irá buscar entender como as crianças veem a capoeira e a barbárie.	A aula 7, acontecerá na quadra, começará com alongamentos e aquecimentos, seguidos por uma conversa em círculo sobre a roda de capoeira, abordando suas tradições, o respeito mútuo e a inclusão. Em seguida, será promovida uma roda de capoeira, destacando a igualdade entre os participantes e enfatizando que não há distinção de gênero nesse espaço. Na aula 8, começará com o Jogo da Memória Afro-brasileiro, onde os estudantes irão memorizar as cartas, com o objetivo de formavam pares,	Os princípios pedagógicos incluem promover o respeito à diversidade de opiniões, estimular a consciência histórica sobre a capoeira como resistência, fomentar uma educação crítica sobre opressão e violência, valorizar a capoeira como patrimônio cultural, incentivar a empatia e reflexão ética sobre injustiças sociais, respeitar as regras e normas da capoeira como prática de disciplina e cooperação, e fortalecer a	Aula 7 A avaliação desta aula será focada na forma como os alunos participam e se envolvem com a proposta de respeito e inclusão durante a roda de capoeira. Na conversa em círculo, o professor observará como eles compreendem o significado das tradições da capoeira e da importância de respeitar uns aos outros. Na roda de capoeira, o foco estará em como os alunos aplicam o respeito mútuo e a ideia de igualdade, sem distinção de gênero, nas suas interações. O feedback será dado de forma positiva e acolhedora, valorizando as atitudes de inclusão e incentivando os alunos a refletirem sobre como levar esses valores para

			compartilhando seus significados, cujas falas serão registradas pelo professor. Em seguida, será realizado a brincadeira "Salvando os escravos", um pega-pega sobre as linhas da quadra, simulando a libertação de escravos em uma dinâmica inclusiva e reflexiva. Após as atividades, o professor ensinará movimentos giratórios de capoeira, como meia-lua de compasso, martelo baixo e rasteira frontal baixa.	cidadania e a justiça social, reconhecendo a capoeira como ferramenta de transformação social e inclusão.	suas vidas cotidianas. Aula 8 A avaliação desta aula se concentrará em como os alunos se envolvem nas atividades e como fazem conexões com o conteúdo. No Jogo da Memória Afro-brasileiro, o professor observará como os alunos se empenham para lembrar os significados das cartas, compartilhando suas interpretações de forma significativa. Na brincadeira "Salvando os escravos", o foco será entender como eles se conectam com a temática da libertação, refletindo de maneira lúdica e inclusiva. Ao ensinar os movimentos de capoeira, o professor avaliará não apenas a execução técnica, mas também como os alunos veem esses movimentos como símbolos de resistência. O feedback será acolhedor, valorizando o esforço e a reflexão, e incentivando os alunos a internalizarem o aprendizado de forma mais profunda.
OBJETIVO 5 5- Reflexionar sobre barbárie, propondo ações críticas mediadoras e transformadoras.	2- 4- 5- 9- 10- 11- 13- 14- 15- 16- 17	Nestas aulas, o professor irá abordar e refletir com as crianças de forma teórica e prática sobre a barbárie sofrida	Na aula 2, A aula prática se iniciará com alongamentos e aquecimentos específicos de capoeira, seguidos do ensino de movimentos como ginga, martelo alto, aú, esquivas cadeira e ponte. Em seguida, realizará a brincadeira "pega-pega dos escravos",	Os princípios pedagógicos envolvem, primeiro, ensinar os alunos a se colocar no lugar do outro, entendendo os impactos da violência e da opressão. É importante despertar uma consciência	Aula 2 A avaliação desta aula se concentrará em como os alunos se envolvem nas atividades e como demonstram sua compreensão dos movimentos de capoeira. Ao praticarem a ginga, martelo alto, aú, esquivas cadeira e ponte, o professor observará não só a técnica, mas também

		pelo negro e irá propor através da capoeira ações críticas e transformadoras diante do tema proposto.	onde o "capitão-do-mato" capturava colegas, que podiam ser libertados por meio de uma meia-lua de frente. A atividade seguinte focou na prática da ginga com bambolês, começando com os arcos no chão, evoluindo para segurá-los com as mãos e, por fim, praticando livremente ao som de instrumentos de capoeira. Na aula 4, A atividade começará com a brincadeira "Capoeira da Dona Aranha", em que os alunos realizarão um exercício de escalada invertida ao som da cantiga "A Dona Aranha" tocada no berimbau, incentivando o alinhamento corporal e tornando o momento lúdico e atrativo. Após a brincadeira, o professor ensinará movimentos de capoeira, como ponteiro, ginga, martelo baixo, cocorinha, meia-lua de frente e queixada, além de noções sobre a roda de capoeira. Para encerrar, trabalhará a musicalidade da capoeira em sala, ensinando músicas com coro e tocando pandeiro com os estudantes. Na aula 5, na quadra, as crianças formarão um círculo, onde o professor apresentará	crítica, fazendo-os questionar as injustiças que existem na sociedade e incentivando-os a agir com valores como igualdade, respeito e solidariedade. Também devemos orientá-los a buscar maneiras de resolver conflitos de forma pacífica, por meio do diálogo e da mediação. Além disso, é essencial motivá-los a se tornarem cidadãos ativos, capazes de promover mudanças positivas em suas comunidades. A capoeira e outras práticas culturais podem ser vistas como poderosas ferramentas de resistência e transformação, ajudando os alunos a entenderem a importância de respeitar normas e regras para construir uma convivência mais harmoniosa e justa.	o esforço e a dedicação das crianças para aprender esses movimentos. Na brincadeira "pega-pega dos escravos", será importante perceber como eles interpretam o contexto histórico e participam da dinâmica de forma lúdica e reflexiva. A atividade com os bambolês será uma oportunidade para avaliar a coordenação motora e a criatividade dos alunos, enquanto eles exploram os movimentos ao som dos instrumentos de capoeira. O feedback será acolhedor, destacando o progresso de cada aluno e o entusiasmo deles para aprender de maneira divertida e significativa. Aula 4 A avaliação vai acontecer de forma descontraída e atenta ao engajamento dos alunos. Durante a brincadeira "Capoeira da Dona Aranha", o professor observará como as crianças se posicionam e se alinham ao fazer os movimentos, aproveitando a diversão para trabalhar o corpo de maneira lúdica. Nos momentos de ensino dos movimentos de capoeira, como ginga e martelo baixo, o foco será na prática e no esforço dos alunos em compreender e executar os movimentos corretamente. Ao ensinar as músicas e tocar pandeiro, o professor vai notar como cada aluno se conecta com a musicalidade da capoeira, sentindo o ritmo e a energia da cultura afro-brasileira. O feedback será sempre encorajador,
--	--	--	---	--	--

			instrumentos como berimbau, atabaque, pandeiro e agogô, explicando seu manuseio e permitindo que cada aluno os experimente. Após tocar uma cantiga no berimbau e realizar a experimentação dos instrumentos, haverá uma reflexão coletiva sobre as sensações vivenciadas. A aula será encerrada com músicas que celebram a luta do povo negro contra a opressão. Na aula 9, O professor irá trabalhar na prática com movimentos de ataque e defesa, sendo: Martelo alto, esquiva lateral, meia lua de frente, cocorinha, martelo baixo e martelo passado. Movimentos estes básicos da capoeira para uma percepção da luta disfarçada em dança. Após a aula o professor então fará uma reflexão sobre a prática destes golpes, que são de lutas, sobre suas origens e o para que serviram no tempo da escravidão e como são praticados hoje. Na aula 10, o professor irá trabalhar na prática com movimentos acrobáticos da capoeira, sendo: Aú, rolamento e ponte, logo em seguida trabalhará sobre noções básicas e	valorizando o esforço e os progressos feitos durante a aula, criando um ambiente de aprendizado positivo e acolhedor. Aula 5 O professor criará um momento especial de imersão na capoeira, proporcionando às crianças a chance de conhecer e tocar os instrumentos tradicionais, como o berimbau, atabaque, pandeiro e agogô. Cada aluno será incentivado a experimentar o manuseio dos instrumentos, se conectando de forma prática com a musicalidade da capoeira. Depois de ouvir uma cantiga tocada no berimbau, os estudantes terão um tempo para refletir e compartilhar as sensações que vivenciaram, criando um espaço de troca e aprendizado coletivo. A aula será finalizada com músicas que celebram a luta do povo negro contra a opressão, fortalecendo a compreensão da importância da música e da história na capoeira. Aula 9 O professor levará os alunos a vivenciarem a capoeira de uma forma prática, ensinando movimentos de ataque e defesa como martelo alto, esquiva lateral, meia-lua de frente, cocorinha, martelo baixo e martelo passado. Esses movimentos, que combinam luta e dança, permitirão que os estudantes experimentem o lado corporal da capoeira, entendendo sua
--	--	--	---	--

		culturais da roda de capoeira. No tatame o professor irá propor que os estudantes façam giros no solo, rolamentos e aú, logo em seguida formar-se-á uma roda de capoeira e será trabalhado conteúdo através da oralidade no processo pedagógico. A proposta é de os alunos jogarem capoeira com seus colegas, iniciando o diálogo corporal. Na aula 11, os estudantes realizarão a brincadeira "Estátua da Ginga", onde as crianças irão percorrer obstáculos e, ao parar a música, fazem uma pose de ginga. Em seguida, realizam a atividade "Arranca Rabo", em duplas, simulando ataque e defesa ao tentar retirar um barbante preso à cintura do colega. Depois, o professor irá orientar a prática de outros movimentos de capoeira relacionados a ataque e defesa. A aula se encerrará com uma reflexão coletiva, permitindo que as crianças compartilhem suas impressões e contribuições. A aula 13 abordará o tema de ataque e defesa com uma dinâmica de balões na capoeira. Cada dupla de crianças	fluidez e ritmo. Ao final da aula, o professor convidará os alunos a refletirem sobre os golpes praticados, explorando suas origens históricas e seu uso durante o período da escravidão, ajudando-os a conectar a capoeira de hoje com sua função de resistência e expressão cultural no passado. Aula 10 Os alunos serão introduzidos aos movimentos acrobáticos da capoeira, como o aú, rolamento e ponte, de forma lúdica e dinâmica, para que possam trabalhar a flexibilidade, equilíbrio e coordenação. Após essa parte prática, o professor explicará a importância cultural da roda de capoeira, destacando seu papel como espaço de troca, respeito e aprendizado coletivo. A atividade continuará com os alunos experimentando giros no solo e rolamentos no tatame, estimulando a confiança e a comunicação não-verbal. Por fim, a roda de capoeira será formada, e os estudantes terão a chance de vivenciar o jogo, interagindo com os colegas de maneira simbólica e respeitosa, refletindo sobre os valores e tradições da capoeira enquanto um meio de expressão e resistência. Aula 11 As crianças começam com a brincadeira "Estátua da Ginga", onde, ao som da música, elas percorrem obstáculos e,
--	--	--	--

			receberá um balão e, inicialmente, deverão se movimentar livremente com ele. Em seguida, uma criança fará alguns movimentos de ataque direcionados ao balão, e depois as posições serão invertidas. Por fim, uma criança tentará atacar enquanto a outra se defenderá. Logo após essa prática, o professor demonstrará alguns movimentos específicos de ataque e defesa e orientará os alunos a replicá-los. Por fim, o professor fará uma roda de capoeira, estimulando os estudantes a colocar em prática o que aprenderam na aula. Na aula 14, o foco será a musicalidade na capoeira, com reflexões sobre racismo e preconceito na atualidade. O professor iniciará reintroduzindo os instrumentos aos alunos, permitindo que cada um o toque novamente. Em seguida, cantará músicas que evocam o sofrimento dos negros e sua resistência e luta por liberdade. No encerramento, será realizada uma roda de conversa para que todos possam compartilhar as sensações e reflexões que surgiram ao longo da aula. Na aula 15, O		ao parar a música, fazem uma pose de ginga, exercitando o ritmo e a concentração. Depois, elas brincam de "Arranca Rabo" em duplas, uma atividade divertida que simula um jogo de ataque e defesa, tentando tirar um barbante preso à cintura do colega, promovendo agilidade e cooperação. O professor, então, vai ensinar mais movimentos de capoeira relacionados a ataques e defesas, ampliando o repertório dos alunos. A aula termina com uma roda de conversa, onde as crianças podem compartilhar o que aprenderam e como se sentiram, refletindo sobre as atividades e fortalecendo o aprendizado de forma colaborativa. Aula 13 Os alunos irão vivenciar a dinâmica dos balões para trabalhar conceitos de ataque e defesa de forma divertida. Cada dupla começa se movimentando livremente com o balão, explorando sua coordenação e espaço. Depois, um aluno tenta atacar o balão da outra criança, e eles trocam de funções, criando uma dinâmica de ataque e defesa. Após essa prática, o professor ensinará movimentos de capoeira mais específicos, ajudando os alunos a incorporar os ataques e defesas na prática. Para finalizar, o professor organiza uma roda de capoeira, onde as crianças podem aplicar o que aprenderam, se conectando com os colegas e aprimorando
--	--	--	--	--	--

			professor iniciará a aula acolhendo os alunos e apresentando brevemente a Capoeira Angola, destacando sua origem e importância cultural. Após um aquecimento com alongamentos e movimentos básicos, como a ginga e a rasteira, ele apresentará os instrumentos típicos da capoeira. Em seguida, demonstrará movimentos e conduzirá uma atividade em duplas, onde as crianças praticarão a ginga e simularão ataques amigáveis com um barbante preso à cintura. O professor explicará as características da Capoeira Angola, como o ritmo lento e movimentos próximos ao chão, antes de formar uma roda de capoeira. A aula será encerrada com uma roda de conversa, incentivando os alunos a refletirem sobre suas experiências e aprendizados. Na aula 16, O professor iniciará a aula questionando os alunos sobre o conceito de opressão e como a capoeira pode enfrentá-la, seguido de uma introdução à bateria musical da Capoeira Regional. Depois, realizará a brincadeira “Corrida do Berimbau”, onde		seus movimentos no contexto da capoeira. Aula 14 A musicalidade da capoeira será explorada de uma maneira especial, com uma reflexão importante sobre racismo e preconceito na sociedade atual. O professor começará dando novamente aos alunos a chance de tocar os instrumentos de capoeira, resgatando a vivência prática que eles já tiveram com esses sons. Depois, as músicas cantadas durante a aula irão evocar a luta do povo negro por liberdade, tocando no coração dos estudantes e trazendo à tona a resistência e o sofrimento dessa história. Para encerrar, o momento será de troca e escuta, com uma roda de conversa em que cada um poderá compartilhar o que sentiu e refletir sobre o que aprendeu, criando um ambiente acolhedor para discussões sobre a história e as questões sociais que ainda impactam nossa realidade. Aula 15 O professor começará com uma acolhida especial, fazendo com que as crianças se sintam à vontade e curiosas sobre o que virá a seguir. Ele falará brevemente sobre a Capoeira Angola, ressaltando sua origem e importância, de uma forma simples e envolvente. Depois, para preparar o corpo, o professor conduzirá alongamentos e exercícios como a ginga e
--	--	--	---	--	---

		grupos de crianças, usando os pés, passarão um "berimbau" (simbolizado por um objeto leve) de um lado ao outro, incentivando cooperação e comunicação. Em seguida, os alunos, divididos em duplas, praticarão a ginga e movimentos de ataque e defesa, culminando em uma simulação de luta para representar, de forma lúdica, a resistência à opressão. A aula será concluída com uma roda de conversa reflexiva sobre os sentimentos e aprendizados e uma roda de capoeira. Na aula 17, O professor organizará um evento simbólico de batizado de capoeira, com entrega de cordas de TNT e certificados personalizados, destacando a importância cultural e histórica da capoeira. Após uma roda de conversa sobre o significado do batizado, os alunos participarão de uma roda de capoeira para demonstrar seus aprendizados, acompanhados por música ao vivo. O evento será encerrado com uma reflexão sobre a capoeira como resistência cultural e social, celebrando o aprendizado e fortalecendo o senso de pertencimento e	a rasteira, que serão praticados de forma descontraída. Ele mostrará os instrumentos típicos da capoeira, permitindo que os alunos toquem e sintam a conexão entre a música e os movimentos. Na sequência, os estudantes serão divididos em duplas para simular ataques amigáveis com um barbante preso à cintura, um momento divertido e de aprendizado, onde também entenderão os princípios da Capoeira Angola, como seu ritmo suave e movimentos mais próximos ao chão. A aula terminará com uma roda de capoeira, onde todos poderão se reunir e refletir sobre a experiência vivida, compartilhando suas impressões e aprendizados de maneira aberta e participativa. Aula 16 O professor começa com uma conversa aberta, convidando os alunos a refletirem sobre o que significa opressão e como a capoeira pode ser uma ferramenta de resistência. Em seguida, ele apresentará os instrumentos da Capoeira Regional, destacando o papel da música para criar a energia do jogo. A turma participa de uma brincadeira chamada "Corrida do Berimbau", onde, divididos em grupos, os alunos passam um "berimbau" simbólico com os pés, promovendo trabalho em equipe e comunicação de uma maneira divertida. Depois, em duplas, eles praticam a ginga e movimentos de ataque e defesa,
--	--	--	--

			comunidade.		culminando em uma atividade de simulação de luta, que traz à tona, de forma lúdica, a ideia de resistir à opressão. A aula termina com uma roda de conversa, onde todos compartilham suas percepções e sentimentos sobre o que vivenciaram, fechando com uma roda de capoeira, que reforça a conexão e o aprendizado coletivo. Realiza-se a simulação do batizado de capoeira, com entrega simbólica de cordas de TNT e certificados, valorizando a trajetória de aprendizagem dos alunos. A aula inclui uma roda de conversa sobre o significado cultural e histórico do batizado, seguida de uma roda de capoeira celebrativa com música ao vivo. O encerramento propõe reflexão sobre a capoeira como prática de resistência, expressão cultural, pertencimento e valorização da história afro-brasileira.
--	--	--	-------------	--	---

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

APÊNDICE I – Roda de conversa final: análise crítica das percepções dos estudantes sobre capoeira, racismo e barbárie

1. Introdução contextual

O grupo focal foi realizado após aplicação do formulário da pesquisa, o mesmo foi aplicado no início e no final do presente trabalho. , com o objetivo de compreender as percepções dos alunos sobre os temas preconceito, racismo e capoeira como forma de resistência. Participaram estudantes do ensino fundamental, com idades entre 9 e 11 anos, em um ambiente de diálogo espontâneo e mediado pelo pesquisador. Esse momento buscou aprofundar as compreensões expressas no instrumento escrito, possibilitando uma leitura mais sensível e crítica das vozes infantis, em consonância com o caráter qualitativo da pesquisa-ação.

Quadro 18 - Impressões iniciais sobre o formulário

Participantes	Síntese das respostas	Temas emergentes
Vinicius, João, Neymar Junior, Helena, Takashi, Bob Charlton	Descreveram o formulário como “fácil”, “legal” ou “superlegal”. A maioria afirmou já ter ouvido falar sobre racismo, preconceito e capoeira.	Curiosidade e familiaridade inicial com os temas; percepção positiva da atividade.
Yara	“Super legal, fácil. Já tinha ouvido falar de preconceito, racismo e capoeira.”	Clareza conceitual básica e interesse pelo tema.
Luana	“Minha mãe me ensinou que não é para fazer com ninguém.”	Transmissão de valores antirracistas no contexto familiar.
Gabriela	“Difícil. Mas já ouvi falar de preconceito, racismo e capoeira. A capoeira é uma forma de resistir a isso.”	Reconhecimento da capoeira como instrumento de resistência.
Cristiano Ronaldo	“Bom, fácil. Já ouvi falar de preconceito, racismo e capoeira. Acho que a capoeira é uma forma de resistir ao preconceito.”	Compreensão simbólica da capoeira enquanto enfrentamento ao racismo.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

2. Análise temática 1 — A compreensão inicial sobre o tema

As falas indicam que os alunos demonstraram receptividade e familiaridade com as temáticas apresentadas. O uso recorrente de termos como “fácil” e “legal” sugere uma aproximação afetiva com o tema, ainda que de caráter superficial. Por

outro lado, respostas como as de Luana e Gabriela revelam indícios de consciência moral e crítica emergente, mostrando que o diálogo familiar e o ensino escolar colaboram para uma formação ética inicial. De modo geral, os dados apontam que a introdução ao tema foi bem compreendida, mas carece de aprofundamento teórico e pedagógico para que as crianças avancem de uma percepção normativa (“não pode fazer”) para uma compreensão crítica das relações sociais, conforme preconiza (ADORNO, 2024; GIL, 2002; NASCIMENTO, 2016).

Quadro 19 - Vivências de preconceito e percepções sobre o racismo

Participante	Relato principal	Síntese interpretativa
Participante 2	“Já fizeram racismo comigo. No Natal. Senti vergonha. Conte para minha mãe, mas a gente não fez nada.”	Vivência direta de racismo; ausência de mediação adulta; sentimento de impotência.
Yara	“Aqui no Recreio já teve um menino que foi racista com a Participante 2.”	Testemunho solidário; consciência coletiva do problema.
Luana	“Quando uma pessoa negra fica perto de uma branca, as duas têm o mesmo direito.”	Afirmação da igualdade e valorização da convivência.
Miguel	“Não pode chamar as pessoas de nomes que machucam, isso é crime.”	Percepção do racismo como infração moral e legal.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

3. Análise temática 2 — Experiências e sentimentos diante do racismo

A fala da participante 2 é emblemática por evidenciar a presença do racismo na infância e o silenciamento institucional que o acompanha. A ausência de reação dos adultos demonstra uma lacuna na mediação pedagógica e familiar diante de práticas discriminatórias. Já as falas de Yara, Luana e Miguel revelam a emergência de um senso de justiça e igualdade, reforçando a importância do espaço escolar como instância formadora de consciência crítica. Esses relatos indicam que, mesmo em idade escolar inicial, as crianças percebem as tensões raciais e esperam dos adultos um posicionamento ético. Assim, o diálogo e a escuta ativa tornam-se ferramentas pedagógicas essenciais para o enfrentamento da barbárie (ADORNO, 2024), no sentido de evitar a naturalização da violência simbólica.

Quadro 20 - A leitura das imagens e a representação da igualdade

Participante	Descrição da imagem	Resposta	Síntese interpretativa
Edson Arantes	Bandeira do Brasil e criança negra	“Direitos iguais, o Brasil não sendo racista.”	Compreensão idealizada da igualdade e desejo por um país sem racismo.
Participante 2	Bandeira do Brasil e criança negra	“Tenho várias amigas negras, com direitos iguais e menos preconceito.”	Valorização da convivência e da diversidade étnica.
Luana	Mãos de cores diferentes entrelaçadas	“Todo mundo tem direitos iguais, ninguém tem mais direito por causa da cor.”	Reconhecimento da igualdade formal e dos direitos compartilhados.
Cristiano Ronaldo	Bandeira do Brasil e criança negra	“Tem que ter respeito com o negro, não ter direitos diferentes.”	Ênfase no respeito e na convivência igualitária.
Yara	Bandeira do Brasil e criança negra	“Os negros podem ser qualquer pessoa, mesmo pela pele escura ou clara.”	Valorização da representatividade e da inclusão.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Análise temática 4 — Construções simbólicas da igualdade

As leituras das imagens revelam uma visão inicial de igualdade, marcada pelo discurso da convivência pacífica e do respeito mútuo. Embora positivas, tais percepções ainda não alcançam uma crítica às desigualdades estruturais que afetam a população negra. A noção de “direitos iguais” aparece de forma moral e normativa, indicando a necessidade de práticas pedagógicas que conduzam à compreensão histórica das lutas por equidade. Nesse contexto, o ensino da capoeira, enquanto expressão da cultura afro-brasileira e símbolo de resistência, emerge como um elemento mediador capaz de articular história, identidade e cidadania.

4. Considerações finais do apêndice

A roda de conversa revelou que os alunos possuem conhecimentos prévios e percepções éticas sobre o preconceito e o racismo, mas ainda precisam de mediações críticas que os ajudem a transformar esses valores em ação cidadã. As falas mais elaboradas mostram que a capoeira é reconhecida como uma forma de

resistência e de valorização cultural, confirmando a hipótese central da pesquisa: o ensino da capoeira pode ser um meio educativo para o enfrentamento da barbárie e para a formação de sujeitos conscientes e solidários.

A sistematização das falas e suas análises, trianguladas com o formulário e as observações do pesquisador, demonstram que a experiência da roda de conversa ultrapassa o diagnóstico inicial — ela se configura como trabalho docente de emancipação, promovendo reflexão, pertencimento e respeito às diferenças.

Roda de conversa sobre formulário

Vinicius

Pesquisador: Vinicius o que você achou do formulário que você acabou de preencher?

Vinicius: Fácil, legal.

Pesquisador: você já tinha ouvido falar sobre preconceito racismo

Isaque: Sim que não é legal.

Pesquisador: João o que você achou de preencher o formulário?

João: É achei bem legal.

Pesquisador: Você já tinha ouvido falar sobre essas palavrinhas que tinham lá no formulário?

João: Aham eu já ouvi falar.

Pesquisador: O que que você sentiu? Você achou que estava fácil ou difícil?

João: Mais ou menos.

Pesquisador: Obrigado.

Neymar Junior

Pesquisador: Neymar Junior, o que você achou sobre o formulário que você acabou de responder?

Neynar Junior: Muito fácil.

Pesquisador: Já tinha ouvido falar sobre os assuntos?

Neymar Junior: A maioria.

Pesquisador: barbárie você já ouviu?

Neymar Junior: Não me lembro.

Pesquisador: Legal, você acha que você acertou?

Neymar Junior: A maioria.

Pesquisador: Obrigado.

Yara

Pesquisador: Yara O que você achou de responder o formulário?

Yara: Super legal.

Pesquisador: Fácil ou difícil?

Yara: Fácil.

Pesquisador: Já tinha ouvido falar das palavras que tinham lá?

Yara: Sim, a maioria.

Pesquisador: Preconceito e acismo, já tinha ouvido falar?

Yara: Muito.

Pesquisador: E sobre a capoeira?

Yara: Também.

Helena

Pesquisador: Helena o que você de responder o formulário?

Helena: legal.

Pesquisador: fácil ou difícil? : Já tinha ouvido falar as palavrinhas que tinha nele?

Helena: Sim.

Pesquisador: Muito bem obrigado.

Takashi

Pesquisador: Takashi você acaba de responder um formulário de uma pesquisa científica, o que você achou desse formulário?

Takashi: Um pouquinho fácil.

Pesquisador: Já tinha ouvido falar dessas palavrinhas que tinha lá?

Takashi: Sim.

Pesquisador: E sobre a capoeira já tinha ouvido falar?

Takashi: Também.

Pesquisador: Ok obrigado.

Luana

Pesquisador: Luana você acaba de responder um formulário de uma pesquisa científica o que você achou desse formulário?

Luana: fácil.

Pesquisador: Já tinha ouvido falar das palavras que tinha nele?

Luana: Sim.

Pesquisador: Preconceito racismo já ouviu falar?

Luana: Sim.

Pesquisador: Onde você ouviu falar sobre essas palavras?

Luana: Minha mãe me ensinou que não é para mim fazer com ninguém.

Pesquisador: Parabéns muito obrigado.

Miguel

Pesquisador: Miguel você acaba de responder uma pesquisa científica e responder um formulário, o que você achou sobre esse formulário?

Miguel: Legal.

Pesquisador: Já tinha ouvido falar sobre as palavras que estavam nele? Já ouviu falar sobre preconceito e racismo?

Miguel: Sim.

Pesquisador: E isso é bom em ruim?

Miguel: Ruim.

Pesquisador: Muito bom, você respondeu todas as questões?

Miguel: Sim.

Pesquisador: Acha que acertou?

Miguel: Sim.

Pesquisador: Ok obrigado.

Bob Charlton

Pesquisador: Bob Charlton você acaba de responder uma pesquisa científica o que você achou sobre essa pesquisa?

Bob Charlton: Muito fácil.

Pesquisador: Respondeu todas as questões?

Bob Charlton: Sim.

Pesquisador: Já tinha ouvido falar sobre as palavrinhas que tinha nesse formulário?

Bob Charlton: Sim.

Pesquisador: Preconceito, racismo e capoeira?

Bob Charlton: Sim.

Pesquisador: Você gosta desse conteúdo?

Bob Charlton: Sim.

Pesquisador: Okay, obrigado.

Participante 2

Pesquisador: Participante 2 você acaba de responder uma pesquisa científica do mestrado profissional, o que você achou sobre esse formulário?

Participante 2: Bem legal.

Pesquisador: Já tinha ouvido falar sobre as palavras que tinham lá, preconceito racismo?

Participante 2: Sim aliás já fizeram racismo comigo.

Pesquisador: Quando que isso foi feito?

Participante 2: No natal.

Pesquisador: E o que você sentiu?

Participante 2: Vergonha.

Pesquisador: contou para um adulto?

Participante 2: Sim, para quem minha mãe.

Pesquisador: O que que vocês fizeram?

Participante 2: Nada.

Pesquisador: Não conversaram com a pessoa?

Participante 2: Não.

Pesquisador: Ok, no desenrolar do mestrado a gente vai explicar para você quais são os seus direitos e o que que vocês podem fazer está bom, mas vocês têm todo o direito de não passar por essa situação.

Pesquisador: A Yara quer comentar sobre o assunto pode comentar Yara.

Yara: Aqui no Recreio já teve um menino que foi racista com a participante 2, ele estava conversando comigo e disse que foi racisata com ela.

Pesquisador: E vocês buscarão um adulto para conversar sobre isso?

Yara: Até hoje não.

Pesquisador: Nós vamos estar conversando sobre isso eu vou explicar para vocês quando aconteceu o que que a gente tem que fazer.

Pesquisador: Participante 2 quer acrescentar algo a mais na pesquisa.

Participante 2: Não foi, um “aluno” do quinto ano

Yara: Ele.

Participante 2: Ele xinga a gente todas as vezes.

Pesquisador: De que?

Participante 2: Você quer que eu fale isso?

Pesquisador: Não precisa, mas te ofende, você fica chateada com isso?

Participante 2: Sim.

Pesquisador: Ok, então no decorrer da pesquisa o professor Wander vai explicar quais são as condutas que nós temos que ter perante esse tipo de situação.

Pesquisador: Participante 2 olhando para uma imagem da Bandeira do Brasil e uma criança negro como você se sente olhando para essa imagem?

Participante 2: Me sinto normal, porque eu tenho várias amigas negras, e direitos iguais com menos preconceito e racistas.

Gabriela

Pesquisador: Gabriela o que você achou de responder o formulário da pesquisa científica?

Gabriela: Bom.

Pesquisador: Fácil ou difícil?

Gabriela: Difícil.

Pesquisador: Você já tinha ouvido falar sobre as palavras que tinham na pesquisa; /

Gabriela: Sim.

Pesquisador: Preconceito racismo e capoeira?

Gabriela: Sim.

Pesquisador: Você acha que a capoeira é uma forma de resistir a isso?

Gabriela: Sim.

Pesquisador: Ok, obrigado.

Cristiano Ronaldo

Pesquisador: Cristiano Ronaldo você acaba de responder uma pesquisa científica do mestrado profissional em educação física, o que você achou sobre o formulário?

Cristiano Ronaldo: Bom.

Pesquisador: Fácil ou difícil?

Cristiano Ronaldo: Fácil.

Pesquisador: Você já tinha ouvido falar sobre essas palavras?

Cristiano Ronaldo: Sim.

Pesquisador: Preconceito, racismo e capoeira?

Cristiano Ronaldo: Sim.

Pesquisador: Você acha que a capoeira é uma forma de resistir ao preconceito?

Cristiano Ronaldo: Sim.

Pesquisador: Ok, obrigado

Edson Arantes

Pesquisador: Edson Arantes, você acaba de responder pesquisa com formulário em mestrado profissional em educação física, o que você achou do formulário?

Edson Arantes: Legal.

Pesquisador: Você achou fácil ou difícil?

Edson Arantes: É fácil.

Pesquisador: Já tinha ouvido falar sobre essas palavras?

Edson Arantes: É muito.

Pesquisador: Onde?

Edson Arantes: É não sei por aí às vezes eu ouvi.

Pesquisador: E você acha que a gente tem que respeitar as pessoas independente da cor da pele?

Edson Arantes: Sim.

Pesquisador: Ok, obrigado, olhando para um desenho onde tem a bandeira do Brasil e uma criança negra o que você sente, que que você acha dessa imagem?

Edson Arantes: Direitos iguais, o Brasil não sendo racista, muitas coisas.

Luana

Pesquisador: Olhando para uma imagem onde tem várias mãos e vários braços de diversas cores diferentes, o que você sente olhando para essa imagem?

Luana: Normal porque tipo, todo mundo aí tem direitos iguais e só por causa da cor ninguém vai ter mais direito que nenhum.

Pesquisador: Perfeito, obrigado.

Pesquisador: Cristiano Ronaldo olhando para a imagem onde tem uma Bandeira do Brasil e uma criança negra o que você sente olhando para essa imagem?

Cristiano Ronaldo: Que tem que ter respeito com o negro não ter direitos diferentes.

Pesquisador: Perfeito, muito obrigado.

Pesquisador: Yara: olhando para a imagem onde temos a Bandeira do Brasil e uma criança negra o que você sente olhando para essa imagem?

Yara: Eu sinto que os negros podem ser qualquer pessoa, mesmo pela pele escura ou clara, podem se sentir confortáveis aqui no Brasil.

Pesquisador: Muito obrigado.

Clara

Pesquisador: Clara olhando para a imagem onde temos a Bandeira do Brasil e uma criança negra o que você sente olhando para essa imagem?

Clara: Me sinto normal, porque quando uma pessoa negra fica perto de outra pessoa branca ela pode sentir normal porque as duas têm o mesmo direito e isso prova que elas tem os direitos iguais de outras pessoas.

Pesquisador: Obrigado.

Miguel

Pesquisador: Miguel olhando para a imagem onde temos a Bandeira do Brasil e uma criança negra o que você sente olhando para essa imagem?

Miguel: Eu acho que não pode chamar as pessoas de outros nomes que , não pode ser chamado e é muito errado chamar a pessoa de de outra cor sem a pessoa ser, que isso é crime.

Pesquisador: Obrigado.

APÊNDICE J: Transcrição de grupo focal

Grupo focal 1.

Pesquisador: Falar seu nome para gente.

Helena, Miguel, Yara, Neymar Junior, Luana, Participante 2 e Edson Arantes.

Pesquisador: Eu vou fazer as perguntas e quem quiser falar vai levantar o dedo e vai ter o direito da fala, sobre a história da capoeira, vocês sabem quem são, os primeiros povos que viveram aqui no Brasil, quem que vivia aqui no Brasil?

Miguel: Os negros.

Pesquisador: Os negros viviam aqui no Brasil

Luana: Os índios.

Pesquisador: Os índios.

Yara: Portugueses.

Pesquisador: Os portugueses vieram e começaram uma relação com os índios.

Edson Arantes: Escravizou os índios.

Pesquisador: Vocês já ouviram falar de pessoas que vieram da África para o Brasil

Edson Arantes: Num primeiro momento diz que não, depois muda sua resposta dizendo que sim

Pesquisador: Quem que veio da África para o Brasil?

Yara: Os Africanos.

Edson Arantes: O mestre Bimba.

Participante 1: Africanos.

Pesquisador: Mas eles vieram para passear?

Todos: Não. Muitos relatam que vieram para ser escravos.

Yara: Enfatiza que vieram para serem escravizados.

Pesquisador: E como é que surgiu essa história então, de buscar pessoas de outros países...

Pesquisador: Para os fazendeiros, os donos de escravos? Você tinha uma pessoa que trabalhava ali o tempo todo né, você não tinha que pagar nada para ele e ainda você podia fazer o que com ele se não trabalhasse?

Edson Arantes: Faz gesto de bater, batendo uma mão fechada sobre a outra.

Participante 2: Bater.

Todos: Os alunos permaneceram concentrados na temática que estava sendo conduzida.

Pesquisador: Você acha que todas as pessoas, tem as mesmas oportunidades, ou algumas enfrentam mais dificuldades? Aqui entre nós, será que todos vocês acham que todo mundo tem a mesma oportunidade

Yara: Não.

Edson Arantes: Não.

Pesquisador: Todo mundo não tem a mesma oportunidade...

Yara: Não, minha mãe passou por uma história.

Pesquisador: Passou? O que foi que aconteceu?

Yara: Minha mãe levou um currículo numa empresa e só tinha homem, e ela não foi classificada.

Pesquisador: Então significa que nem todo mundo tem as mesmas oportunidades.

Todos os alunos: Prestando muita atenção no que a colega dizia, entendendo que existem certas diferenças em nossa sociedade em relação nesse caso, citado ao gênero da mãe de Yara.

Yara: Minha mãe fez faculdade e conseguiu vencer

Pesquisador: Porque ela lutou e enfrentou né! Muito bem. Agora sobre a capoeira, alguém pode me dizer o que é a capoeira?

Muitos levantam a mão.

Yara: É uma luta...

Pesquisador: Todos são respeitados?

Luana: Sim

Victor: Não

Edson Arantes: Não.

Helena: Sinaliza com a cabeça, fazendo uma negativa e mostrando-se inquieta com o tipo de situação.

Pesquisador: Quantos casos nós temos aí de pessoas que não conseguem por causa da cor da pele ou porque é mulher, quantas empresas que contratam.

Análise Crítica do Grupo Focal 1

O grupo focal realizado com crianças do 4º ano do ensino fundamental apresenta uma abordagem qualitativa para investigar as percepções infantis acerca da capoeira, da história do Brasil e das desigualdades sociais. A metodologia adotada pelo pesquisador promoveu um ambiente dialógico, no qual a participação ativa e o respeito à fala de cada criança foram elementos centrais. Esse contexto favoreceu a construção coletiva do conhecimento, alinhando-se aos pressupostos da pedagogia crítico-superadora, que entende o sujeito como protagonista na produção de sentidos sobre a realidade.

A primeira parte da discussão abordou a história da capoeira e suas origens no Brasil. As respostas das crianças revelaram um conhecimento inicial sobre os povos que habitaram o país, como indígenas, africanos e portugueses. No entanto, percebe-se que esse conhecimento ainda se apresenta de forma fragmentada e superficial. A ação pedagógica do pesquisador foi fundamental para estimular a reflexão sobre as relações de poder e exploração que marcaram a escravidão, aproximando o debate das questões de classe e dominação. A interação de Edson Arantes, ao utilizar gestos para representar a violência sofrida pelos escravizados, destaca a capacidade das crianças de interpretar criticamente a realidade por meio

da linguagem corporal, o que dialoga diretamente com a proposta integradora da capoeira.

Outro aspecto relevante foi a discussão sobre desigualdade social e relações de gênero. O relato de Yara sobre a experiência da mãe em um processo seletivo revelou como as crianças já percebem as barreiras impostas pelo machismo na sociedade. A partilha dessa vivência gerou empatia entre os colegas, contribuindo para a construção de uma consciência crítica sobre as opressões estruturais. A mediação do pesquisador, ao reconhecer essa contribuição e relacioná-la à ideia de luta e enfrentamento, fortaleceu a compreensão de que a capoeira não é apenas uma prática corporal, mas também um símbolo de resistência.

A participação ativa dos alunos e o alto grau de concentração durante a discussão evidenciam o potencial da abordagem crítico-superadora na promoção do diálogo e da reflexão coletiva. A menção da capoeira como luta por Yara demonstra que, ainda que a percepção inicial esteja mais voltada ao aspecto técnico, há espaço para aprofundar a dimensão cultural e histórica dessa prática. Nesse sentido, o desafio pedagógico consiste em ampliar a compreensão dos alunos, articulando o saber corporal à consciência política.

O grupo focal revela, portanto, que as crianças possuem uma capacidade significativa de refletir sobre as desigualdades sociais e de reconhecer a capoeira como manifestação cultural. Contudo, é necessário avançar na abordagem crítica desses temas, evidenciando a relação entre capoeira, resistência e enfrentamento à barbárie. O processo formativo, mediado por uma perspectiva histórico-crítica, pode contribuir para a construção de sujeitos mais conscientes e engajados na transformação social.

Grupo focal 2

Pesquisador: O grupo focal que nada mais é do que uma conversa sobre como foi as aulas de capoeira na escola, foi um momento breve, quase um mês e agora eu quero que cada um fale seu nome rapidamente, bem alto que é para sair no vídeo ali.

Apresentação: João, Miguel, Cristiano Ronaldo, Victor, Takashi, Clara, Bob Charlton e Gabriela

Pesquisador: Pessoal, vou começar com um pensamento com vocês, nós falamos um pouquinho sobre a cultura africana e sobre o negro aqui no Brasil. Quem que eram as primeiras pessoas que viviam aqui no Brasil?

Clara, Victor, Bob Charlton e Cristiano Ronaldo: Os índios.

Pesquisador: Então os índios é que estavam aqui antes? E aí quem que chegou depois?

Todos: Os Portugueses.

Pesquisador: E aí teve-se momentos que eles escravizaram os índios, e aí esses Portugueses decidem de acordo com aspectos econômicos, pegar algumas pessoas de outras regiões para trazer para o Brasil para trabalhar, quem que eles buscaram?

João: Os negros.

Pesquisador: Onde que eles buscaram?

Clara e Bob Charlton: Na África.

Pesquisador: Eles traziam os negros aqui para passear?

Todos: Não.

Victor: É para trabalhar.

João: Para trabalhar e ser escravos

Cristiano Ronaldo: Para ser escravizados.

Pesquisador: E como é que eram a vida desses negros aqui?

Victor: Não era nada fáceis.

João: Nada fácil.

Victor: Não ganhavam lucros.

Bob Charlton: Apanhavam.

Pesquisador: Eles comiam bem?

Todos: Não.

Pesquisador: Entendi.

Pesquisador: Vocês já ouviram falar das pessoas que vieram da África para o Brasil?

Victor: Mais ou menos.

Cristiano Ronaldo: Os Africanos.

Pesquisador: Eles vinham para cá só para passear?

Victor: Não.

Pesquisador: Quem buscavam eles lá?

Bob Charlton: Os Portugueses.

Pesquisador: E aí traziam eles em um grande navio? Como é que era dentro deste navio? A viagem era boa?

Todos: Não.

Victor: Muitos morriam.

Pesquisador: Alguns morriam?

Clara: Sim, vários outros respondem em seguida.

Pesquisador: Quando morriam, jogavam os corpos no mar mesmo?

Bob Charlton: Jogava.

Pesquisador: Olha que triste né.

Pesquisador: Quando chegavam aqui no Brasil, os negros tinham que trabalhar e não recebiam salários?

Todos: Não.

Miguel: Eles não recebiam nada.

Victor: Eles trabalhavam e não recebiam nada.

Pesquisador: Agora uma perguntinha nos dias de hoje. Sabemos que os negros sofreram muito, foram discriminados, mas todo mundo discriminava os negros? Todo mundo que vivia no Brasil era ruim?

Victor e Clara: Não, depois outros seguiram essa resposta.

Pesquisador: Tinham brancos aqui bons?

Todos: Sim.

Victor: Muitos.

Pesquisador: Tinham índios aqui bons? Portugueses bons?

Todos: Sim.

Pesquisador: Afirmar que alguns eram maus. Mas aí o negro sofreu e passou por todas estas histórias que vocês estão me contando aqui, aí, eu quero que vocês me respondam o seguinte: Hoje, será que todo mundo tem as mesmas oportunidades? O negro, o branco, a mulher, o índio?

Victor: Não, depois, todos seguem a resposta.

Pesquisador: Nossas aulas serviram para que aprendêssemos que temos direitos, não é? Quais são os nossos direitos?

Cristiano Ronaldo: Não fazer Bullying.

Victor: Cuidar de todo mundo igual.

Pesquisador: Afirmar que todos têm que ter direitos iguais.

Miguel: Não chamar a pessoa de “macaco”.

Victor: O Vini Junior sofreu isso ao vivo.

Pesquisador: Ah o jogador.

Victor: Falaram sobre isso também (sobre o caso do Vini Junior), eu vi no jornal.

Pesquisador: E o que que o Vini Junior fez?

Victor: Eu não lembro.

Takashi: Um menino que eu vi no jornal estava contatando sobre uma fantasia de uma pessoa que a mãe, ela queria comprar uma de palhaço para ele poder ficar mais bonito. Depois, esse tempo todo, quando a mãe comprou o nariz, os professores da escola tinham que fazer uma apresentação, né? Eles estavam decidindo como é que seria a apresentação. E disseram que não ia ser mais palhaço, não. Depois, quando ele chegou lá, ele tinha que se vestir de macaco. Depois, ele ficou um pouco dançando e o resto, dançando lá.

Pesquisador: E aí ele sofreu com isso?

Takashi: Depois, a mãe dele ficou chorando. É, se isso era um plano ou não.

Pesquisador: É, mas nós podemos fazer maldades com as pessoas relacionadas à cor da pele?

Todos: Não.

Pesquisador: Será que a minha pele é a dele? Vai mostrar que alguém é melhor que alguém?

Todos: Não.

Pesquisador: Ou a minha é a dele? Nós só estamos, né, vivendo juntos, mas a cor da pele não vai importar. E nós temos que lutar pelos nossos direitos, não é verdade?

Todos: Sim.

Pesquisador: Sobre a capoeira, o que vocês acham que é capoeira?

Cristiano Ronaldo: É uma luta disfarçada em dança.

Takashi: É algo para lutar contra a barbárie.

Pesquisador: O que é Barbárie?

Takashi: Era luta, escravidão.

Pesquisador: Sofrimento?

Victor: É sofrimento.

Pesquisador: Discriminação? Agressão?

Victor: Agressão física.

João: Racismo.

Miguel: Os negros eram muito “judiados”, recebendo “pisa”, depois eles foram lá para trás do mato e ficaram lutando capoeira.

Victor: Para a luta contra a barbárie, contra o racismo, para não sofrerem mais os negros. Para todos se cuidarem iguais. Para se proteger, ter direitos iguais. Eu cuido do Takashi e ele cuida de mim igualmente.

Pesquisador: Perfeita essa resposta. Você acha que aprender capoeira pode ajudar as pessoas a ficarem mais unidas?

Todos: Sim.

Pesquisador: Como? Como que quem treina capoeira fica mais unido?

Victor: Vencendo os racistas.

Victor: É vencendo os racistas.

Pesquisador: Entendi, entendi.

Pesquisador: Você já viu alguém sendo tratado de maneira injusta?

Gabriela: Não.

Os demais: Sim.

Pesquisador: Por ser diferente. Ele falou. O exemplo do coleguinha que foi chamado de um nome impróprio. Alguém mais viu alguma situação injusta?

Gabriela: Levanta a mão e diz que sim. Eu.

Pesquisador: Onde?

Gabriela: Na minha casa.

Pesquisador: Na sua casa? O que foi que aconteceu?

Gabriela: Com meu pai, aconteceu uma confusão, com minha mãe.

Pesquisador: E aí, como é que fez para resolver?

Victor: Eu acho que eu já vi mas eu não lembro.

Takashi: Está boa demais a câmera, hein?

Gabriela: Não.

Pesquisador: Quando é assim, nós temos que procurar a justiça para resolver, né? Tem várias leis que falam que não pode de jeito nenhum fazer esse tipo de atitude.

Cristiano Ronaldo: Tio, eu vi no jornal que uma filha assim, era o aniversário da outra filha. Aí tinha uma fila assim para pegar o bolo. Aí o último pai, era um menino negro. Aí a moça não o deixou pegar o bolo.

Miguel: Nesse momento da fala do Cristiano Ronaldo, olha atentamente com expressão de não concordar com essa atitude.

Victor: Só por causa que o último da fila era negro, né?

Pesquisador: Isso é certo?

Todos: Não, não.

Victor: Jamais.

Pesquisador: E a capoeira luta contra isso, né?

Helena: Sim.

Victor: Sim.

Pesquisador: Muito bem. O que você acha que podemos fazer pra tratar todo mundo com respeito?

Takashi: Se juntar.

Gabriela: Ter respeito.

Helena: Cuidar.

Cristiano Ronaldo: Lutar contra a barbárie.

Miguel: Ter respeito.

Victor: Lutar contra o bullying e o racismo etc.

Takashi: Lutar contra a barbárie.

Helena: Neste momento fica bem pensativa, demonstrando envolvimento com o que está sendo discutido.

Miguel: Não fazer bullying.

João: Não falar da pele.

Pesquisador: Não falar da pele, muito bem, na capoeira as pessoas precisam trabalhar juntas?

Todos: Sim.

Victor: Todo mundo é importante.

Pesquisador: Na capoeira todo mundo é importante.

Victor: Na roda, na música e na hora de quem for, tipo sei lá, eu contra a Helena na capoeira, todos são importantes na roda, pra quem não pode fazer, podem tocar os instrumentos e aí quem está jogando, jogar.

Pesquisador: Maravilha, perfeita a resposta, a capoeira tem músicas e movimentos?

Todos: Sim.

Pesquisador: Como você acha que eles contam histórias do passado? A gente acabou de ouvir a música da Dandara, não foi? Ela contou uma história?

Todos: Sim.

Victor: Que a Dandara era uma guerreira e depois ela se apaixonou, foi o que eu ouvi sobre isso.

Pesquisador: Então as músicas da capoeira contam histórias, não é?

Todos: Sim.

Pesquisador: E ensinam.

Todos: Sim.

Pesquisador: Então, a gente aprende com as músicas da capoeira, olha que legal.

Pesquisador: Você acha que aprender capoeira na escola, pode ser divertido e ajudar as pessoas a aprenderem mais sobre capoeira e escola?

Todos: Sim.

Clara: Muito legal.

Pesquisador: E ainda aprender sobre a história?

Todos: Sim.

Pesquisador: E lutar contra tudo isso que a gente falou?

Todos: Sim

Victor: Sim, lutar contra a barbárie, racismo e bullying.

Pesquisador: Muito bem.

Pesquisador: Se você fosse ensinar algo da capoeira, o que ensinaria para alguém?

Victor: Tudo que eu tinha aprendido, só que melhor.

Pesquisador: Entendi, entendi, vocês iriam ensinar sobre a história do negro?

Cristiano Ronaldo: Eu ia ensinar sobre a história da Dandara.

Pesquisador: Muito bem, uma história bonita. Vocês iriam ensinar sobre a história dos escravos.

Todos: Sim.

Pesquisador: Sobre a capoeira, que ela é luta e dança?

Cristiano Ronaldo: Sobre os negros.

Victor: Sobre a capoeira, que antigamente ela se chamava capoeira.

Cristiano Ronaldo: Sobre barbárie.

Pesquisador: Como você imagina a capoeira daqui a alguns anos?

Takashi: Ela vai ter movimentos novos.

Pesquisador: Movimentos novos.

Victor: E novos ataques, a capoeira regional.

Pesquisador: E será que ela vai continuar lutando contra racismo.

Todos: Sim.

Pesquisador: Contra preconceito.

Victor: Sim, isso nunca vai parar.

Pesquisador: Vai continuar lutando para que as mulheres tenham direitos iguais?

Todos: Sim.

Pesquisador: Crianças tenham direitos iguais? Sejam respeitadas.

Todos: Sim.

Pesquisador: Lutar pela igualdade racial?

Todos: Sim.

Pesquisador: Lutar pela cultura africana nas escolas?

Todos: Sim.

Pesquisador: Capoeira é bem legal né?

Todos: Sim.

Pesquisador: Não é só dar pernada?

Cristiano Ronaldo e Miguel: Não.

Pesquisador: Mas, capoeira não é só ficar passando a perna?

Todos: Não.

Cristiano Ronaldo: Tem que gingar.

Victor: Tem história, História longa.

Pesquisador: E é bonita a história?

Todos: Sim.

Takashi: Discordou ser uma história bonita.

Victor para Takashi: Não...

Pesquisador: Entendi, ele disse que não é bonita pelo sofrimento que eles tiveram, mas a luta do negro foi muito legal, e hoje, a nossa sociedade tem vários costumes criados pelos negros, não é. Quem já ouviu falar na feijoada.

Todos: Eu.

Pesquisador: Quem criou?

Victor: Eu como até hoje.

Pesquisador: Quem já ouviu falar no samba, quem criou?

Todos: Os negros.

Pesquisador: Acarajé?

Pesquisador: Então a cultura africana contribuiu com a cultura?

Todos: Brasileira.

Pesquisador: Que todos temos que viver juntos. E a capoeira ensina isso?

Todos: Sim.

Pesquisador: Vocês gostaram das aulas?

Todos: Sim.

Victor: Quando você falou que as músicas de capoeira têm história, tem uma música que conta história também, não sei, aquela assim: Vieram três para bater no negro...

Pesquisador: Sim conta.

Todos: Começam a cantar a música de forma bem animada, começam a bater o ritmo na mesa.

Pesquisador: Muito bem lembrado, essa música conta a história de pessoas que queriam agredir o negro, mas que fala que o negro trocava as mãos pelos pés, os pés pelas mãos e aí ele se defendia, não é?

Todos: Sim.

Reflexão crítica

A realização do grupo focal com as crianças do 4º ano evidência como o ensino da capoeira, sob a perspectiva crítico-superadora, pode se configurar como uma potente ferramenta de enfrentamento à barbárie na sociedade atual. A partir das falas dos participantes, observa-se que a capoeira não foi apenas compreendida como uma prática corporal, mas como um elemento formador de consciência crítica e de valorização da igualdade racial e social.

O diálogo com as crianças revelou que elas internalizaram conceitos fundamentais relacionados à luta contra o racismo, o bullying e outras formas de opressão, o que demonstra que a capoeira, enquanto manifestação cultural afro-brasileira, tem um papel pedagógico que vai além do movimento corporal. A forma como os estudantes associaram a capoeira à luta pela igualdade reflete o potencial dessa prática para promover a cidadania ativa desde a infância.

Outro ponto importante foi a capacidade das crianças em identificar injustiças sociais dentro e fora do ambiente escolar. Um aspecto que merece destaque é a forma espontânea com que o conceito de barbárie emergiu durante o grupo focal, a

partir das próprias falas dos estudantes. Esse termo, introduzido inicialmente no contexto da escravidão, foi ressignificado pelas crianças como uma representação das opressões ainda presentes na sociedade contemporânea. A apropriação do conceito evidencia como a capoeira pode atuar como um dispositivo pedagógico para a compreensão crítica das relações sociais e das desigualdades estruturais. As falas sobre episódios de racismo, violência doméstica e exclusão social mostram como a experiência vivida se entrelaça com o conteúdo discutido em sala de aula, o que reforça a importância da educação na construção de uma sociedade mais justa.

A postura reflexiva de alguns alunos, como Clara, que demonstrou envolvimento emocional, e a fala de Victor, que destacou a importância de todos na roda de capoeira, revelam como a prática coletiva favorece o senso de pertencimento e cooperação, elementos fundamentais para a formação crítica e autônoma.

A valorização das músicas de capoeira como veículo de preservação da memória histórica e cultural também merece destaque. As crianças não apenas reconheceram o caráter narrativo das canções, mas conseguiram estabelecer conexões entre as letras e o contexto de opressão vivido pelos povos africanos escravizados. Esse aspecto reforça o papel da capoeira como trabalho docente que integra corpo, mente e cultura, contribuindo para a formação de uma identidade afro-brasileira crítica e combativa.

A interação com os estudantes evidenciou como o ensino da capoeira pode extrapolar o campo da prática corporal, tornando-se um meio para a construção de uma consciência crítica e para o enfrentamento das desigualdades sociais, especialmente no que tange ao racismo e à discriminação.

Por fim, a atividade reforçou a ideia de que a capoeira, enquanto conteúdo escolar, pode cumprir um papel fundamental na educação para a igualdade, desmistificando preconceitos e promovendo valores éticos e solidários. A fala final de Victor — "Isso nunca vai parar" — sintetiza a esperança e a continuidade da luta por uma sociedade menos desigual.

Portanto, a experiência do grupo focal confirma que a capoeira, enquanto componente curricular na Educação Física, pode desempenhar um papel fundamental na promoção da igualdade e na formação cidadã. A abordagem crítico-superadora aplicada revelou-se capaz de instigar nos alunos uma consciência

reflexiva e ativa, que não apenas reconhece as injustiças sociais, mas se propõe a enfrentá-las. O engajamento das crianças nas discussões e a expectativa de continuidade das práticas demonstram que a capoeira tem o potencial de se consolidar como uma prática educativa emancipatória, alinhada aos princípios da educação para a transformação social.

ANEXO A – Carta de apresentação do projeto


 SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA
 COORDENAÇÃO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
 MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE NACIONAL – POLO UFG
 Fone: (62) 3521-1099
 HP: www.posfedf.ufg.br

CARTA DE APRESENTAÇÃO DO PROJETO

À Sra. Romilda Julia de Aquino Maia

Diretora da Escola Municipal Professor Trajano de Sá Guimarães

Prezada Diretora,

O Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF) da Universidade Federal de Goiás, sob a orientação do Professor Dr. Lênio Tomazett Garcia, vem, por meio desta, apresentar e solicitar a autorização para que o mestrando Wander de Faria Lima realize a coleta de dados necessária para o desenvolvimento de sua pesquisa de mestrado, intitulada *"O ensino da capoeira como enfrentamento à barbárie na sociedade atual,"* nas dependências da Escola Municipal Professor Trajano de Sá Guimarães. A pesquisa tem como objetivo elaborar uma sequência didática de ensino da capoeira, baseada na pedagogia crítico-superadora, que visa enfrentar as manifestações de barbárie na sociedade contemporânea. Como instrumentos de coleta de dados, serão utilizados formulários preenchidos pelos alunos para identificar o que conhecem sobre capoeira e barbárie, além de filmagens e fotografias para registro. A coleta será conduzida dentro das instalações da escola. Apreciamos imensamente a valiosa cooperação de Vossa Senhoria, cuja aceitação demonstra seu compromisso com este trabalho essencial para a formação profissional do pesquisador e o enriquecimento da comunidade escolar. Asseguramos que a identidade dos participantes e da instituição será rigorosamente preservada, com a apresentação dos dados de forma confiável e fidedigna, mantendo sempre em sigilo as informações pessoais dos envolvidos, conforme exigido pelos padrões científicos de trabalhos acadêmicos. Para quaisquer esclarecimentos adicionais, Vossa Senhoria poderá entrar em contato com o orientador da pesquisa, o Professor Dr. Lênio Tomazett Garcia, ou diretamente com o pesquisador Wander de Faria Lima, pelo e-mail: wanderpersonalgyn@gmail.com. Agradecemos antecipadamente pela colaboração e nos colocamos à disposição para eventuais dúvidas. Atenciosamente,

Assinatura do (a) Aluno (a)

Assinatura do (a) Orientador (a)

ANEXO B – Anuência da Escola Municipal Professor Trajano de Sá Guimarães



TERMO DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO

A **Escola Municipal Trajano de Sá Guimarães** concorda com a execução do projeto de pesquisa intitulado *"O ensino da capoeira como enfrentamento à barbárie na sociedade atual"*, coordenado pelo(a) pesquisador(a) Wander de Faria Lima, da Universidade Federal de Goiás.

A **Escola Municipal Trajano de Sá Guimarães** compromete-se a apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa, autorizando a coleta de dados durante os meses de novembro de 2024 a dezembro de 2024.

Declaramos ciência de que nossa instituição é co-participante deste projeto de pesquisa e solicitamos o compromisso do(a) pesquisador(a) responsável em garantir a segurança e o bem-estar dos participantes recrutados para o estudo.

Goiânia, de de 202.....

Assinatura/Carimbo do responsável pela instituição pesquisada

ANEXO C – Anuência da Secretaria Municipal de Educação

Secretaria Municipal de Educação
Superintendência Pedagógica
Diretoria Pedagógica

Ofício n.º 180/2024 – DIRPED

Goiânia, 20 de agosto de 2024.

Ao Sr
Professor Dr. Lênio Tomazett Garcia
Coordenação de Pesquisa e Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional
Universidade Federal de Goiás
E-mail: wanderprsonalgyn@gmail.com.

Assunto: Autorização para realização de Pesquisa

Prezado Senhor,

Informamos a Vossa Senhoria que foi autorizado o acesso do mestrado Wander de Faria Lima, na EM Professor Trajano de Sá Guimarães, para desenvolver o projeto de pesquisa intitulado *O ensino da capoeira como enfrentamento à barbárie na sociedade atual*, sob a sua coordenação, desde que o currículo não seja modificado e que as atividades da unidade educacional não sejam prejudicadas.

Esclarecemos que, mesmo com a autorização dada por esta Secretaria, é necessário o consentimento de profissionais, estudantes, pais e/ou responsáveis, para a obtenção dos dados,

Informamos que esta Diretoria entrou em contato com a unidade educacional, informando sobre a referida pesquisa. Porém, recomendamos que a realização do trabalho seja precedida de contato telefônico e/ou visita ao local, para agendamento.

Atenciosamente,


Prof. Maria Rita de Paula Ribeiro
Gerente de Educação Fundamental da Infância
e da Adolescência


Prof. Richard de Souza Costa
Diretor Pedagógico

Rua 227-A, nº 331, Qd. 67-D, Setor Leste Universitário
74610-060, Goiânia, Goiás, Brasil

ANEXO D – Termo Circunstanciado Livre e Esclarecido (TCLE)



Goiânia, de de

Assinatura por extenso do(a) participante

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

Faculdade de Educação Física e Dança - FEFD/UFG. Rodovia Goiânia-Nerópolis,
KM-12, CAMPUS SAMAMBAIA CEP: 74001-970 Telefone: (62) 3521.1141



ANEXO E – Termo de assentimento de menor (TALE)

PROEF
Educação Física em Rede Nacional



TERMO DE ASSENTIMENTO DO MENOR

Você está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada "O Ensino da Capoeira e o Enfrentamento da Barbárie na Sociedade Atual". Seus pais ou responsáveis legais autorizaram sua participação. O objetivo desta pesquisa é investigar o conhecimento prévio dos estudantes sobre a capoeira, explorar e analisar as culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula, promover um diálogo crítico sobre escravidão, capoeira e barbárie, vivenciar uma sequência didática de capoeira que integra teoria e prática, avaliar a percepção dos alunos sobre a capoeira e refletir sobre a barbárie, propondo ações críticas que favoreçam a mediação e transformação.

A pesquisa será conduzida na Escola Municipal Professor Trajano de Sá Guimarães, onde você participará de aulas teóricas e práticas de capoeira. Para isso, serão utilizados instrumentos musicais específicos da capoeira e o espaço da quadra poliesportiva da escola. O uso dos instrumentos e do espaço físico é considerado seguro; no entanto, é possível que ocorram pequenos incidentes. Caso você se sinta desconfortável ou ocorra qualquer situação indesejada, você pode contatar o pesquisador Wander de Faria Lima pelo telefone (62) 98621-2349, inclusive podendo ligar a cobrar. Além disso, haverá oportunidades para desfrutar de música, treinamento e brincadeiras durante a pesquisa.

Os resultados obtidos serão publicados de forma que a identidade das crianças participantes não seja revelada. Ao final da pesquisa, forneceremos um retorno sobre os resultados para apreciação.

Caso tenha alguma dúvida, não hesite em entrar em contato conosco ou com o pesquisador Wander de Faria Lima. Os contatos estão disponíveis na parte superior deste documento.

Se você concorda em participar, por favor, assine no espaço abaixo. Uma cópia deste termo ficará com você.

Goiânia, ____ de ____ de ____.

Assinatura do menor

Assinatura do(a) pesquisador(a)

ANEXO G – Parecer do Comitê de Ética

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
GOIÁS - UFG



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O ENSINO DA CAPOEIRA PARA O ENFRENTAMENTO DOS PROCESSOS DE BARBÁRIE DA SOCIEDADE ATUAL

Pesquisador: WANDER DE FARIA LIMA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 82520624.1.0000.5083

Instituição Proponente: Universidade Federal de Goiás - UFG

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.172.860

Apresentação do Projeto:

A pesquisa, parte do Mestrado Profissional em Educação Física (ProEF) da Universidade Federal de Goiás, será realizada na Escola Municipal Professor Trajano de Sá Guimarães, em Goiânia, e tem como foco estudantes do quarto ano.

A pesquisa será desenvolvida por meio de uma pesquisa-ação, buscando entender como os alunos reconhecem a temática da capoeira e suas implicações históricas. Os participantes responderão questionários, farão desenhos e redações sobre o tema e participarão de aulas práticas supervisionadas pelo orientador do projeto, Prof. Dr. Lénin Tomazett Garcia.

Objetivo da Pesquisa:

Elaborar uma sequência didática de ensino da capoeira, numa visão crítico Superadora, que enfrente a barbárie da sociedade atual.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos físicos: Há a possibilidade de lesões físicas leves a moderadas, como contusões, torções ou quedas, devido à natureza dos movimentos

Endereço: Rodovia R2, n. 3.061, Parque Tecnológico Samambaia, Edifício K2, sala 110, piso 1
Bairro: Campus Samambaia **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIÂNIA
Telefone: (62)3521-1215 **Fax:** (62)3521-2045 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS - UFG



Continuação do Parecer: 7.172.880

Riscos éticos: A pesquisa envolve menores de idade, o que requer especial cuidado com o consentimento informado dos responsáveis e o assentimento dos alunos.

Riscos psicológicos: A discussão sobre "barbárie" pode levantar questões emocionais ou psicológicas delicadas, dependendo da forma como o tema é abordado e compreendido pelos alunos.

Benefícios: tematizar e contextualizar a prática da capoeira em relação à barbárie da sociedade atual, sistematizando-a como um saber escolar. Isso facilita a abordagem pedagógica dos professores ao integrar o conteúdo da capoeira ao currículo escolar, conforme diversas diretrizes educacionais

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto "O Ensino da Capoeira para o Enfrentamento dos Processos de Barbárie da Sociedade Atual" tem grande potencial devido a relevância pedagógica; integração com o currículo; inclusão e diversidade e suporte institucional.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

TCLE - está ok, inclusive com a opção do participante da pesquisa entrar em contato a cobrar. E também a especificação - Autorização para Uso de Imagem e

Videos

Folha de Rosto - encontra-se preenchida e assinada (com assinatura digital e os campos específicos identificados)

Termo de compromisso - encontra-se assinado digitalmente pelos pesquisadores

Termo de assentimento - encontra-se ok.

Carta de Anuência da Secretaria Municipal de Educação - autoriza o desenvolvimento da pesquisa e esta assinada.

Endereço: Rodovia R2, n. 3.061, Parque Tecnológico Samambaia, Edifício K2, sala 110, piso 1
Bairro: Campus Samambaia **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **Fax:** (62)3521-2045 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS - UFG



Continuação do Parecer: 7.172.860

Termo de Encaminhamento - informando as alterações que foram solicitadas pelo CEP : preenchimento do campo 14 Unidade/Órgão e Especificação no TCLE autorização para uso de imagem e videos.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto bem elaborado e com potencial para ser desenvolvido. Possui as documentações recomendadas pelo CEP.

Considerações Finais a critério do CEP:

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa/CEP-UFG considera o presente protocolo APROVADO. A pesquisa foi considerada em acordo com os princípios éticos vigentes. Reiteramos a importância deste Parecer Consubstanciado, e lembramos que o(a) pesquisador(a) responsável deverá encaminhar ao CEP-UFG os relatórios parciais e o Relatório Final baseado na conclusão do estudo e na incidência de publicações decorrentes deste, de acordo com o disposto na Resolução CNS n. 466/12 e Resolução CNS n. 510/16. O prazo para entrega do Relatório é de até 30 dias após o encerramento da pesquisa, previsto para setembro de 2025.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2350478.pdf	02/10/2024 20:35:40		Aceito
Outros	FOLHA_ROSTO_ATUALIZADA.pdf	02/10/2024 20:34:23	WANDER DE FARIA LIMA	Aceito
Outros	TCLE_ATUALIZADO.pdf	02/10/2024 20:33:20	WANDER DE FARIA LIMA	Aceito
Outros	CARTA_DE_ENCAMINHAMENTO.pdf	02/10/2024 20:31:37	WANDER DE FARIA LIMA	Aceito
Outros	Termo_de_compromisso.pdf	21/08/2024 19:58:20	WANDER DE FARIA LIMA	Aceito
Outros	CARTA_ANUENCIA_SECRETARIA.pdf	21/08/2024 19:55:38	WANDER DE FARIA LIMA	Aceito
Outros	TERMO_DE_ANUENCIA_DIRETOR.pdf	13/08/2024 21:33:05	WANDER DE FARIA LIMA	Aceito
Outros	INSTRUMENTOS_PARA_COLETA_DE_DADOS.pdf	13/08/2024 21:29:15	WANDER DE FARIA LIMA	Aceito

Endereço: Rodovia R2, n. 3.061, Parque Tecnológico Samambaia, Edifício K2, sala 110, piso 1
 Bairro: Campus Samambaia CEP: 74.690-970
 UF: GO Município: GOIANIA
 Telefone: (62)3521-1215 Fax: (62)3521-2045 E-mail: cep.prpi@ufg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
GOIÁS - UFG



Continuação do Parecer: 7.172.860

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_ASSENTIMENTO.pdf	12/08/2024 22:50:54	WANDER DE FARIA LIMA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	12/08/2024 22:47:56	WANDER DE FARIA LIMA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DETALHADO_WANDER.pdf	12/08/2024 22:46:24	WANDER DE FARIA LIMA	Aceito
Folha de Rosto	Pesquisa_wander.pdf	12/08/2024 21:00:18	WANDER DE FARIA LIMA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

GOIANIA, 21 de Outubro de 2024

Assinado por:
Rosana de Moraes Borges Marques
(Coordenador(a))

Endereço: Rodovia R2, n. 3.061, Parque Tecnológico Samambaia, Edifício K2, sala 110, piso 1
Bairro: Campus Samambaia **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **Fax:** (62)3521-2045 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br

Anexo H – Recurso Educacional

O Jogo da Memória Afro-Brasileiro constitui-se como um recurso pedagógico desenvolvido no âmbito desta pesquisa, com o objetivo de articular a prática corporal da capoeira à reflexão crítica sobre o racismo estrutural, a violência social e os processos de desumanização presentes no cotidiano escolar. O material busca promover a formação de sujeitos críticos, autônomos e sensíveis às relações de alteridade, compreendendo a Educação Física escolar como espaço de humanização e enfrentamento das desigualdades sociais.

O recurso fundamenta-se nos pressupostos da Pedagogia Crítico-Superadora e na teoria da educação para a desbarbarização proposta por Adorno, compreendendo que a escola pode contribuir para o desenvolvimento de valores éticos, sociais e políticos capazes de enfrentar manifestações contemporâneas da barbárie, como o preconceito racial, a exclusão e a violência simbólica. Nesse sentido, a capoeira é compreendida como prática corporal historicamente construída na resistência negra, portadora de potencial educativo para a formação crítica e emancipatória dos estudantes.

O material é composto por cartas organizadas em pares, contendo imagens e frases relacionadas à cultura afro-brasileira, à história da capoeira, à resistência negra e ao enfrentamento do racismo, acompanhadas de um manual pedagógico com orientações didáticas, possibilidades de mediação docente e sugestões de problematização reflexiva. O jogo foi concebido como instrumento lúdico-mediador, capaz de favorecer a aprendizagem significativa por meio da interação, da observação e do diálogo coletivo.

A aplicação pedagógica foi realizada com estudantes do 4º ano do Ensino Fundamental, articulando momentos de diagnóstico inicial, problematização temática, vivências corporais da capoeira, roda de conversa e utilização do jogo como mediação simbólica para a construção de sentidos. O processo evidenciou a participação ativa dos estudantes, a expressão de experiências pessoais relacionadas ao racismo e o desenvolvimento de reflexões sobre respeito, igualdade e convivência social.

Os resultados indicaram o fortalecimento da identidade racial positiva, o desenvolvimento de valores como empatia, cooperação e respeito às diferenças,

além da ampliação da consciência histórica dos estudantes sobre a capoeira como prática de resistência cultural. Constatou-se que a ludicidade não reduziu a criticidade, mas atuou como disparador pedagógico potente para a compreensão de conceitos abstratos, como barbárie e racismo, relacionando-os às experiências concretas dos alunos. O recurso demonstrou potencial como estratégia de educação antirracista e de enfrentamento à barbárie na Educação Física escolar, contribuindo para processos formativos voltados à emancipação humana.



O jogo da memória

Afro-Brasileiro:

Capoeira, Educação
Física e Enfrentamento
da Barbárie



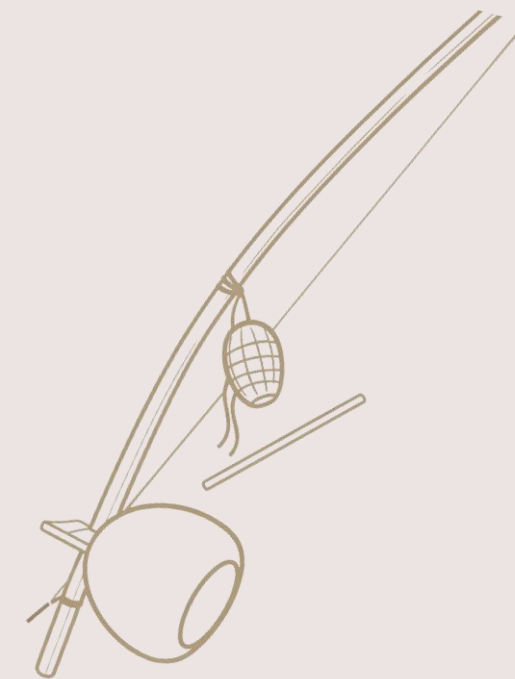
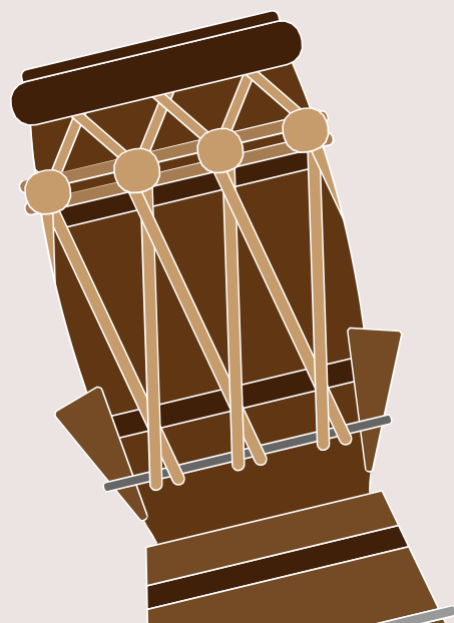




UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Faculdade de Educação Física e Dança

CAMPUS DE GOIÂNIA – GO



ORIENTAÇÃO: PROF. DR. LÊNIN TOMAZETT GARCIA

AUTOR: WANDER DE FARIA LIMA

Sumário

APRESENTAÇÃO.....	05	MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA DO PAR 1	21
PROBLEMATIZAÇÃO	06	PAR 2: EDUCAÇÃO COMO ENFRENTAMENTO DA BARBÁRIE	22
OBJETIVOS E PÚBLICO ALVO	07	PAR 3: ZUMBI E DANDARA DOS PALMARES	24
BARBÁRIE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	08	PAR 4: PERSEGUIÇÃO AOS CAPOEIRISTAS.....	26
EDUCAÇÃO E DESBARBARIZAÇÃO.....	09	PAR 5: CAPOEIRA COMO LIBERDADE.....	28
RACISMO COMO FORMA DE BARBÁRIE	10	SÍNTESE: CORPO, MEMÓRIA E EMANCIPAÇÃO	29
EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA	11	PRÁTICA SOCIAL INICIAL.....	30
PEDAGOGIA CRÍTICO-SUPERADORA.....	12	INSTRUMENTALIZAÇÃO: VIVÊNCIAS CORPORAIS, RODA DE CAPOEIRA E PROTAGONISMO INFANTIL.....	32
A CAPOEIRA COMO PRÁTICA DE RESISTÊNCIA.....	13	ESCUA E VOZ DOS ESTUDANTES: DIÁLOGO, LUDICIDADE E FORMAÇÃO DO SUJEITO HISTÓRICO	33
A CAPOEIRA NA ESCOLA	14	FALAS SIGNIFICATIVAS DOS ESTUDANTES.....	34
O JOGO DA MEMÓRIA AFRO-BRASILEIRO	15	CONTRIBUIÇÕES EDUCACIONAIS DO JOGO.....	36
INTENCIONALIDADES PEDAGÓGICAS DO RECURSO	16	CAPOEIRA E EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENFRENTAMENTO À BARBÁRIE	37
MATERIAIS UTILIZADOS	17	IMPACTOS FORMATIVOS DO RECURSO EDUCACIONAL.....	38
ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA DA VIVÊNCIA DO JOGO	18	MANIFESTO PELA DESBARBARIZAÇÃO	39
REGRAS DO JOGO E CRITÉRIOS DE PONTUAÇÃO	19	ENCERRAMENTO	40
PAR 1: RACISMO E AFIRMAÇÃO DA HUMANIDADE.....	20	REFERÊNCIAS	41

Salve, camaradas

A capoeira constitui-se como uma herança histórico-cultural afro-brasileira (GUIMARÃES; FOSTER; CUSTODIO, 2022), forjada como forma de resistência à barbárie do sistema escravocrata. Reconhecida como Patrimônio Cultural da Humanidade, mantém viva a ancestralidade negra e revela grande potencial educativo no contexto escolar. (ABIB; CORDEIRO, SOARES et al., 1992).

05.



* * *

Problematização

A Educação Física escolar, fundamentada na Metodologia Crítico-Superadora, compreende a capoeira como um instrumento pedagógico capaz de contribuir para os processos de desbarbarização, entendidos por Adorno (2024) como a tarefa mais urgente da educação diante da possibilidade de repetição das atrocidades históricas (ADORNO, 2024; SOARES et al., 1992). A barbárie contemporânea manifesta-se não apenas por meio da violência física, mas também como regressão social, expressa na naturalização do racismo estrutural, da exclusão e da desumanização de determinados grupos sociais (ADORNO, 2024). Nesse contexto, a capoeira contribui para o enfrentamento da barbárie das seguintes maneiras:

Contraponto à lógica competitiva – Diferentemente de abordagens esportivas centradas no rendimento e na rivalidade, a capoeira desenvolvida no contexto escolar prioriza a coletividade, a cooperação e a solidariedade. A roda de capoeira configura-se como uma metáfora de uma sociedade mais justa, na qual todos os sujeitos são reconhecidos como importantes e o processo de aprendizagem ocorre de forma compartilhada, sem hierarquias rígidas (PONSO; ARAÚJO, 2014).

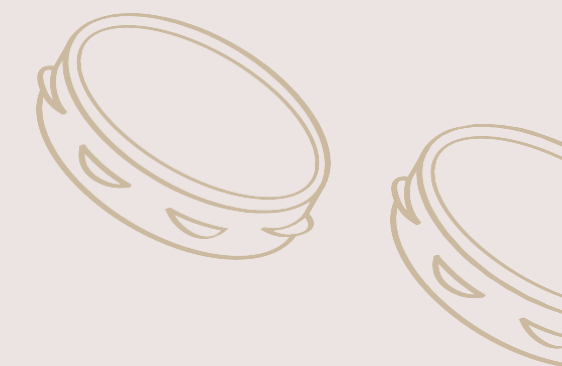
Enfrentamento do racismo – O ensino da capoeira contribui para romper com o silenciamento histórico das culturas de matriz africana, atendendo aos princípios das Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008

Mediação pelo lúdico – A utilização de recursos pedagógicos, como o Jogo da Memória Afro-Brasileiro, possibilita que as crianças relacionem conceitos abstratos, como justiça e igualdade, a experiências concretas vivenciadas no cotidiano escolar. Esse processo favorece o desenvolvimento da capacidade de reconhecer, problematizar e recusar práticas de barbárie nas relações sociais.

Dessa forma, a capoeira configura-se como uma pedagogia do enfrentamento, transformando o espaço escolar em um território de reexistência, no qual os estudantes aprendem que o cuidado com o outro, o respeito à diversidade e a valorização da ancestralidade são princípios fundamentais para a humanização e a sobrevivência coletiva.



06.



07.

Objetivos e Público-Alvo

Promover a compreensão da capoeira como meio pedagógica de enfrentamento à barbárie e ao racismo na sociedade contemporânea, estimulando a reflexão crítica sobre identidade, diversidade cultural e relações étnico-raciais, por meio da articulação entre ludicidade e consciência social.

- **Estudantes:** alunos do Ensino Fundamental, anos iniciais.
- **Professores:** docentes da Educação Básica interessados em subsídios pedagógicos voltados à formação humana, ética e antirracista.





Barbárie na Sociedade Contemporânea

Para Adorno (2024), a barbárie não é resquício do passado, mas um risco permanente da modernidade, manifestando-se como regressão à violência desvinculada de fins racionais.

Educação e Desbarbarização

09.

Para Adorno (2024), a tarefa mais urgente da educação é impedir a repetição da barbárie. Isso implica promover o esclarecimento como processo formativo voltado ao desenvolvimento da autonomia e da autorreflexão crítica, capaz de romper com a adaptação acrítica, a indiferença moral e a naturalização da violência. Nesse sentido, cabe à educação fomentar uma postura ética de aversão a todas as formas de violência, físicas ou simbólicas, criando condições para a formação de sujeitos capazes de resistir aos processos de desumanização presentes na sociedade.



Racismo como Forma de Barbárie

10.

O racismo estrutural no Brasil constitui uma das expressões mais contundentes da barbárie contemporânea, ao organizar de forma desigual as relações sociais, políticas e econômicas e naturalizar privilégios raciais (NASCIMENTO, 2016). Conforme análise do autor, o genocídio do negro brasileiro ultrapassa a eliminação física, configurando-se como um processo institucionalizado de aniquilação moral, cultural e epistemológica. Esse processo é sustentado por mecanismos que silenciam a memória africana, desqualificam saberes de matriz africana e mantêm a população negra em condições sistemáticas de marginalização social e simbólica.



Educação Antirracista

11.

Conforme Ribeiro (2019), o racismo constitui um sistema estrutural que organiza as relações sociais e institucionais, o que torna impossível qualquer postura de neutralidade diante da opressão. O silenciamento e a inação, nesse contexto, operam como formas de cumplicidade com a violência, exigindo práticas educativas comprometidas com o reconhecimento, a nomeação e o enfrentamento do racismo. A pedagogia antirracista, assim, busca desnaturalizar olhares historicamente condicionados, promover espaços de pertencimento e ampliar a presença de sujeitos negros nos processos de produção do conhecimento e nos espaços de decisão (RIBEIRO, 2019).

No âmbito escolar, a capoeira configura-se como uma estratégia pedagógica concreta para a efetivação das Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, ao valorizar a herança africana e afro-brasileira e contribuir para a construção de identidades raciais positivas. Por meio da corporeidade, da ginga e da resistência simbólica, a capoeira favorece processos de reconhecimento e afirmação do estudante negro como sujeito histórico (COSTA; VOSS, 2018).



Pedagogia

Crítico-Superadora

Conforme Soares et al. (1992), a Educação Física constitui-se como um trabalho docente cujo objeto de estudo é a cultura corporal, entendida como um conjunto de manifestações historicamente produzidas, como o jogo, o esporte, a dança, a ginástica e as lutas. Esses conhecimentos são construções sociais elaboradas em resposta às contradições e necessidades históricas da humanidade, o que exige que o processo de ensino considere sua gênese, desenvolvimento e sentidos sociais.

Nessa perspectiva, o ensino da capoeira deve preservar sua historicidade política, reconhecendo em seus gestos, ritmos e jogos corporais a expressão das lutas dos sujeitos oprimidos. A pedagogia crítico-superadora mobiliza o pensamento crítico para que o estudante seja capaz de compreender e explicar a realidade social em sua complexidade, constituindo-se como sujeito histórico ativo no processo de emancipação humana (SOARES et al., 1992).





A Capoeira como prática de resistência

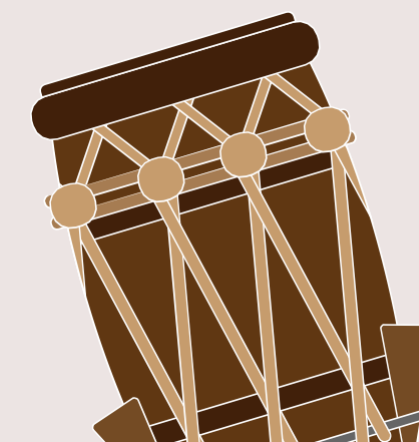
13.

A capoeira configura-se como uma prática corporal multidimensional, expressando-se simultaneamente como luta, dança e jogo, o que lhe confere singularidade no âmbito da cultura corporal (ROZENDO; GUERRA, 2023). Marcada pela ginga, pela malícia e pela leitura sensível do outro, constitui-se como um jogo cultural no qual os elementos lúdicos e combativos se articulam de forma indissociável (ABIB; CORDEIRO, 2018)

Mais do que um símbolo, a capoeira constitui-se como uma forma de resistência factual à barbárie produzida pelo colonialismo, emergindo historicamente como estratégia de enfrentamento à privação da liberdade e à desumanização impostas pelo sistema escravocrata (ADORNO, 2024; NÓBREGA, 2020; COSTA; VOSS, 2018).

Nesse contexto, o corpo ressignifica-se como instrumento de defesa e expressão política, incorporando movimentos inspirados na natureza e em matrizes africanas, bem como estratégias de disfarce que garantiram a continuidade da prática sob a aparência lúdica da música e da dança (D'AMORIM; ATIL, 2014; GUIMARÃES; FOSTER; CUSTÓDIO, 2022)

No contexto da Educação Física escolar, a capoeira assume um potente papel pedagógico de desbarbarização ao possibilitar a transição do denominado “corpo-objeto”, historicamente subalternizado, para o “corpo-político”, reconhecido como sujeito histórico portador de memória, identidade e resistência (COSTA; RESENDE, 2023).



A Capoeira na Escola

A distinção entre capoeira “na” escola e capoeira “da” escola permite problematizar as diferentes formas de inserção dessa manifestação cultural no contexto educativo.

- **Capoeira “na” escola:** Corresponde ao trabalho docente que preserva a essência histórica, os fundamentos técnicos e os princípios filosóficos da capoeira, compreendendo-a em sua totalidade enquanto luta, jogo, dança e expressão musical. Essa abordagem possibilita a leitura crítica da realidade social, sem subordinação às lógicas das culturas historicamente dominantes, mantendo seu caráter de resistência e de afirmação cultural (PONSO; ARAÚJO, 2014).
- **Capoeira “da” escola:** Refere-se à capoeira adaptada exclusivamente às normativas institucionais do ambiente escolar, frequentemente submetida a enquadramentos disciplinares que descaracterizam a cultura popular em sua espontaneidade. Nessa perspectiva, a capoeira tende a ser reduzida a um conteúdo instrumentalizado e “engessado”, esvaziado de sua potência crítica, política e emancipatória (PONSO; ARAÚJO, 2014).



O Jogo da Memória

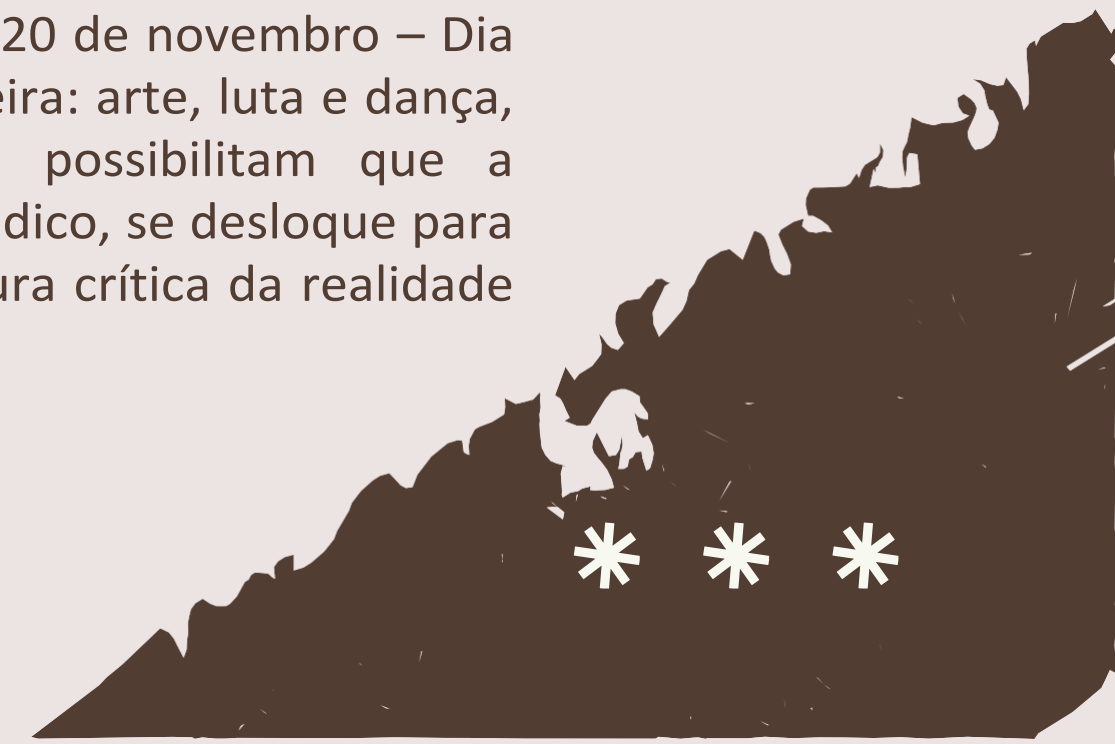
Afro-Brasileiro

15.

O Jogo da Memória Afro-Brasileiro constitui-se como um recurso lúdico-pedagógico desenvolvido como recurso educacional desta pesquisa, com o objetivo de articular a prática corporal da capoeira à reflexão crítica sobre a realidade social, o racismo estrutural e as relações de violência presentes no cotidiano escolar.

O material é composto por um conjunto de cartas plastificadas, organizadas em pares, contendo imagens e frases selecionadas intencionalmente para favorecer o engajamento coletivo, o diálogo e a problematização crítica mediada pelo professor. As imagens contemplam representações positivas da cultura afro-brasileira, cenas históricas da perseguição aos capoeiristas, símbolos de resistência negra, elementos técnicos da capoeira e referências à coletividade, à equidade e à luta por direitos.

O jogo incorpora frases que atuam como disparadoras de reflexões éticas e sociais, tais como: Educação contra a barbárie; Capoeira: resistência e liberdade; Diga não ao racismo; 20 de novembro – Dia da Consciência Negra; Não ao bullying; Capoeira: arte, luta e dança, entre outras. Essas mediações simbólicas possibilitam que a vivência, inicialmente marcada pelo caráter lúdico, se desloque para um espaço de diálogo, conscientização e leitura crítica da realidade social.



Intencionalidades Pedagógicas do Recurso

O Jogo da Memória Afro-Brasileiro orienta-se por intencionalidades formativas voltadas à construção da consciência crítica, da ética coletiva, da identidade e do respeito à diversidade. Por meio da mediação pedagógica, o recurso busca possibilitar que os estudantes reconheçam, problematizem e recusem manifestações de violência simbólica, preconceito, racismo e bullying presentes em suas vivências sociais e escolares.

No plano ético e relacional, o jogo favorece o desenvolvimento de valores como solidariedade, cooperação, empatia e respeito mútuo, transformando a roda de capoeira em um espaço coletivo de escuta, diálogo e cuidado. Ao mesmo tempo, contribui para o fortalecimento de identidades raciais positivas, permitindo que os estudantes se reconheçam como sujeitos históricos portadores de cultura, memória e resistência.

16.



Inserido no contexto da Educação Física escolar, o recurso atua como estratégia de educação antirracista ao valorizar a herança africana e afro-brasileira e ao tensionar práticas curriculares historicamente marcadas pelo silenciamento cultural, promovendo o reconhecimento da diversidade como fundamento ético da convivência humana.



Materiais Utilizados

17.

Cartas do jogo:

Conjunto de cartas desenvolvidas em formato próprio, com design exclusivo, impressas em material de alta gramatura e acabamento profissional, organizadas em pares e acondicionadas para uso pedagógico contínuo.

Produção das imagens:

Imagens concebidas por meio de ferramentas de inteligência artificial (IA – Gemini), selecionadas, curadas e editadas pelo pesquisador, compondo uma identidade visual coerente com os princípios da cultura afro-brasileira e da capoeira.

Acabamento gráfico:

Produção do material realizada em gráfica especializada, incluindo plastificação ou laminação das cartas, garantindo maior durabilidade, segurança e qualidade estética.

Caixa organizadora:

Desenvolvimento de uma embalagem própria para armazenamento das cartas, facilitando o transporte, a conservação do material e sua utilização em diferentes contextos escolares.

Manual pedagógico:

Elaboração de um manual de regras e orientações didático-pedagógicas, contendo instruções de uso do jogo, propostas de mediação docente e sugestões de reflexões críticas sobre capoeira, racismo, barbárie e cultura afro-brasileira.

Entrega do recurso:

O material também será disponibilizado em formato digital (PDF) para fins educacionais, permitindo que outros docentes possam reproduzir o jogo ou adaptá-lo às suas realidades pedagógicas.



Organização Pedagógica da Vivência do Jogo

A vivência do Jogo da Memória Afro-Brasileiro organiza-se a partir de uma dinâmica coletiva mediada pelo professor, priorizando a participação ativa, a interação entre os estudantes e o diálogo crítico. As cartas são dispostas no espaço (mesa ou chão), conforme orientações do manual pedagógico, e os estudantes dispõem de um tempo inicial para observar atentamente imagens e frases, favorecendo a memorização coletiva antes do início da partida.

O jogo é indicado para turmas do Ensino Fundamental – anos iniciais, preferencialmente organizadas em grupos de 10 a 20 estudantes, de modo a assegurar a participação de todos. Durante a partida, o professor acompanha as interações, observa comportamentos, promove o respeito aos combinados coletivos e evita intervenções conceituais excessivas, reservando a problematização histórica e social para o momento reflexivo final.

Ao término da formação de todos os pares, realiza-se uma roda de conversa mediada pelo professor, na qual os estudantes são convidados a compartilhar percepções, sentimentos e interpretações sobre as imagens e frases do jogo, possibilitando reflexões críticas sobre racismo, bullying, equidade, diferenças de gênero e a capoeira como prática histórica de resistência.

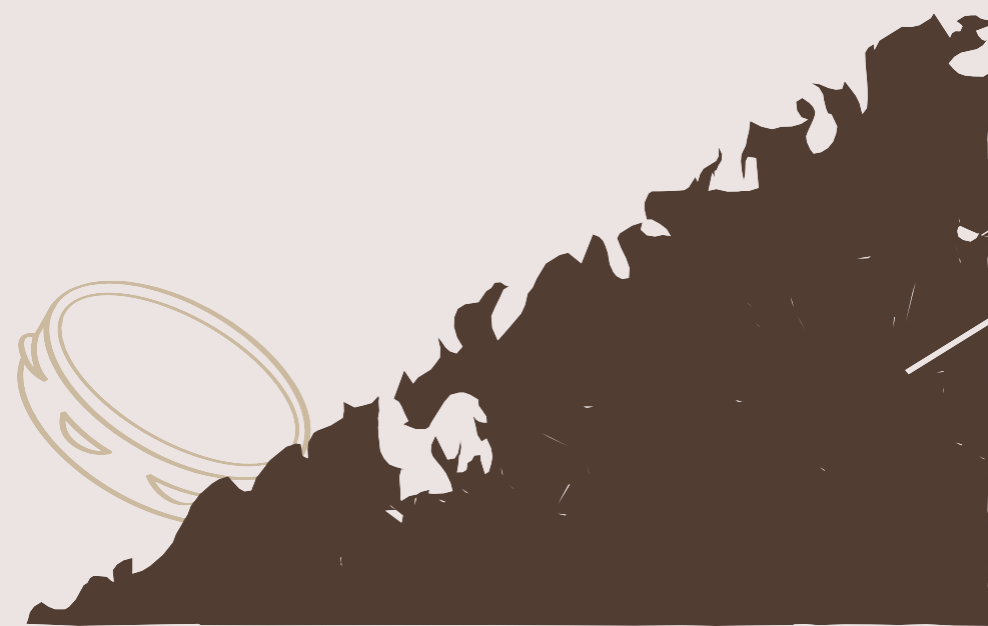




O Jogo da Memória Afro-Brasileiro admite número flexível de participantes, sendo indicado para grupos pequenos ou médios, conforme o espaço disponível e os objetivos pedagógicos da aula. Após o momento inicial de observação coletiva, as cartas devem ser posicionadas com a face voltada para baixo, respeitando a organização definida no manual pedagógico.

A ordem de jogadas é estabelecida previamente e deve ser respeitada por todos. Em sua vez, cada participante vira duas cartas na tentativa de formar um par correspondente. Ao acertar o par, o estudante marca um ponto e mantém o direito de realizar uma nova jogada; caso contrário, a vez é passada ao próximo participante. O jogo se encerra quando todos os pares forem formados.

A atividade pode ser conduzida em duas modalidades: competitiva, com identificação do participante que obteve maior pontuação, ou cooperativa, priorizando o esforço coletivo e a aprendizagem compartilhada, sem definição de vencedor. Para subsidiar a mediação pedagógica, o recurso disponibiliza QR Codes com vídeos, textos e leituras complementares, ampliando a compreensão dos temas abordados.



Par 1: Racismo e Afirmação da Humanidade Negra

20.



Frase associada:

“Diga não ao racismo”

Intencionalidade pedagógica: Este par afirma a humanidade, a potência e o protagonismo histórico dos sujeitos negros, enfrentando o racismo estrutural que historicamente desumanizou seus corpos. A capoeira é apresentada como prática cultural que transforma o corpo negro em território de resistência, identidade e afirmação política.



Mediação Pedagógica do

Par 1



21.

Objetivo da mediação: Promover a leitura crítica do racismo como forma de barbárie social, histórica e simbólica.

Questões orientadoras:

- O que essa imagem comunica sobre força e união?
- O que significa dizer “não ao racismo” na escola e na sociedade?
- Como a capoeira contribui para o respeito e a valorização das diferenças?

Postura docente:

- Garantir escuta e diálogo;
- Valorizar as vivências dos estudantes; Relacionar a discussão à história da capoeira como resistência negra.

Síntese:

O combate ao racismo é uma responsabilidade coletiva e educativa.



Par 2: Educação como Enfrentamento da Barbárie

22.



Frase associada:

“Educação contra a barbárie”

Intencionalidade pedagógica: Este par problematiza a educação como prática social comprometida com a humanização. A escola é compreendida como espaço de cuidado, afeto e resistência ética frente às múltiplas formas de violência, exclusão e desumanização presentes na sociedade.



Mediação Pedagógica do Par 2

Objetivo da mediação: Promover a leitura crítica do racismo como forma de barbárie social, histórica e simbólica.

Contextualização docente: Inspirado em Adorno (2024), o papel da educação é impedir a repetição da violência, formando sujeitos críticos e sensíveis.

Questões orientadoras:

- Qual é o papel da escola na formação humana?
- Como a educação pode enfrentar o racismo e o bullying?
- De que forma a capoeira contribui para uma escola mais justa?

Síntese

A educação é prática fundamental de humanização e resistência à barbárie.

23.



Par 3: Zumbi e Dandara dos Palmares

Zumbi e Dandara dos Palmares constituem símbolos históricos da resistência negra ao sistema escravocrata. Lideranças políticas e militares do Quilombo dos Palmares, defenderam a liberdade plena como princípio inegociável, recusando qualquer acordo que mantivesse a lógica da escravidão (ARRAES, 2021; MOURA, 2022).

Dandara, estrategista e guerreira, dominava práticas corporais associadas à capoeira e escolheu a morte em vez do retorno ao cativeiro, reafirmando dignidade e autonomia frente à violência colonial (ARRAES, 2021; CAETANO; CASTRO, 2020).

O Quilombo dos Palmares configura-se como experiência histórica de resistência coletiva e referência educativa para compreender a escola como “quilombo contemporâneo”.



Mediação Pedagógica do Par 3

Identidade e ancestralidade: A capoeira afirma a identidade afro-brasileira por meio do corpo, da oralidade, da musicalidade e da memória coletiva (ABIB; CORDEIRO, 2018).

Luta e resistência factual: O corpo negro transforma-se em instrumento de defesa, sobrevivência e afirmação histórica diante da desumanização (ABIB; CORDEIRO, 2018).

Valor educativo: Na escola, a capoeira atua como prática de desbarbarização, promovendo solidariedade, cooperação e consciência histórica, preservando seu caráter político e emancipatório (SOARES et al., 1992).



Par 4: Perseguição aos capoeiristas

A capoeira foi criminalizada pelo Código Penal de 1890, sendo tratada como prática marginal. Essa repressão institucional resultou em prisões, violência e exclusão social, configurando uma tentativa sistemática de silenciar uma expressão cultural negra de resistência política (GUIMARÃES; FOSTER; CUSTÓDIO, 2022; SILVA et al., 2019).

Mediação Pedagógica do Par 4

27.

A barbárie inscrita na lei:

A criminalização da capoeira exemplifica o uso da legislação como instrumento de controle social e racial.

Violência da autoridade:

Conforme Adorno (2024), trata-se de barbárie legitimada pela autoridade, quando a lei nega a dignidade humana ao invés de promovê-la.

Síntese

Nem toda lei é justa; a educação deve formar sujeitos capazes de questionar e transformar a realidade (ADORNO, 2024; SOARES et al., 1992).



* * *

Par 5: Capoeira como Liberdade

A capoeira constitui-se como prática corporal de luta e libertação, expressando o anseio histórico pela liberdade (D'AMORIM; ATIL, 2014).

Os movimentos de ataque e defesa são compreendidos como estratégias de sobrevivência, autocuidado e resistência simbólica (ABIB; CORDEIRO, 2018).

O corpo torna-se linguagem crítica, capaz de interpretar e confrontar processos históricos de opressão (COSTA; VOSS, 2018).

A ginga afirma-se como gesto político de enfrentamento à barbárie.



Síntese: Corpo, Memória e Emanicipação

Território de memória:

O corpo transmite e atualiza saberes ancestrais

Gesto como pensamento:

O movimento corporal produz leitura crítica da realidade.

Prática de desbarbarização:

Educação forma sujeitos críticos e autônomos.

Protagonismo:

O estudante apropria-se da cultura corporal para compreender e intervir no mundo.

29.



Levantamento dos conhecimentos prévios sobre racismo e capoeira

A pesquisa-ação teve início com um momento diagnóstico, realizado com estudantes do 4º ano do Ensino Fundamental, com o objetivo de identificar conhecimentos prévios, percepções espontâneas e sentidos atribuídos à capoeira e ao racismo.

Os dados evidenciaram que a maioria dos estudantes conhecia a capoeira, porém de forma fragmentada, restrita ao aspecto prático e desvinculada de sua historicidade, dimensão política e cultural. Em relação ao racismo, observou-se que os alunos reconheciam situações de preconceito presentes em seu cotidiano, indicando que a violência racial já integra suas experiências sociais.

Entretanto, constatou-se um silenciamento significativo da cultura afro-brasileira no currículo escolar, uma vez que parte expressiva dos estudantes desconhecia o próprio termo, apesar de reconhecer manifestações de discriminação. Por outro lado, o reconhecimento da capoeira como prática de resistência de negros escravizados constituiu um ponto de partida fundamental para a mediação pedagógica, evidenciando o potencial educativo da capoeira como instrumento de enfrentamento da barbárie e de afirmação da dignidade humana.





Problematização

A etapa de problematização foi organizada a partir da apresentação de imagens, relatos e situações concretas de injustiça social, racismo e exclusão, com o objetivo de provocar o estranhamento crítico e mobilizar o diálogo coletivo.

Esses disparadores possibilitaram que os estudantes relacionassem suas vivências cotidianas às desigualdades históricas enfrentadas pela população negra, reconhecendo o racismo como uma forma de violência estrutural e não como um fenômeno isolado ou individual.

A problematização constituiu-se, assim, como momento central de ruptura com a naturalização da barbárie, criando condições para a transição do senso comum para uma compreensão crítica, histórica e socialmente situada da realidade.



Instrumentalização

32.

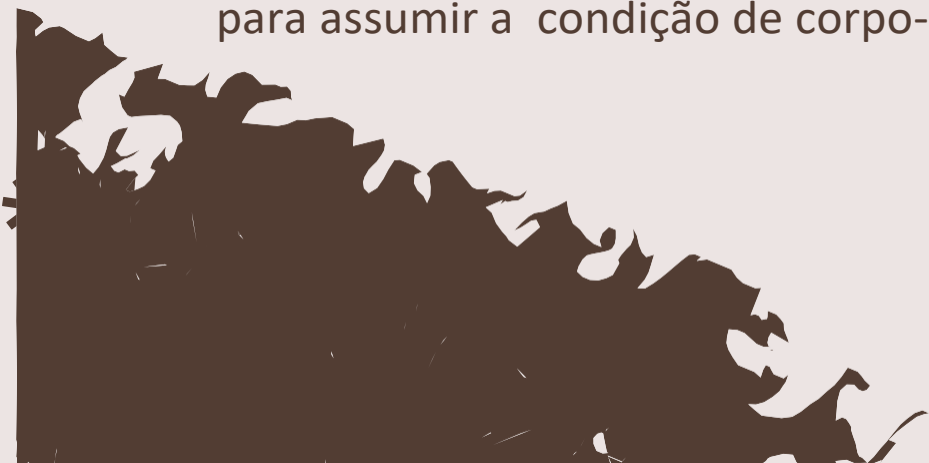
Vivências corporais, roda de capoeira e protagonismo estudantil

As intervenções pedagógicas foram organizadas de modo a articular prática corporal, mediação simbólica e reflexão crítica, promovendo a passagem do movimento espontâneo para o conhecimento histórico e sistematizado da capoeira.

Por meio de vivências corporais e jogos pedagógicos, os estudantes experimentaram fundamentos técnicos da capoeira — como ginga, esquivas, ataques e acrobacias — compreendendo-os não apenas como gestos motores, mas como estratégias históricas de sobrevivência, defesa e resistência. Jogos simbólicos possibilitaram a ressignificação do corpo, que deixou de ser objeto de adestramento para assumir a condição de corpo-político.

A roda de capoeira foi vivenciada como espaço de diálogo, negociação corporal e justiça simbólica, no qual a musicalidade, o canto e o jogo coletivo reforçaram valores de respeito, equidade e cooperação. Os estudantes reconheceram as especificidades da Capoeira Angola e da Capoeira Regional, ampliando sua compreensão sobre a diversidade interna da manifestação.

Na culminância do projeto, o protagonismo estudantil foi evidenciado em ações coletivas, como o batizado simbólico e a socialização dos conhecimentos para outras turmas, incluindo a participação ativa de estudantes com necessidades educacionais especiais. A experiência coletiva fortaleceu vínculos, pertencimento e consciência histórica, reafirmando a capoeira como prática educativa de enfrentamento da barbárie.



Escuta e Voz dos Estudantes

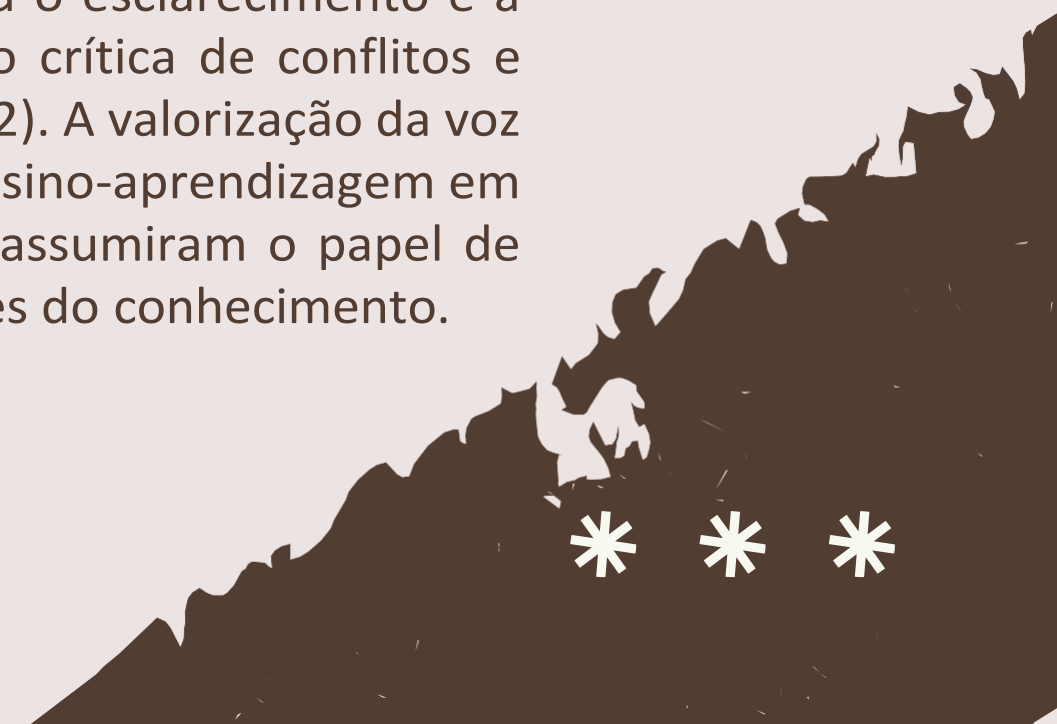
33.

Diálogo, ludicidade e formação do sujeito histórico

A escuta sensível e o diálogo mediado constituíram eixos fundamentais do processo educativo, possibilitando que as crianças expressassem sentimentos, narrativas e interpretações sobre o racismo, a violência e a capoeira.

As atividades lúdicas atuaram como disparadores críticos, permitindo que conceitos históricos e éticos fossem apropriados a partir das próprias vivências dos estudantes. Esse processo contribuiu para o rompimento do silenciamento imposto pelo racismo estrutural, legitimando a fala das crianças como produção de conhecimento.

Em consonância com a pedagogia crítico-superadora e com os pressupostos de Adorno, o diálogo favoreceu o esclarecimento e a desbarbarização, ao possibilitar a elaboração crítica de conflitos e injustiças (ADORNO, 2024; SOARES et al., 1992). A valorização da voz dos estudantes transformou o processo de ensino-aprendizagem em uma construção coletiva, na qual os alunos assumiram o papel de sujeitos históricos, protagonistas e mediadores do conhecimento.



Falas Significativas dos Estudantes

34.

Ética, racismo, capoeira e convivência coletiva

As falas dos estudantes revelam a emergência de uma consciência ética inicial relacionada à igualdade racial, à rejeição do racismo e à valorização da convivência coletiva:

Sobre ética e igualdade racial

- “Porque racismo não deveria existir.” (Neymar Junior).
- “Todo mundo é igual e não pode ter racismo.” (Cristiano Ronaldo).
- “Devemos aceitar as pessoas como elas são.” (Victor).

Sobre a repressão histórica à capoeira

- “Eles perseguiam “os capoeiras” porque eram negros... para matar, bater.” (Bob Charlton)
- “Os negros eram muito judiados... depois foram para trás do mato e ficaram lutando capoeira.” (Miguel)

Sobre a vivência do racismo e do bullying

- “Já fizeram racismo comigo... senti vergonha.” (Participante 2).

- “Um garoto sofrendo bullying por ser de cor diferente.” (João).
- “Não pode chamar as pessoas de outros nomes... isso é crime.” (Miguel).

Sobre a vivência do racismo e do bullying

- “Já fizeram racismo comigo... senti vergonha.” (Participante 2).
- “Um garoto sofrendo bullying por ser de cor diferente.” (João).
- “Não pode chamar as pessoas de outros nomes... isso é crime.” (Miguel).

Sobre convivência, inclusão e cultura de paz

- “Todo mundo junto diminui as brigas.” (Neymar Junior).
- “Na roda, na música, todos são importantes... quem não joga pode tocar os instrumentos.” (Victor).

Essas falas evidenciam que a mediação pedagógica possibilitou que os estudantes nomeassem o racismo como forma de violência, reconhecessem a repressão histórica à capoeira e expressassem sentimentos de vergonha, empatia e pertencimento. O espaço educativo, organizado de forma dialógica e sensível, constituiu-se como território de elaboração simbólica e de enfrentamento da barbárie, no qual a capoeira e o lúdico atuaram como instrumentos formativos para a construção de valores éticos, o reconhecimento do outro e a promoção de uma cultura de paz



Síntese interpretativa

35.

Capoeira, ludicidade e processos de desbarbarização

A análise das vivências indica que o Jogo da Memória Afro-Brasileiro operou como uma potente mediação simbólica, sem esvaziar a criticidade dos estudantes. Ao contrário, a ludicidade constituiu-se como disparador pedagógico capaz de articular experiências concretas às categorias históricas e sociais relacionadas à barbárie, à opressão e ao racismo estrutural.

Nesse processo, os estudantes transitaram de uma compreensão espontânea da capoeira para o reconhecimento de sua historicidade como prática factual de resistência negra, ressignificando o corpo de uma condição de “corpo-objeto”, marcado pela exploração e pela violência, para a de “corpo-político”, produtor de memória, cultura e emancipação.

A reflexão coletiva favoreceu a internalização de valores éticos, como igualdade, respeito às diferenças, solidariedade e recusa consciente ao racismo e ao bullying, configurando um movimento educativo de desbarbarização nos termos de Adorno (2024). Assim, a experiência reafirma os pressupostos da pedagogia crítico-superadora ao promover o protagonismo discente e a formação de sujeitos críticos, capazes de compreender, problematizar e intervir na realidade social por meio da cultura corporal (SOARES et al., 1992)

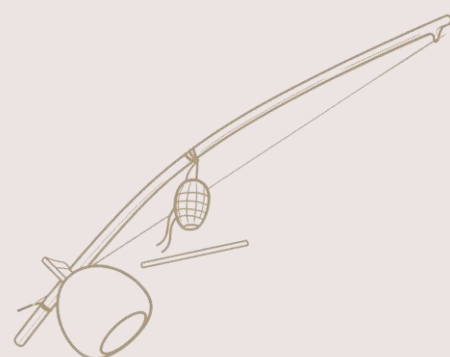


Contribuições Educativas do Jogo

O Jogo da Memória Afro-Brasileiro evidenciou-se como um recurso pedagógico potente, cujo caráter lúdico não reduziu a criticidade, mas atuou como um disparador sistemático de reflexões éticas, históricas e sociais. A mediação entre imagens e frases possibilitou aos estudantes a articulação entre conceitos abstratos — como racismo, violência e barbárie — e situações concretas de suas vivências escolares e cotidianas, favorecendo a elaboração crítica da realidade.

Ao problematizar cenas de perseguição, desigualdade e resistência, o jogo funcionou como um exercício de desbarbarização, capacitando os alunos a reconhecerem e recusarem a violência física e simbólica nas relações sociais (ADORNO, 2024). Observou-se, ainda, o fortalecimento de valores ligados à igualdade racial, ao respeito à diversidade e à alteridade, bem como a ressignificação da capoeira como prática histórica e factual de resistência, superando leituras folclorizadas. A dinâmica de explicitação do sentido das cartas conferiu centralidade à voz discente, promovendo o protagonismo estudantil e reafirmando os pressupostos da pedagogia crítico-superadora na formação de sujeitos capazes de compreender, problematizar e transformar a realidade social.

36.



Capoeira e Educação Física como

Enfrentamento à Barbárie

A Educação Física escolar, fundamentada na metodologia crítico-superadora, assume uma tarefa histórica e ética urgente: o enfrentamento da barbárie. Ao romper com a centralidade do rendimento, da competição e da adaptação acrítica, orienta-se para o esclarecimento, a formação da autonomia e o desenvolvimento da consciência crítica dos estudantes (ADORNO, 2024; SOARES et al., 1992).

Nesse contexto, o lúdico não se reduz ao entretenimento, mas atua como mediação ética entre a prática corporal e a reflexão social. O Jogo da Memória Afro-Brasileiro constitui-se como um disparador pedagógico que possibilita aos estudantes reconhecer, problematizar e recusar o racismo estrutural e as múltiplas formas de violência simbólica presentes na sociedade.

Ao valorizar a ancestralidade africana e lideranças históricas como Zumbi e Dandara dos Palmares, o recurso educacional contribui para o enfrentamento do epistemicídio e para o rompimento do silenciamento das culturas de matriz africana, fortalecendo identidades raciais positivas e promovendo a reparação histórica, em consonância com a Lei nº 10.639/2003.

A síntese do recurso expressa-se no compromisso com a emancipação humana, ao formar sujeitos históricos capazes de compreender, problematizar e transformar a realidade social, utilizando a ginga como linguagem corporal de liberdade, memória e resistência frente aos processos de desumanização.



Impactos Formativos do Recurso Educacional

38.

O recurso educacional produziu impactos formativos significativos no processo de ensino-aprendizagem, evidenciando seu potencial crítico, ético e emancipatório.

Fortalecimento da identidade e do pertencimento: A prática da capoeira contribuiu para a construção de uma identidade racial positiva, possibilitando que os estudantes se reconhecessem como sujeitos históricos, portadores de memória, cultura e ancestralidade. Nesse processo, o corpo deixou de ser concebido como corpo-objeto, marcado pela exploração, para afirmar-se como corpo-político, no qual a ginga se constitui como linguagem de dignidade e resistência.

Respeito à alteridade e educação antirracista: A mediação pedagógica favoreceu a internalização de valores éticos fundamentais, como o respeito às diferenças e a recusa consciente ao racismo e ao bullying. O jogo atuou como instrumento de enfrentamento do silenciamento histórico, estimulando o reconhecimento da pluralidade cultural como princípio constitutivo da convivência democrática.

Desenvolvimento da empatia e solidariedade, por meio da ludicidade e do diálogo coletivo, os estudantes desenvolveram atitudes de empatia, cooperação e cuidado com o outro. A experiência compartilhada possibilitou a sensibilização diante das dores e histórias alheias, fortalecendo a rejeição à violência física e simbólica nas relações sociais.

Ampliação da consciência social e desbarbarização: O recurso operou como um disparador crítico, auxiliando os estudantes a relacionarem conceitos como racismo, opressão e barbárie às situações concretas de seu cotidiano. Esse processo educativo contribuiu para a desbarbarização, capacitando os sujeitos a compreender, problematizar e posicionar-se criticamente diante das injustiças sociais e do racismo estrutural.



Manifesto pela Desbarbarização

39.

A escola como espaço de resistência e humanização

- **Ação Pedagógica Contra a Barbárie:** O enfrentamento da barbárie não pode restringir-se à denúncia histórica, exigindo uma ação pedagógica concreta, comprometida com a humanização, o reconhecimento da dignidade humana e a luta por justiça social (ADORNO, 2024; RIBEIRO, 2019).
- **A Escola como Quilombo Contemporâneo:** A escola é reafirmada como um território estratégico de resistência, configurando-se como um “quilombo contemporâneo” que assume a responsabilidade ética de enfrentar o racismo estrutural e o silenciamento histórico ainda presentes na sociedade brasileira.
- **Valores de Reexistência:** As vivências na roda de capoeira — o canto, o toque dos instrumentos e a ginga — materializam valores de cuidado com o outro, respeito mútuo e responsabilidade coletiva, contrapondo-se frontalmente à lógica da barbárie.

- **A Ginga contra a Desumanização:** Inspirado em Adorno (2024), o manifesto compreende que educar é impedir a naturalização da violência simbólica e do racismo, transformando a educação em uma “ginga permanente” contra todas as formas de desumanização.



Encerramento

40.

“Educar é resistir; jogar é lembrar; ser capoeirista é lutar contra a barbárie.”

Educar é resistir: A educação escolar é reafirmada como instrumento de luta social, cuja função é elevar o nível cultural das camadas populares, possibilitando a superação do senso comum em direção à consciência crítica. Conforme Saviani (2011), o trabalho educativo consiste em produzir, intencionalmente, a humanidade em cada indivíduo, opondo-se às lógicas de alienação e dominação.

Jogar é lembrar: O jogo, articulado à capoeira, configura-se como um espaço de preservação da memória coletiva e da ancestralidade negra. Segundo Abib e Cordeiro (2018), a roda constitui um patrimônio cultural no qual passado, presente e futuro se encontram, produzindo pertencimento, identidade e resistência.

Ser capoeira é lutar contra a barbárie: A capoeira atua como uma prática de desbarbarização, fundamental para enfrentar a “falência da cultura” analisada por Adorno (2024). Para Soares et al. (1992), a capoeira expressa a “voz do oprimido” e o desejo histórico de reconquista da liberdade, negando a submissão do homem pelo homem.

Compromisso com a Emancipação: Esta sequência didática evidencia que o corpo não é apenas movimento, mas um território político, histórico e simbólico, capaz de produzir novas formas de existir e reexistir com dignidade, consciência e resistência.



LINKS IMPORTANTES:

TRANSCRIÇÃO DE RODA DE CONVERSA

<https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1k3p7HgpfarlDhBpG8JN7ucy5T-kqLL8c>

CONEXÃO ESCOLA CAPOEIRA

https://sme.goiania.go.gov.br/conexao-escola/ensino_fundamental/educacao-fisica-capoeira/

CONEXÃO ESCOLA CAPOEIRA

41.

https://sme.goiania.go.gov.br/conexaoescola/ensino_fundamental/educacao-fisica-capoeira-luta-danca-musica-e-muita-cultura/

FILME MARÉ CAPOEIRA

<https://www.youtube.com/watch?v=vaMldsKKlRw>

HISTÓRIA ANIMADA DA CAPOEIRA (PROF. WANDER LIMA).

<https://youtu.be/uNmvUjvZVqk>

ENEM E CULTURA AFRO-BRASILEIRA (PROF. WANDER LIMA).

<https://youtu.be/oH0Vp5DwWKo>

A IMPORTÂNCIA DA CAPOEIRA PARA O POVO BRABILEIRO (PROF. WANDER LIMA).

<https://youtu.be/AzYqcOaDEgQ>

CAPOEIRA, MÚSICA E EDUCAÇÃO (PROF. WANDER LIMA).

<https://youtu.be/b0PYAQpNYGg>



Referências

ABIB, P. R. J.; CORDEIRO, A. A. de S. A Educação da Capoeira: uma pedagogia da Cultura Popular / The Education of Capoeira: a popular culture pedagogy.

Educação em Foco, [s. l.], vol. 21, nº 33, p. 223–241, 2018. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/educacaoemfoco/article/view/1644>. Acesso em: 21 ago. 2024.

ADORNO, T. W. Educação e emancipação. Tradução de Wolfgang Leo Maar.

7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024.

ARRAES, J. AS LENDAS DE DANDARA. São Paulo: Cultura, 2021.

CAETANO, J. O.; CASTRO, H. C. Dandara dos Palmares: uma proposta para introduzir uma heroína negra no ambiente escolar. Revista Eletrônica História em Reflexão, [s. l.], vol. 14, nº 27, p. 153–179, 2020. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/12106>.

Acesso em: 19 mar. 2025.

COSTA, F. E.; RESENDE, P. Mapeamento e genealogia de mestres e/ou grupos de capoeira em Goiânia/Arqueologia e Patrimônio Cultural. TEMPVS. [s. l.], nº Dados eletrônicos (1 arquivo em PDF), 2023.

COSTA, A. P. da; VOSS, D. M. da S. A ARTE DA CAPOEIRA COMO MARCA DE ANCESTRALIDADE DA CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA: PELA

EMERGÊNCIA DE UM CURRÍCULO PLURAL. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [s. l.], vol. 10, nº Ed. Especi, p. 770–785, 2018. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/482>.

Acesso em: 27 ago. 2024.

D’AMORIM, E.; ATIL, J. Capoeira patrimônio cultural brasileiro. 1. ed. São Paulo: FTD, 2014.

GUIMARÃES, L. F. C.; FOSTER, E. da L. S.; CUSTÓDIO, E. S. Da Criminalização

à Patrimônio Cultural: uma Análise da História da Capoeira no Brasil. VEREDAS-Revista Interdisciplinar de Humanidades, [s. l.], vol. 5, nº 9, p. 95–115, 2022. Disponível em: <https://scholar.archive.org/work/lrfd72q5kjawljpwccowv4rvge/access/wayback/> <https://revistas.unisa.br/index.php/veredas/article/download/284/396>. Acesso

em: 20 ago. 2024.



PERTUSSATTI, M. Capoeira: diálogo de saberes como possibilidade de valorização da (s) identidade (s) afro-brasileira (s) e do patrimônio imaterial. RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, [s. l.], vol. 3, 2017. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/518>. Acesso em: 28 ago. 2024.

PONSO, C. C.; ARAÚJO, M. L. de. Capoeira: A circularidade do saber na escola. Porto Alegre: Sulina, 2014.

RIBEIRO, D. Pequeno manual antirracista. [S. l.]: Companhia das Letras, 2019. ROZENDO, J. F.; GUERRA, A. de L. e R. A PRÁTICA DA CAPOEIRA COMO INSTRUMENTO EDUCACIONAL: ARTE E CULTURA. Revista OWL (OWL Journal) - REVISTA INTERDISCIPLINAR DE ENSINO E EDUCAÇÃO, [s. l.], vol.

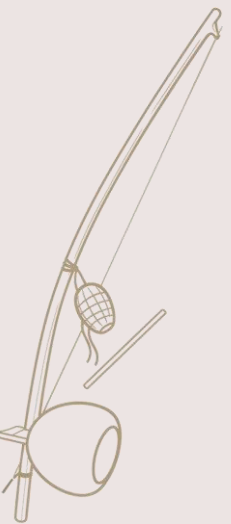
1, nº 1, p. 83–94, 2023. Disponível em: <https://www.revistaowl.com.br/index.php/owl/article/view/14>. Acesso em: 15 ago. 2024.

SALVINO, A. K. S.; AMARAL, C. de A. ASPECTOS HISTÓRICOS E POSSIBILIDADES DE ENSINO DA CAPOEIRA ENQUANTO ELEMENTO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA ESCOLA. Revista Conexão na Amazônia, [s. l.], vol. 2, nº edição especial, p. 119–130, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ifac.edu.br/index.php/revistarca/article/view/91>. Acesso em: 14 ago. 2024.

SAVIANI, D. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. 11. ed. Campinas. SP: Autores Associados, 2011.

SILVA, P. C. da C. et al. Capoeira e formação inicial em Educação Física: um estudo de caso. Pensar a Prática, [s. l.], vol. 22, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/51454>. Acesso em: 18 jul. 2024.

SOARES, C. L. et al. Metodologia do Ensino de Educação Física. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1992.



Segue link do manual e imagens para impressão do jogo da memória.

<https://drive.google.com/file/d/1BdC3AJVa8U0gzU9Lv1sgXmHvHiDguJhp/view?usp=sharing>